

Simone Marques de Sousa Safe

**TRADIÇÃO E VIDA SOCIAL NA FORMA URBANA DA
KASBAH DOS OUDAYAS E MEDINA DE RABAT**



Belo Horizonte

Escola de Arquitetura da UFMG

2015

Simone Marques de Sousa Safe

**TRADIÇÃO E VIDA SOCIAL NA FORMA URBANA DA
KASBAH DOS OUDAYAS E MEDINA DE RABAT**

Dissertação apresentada ao curso de mestrado da Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial a obtenção do título de Mestre em Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável.

Área de concentração: Bens Culturais, Tecnologia e Território

Linha de pesquisa: Gestão do Patrimônio no Ambiente Construído

Orientadora: Prof^a. Dra. Stael de Alvarenga Pereira Costa

Belo Horizonte

Escola de Arquitetura da UFMG

2015

*A todos os que buscam uma cidade melhor,
que venha a assegurar o bem-estar e o progresso.*

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a todos que contribuíram, nas várias instâncias, para o desenvolvimento desta dissertação.

À minha família, pela confiança em minha capacidade, pelo estímulo constante, pelo apoio em todos os sentidos, por compreender a ausência, pelo respeito nos momentos de dificuldade e pela alegria a cada acolhida. Pai, mãe, todas as minhas conquistas foram possíveis devido à base sólida que vocês construíram para nossa família. Gustavo, Sofia, Geórgia, Eduardo, Rodrigo, Lavínia e Henrique, o amor que nos sustenta me fortaleceu para esta conquista.

À Professora Stael de Alvarenga, orientadora – firme no compromisso, disponibilidade e propósito de verificar o conteúdo e a evolução do trabalho. Agradeço também pela referência de prática da docência e pela amizade dedicada.

À CAPES, pelo programa de fomento à pesquisa através da modalidade de auxílio por bolsa de estudos, que me permitiu dedicar os dois anos para esta pesquisa.

À Professora Maria Cristina Villefort Teixeira, com quem pude compartilhar a experiência da minha primeira atuação como docente no ensino superior. Agradeço a generosidade por oferecer seus sábios conselhos, estímulo e amizade. Agradeço ainda as orientações para a produção cartográfica desta dissertação.

Aos funcionários biblioteca da EAUFMG, pela disponibilidade em auxiliar no correto emprego das regras da ABNT.

À Veronika Benn-Ibler, pelo carinho e conselhos na condução deste trabalho.

Ao professor Abdallah Abarkan, pela indicação de professores na ENA, Rabat. Aos professores Mounia Mhammedi, Khalid El Harrouni, Mohamed Chaoui, Miloudi Nouiga, por me receberem em Rabat e disponibilizarem material bibliográfico para o desenvolvimento desta pesquisa. Aos funcionários da ENA, que permitiram o acesso à biblioteca e à universidade.

Às administrações de Rabat – Ministère de la Culture/ Direction du Patrimoine, Direction Urbaine, Agence Urbaine, Agence du Bouregreg e Ministère du habitat –, por disponibilizarem a base de dados técnicos necessários para o desenvolvimento desta pesquisa. Em especial, agradeço ao diretor do patrimônio da Agência do Bouregreg, Dr. Es-Semmar, pela entrevista concedida em dezembro de 2013 e pelo documento bibliográfico disponibilizado.

Aos moradores da Kasbah dos Oudayas, que me deram oportunidade de aprender e conhecer os fenômenos que regem as suas condições de vida, para que eu pudesse experimentar novas formas de conviver e posteriormente partilhar o aprendizado.

Aos amigos Jamal, Selma, Najlaa, Loubna e Merien, por me apresentarem esta cultura e tornarem Rabat minha segunda casa. Agradeço, em especial, às amigas Selma e Najlaa pela entrevista concedida e auxílio no entendimento dos termos arquitetônicos e urbanísticos mais específicos.

Ao amigo Karim Fares, que me acolheu com carinho em Rabat durante os períodos de levantamento de campo.

À amiga Fabienne Louyot, que foi a responsável pela minha ida a Rabat. Agradeço a confiança nas minhas habilidades profissionais, sempre abrindo portas para novos universos.

Às amigas Cláudia, Letícia, Flávia, Renata, que seguiram comigo ativamente este percurso acadêmico, oferecendo novo fôlego a cada encontro.

À 'família Cárita', pela oportunidade de trabalho e aprendizado, pela sustentação, inspiração, suporte e fortalecimento. Em especial, aos amigos Angélica, Antônio, Simone e Alessandra, pela presença constante, pelo apoio carinhoso, pelos conselhos e manifestações que me ajudaram levar adiante o propósito deste trabalho. Ao Toni, ainda, por 'somar' na construção final desta dissertação.

*... podemos reconsiderar as vantagens sociais da proximidade,
redescobrir as vantagens de morar na companhia do outro.*

Richard Rogers

RESUMO

A investigação proposta nesta dissertação trata da análise do organismo urbano de Rabat, capital do Marrocos, em busca do significado do bairro *Kasbah dos Oudayas* no seu conjunto paisagístico. A Escola Inglesa de Morfologia Urbana embasa a metodologia de investigação pelos períodos morfológicos que compõem a evolução urbana da cidade. Núcleo do centro histórico da cidade, a *Kasbah* dos Oudayas é o primeiro assentamento urbano islâmico da região e junto à *medina* de Rabat, configura o tecido urbano mais antigo denominado tradicional. Busca-se analisar este tecido urbano para reconhecer as qualidades e valores inseridos na sua forma, visando extrair diretrizes de desenho urbano que representem as características positivas do sítio e que possam vir a inspirar projetos no futuro. O objetivo é compartilhar uma experiência que possa contribuir para a construção de uma paisagem que reflita singularidade, de forma a ajustar-se à identidade de um lugar e de uma cultura. Foram analisados valores de tradição, sustentabilidade e pertencimento em características como hierarquia viária, uso e tipo edilício. Apesar do estudo de caso ser uma experiência que mescla a interação islâmica e ocidental num campo geográfico particular, extraiu-se o que se considerou ser a essência desse habitat. Acredita-se no valor da referência como contribuição de nossa investigação, desejosos de poder construir, de forma mais consciente, para a educação de uma forma social de viver.

Palavras-chave: Morfologia Urbana; Paisagem Urbana Histórica; Desenho Urbano; Tradição; Pertencimento; Sustentabilidade.

ABSTRACT

The research proposed in this investigation deals with the analysis of the urban organism of Rabat, capital of Morocco, seeking for the meaning of the Kasbah of Oudayas in its landscape ensemble. The method used is proposed by the English School of Urban Morphology and it investigates the urban evolution of Rabat according to the morphological periods of developments. Historical core of the city, the Kasbah of Oudayas is the first Islamic urban settlement in the region and along with the medina of Rabat, sets the oldest urban fabric within the city - the traditional continuous fabric of Rabat. According to our evaluation, there are characteristics that synthesize values which can be reproduced in different geographical regions. In this investigation we extract guidelines for urban design that may inspire projects in the future, based on values of tradition, sustainability and belonging within this fabric. Together they demonstrate great potential for formal representation in the urban space. Those guidelines reflect qualities of urban design based on relations of road hierarchy, use and building typology. We believe in the value of a reference as a contribution of our research, willing to stimulate a more conscious way of building and living our social life.

Keywords: Urban Morphology; Historic Urban Landscape; Urban design; Tradition; belonging; sustainability

FICHA CATALOGRÁFICA

S128t

Safe, Simone Marques de Sousa.

Tradição e vida social na forma urbana da Kasbah dos Oudayas e Medina de Rabat [manuscrito] / Simone Marques de Sousa Safe. - 2015. 205 f. : il.

Orientador: Stael de Alvarenga Pereira Costa.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Arquitetura.

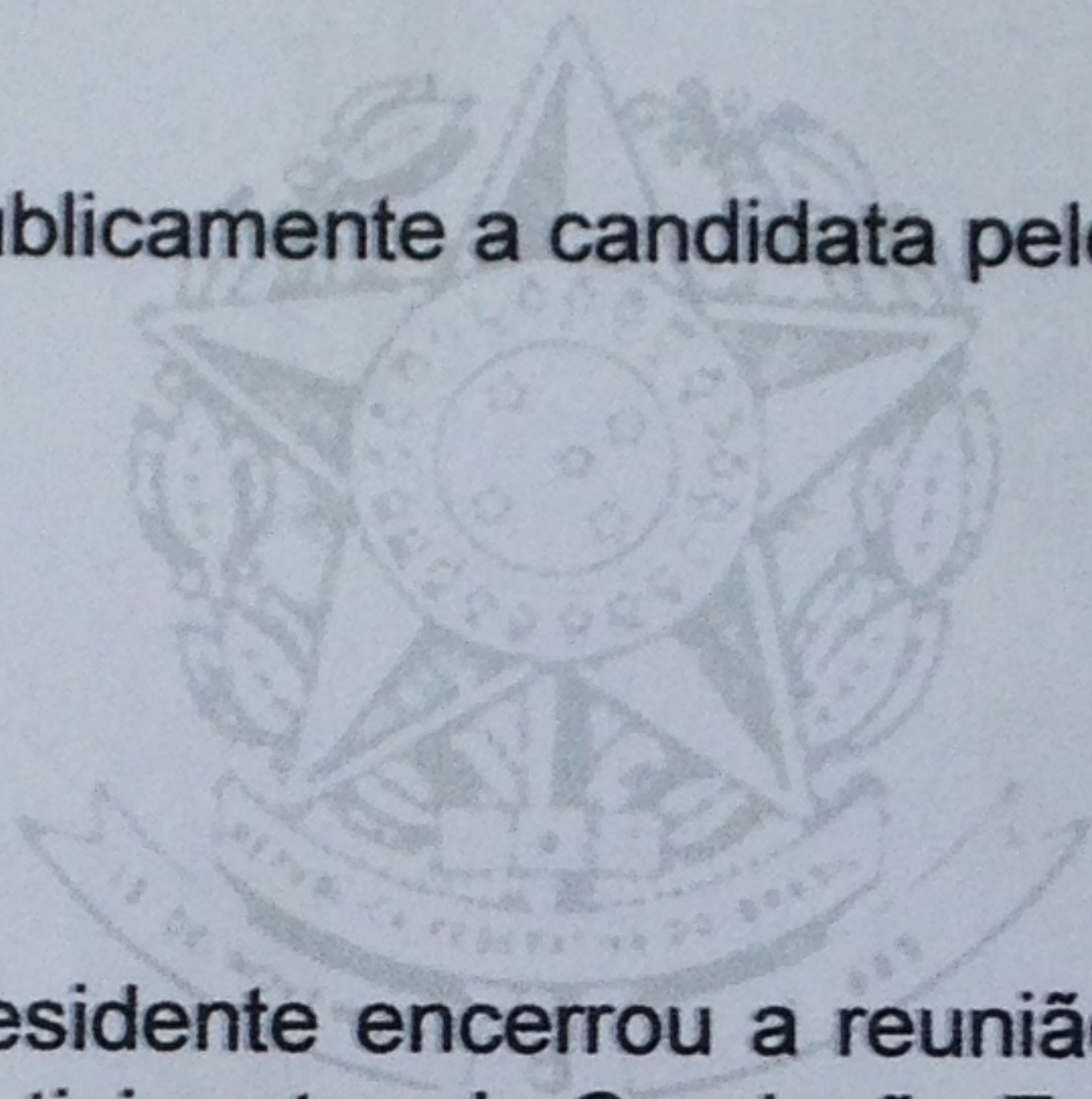
1. Patrimônio cultural – Proteção – Rabat (Marrocos) - Teses. 2. Urbanização – Rabat (Marrocos) – História - Teses. 3. Planejamento urbano - Teses. 4. Paisagem – Proteção - Teses. 5. Desenvolvimento sustentável - Teses. I. Costa, Stael de Alvarenga Pereira. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Arquitetura. III. Título.

CDD 711.4

ATA DA DEFESA DE DISSERTAÇÃO DA ALUNA SIMONE MARQUES DE SOUSA SAFE nº de matrícula 2013667838 DO CURSO DE MESTRADO EM AMBIENTE CONSTRUÍDO E PATRIMÔNIO SUSTENTÁVEL DA ESCOLA DE ARQUITETURA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. Aos dezoito dias do mês de março do ano de dois mil e quinze, às treze horas e trinta minutos, no Auditório da Escola de Arquitetura, situada à Rua Paraíba, número seiscentos e noventa e sete, bairro Funcionários, na cidade de Belo Horizonte, reuniu-se a Comissão Examinadora de Dissertação para julgar o trabalho "Tradição e vida social na forma urbana da Kasbah dos Oudayas e Medina de Rabat" requisito final para a obtenção do grau de Mestre, na área de concentração "Bens Culturais, Tecnologia e Território". Abrindo a sessão, a orientadora professora doutora Stael de Alvarenga Pereira Costa após expor as Normas Regulamentares do Trabalho Final pediu para a aluna iniciar a apresentação do seu trabalho. Seguiu-se arguição pelos examinadores com a respectiva defesa da candidata. Logo após a comissão reuniu-se, sem a presença da mestranda e do público, para julgamento e expedição do seguinte resultado:

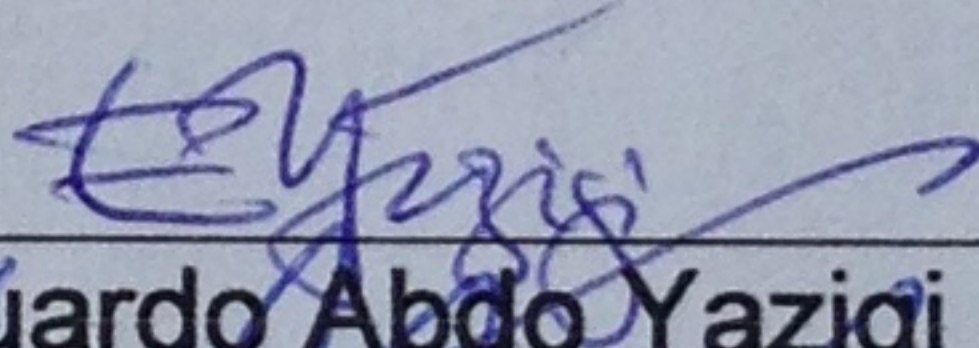
- Aprovação
 Aprovação com solicitação das revisões constantes nesta ata, no prazo de 30 dias
 Reprovação

O resultado final foi comunicado publicamente a candidata pelo Presidente da Comissão.

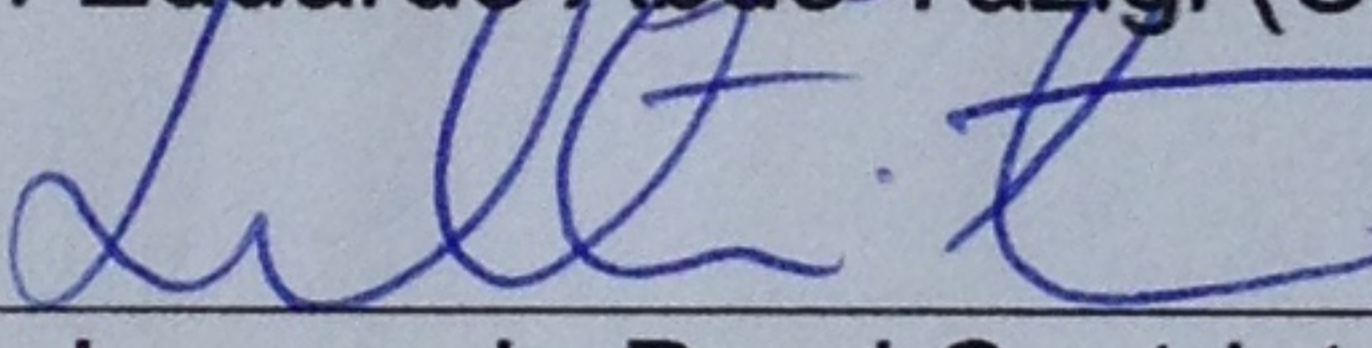


Nada mais havendo a tratar, o Presidente encerrou a reunião e lavrou a presente ata, que será assinada por todos os membros participantes da Comissão Examinadora.

Comissão Examinadora:

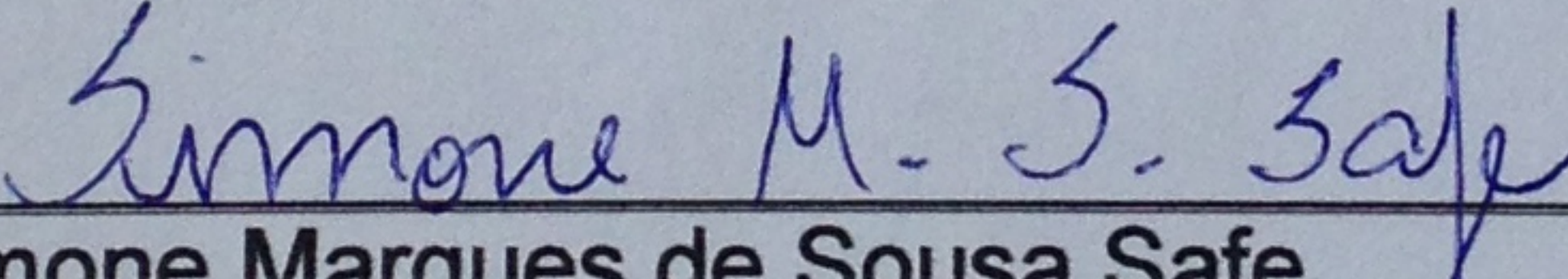


Prof. Dr. Eduardo Abdo Yazigi (USP)



Prof. Dr. Leonardo Barci Castriota (EA/UFMG)

Ciente:

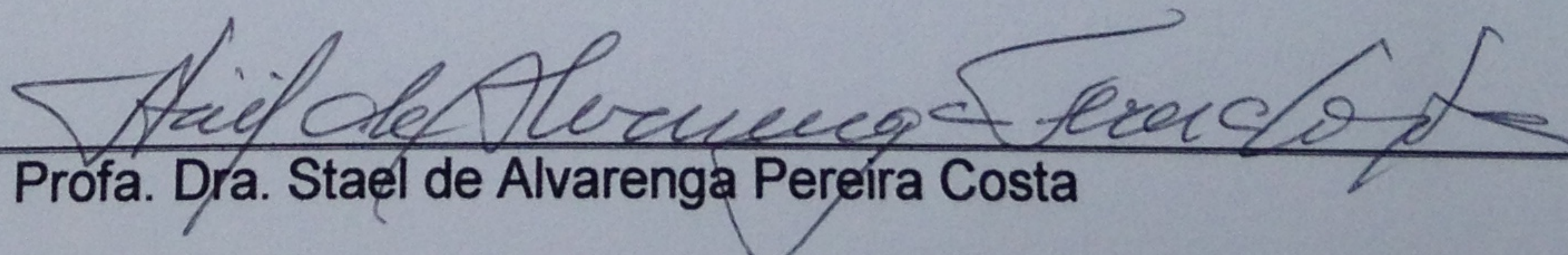


Simone Marques de Sousa Safe

Atesto que as alterações exigidas serão cumpridas.

Belo Horizonte, 18 de março de 2015

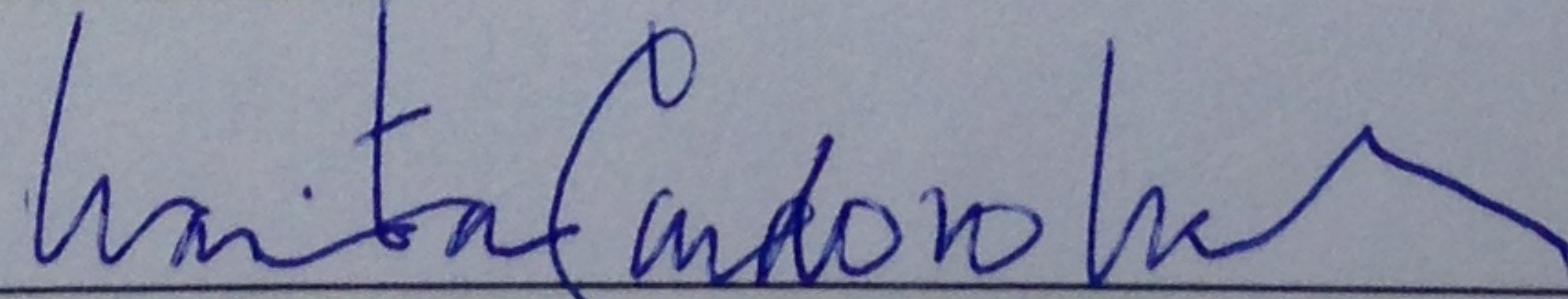
Orientador:



Profa. Dra. Stael de Alvarenga Pereira Costa

Homologado pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação do curso de Mestrado em Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável em

Coordenador:



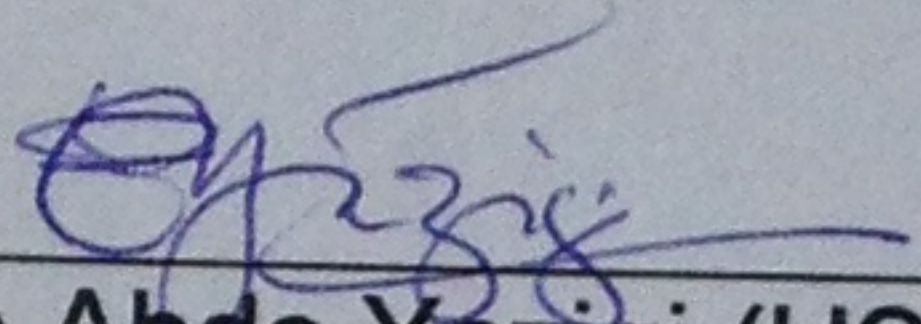
Profa. Dra. Marieta Cardoso Maciel "ad referendum"

Simone Marques de Sousa Safe

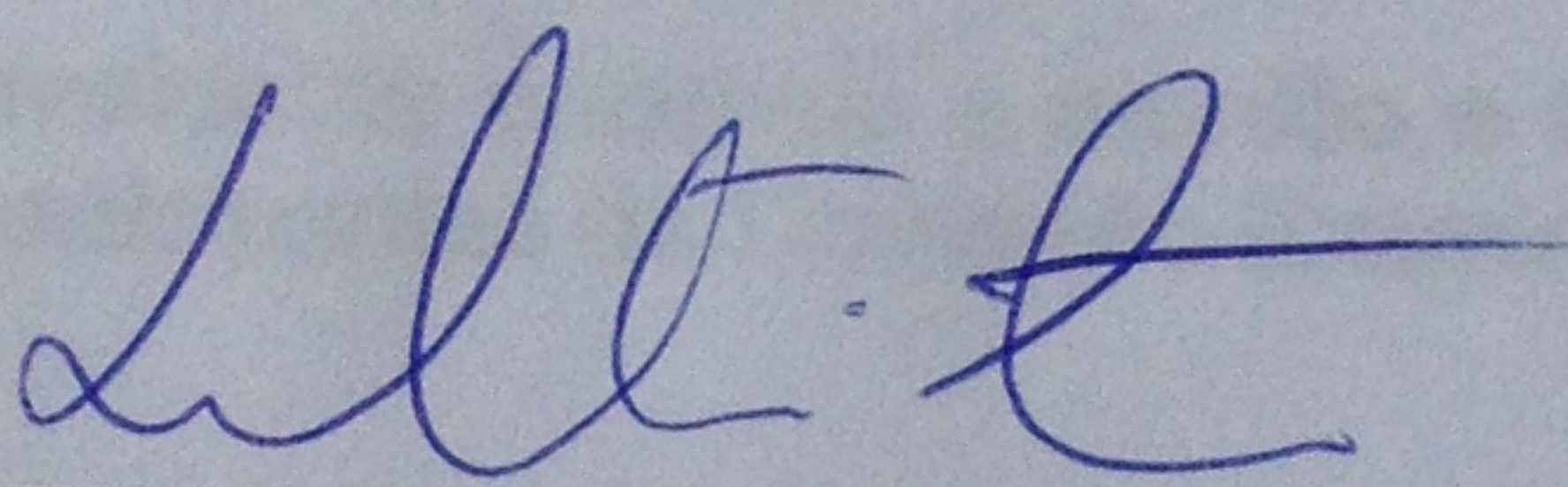
" Tradição e vida social na forma urbana da Kasbah dos Oudayas e Medina de Rabat "

Dissertação apresentada ao curso de Pós-Graduação em Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável da Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais

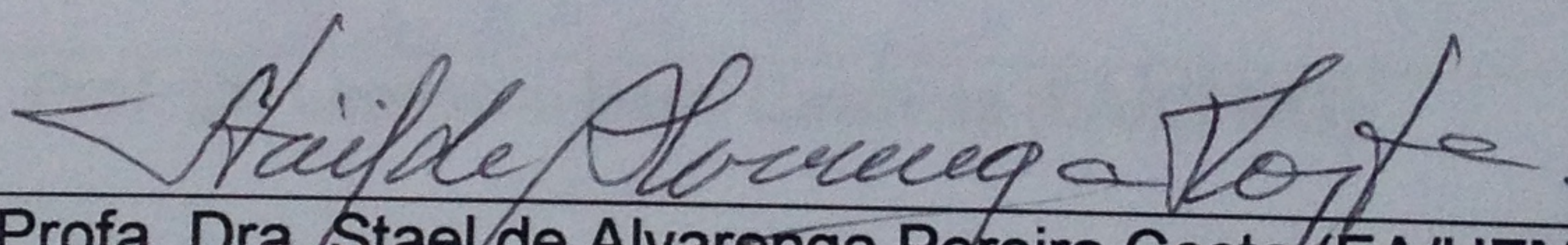
Comissão Examinadora:



Prof. Dr. Eduardo Abdo Yazigi (USP)



Prof. Dr. Leonardo Barci Castriota (EA/UFMG)



Profa. Dra. Stael de Alvarenga Pereira Costa (EA/UFMG - orientadora)

Belo Horizonte, 18 de março de 2015

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 –	Reino do Marrocos	21
Figura 2 –	Monumentos reconhecidos pela UNESCO no Marrocos	23
Figura 3 –	Planta de localização do Oudayas no Vale do Rio Bouregreg	25
Figura 4 –	Vista aérea da Kasbah dos Oudayas	26
Figura 5 –	Conurbação Rabat-Salé: limite administrativo existente e com extensão possível	51
Figura 6 –	Extensão da urbanização na conurbação Rabat-Salé-Temara	53
Figura 7 –	Estrutura urbana contemporânea de Rabat	55
Figura 8 –	Vista panorâmica de Rabat e vista do Vale do Bouregreg	56
Figura 9 –	Kasbah dos Oudayas	57
Figura 10 –	Mapa com a posição geográfica e figura ilustrativa do Chellah e da mesquita Hassan	58
Figura 11 –	Croquis da evolução litorânea de Rabat	59
Figura 12 –	Localização e imagens de referência do centro de Rabat	61
Figura 13 –	Localização e imagens de referência da Medina de Rabat	63
Figura 14 –	Localização e imagens de referência do bairro Agdal	64
Figura 15 –	Localização e imagens de referência do bairro Hay Riad	65
Figura 16 –	Modelos de tecidos contínuos	67
Figura 17 –	Modelos de tecidos descontínuos	68
Figura 18 –	Mapa de tecidos urbanos de Rabat	69
Figura 19 –	Evolução mancha urbana de Rabat-Salé segundo os períodos morfológicos de desenvolvimento	75
Figura 20 –	Croquis da cidade romana Sala Colonia e fotos das ruínas de Chellah em 2014	77
Figura 21 –	Ocupação romana em Rabat	79
Figura 22 –	Reino Bourghouatas	80
Figura 23 –	Mapa com representação da ocupação Almorávida	82
Figura 24 –	Ruína à entrada da Kasbah dos Oudayas	83
Figura 25 –	Muralha almóada da Kasbah de Mehdiya com ameias	84
Figura 26 –	Vista Axonométrica da Kasbah dos Oudayas	85
Figura 27 –	Formação do plano urbano na <i>Kasbah de Mehdiya</i> (Kasbah dos Oudayas): hierarquia viária (rua)	86
Figura 28 –	Formação do plano urbano na <i>Kasbah de Mehdiya</i> (Kasbah dos Oudayas): hierarquia viária (viela)	87

Figura 29 – Formação do plano urbano na <i>Kasbah de Mehdiya</i> (Kasbah dos Oudayas): hierarquia viária (beco)	88
Figura 30 – Representação de uma noualla na rua principal da Kasbah	89
Figura 31 – Comparação dos tipos edifícios residencias ao longo do eixo principal (observar a presença da mesquita em ambas as fotos) – tribos berberes e após a transformação de Rabat em capital no início do século XX	90
Figura 32 – Mapa com representação da inovação (Kasbah de Mehdiya) referente ao 1º período do império Almóada	91
Figura 33 – Ilustração representativa da cidade de Ribat Al Fath (Kasbah de Mehdiya e Salé)	92
Figura 34 – Foto da mesquita Hassan	93
Figura 35 – Muralha almóada na cidade de Rabat	94
Figura 36 – As quatro portas almóadas presentes na cidade de Rabat em 2014 – Bab Tamesna (atual Bab Laalou), Bab Anfa (atual Bab Al Had), Bab Marraquexe (atual Bab Arrouah) e Bab Tadla (atual Bab Zaers)	95
Figura 37 – Mapa com representação da Cidade de Ribat Al Fath – Império Almóada	97
Figura 38 – Aribat Al Mobarak	99
Figura 39 – Mapa com representação do <i>Aribat AL Mobarak</i> (Dinastia Merinide)	101
Figura 40 – Croquis esquemático da morfologia da medina	103
Figura 41 – Mapa com representação da medina Salé Nova (Dinastia Saadiana)	105
Figura 42 – Nova residência real – foto do palácio com jardim (anexo a Kasbah dos Oudayas) e foto aérea da região geográfica com forte militar, cemitério e kasbah	107
Figura 43 – Mapa com representação dos dois edifícios institucionais da Dinastia Alauíta	108
Figura 44 – Mapa com representação das inovações do 8º período morfológico (Dinastia Alauíta)	111
Figura 45 – Planejamento da cidade moderna por Prost. (legenda: medina [tecido contínuo tradicional]; habitat continu [tecido contínuo moderno multifamiliar e misto]; habitat individuel [tecido descontínuo unifamiliar]; setor administrativo [tecido contínuo moderno multifamiliar e misto])	114
Figura 46 – Planejamento da cidade moderna – o sistema de parques como base conceitual	116
Figura 47 – Consolidação da Estrutura Urbana durante a formação da capital no período do Protetorado francês	118
Figura 48 – Tecido Urbano contínuo misto: residencial e industrial do Bairro Yacoub El Mansur	119
Figura 49 – Tecido Urbano contínuo moderno: residencial misto – Bairro Youssoufia	120

Figura 50 – Tecido Urbano residencial do Agdal e Campus Universitário	121
Figura 51 – Mapa com a mancha de ocupação urbana referente ao 2º período do Protetorado francês	123
Figura 52 – Expansão urbana em Rabat-Salé de 1971 a 1987	124
Figura 53 – Tecido Urbano descontínuo de Hay Riyad e Souissi	125
Figura 54 – Evolução da forma urbana no momento do primeiro SDAU Rabat-Salé 1971-72	128
Figura 55 – Setores históricos do Vale do Rio Bouregreg	130
Figura 56 – Vista aérea da construção do túnel na estrada costeira d’al Marsa, a esquerda e planta e corte esquemáticos representativos do trajeto do túnel na região, a direita	131
Figura 57 – Praça Souk El Ghzel, prevê-se que as fotografias sejam do início do século XX. Vista para os Oudayas	131
Figura 58 – Montagem Praça Souk El Ghzel, 2013. Vista para Medina. [Revitalização da praça ainda não realizada.].....	132
Figura 59 – Projeto Saphira (Emaar Morocco): parque urbano, setor residencial multifamiliar e misto	133
Figura 60 – Bairro de Bab Al Bahr	134
Figura 61 – Exemplos de linguagens distintas que a capital abriga: 1. Sede Banco do Marrocos; 2. Catedral São Pedro; 3. Agência do Correio; 4. Sede do tesouro Nacional; 5. Hotel Balima; 6. Antiga Sede do BNDE	138
Figura 62 – Delimitação do perímetro de inscrição do patrimônio compartilhado de Rabat na UNESCO	139
Figura 63 – Justificativa do valor universal excepcional	140
Figura 64 – Justificativa do valor universal excepcional	141
Figura 65 – Justificativa do valor universal excepcional – 1: residencial; 2: religioso e funerário; 3: defensivo	142
Figura 66 – Justificativa do valor universal excepcional – novas formas e motivos decorativos	143
Figura 67 – Justificativa do valor universal excepcional	143
Figura 68 – Evolução da mancha urbana no momento do segundo SDAU Rabat-Salé 1991	145
Figura 69 – Regiões morfo genéticas de Rabat	149
Figura 70 – Proposta de delimitação para Paisagem Urbana histórica (HUL)	150
Figura 71 – A esquerda: delimitação do perímetro de inscrição do patrimônio compartilhado de Rabat na UNESCO. A direita: proposta de delimitação para HUL	151
Figura 72 – Croquis representativos dos três tecidos urbanos que conformam a Paisagem Urbana Histórica de Rabat (HUL)	154
Figura 73 – Configuração de quadras para o bairro Saphira	156

Figura 74 – Tipo básico e tipo comercial Kasbah dos Oudayas	161
Figura 75 – Planta das duas categorias de casa tradicional na medina: <i>dar</i> e <i>riad</i>	162
Figura 76 – Vista interna do pátio de um <i>Riad</i>	162
Figura 77 – Comparativo da paisagem da Kasbah dos Oudayas – início século XX e início do século XXI	163
Figura 78 – Princípio de desenvolvimento do tipo básico	164
Figura 79 – Esquema gráfico com indicação do processo diacrônico	166
Figura 80 – Esquema gráfico com indicação do processo diatópico e sincrônico	168
Figura 81 – Representação gráfica da série tipológica na via matriz (Rua Jamaa, Kasbah dos Oudayas)	170
Figura 82 – Mapa de hierarquia viária da Medina de Rabat e da Kasbah dos Oudayas	173
Figura 83 – Destaque da unidade de vizinhança, Hawma e exemplo de núcleo familiar, formado por derbs (beco sem saída) na Medina de Rabat	175
Figura 84 – Esquema gráfico comparativo entre cidade compacta e cidades que priorizam o automóvel	178
Figura 85 – Croquis da implantação do bairro Saphira	179
Figura 86 – Unidade de Vizinhança – Medina + Kasbah	180
Figura 87 – Modelos de unidades de vizinhança que podem se conectar de forma linear ou em anel	181
Figura 88 – Rede de vizinhanças de Rabat	182
Figura 89 – Croquis esquemático com a distribuição de usos no tecido tradicional ...	183
Figura 90 – Croquis esquemático com a distribuição de usos no tecido tradicional de Rabat	185
Figura 91 – Principais usos na Kasbah dos Oudayas	187
Figura 92 – Relação espaço e massa – espaço dinâmico	189
Figura 93 – Relação espaço e massa – espaço estático	190
Figura 94 – Relação espaço e massa – espaço dominante com nichos	191

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

EAUFMG	Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais
ENA	École Nationale d'Architecture de Rabat
HUL	Historic Urban Landscape
ICOMOS	International Council on Monuments and Sites
ISUF	International Seminar in Urban Form
MACPS	Mestrado em Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável
NPGAU	Núcleo de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo
PAU	Plan d'Aménagement Unifié de la Ville de Rabat
SDAU	Schema Directeur de Rabat-Sale
TRAM	Sistema de transporte público sobre trilhos
UNESCO	United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization
VLT	Veículo Leve sobre Trilhos

SUMÁRIO

1	Introdução	16
2	Fundamentação Teórica e Procedimentos Metodológicos	31
2.1	Paisagem como sistema e produto	31
2.2	Morfologia urbana	33
2.2.1	A Escola Inglesa de Morfologia Urbana	35
3	A Estrutura Urbana de Rabat	44
3.1	Ação humana no desenvolvimento urbano histórico do Marrocos	44
3.2	A estrutura urbana de Rabat em 2014	54
3.3	Os tecidos urbanos de Rabat	66
4	A Evolução Urbana de Rabat	72
4.1	Análise dos períodos morfológicos	72
4.2	Recomendação metodológica – as regiões morfogenéticas como método para análise do patrimônio cultural	146
4.2.1	Regiões morfogenéticas	147
5	Valores da Forma Urbana	153
5.1	A escolha do tecido contínuo tradicional de Rabat	153
5.2	A singularidade do tecido contínuo tradicional de Rabat: Medina e Kasbah dos Oudayas	157
5.2.1	Tradição	158
5.2.1.1	Característica de desenho urbano: tipologia	159
5.2.2	Pertencimento	172
5.2.2.1	Característica de desenho urbano: hierarquia viária	173
5.2.3	Sustentabilidade	177
5.2.3.1	Característica de desenho urbano: o uso	183
5.3	Diretrizes para desenho urbano	192
5.3.1	Inserção urbana	192
5.3.2	A inserção do plano urbano na paisagem	194
5.3.3	Tipos edifícios	195
5.3.4	Estratégias para gestão e intervenção do espaço construído	196
6	Considerações Finais	198
	Referências	201
	Apêndice	205

1 INTRODUÇÃO

Esta dissertação é resultado de uma investigação iniciada após uma experiência pessoal vivendo no bairro conhecido como Kasbah dos Oudayas, em Rabat, capital do Marrocos. Buscando um entendimento que conectasse estilo de vida e forma urbana, nosso primeiro objetivo foi ajustar a experiência individual a uma metodologia de pesquisa científica que pudesse nos conduzir quanto à aplicabilidade das características positivas desse sítio. Nos pautamos então na morfologia urbana como método investigativo que compreende o processo de formação de uma paisagem, revelando as qualidades do ambiente construído e os valores inseridos na forma urbana.

Segundo nossa avaliação, existem características que sintetizam valores que podem ser reproduzidos em pontos geográficos diversos. Procuramos instigar uma reflexão sobre o ambiente construído, ampliando a análise para além do ambiente geográfico, abordado nessa investigação.

Os valores contidos numa paisagem representam a essência do habitat no qual a vida se insere, demonstrando caminhos possíveis e possibilidades concretas de vida em sociedade. Investigar esse assentamento urbano significa compreender seu tecido urbano e suas qualidades, em busca do seu significado na vida contemporânea da cidade, bem como do conjunto de princípios e características expressos pela sua forma física.

Esta dissertação trata da leitura do organismo urbano de Rabat, com o objetivo de apresentar os elementos que conformam esse organismo, a relação entre eles, o processo que resultou na estrutura urbana contemporânea e os principais valores de convivência social, de respeito à tradição, subjacentes à mesma.

Nosso propósito é compartilhar diretrizes de desenho urbano que demonstrem possibilidades de representação formal do ambiente construído, que se alinhem ao propósito da vida social. Esperamos inspirar projetos no futuro que visem a um proceder ajustado à identidade de um lugar e de uma cultura.

Etapa empírica preliminar da pesquisa

Durante os anos de 2007 e 2008, pude vivenciar a realidade do bairro conhecido como Kasbah dos Oudayas, por meio de uma oportunidade surgida para atuar enquanto arquiteta e urbanista no Marrocos. Naquela época, desenvolvia-se o projeto para o novo porto na cidade de Tanger, ao norte do Marrocos, conhecido como *Tanger-Med*.

O concurso internacional conquistado pelo arquiteto francês Jean Nouvel ganhava abrangência com a formação de parceria entre o arquiteto e um grupo de arquitetos associados marroquinos, denominado Confluences S.A. A associação reunia quatro nomes representativos da arquitetura do Marrocos – Taoufik El Oufir, Benabdellah Fikri, El Andalouissi Rachid, Mountassir Abdelouahed. Participei das atividades como colaboradora de Confluences S.A., junto à equipe do arquiteto francês, que atuava fora de Paris.

A agência de urbanismo era sediada em Rabat. No escritório, outros projetos estavam sendo desenvolvidos, tornando possível a ampliação da minha experiência marroquina e despertando meu interesse pela capital. Outro concurso em que Jean Nouvel foi também vencedor tratava da revitalização do vale do Rio Bouregreg, com a proposta de implantação de um novo bairro, próximo à medina de Salé, em frente à Kasbah dos Oudayas. Esse bairro, conhecido como Bab Al Bahr, situa-se em ponto privilegiado da cidade e dentro da zona histórica mais tradicional. As características propostas no projeto, posteriormente conduzido apenas pelo grupo marroquino, induziram-me a refletir sobre o tecido tradicional islâmico, pois sua proposta era sustentar uma adequação desse tipo de tecido de forma que atendesse às necessidades contemporâneas, sem perder a identidade cultural.

Mais do que refletir sobre o tecido, pude desfrutar a experiência de morar num deles. A Kasbah dos Oudayas foi o bairro escolhido para abrigar a equipe. O impacto cultural em mim, recém chegada, foi imediato. O bairro demonstrava ter uma vida cotidiana repleta de contato humano, com presença de usos diversos, tais como pequenos comércios, serviços locais, galeria de arte, terraço-café-mirante, além das residências.

No bairro havia forte presença de estrangeiros, além de uma população local de menor poder aquisitivo que permanecia por uma tradição de família. Essa população basicamente se comunicava na primeira língua oficial, o árabe, e no dialeto local, *daríja*, uma vez que a língua francesa, a segunda língua oficial, nem sempre era compreendida.

A comunidade da Kasbah dos Oudayas conta com a diversidade, reflexo da miscelânea de população local com os estrangeiros ali instalados, sazonalmente ou permanentemente e de classes sociais diversas, que aí coabitam em aparente harmonia,

propiciados pela forma urbana e pela arquitetura árabe, que camufla do exterior a opulência ou a simplicidade das casas. A privacidade de cada família é resguardada pelos pátios internos, presentes no tipo edilício mais predominante dessa paisagem.

O acesso à grande maioria das casas permanece apenas para pedestres, o que favorece a comunicação entre moradores, contribuindo para a manutenção do serviço local, e preservando, ao mesmo tempo, a escala humana, presente desde seus primórdios.

A estrutura urbana do bairro se adapta às circunstâncias naturais do terreno, ao passo que conserva as dimensões da cidadela militar protegida pelas muralhas de defesa. A rotina propiciada por esse espaço urbano conserva a dimensão de outro tempo, transformando os hábitos diários de sustentação da vida.

Lá pude notar comportamentos de cooperação e solidariedade. Hoje penso que são fruto do sentimento de comunidade que nos unia. Apesar da vida no mundo árabe preservar a intimidade, isso não significa que os vizinhos não se conheçam, não se respeitem e não valorizem o ambiente do qual fazem parte. Diversas vezes tive prova da solidariedade da população local pelo simples fato de estar morando ali e, a partir de então, ter me transformado em componente dessa “família”. Só mais tarde pude entender as razões pelas quais fui incorporada nesse meio social. Aliás, esse foi o questionamento que impulsionou minha investigação.

A privacidade pelo resguardo das casas frente à rua (“fachadas cegas”) é relativa. Se, por um lado, o beco de acesso às residências confirma proteção ao olhar indiscreto do público, por outro, a proximidade das casas com seus terraços emendados permite um olhar compartilhado com os vizinhos mais imediatos. Isso se deve ao fato da casa em que morei ter sido reformada por franceses, deixando-a com algumas características ocidentalizadas. Os terraços construídos no segundo e terceiro andar propiciavam uma certa “invasão” de privacidade alheia, da mesma forma que se colocava igualmente como alvo do olhar vizinho.

Visto sob outro prisma, a linearidade de terraços, que trazem a percepção de uma fachada contínua, trouxe-me também uma sensação de vulnerabilidade, algo que pensei jamais seria possível de ser reproduzido no Brasil, pois qualquer pessoa poderia passar de uma casa a outra pelos terraços.

Mais de um ano transcorridos mostrou-me que a razão de não ter havido problemas de invasão ou assaltos ou depredações devia-se ao fato da comunidade me conhecer e respeitar meu espaço; e assim eram uns com os outros. Uma reflexão pessoal me leva a crer que esse fato se deve à constituição do espaço físico, à forma urbana que aproxima

os usuários, à história do lugar, a um controle estatal em que o erro é punido e cuja base religiosa exerce poderosa influência na conformação dos hábitos ali presentes.

Ainda, observando o bairro, pude perceber quantas outras casas haviam sido reformadas, também por estrangeiros, de forma a atender ao novo interesse especulativo e atrativo do bairro. Ponto turístico e histórico, ganhou mais evidência com o projeto de revitalização do vale do rio Bouregreg. Outras transformações ocorriam na cidade demonstrando o dinamismo do período do reinado de Mohammed VI: vestígios arqueológicos foram descobertos à entrada da Kasbah dos Oudayas, a tempo de impedir a construção de um estacionamento no local; foi construído túnel subterrâneo sob a kasbah; e instalado sistema de transporte público, o tram, por toda Rabat.

Na Kasbah dos Oudayas morei por um ano; no entanto, permaneci em Rabat até dezembro de 2009. O outro bairro que me abrigou é conhecido como Hassan e situa-se próximo ao centro construído quando Rabat se tornou capital. Esse bairro também é próximo à Kasbah dos Oudayas. Da mesma forma que a vida no tecido tradicional islâmico me surpreendeu, também a vida em Hassan foi diferente do que conhecia. No lugar de casas, prédios de até cinco pavimentos colados uns aos outros. O bairro apresentava uso misto, o que trazia dinamismo ao cotidiano. Eram prédios, na sua maioria, do período colonial francês. Apesar de a circulação ser feita para veículos, a proximidade de tudo e a diversidade de usos, além de uma escala ainda humanizada, trazia vida às ruas. Nas redondezas do edifício em que morava – nos cafés, restaurantes, mercearia, farmácias –, comecei também a me sentir parte da comunidade do bairro. Possuía menos força esse sentimento, mas ainda estava presente.

A similaridade de vivência entre a Kasbah e Hassan tem razão de ser. Conhecendo hoje os elementos que conformam a estrutura urbana de Rabat, que serão apresentados no capítulo três, reconheço que as características conceituais dos dois tecidos urbanos guardam um princípio em comum: a série, ou seja, a continuidade entre as edificações. Esse princípio gera o adensamento, a proximidade, reduzindo a superfície geográfica de ocupação do bairro. Assim, mais compacto, maior a possibilidade de priorização do pedestre e do encontro.

Outra experiência refere-se ao trabalho que se seguiu após o projeto do porto, com o arquiteto Jean Nouvel. Passei a trabalhar para uma empresa de Dubai, a Emaar Morocco, que realizava quatro grandes projetos no Marrocos. Sob minha responsabilidade estava a coordenação do desenvolvimento urbanístico de um loteamento na entrada da cidade de Tanger, o projeto Tinja. Apesar do projeto ser novamente localizado ao norte do Marrocos, a sede da empresa também era em Rabat. Essa foi a oportunidade para acompanhar outro projeto desenvolvido pela Emaar, um novo bairro proposto para Rabat, o projeto Saphira.

Em ambos os projetos, Tinja e Saphira, o conceito urbanístico provinha do estilo americano de viver. Isso fez com que eu reconhecesse, nas minhas experiências pessoais do Brasil, esse modo de viver, que para Marrocos era “novo”. A globalização dos conceitos, a escala dos projetos, o público para quem era voltado, o estilo arquitetônico, tudo isso contrastou com os sentimentos despertados pela experiência desse meio urbano marroquino que até então me eram pouco familiares, mas que muito me agradavam e induziam a modificar hábitos cotidianos.

Por testemunho próprio, posso dizer que o meio influencia na formação de novos hábitos e que os tecidos urbanos transmitem valores de convivência social, essenciais para a população marroquina.

Por esse motivo, mas sem poder explicar cientificamente as razões do meu desconforto, discordei dos projetos desenvolvidos por Dubai, acreditando serem eles contrários aos valores daquele lugar.

Retornei ao Brasil, com o propósito de buscar o necessário embasamento científico que poderia comprovar minha vivência pessoal, dando, assim, início à pesquisa que ora apresento. Mas fui além do que esperava. A ciência proporcionou que a experiência vivida se conformasse em valores, valores esses que podem ser representados por características para projetos urbanos. Assim, o processo do aprendizado expandiu-se para além das fronteiras do território marroquino. Meu desejo é que possa ser referência de experimentações do porvir.

O Marrocos: aspectos geográficos, históricos, sociais e urbanísticos

O Marrocos é um país localizado no extremo noroeste da África, estando limitado ao norte pelo Estreito de Gibraltar - por onde faz fronteira com a Espanha, por Ceuta -, a sudeste pela Argélia, ao sul pelo Mauritânia através do Saara Ocidental e a oeste pelo Oceano Atlântico. A figura 1 apresenta o território do Reino do Marrocos.

Figura 1 – Reino do Marrocos



Fonte: <<http://www.joaoleitao.com/viagens/2008/05/16/mapas-marrocos/>>. Acesso em: jan. 2015.

O Reino de Marrocos possui uma área de 710.850 km². Apresenta uma população total de 33 milhões de habitantes (2014), sendo 57% (2014) dessa população urbana. Possui como forma de governo a Monarquia parlamentarista. Está no poder, desde 1999, o Rei Mohammed VI, descendente do Profeta Maomé, pertencente a Dinastia Alauíta. O território é dividido administrativamente em dezesseis regiões, que agrupam cinco províncias, num total de 1503 municípios (urbano e rural).

Rabat é a atual capital do país, apresentando população de 627.932 habitantes, segundo o recenseamento 2004.¹ Fès e Marraquexe também já foram capitais em outros períodos da história e continuam sendo cidades de referência nacional. Casablanca projetou-se como a mais populosa, sendo também considerada capital econômica. O norte do Marrocos guarda maior influência espanhola, devido ao período do Protetorado Espanhol.

¹ Disponível em: <http://www.lavieeco.com/documents_officiels/Recensement%20population.pdf>. Acesso em: jul. 2013.

O Marrocos possui nove bens culturais reconhecidos como Patrimônio Mundial pela United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization (UNESCO), tendo sido o mais recente Rabat, em 2012, pelo simbolismo e diversidade de tradições ligadas ao patrimônio cultural das populações, com o nome *Rabat, capital moderna e cidade histórica: um patrimônio compartilhado*.

Os nove bens culturais reconhecidos estão representados na figura 2. São eles o sítio arqueológico de Volubilis, que é selecionado para a lista em 1997. A cidade histórica de Meknès, antiga capital da dinastia Alauíta, com Moulay Ismail no poder, foi classificada em 1996. O *ksar* de *Ait-Ben-Haddou*, assentamento tradicional, justificado em 1987. A *medina* de Essaouira foi aceita em 2001. A *medina* de Tétuan foi outro assentamento tradicional que recebeu o título de patrimônio mundial em 1997. A *medina* de Fez, 1981, e a *medina* de Marraquexe, 1985, são também parte da lista e antigas capitais do país. A cidade portuguesa de Mazagão, atual El Jadida, foi aceita em 2004. E Rabat – capital moderna e cidade histórica, um patrimônio compartilhado –, foi o último bem cultural a ser inserido na lista de bens culturais, em 2012. Está em curso o dossiê para a inserção da cidade de Casablanca também como patrimônio mundial.

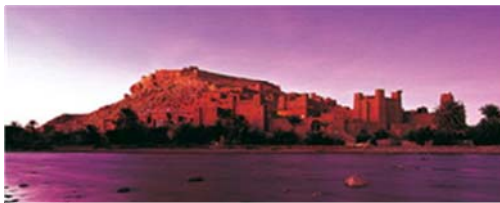
Figura 2 – Monumentos reconhecidos pela UNESCO no Marrocos



1



2



3



4



9



5



6



7



8

Legenda:

1 Sítio Arqueológico de Volubilis;

2 Cidade histórica de Meknes;

3 Ksar de Ait Ben Haddou;

4 Medina de Essauira;

5 Medina de Fés;

6 Medina de Marraquexe;

7 Medina de Tetuan;

8 Cidade portuguesa de Mazagão;

9 Rabat, Capital Moderna e Cidade Histórica: patrimônio compartilhado.

Rabat foi concebida cidade capital no momento do Protetorado francês, no início do século 20. O projeto urbanístico modernista se adapta de forma coerente aos valores arquitetônicos dentro do contexto do Magrebe,² embora incorporando-os no âmbito da antiga cidade, com os seus muitos componentes históricos e culturais. O resultado representa o surgimento de um estilo distinto da arquitetura contemporânea, que se torna característico da capital.

Sua principal vocação é de sede administrativa, com importante viés turístico, incluindo a execução de grandes projetos urbanísticos iniciados pelo Rei Mohamed VI, como o da revitalização do vale do Bouregreg, um rio histórico que separa as duas aglomerações urbanas, Rabat e Salé. O plano de reabilitação inclui a Kasbah dos Oudayas na primeira sequência, de forma a assegurar a revalorização e proteção de seu tecido.

A figura 3 apresenta a localização da Kasbah dos Oudayas no contexto geográfico do rio Bouregreg.

² O Magrebe foi um nome dado pelos árabes para a região noroeste da África, que inclui o Marrocos, o Saara Ocidental, a Argélia, a Tunísia, a Mauritânia e a Líbia.

Figura 3 – Planta de localização do Oudayas no Vale do Rio Bouregreg



Fonte: Desenvolvimento Urbano do Vale do Rio Bourgreg. Disponível em: <[http://www.bouregreg.com/tiki-index.php?page= Situation](http://www.bouregreg.com/tiki-index.php?page=Situation)>. Acesso em: jul. 2013.

Kasbah dos Oudayas

A Kasbah dos Oudayas é um forte de quatro hectares e marca o primeiro assentamento urbano de Rabat após a islamização do país, remontando ao início século XII. Possui como função primeira o uso residencial, abrigando em torno de 280 residências e segundo o censo de 2004, 390 famílias, totalizando uma população de 1654 habitantes. O número de pessoas por domicílio é de 4,2. Pertence à região administrativa Rabat-Salé-Zemmour-Zaer, uma das dezesseis regiões do Marrocos, com área 9.580 km², e população aproximada de 2.366.494, sendo 10.208 estrangeiros³.

A administração da Kasbah é responsabilidade da Agência do Bouregreg desde 2007, quando se inicia o projeto de revitalização do vale do rio Bouregreg. Anteriormente, sua administração era feita pela Agência Urbana de Rabat, que permanece ainda com a administração de uma parte do tecido urbano tradicional, a medina de Rabat.

A figura 4 apresenta o assentamento da Kasbah dos Oudayas.

Figura 4 – Vista aérea da Kasbah dos Oudayas



Fonte: Relatório ICOMOS, 2011. Disponível em: <<http://whc.unesco.org/uploads/nominations/1401.pdf>>.

³ Disponível em: <http://www.lavieeco.com/documents_officiels/Recensement%20population.pdf>. Acesso em: jul. 2013.

Desde o anúncio do grande projeto de revitalização em 2007, a Kasbah dos Oudayas é vista como área preferencial para o mercado imobiliário, ampliando a demanda por parte de artistas, que são cada vez mais numerosos em investir ali, seduzidos pela beleza e quietude do local.

Muitas casas são reconstruídas pelos “novos” proprietários, tornando necessária a existência de uma legislação mais específica para salvaguarda do caráter único do bairro. A Agência do Bouregreg encontra-se em realização de estudos e diagnósticos, mas ainda não concluiu os instrumentos de controle e gestão do sítio, que venham atender às necessidades desse local. Desde 2007, apenas doze projetos arquitetônicos foram aprovados pela agência, sendo que não há cadastro da quase totalidade de edificações residenciais do bairro.

A alta concentração por uma maioria de classe média baixa resulta em intervenções sem autorização e/ou ausência de manutenção ou melhoria, com exemplos de degradação do ambiente construído, pela presença de alguns exemplares em estado de abandono, ainda que reduzidos.

O levantamento a campo realizado em dezembro de 2013 e janeiro de 2014 permitiu algumas observações diretas e indiretas do sítio. A recente crise econômica internacional de 2008, com reflexos ainda em 2014, reflete também na kasbah. Amigos estrangeiros que moram ali relatam que muitos estrangeiros já não escolhem mais viver ali, pois alguns casos de roubo de carros e assalto ocorreram nos últimos anos. Um sentimento de insegurança se instaura, onde antes se sentia pertencimento. Um patrimônio ora zelado e cuidado começa a ser depredado com pichações nos muros das ruas principais, o que não existia anteriormente. O sentido de comunidade começa a sofrer ameaças e, aliado aos outros problemas apontados, podem trazer impactos que venham a se tornar irreversíveis.

Outra constatação foi quanto à pouca receptividade dos moradores com turistas. Apesar de parte dos moradores se lembrarem da minha presença no bairro, o meu retorno cinco anos depois fez com que recebesse agressão verbal de alguns que me consideraram turista, pela posse da minha câmera. Julgavam que os fotografava e não a paisagem. Pediram-me para apagar as fotos. Um serralheiro marroquino, que habita uma das casas mais antigas do bairro, justificou-se dizendo que abriu um processo contra um fotógrafo estrangeiro que colocou o rosto da sua filha num cartão postal, a venda em todo país. Pude verificar que eles se ressentem pelo aumento do turismo e desrespeito dos estrangeiros a sua intimidade.

Em conjunto com as medidas para a conscientização dos moradores sobre a qualidade e valores do lugar, é necessário, ainda, que se estabeleça um plano de gestão que

possibilite uma melhor conservação do espaço. Entre as possíveis medidas cito previsão orçamentária destinada a estratégias de educação patrimonial com inclusão da comunidade.

O fato da Kasbah ter sido incorporado ao conjunto reconhecido pela UNESCO pode trazer vantagens pelo compromisso assumido desde 2012. Sugerimos, porém, aprofundar o olhar sobre esse sítio e o conjunto urbano do qual faz parte.

Desenvolvimento e estrutura da dissertação

Sendo a paisagem um organismo vivo, segundo Castriota (2009), “não há que impedir o processo de renovação, intrínseco a ele, e que acompanha o próprio desenvolvimento da vida humana”. A morfologia urbana compreende que a paisagem resulta sempre de um processo de acumulação, mas é, ao mesmo tempo, contínua no espaço e no tempo, é uma sem ser totalizante, é complexa, pois resulta sempre de uma mistura, um mosaico de tempos e objetos datados. É, então, a disciplina que percebemos poder interpretar tal organismo, para apontar as qualidades da estrutura urbana com necessidades especiais de gestão e/ou conservação, sem engessar a paisagem e de tal forma se tornar suporte desse processo que venha a diminuir a vulnerabilidade de uma paisagem histórica frente aos impactos do tempo.

Segundo Moudon (1997), a teoria básica contida na morfologia urbana sustenta que a cidade pode ser “lida” e analisada através de sua forma física. Postula Moudon que a análise morfológica tem como base três princípios: forma, escala e tempo.

1. Forma – definida por três elementos físicos: edifícios e seus espaços abertos correlatos, lotes urbanos e ruas.
2. Escala – A forma urbana pode ser entendida em diferentes escalas e quatro são reconhecidas: edifício/lote, rua/quarteirão, cidade e região.
3. Tempo – A forma urbana só pode ser historicamente compreendida desde que os elementos que a formam compreendam transformações e substituições contínuas.

Para a pesquisa em pauta, a escola Inglesa de Morfologia Urbana será usada como base metodológica para avaliar o processo de formação do organismo urbano de Rabat. É também conhecida como a “Escola Conzeniana”, segundo relata Whitehand no artigo “Conzenian ideas: extension and development”, publicado em 1981 sobre o trabalho de M. R. Conzen. Dois fatores foram considerados essenciais por Whitehand para o florescimento das ideias do mentor. O primeiro foi a influência acadêmica da Escola de Geografia de Berlim,

onde se graduou em 1923. O segundo, decorrente de dois estudos elaborados nas cidades de Alnwick e Newcastle Upon Tyne, pós 1960, em que Conzen aplica os conceitos anteriormente aprendidos e desenvolve a sua análise sobre a interpretação da forma urbana estabelecendo as bases da Escola Inglesa de Morfologia Urbana.

Na referida escola, o método de análise da paisagem urbana leva em conta a evolução urbana através dos períodos morfológicos, ou seja, épocas históricas cujos reflexos econômicos e culturais produziram modificações e transformações no espaço urbano. Segundo Conzen (2004), essa análise estabelece a estrutura temporal de um determinado assentamento urbano. Acreditamos seja esse o método investigativo capaz de responder à primeira hipótese: compreender o significado da Kasbah dos Oudayas no conjunto da capital, pela revelação das zonas históricas que conformaram a estrutura urbana da cidade ao longo do tempo.

A segunda hipótese refere-se a: se a cidade pode ser “lida” e analisada através de sua forma física, então a identificação dos elementos e valores que conformam a paisagem da Kasbah dos Oudayas pode confirmá-la como representativa de um estilo de vida singular e rico, podendo, no futuro, se tornar um modelo projetual para cidade.

Para investigá-la é preciso interpretar o tecido urbano que abriga a Kasbah dos Oudayas e reconhecer os valores que ali se destacam. A interpretação é proposta pela análise tipológica, método investigativo da Escola Italiana de Morfologia Urbana.

A Escola Italiana foi desenvolvida por arquitetos e direciona a análise a partir da escala arquitetônica. Segundo Corsini (2001), a análise tipo-morfológica visa compreender a realidade presente como síntese da história coletiva, que pode ser examinada criticamente através da unidade habitacional mais recorrente denominada pelo autor como "tipo básico". Esse conceito, criado por Muratori, é entendido como "princípio orgânico" da arquitetura, no qual a forma é a síntese expressiva da realidade estrutural, funcional e ambiental, que embasa a análise tipológica e seu processo evolutivo no tempo. O organismo edilício é criado e individualiza-se numa experiência que se repete várias vezes para responder à exigência típica de uma sociedade. (CORSINI, 2001)

Também, pelo estabelecimento de referenciais conceituais que sustentem o entendimento sobre os valores a serem analisados pela forma urbana, a análise poderá responder se a paisagem é realmente singular e se pode inspirar diretrizes de projetos no futuro.

Com base nas duas hipóteses levantadas, a dissertação se organiza em quatro capítulos, além da introdução e das considerações finais.

O capítulo dois tem como objetivo apresentar a base conceitual teórica e metodológica referente à primeira hipótese. Aborda o conceito de paisagem que embasa este estudo e justifica o método escolhido. Apresenta uma reflexão sobre a disciplina morfologia urbana, além de trazer os conceitos, fundamentação e aplicabilidade da Escola Inglesa de Morfologia Urbana. Todo texto referenciado de Conzen (2004), Whitehand (2001) e UNESCO (2011) tem tradução feita pela autora da presente pesquisa.

O capítulo três desenvolve-se em duas partes. A primeira traz um breve histórico sobre a formação do Reino do Marrocos. A segunda apresenta a estrutura urbana de Rabat, segundo os principais elementos que a conformam. Neste terceiro capítulo, o referencial com base em Lugan (2011), Caillé (2006), Es-Semmar (2011) e Plan d'Aménagement Unifié de la Ville de Rabat (PAU, 2009) possuem tradução feita pela autora da presente pesquisa.

O capítulo quatro propõe a aplicação do método da Escola Inglesa de Morfologia Urbana. Desenvolve-se o estudo do processo morfológico de Rabat, buscando compreender o plano urbano da cidade desde seu início até sua estrutura contemporânea, avaliando o processo de sua formação e seus significados. Visa, em especial, conhecer as qualidades do ambiente construído e o significado da Kasbah dos Oudayas para Rabat. No quarto capítulo, a introdução de novos referenciais – Abitol (2009), Marrast et al ([s.d.]) e Royaume du Maroc (2011) possuem tradução feita pela autora da presente pesquisa.

O capítulo cinco aborda os valores que se destacaram na forma urbana da cidade. Reconhece-se o tecido contínuo tradicional como fruto dos valores que vêm ao encontro da singularidade de uma paisagem e do respeito a uma identidade cultural. Esse capítulo propõe a análise de características de desenho urbano presentes na medina de Rabat e na Kasbah dos Oudayas. Tais características demonstram os valores experimentados pela vivência pessoal. Tradição, pertencimento e sustentabilidade são avaliados através da hierarquia viária, uso, escala e tipo edilício. Para ler o tipo edilício fizemos uso da metodologia da Escola Italiana de Morfologia Urbana. As referências desta escola – Caniggia e Maffei (2001), Corsini (2001) –, assim como de Maziz (2004) e de Motlock (2001) também possuem tradução feita pela autora da presente pesquisa.

A partir dessa experiência compartilhada, esperamos expandir a consciência de uma forma mais social de viver.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Assumimos que a morfologia urbana seja a disciplina que possa oferecer o procedimento metodológico que comprove as hipóteses levantadas. Neste capítulo, busca-se aportes para realização da análise sobre o processo de formação da paisagem urbana de Rabat, em busca do entendimento sobre as qualidades do espaço construído. Por isso, a proposta deste capítulo reside primeiramente num entendimento sobre a paisagem enquanto sistema e produto, para, em sequência, vincular a essa conceituação o método de análise escolhido: a evolução urbana pelos períodos morfológicos de desenvolvimento.

2.1 Paisagem como sistema e produto

Os conceitos sobre paisagem são objetos de trabalho de diferentes áreas de investigação científica e de atuação técnica, embora ainda tragam muito do senso comum por constituir parte do cenário no qual habitamos a viver.

Entende-se que a paisagem é decorrência da interação entre sociedade e natureza e da interpretação, individual ou coletiva, dos processos de estruturação do território. (LEITE, 1994, p.51).

O conceito de paisagem admite diversas interpretações, apropriadas e referenciadas por variadas disciplinas. Sendo assim, para fornecer o sentido que se deseja associar quando o termo for usado, é necessário caracterizar a paisagem segundo os objetivos de quem a investiga. O objetivo específico da dissertação é interpretar a paisagem buscando entender o significado das formas como expressão de forças que a influenciam e, conseqüentemente, compreender os valores expressos por essa forma, expressões singulares de uma paisagem, de uma cultura, num tempo determinado.

Para Macedo (1999): “a paisagem é o resultado de relações entre partes e corresponde ao sistema de relações ambientais, compostas de subsistemas que se inter-relacionam num ambiente físico”. Entende Macedo que a morfologia da paisagem é resultante da interação entre a lógica própria dos processos do suporte, sistemas geológico e climático, e a lógica própria dos processos de cobertura, sociais e culturais, ou seja, antrópicos, e sintetiza:

“paisagem é a expressão morfológica das diferentes formas de ocupação e consequente transformação do ambiente em um determinado tempo”. (MACEDO, 1999).

Destaca-se o nosso interesse em avaliar os elementos presentes na paisagem que remetem ao meio antrópico. Cultura envolve prática de hábitos que revelam atitudes e preferências de uma forma de ser e agir, revelando a lógica dos processos de cobertura, como sugere Macedo. A revelação dessa lógica no espaço físico demonstra a participação do homem, o que pode confirmar um lugar enquanto representativo de uma cultura ou da interação humana com o ambiente.

O produto como expressão do resultado do processo do homem sobre o meio em determinada época é, exatamente, o que a dissertação vislumbra como possibilidade de leitura: uma análise da evolução das formas urbanas desde o seu início, como também das transformações subsequentes, pela identificação e pelo detalhamento de seus vários componentes. A essas transformações, MRG Conzen (1966) as classifica como acumulação, transformação e substituição e agrega ainda,

Elas são alteradas pela sociedade e mais particularmente pelos arranjos econômicos, nos quais representa, ao mesmo tempo, a variação funcional e geográfica distinta no modo de vida de qualquer civilização particular. [...] As comunidades urbanas representam tais grupos sócio geográficos. (CONZEN, 1966).

Entendemos, assim, que o conceito que melhor se aplica a este trabalho é o de paisagem como sistema e como produto. Fazemos coro com Macedo (1999), numa definição em que paisagem é vista

Como um produto porque resulta de um processo social de ocupação e gestão de determinado território. Como um sistema, na medida em que, a partir de qualquer ação sobre ela impressa, com certeza haverá uma reação correspondente, que equivale ao surgimento de uma alteração morfológica parcial ou total. (MACEDO, 1999, p.11).

Em sequência abordamos o campo de estudo que percebemos poder interpretar a paisagem como sistema e como produto, reflexo desse organismo urbano.

2.2 Morfologia Urbana

A morfologia urbana vem emergindo como campo interdisciplinar desde 1940, expandindo as raízes que originalmente se restringiam à geografia. Ganhou amplitude desde a criação do *International Seminar in Urban Form* (ISUF), nos anos 90. Desde então uma

variedade de outras disciplinas se incluíram no campo e, mais precisamente, a arquitetura e o urbanismo. (MOUDON, 1997).

Uma investigação com concepção puramente unidisciplinar oferece apenas o entendimento do campo de pesquisa daquele que a concebeu, como pode ser o caso da leitura de uma paisagem por arquitetos, ou geógrafos, ou historiadores, ou sociólogos. A morfologia urbana extrapolou o campo da geografia, o que aumenta sua credibilidade, a fortalece e expande a ideia por ela defendida como eixo investigativo da forma urbana. Assim, indica a sincronicidade do surgimento das duas Escolas de Morfologia Urbana, inglesa e italiana, não apenas apresentando indícios de interdisciplinaridade dos campos, geografia e arquitetura, como também validando a essência da morfologia urbana ao ter duas formações com interesse pelo mesmo tema, ao mesmo tempo e em pontos diferentes do planeta – Alemanha, Inglaterra, Itália –, como sugere pesquisas realizadas no Laboratório da Paisagem na EAUFMG (2011). Constitui isso uma garantia para que ela se consolide no tempo, e venha a ter seus métodos propagados e continuamente atualizados.

Segundo Moudon (1997), a base teórica fundamentada em “terreno” comum, reunindo diferentes linguagens e disciplinas, acordam para o fato de que a cidade pode ser “lida” e analisada através de sua forma física, produto da realidade objetiva da cidade, única que pode realmente ser mensurada. Whitehand (2001) esclarece que o termo “morfologia urbana” se aplica a tipos diferentes de investigação e que o entendimento de quase todas elas focam na análise da forma física. Importante ressaltar que as escolas de morfologia urbana propõem uma leitura a partir da forma física, mas que veem além dela: analisam o processo que dá origem e desenvolvimento da mesma. Em concordância, Moudon (1997) acrescenta que “a cidade é a acumulação e integração das várias ações, individuais e coletivas, as mesmas governadas pelas tradições culturais, e produzidas pelas forças econômicas e sociais ao longo do tempo.” O estudo morfológico proporciona a compreensão da forma como expressão de ideias e intenções que moldaram a cidade. A forma é composta por elementos dinâmicos, considerados organismos, que se transformam e modificam no tempo, e que se inter-relacionam de forma ativa. Dessa base os aspectos subjetivos podem ser acessados.

As duas escolas de morfologia urbana, inglesa e italiana, propostas como referência de método nesta dissertação, seguem influenciadas pelas disciplinas que a regem: arquitetura, para a escola italiana, e geografia, para a escola inglesa. Sendo assim, o estudo mais aprofundado de uma paisagem trará uma complementaridade de olhares, que se adicionam ao invés de competirem. O percurso que trilham para lerem determinada paisagem refere-se ao olhar disciplinar que possuem, mas de alguma forma chegam à atuação

semelhantes: o entendimento para a prática da intervenção, conservação e/ou gestão do organismo urbano.

Segundo Moudon (1997), as escolas possuem, cada uma, diferentes intenções nos seus esforços de embasamento teórico. As várias abordagens à questão da forma urbana podem ser divididas em duas grandes vertentes: aquelas que pretendem determinar como a cidade deve ser e aquelas que pretendem conhecer como a cidade é.

Leituras sobre o tema consolidaram reflexões e entendimento sobre o assunto. Durante o acompanhamento da disciplina Arquitetura, Cultura e Patrimônio Cultural, do NPGAU – Núcleo de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo – e MACPS – Mestrado em Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável –, ofertada em 2013 pelo Prof. Flavio de Lemos Carsalade, o mesmo sugeriu uma reflexão sobre o embasamento filosófico da investigação aqui tratada, anunciando três chaves filosóficas como base do entendimento: uma postura fenomenológica, uma postura marxista e uma postura idealista.

Segundo conceitua o professor, a postura fenomenológica é uma corrente filosófica que baseia o estudo objetivo aos fenômenos considerados subjetivos, como a consciência, percepções e emoções. Carsalade (2013) exemplifica dizendo que o arquiteto Christian Norbert Schulz introduziu a fenomenologia na discussão arquitetônica, tratando de entender a arquitetura através da percepção dos objetos e fenômenos, investigando aquilo que ela transmite ao se vivenciá-la. Essa postura orienta o homem com o 'estar no mundo', enfatizando o sujeito nessa equação.

Ainda, o professor reflete sobre a postura ideológica como recorrente à classificação, determinando tipos. Pela ideia de futuro, enfatiza o objeto em benefício do homem.

Já a postura marxista, por sua vez, privilegia a dimensão material, sobretudo no sentido econômico, e pode ser reconhecida na posição do arquiteto egípcio Hassan Fathy, cuja obra *Construindo com o povo* marca uma crítica à industrialização, exemplo também sugerido por Carsalade (2013). Essa postura enfatiza o objeto em detrimento do homem, mas sem descartá-lo da equação.

O resultado a partir de tais reflexões é a conclusão de que a vertente que pretende conhecer como a cidade é corresponde a uma postura filosófica marxista, que sugerimos seja a base do pensamento da Escola Inglesa de Morfologia Urbana, desenvolvida por geógrafos. Segundo Haesbaert (2002), em sua análise sobre concepções de território, essa postura se caracteriza por um pensamento que privilegia o material, enquanto dimensão concreta das relações sociais, econômicas, culturais. Reconhecemos que os propósitos são descritivos e

explicativos e tem por objetivo desenvolver uma teoria sobre a construção das cidades, explicando *como são* feitas e *por quê*.

Também compreendemos que a vertente que pretende determinar como a cidade deve ser caracteriza-se por uma postura filosófica idealista, que, por sua vez, corresponde às premissas da Escola Italiana de Morfologia Urbana. Seguindo indicação do Prof. Carsalade (2013) quanto ao significado da postura filosófica idealista, reconhecemos que o método dessa escola se enquadra com a análise sobre a paisagem a partir de um cunho classificatório dos tipos edifícios encontrados na paisagem urbana e que tem sua origem na consciência do indivíduo. Acreditamos que essa relação vai além de um pensamento que privilegia apenas a matéria, há aqui uma integração da dicotomia ideal-material. Tem propósito prescritivo e almeja desenvolver a teoria do desenho urbano, concentrando na maneira *como* as cidades *deveriam* ser construídas.

A construção desse pensamento filosófico direcionado será aporte para o desenvolvimento e análise no momento de aplicação da metodologia de cada escola. A postura atribuída a cada uma delas nos auxiliará a refletir sobre o produto gerado nos próximos capítulos. De toda forma, ambas priorizam o objeto, mas sempre buscando reconhecer o homem por trás dele. No nosso caso, o objeto é a paisagem e, pela cultura nela inserida, insinua-se, desde já, antevê-la como produto e sistema nos capítulos a seguir.

Enfatizamos que os métodos interdisciplinares de investigação presentes nas bases disciplinares das duas escolas, geografia e arquitetura, contribuirão para a complementaridade das análises e sequenciamento desta pesquisa. A Escola Inglesa, atendendo aos propósitos descritivos e explicativos, embasa os capítulos três (Estrutura Urbana) e quatro (Evolução Urbana). A partir do entendimento proporcionado pelas análises apresentadas e qualidades detectadas, o capítulo cinco (Valores da forma urbana) adota a conduta idealista da Escola Italiana, propondo diretrizes para futuras intervenções e projetos urbanos.

Nos item a seguir, apresentamos a base teórica dos capítulos três e quatro. A Escola Inglesa de Morfologia Urbana é apresentada segundo sua conceituação, fundamentação e aplicabilidade.

2.2.1 A Escola Inglesa de Morfologia Urbana

A “Escola Conzeniana”, como a define Whitehand (2001), foi fundada por MRG Conzen, um geógrafo alemão que imigrou para a Inglaterra em 1933, no conturbado período de pré-guerra. Formou-se na Escola de Geografia de Berlim cujas bases conceituais foram

estruturadas em estudos da paisagem e dos resultados visíveis sobre a paisagem urbana. (PEREIRA COSTA; GIMMLER NETTO, 2013).

A escola de pensamento Conzeniana esteve sob influências iniciais de Schluter e Geisler, segundo conta Whitehand, no artigo “British urban morphology: the Conzenian tradition”, publicado em 2001. Segundo ele, em 1899 foram publicados dois artigos de Schluter ampliando a visão da geografia sobre os aspectos dos assentamentos urbanos e sua estrutura urbana. A importância desses artigos vem de seu caráter pragmático, como aponta Whitehand (2001), pois reconhece os estágios de desenvolvimento na estrutura das cidades. Já a influência de Geisler se origina de um trabalho publicado em 1918 sobre o desenvolvimento da morfologia urbana em Danzig, cuja representação cartográfica em cores parece ter sido a inspiração do trabalho posterior desenvolvido por MRG Conzen nas cidades de Alnwick e New Castle upon Tyne, no norte da Inglaterra, entre 1950 e 1960.

Conceituação

MRG Conzen enfatiza a estrutura geográfica da morfologia urbana como um campo de conhecimento e apresenta um panorama geral do fenômeno morfológico urbano com bases nos trabalhos por ele desenvolvidos. Dois axiomas direcionam a análise morfológica segundo os aspectos que determinam a forma urbana e sua periodização ao longo do tempo.

Whitehand (2001) afirma que foi MRG Conzen o primeiro a reconhecer a **visão tripartite** de uma cidade ou paisagem urbana, **primeiro axioma** do pensamento Conzeniano. A visão tripartite é uma análise sistemática e hierarquizada baseada em três elementos: o plano urbano, o tecido urbano e o uso do solo. MRG Conzen (1966) define o plano urbano como sendo o traçado original da cidade cuja análise se baseia na inter-relação entre o lugar, o sistema viário, o padrão de parcelamento dos lotes e a implantação das edificações nos mesmos. O tecido urbano forma manchas de agrupamentos de quarteirões com características semelhantes, tanto quanto ao padrão de uso e ocupação do solo quanto da edificação. O uso determina a forma da edificação e suas dimensões.

O **segundo axioma** apresenta a variável **tempo** ao explicar a periodização específica das formas. (CONZEN, 2004). Esse axioma consiste na configuração inicial do que ele denomina ser uma **paisagem urbana histórica**. Segundo MRG Conzen, as formas possuem características morfológicas evidenciadas pelo contexto histórico e cultural do período a qual pertencem, juntamente com as adaptações posteriores. Assim, o estudo

evolutivo por períodos morfológicos estabelece a estrutura temporal de um determinado assentamento urbano.

Para MRG Conzen, paisagem urbana histórica constituía uma paisagem urbana distinta, reconhecida como um ambiente ativo importante para o mundo moderno e que sofria pressão pelo desenvolvimento natural inerente a qualquer sociedade. O ambiente especial proporcionado por esses núcleos deriva da rica estratificação histórica e pela numerosa variação e justaposição das formas provenientes de diferentes períodos. O geógrafo salienta a necessidade de aprofundamento do aspecto geográfico no estudo desses centros históricos e da compreensão da historicidade que se manifesta naturalmente e diferentemente nessa paisagem, demonstrando a diversificação espacial do ambiente.

Enfatiza, ainda, a importância da paisagem urbana histórica pelo caráter que expressa, caráter esse reconhecido pela unicidade e pela historicidade. Segundo ele, os centros históricos constituem os exemplos mais significativos de paisagem urbana histórica. Pereira Costa, em seu livro *Fundamentos de Morfologia Urbana* (2015), interpreta a **unicidade** como a identidade própria de uma paisagem, na qual é demonstrada a relação entre uma estrutura cultural que se manifesta numa organização espacial e se organiza num ambiente geográfico. A paisagem é resultante da ação humana sobre o ambiente, refletindo os aspectos característicos de determinada sociedade no tempo e no espaço. Para a escola conzeniana, a **historicidade** representa o caráter histórico atribuído a uma paisagem por possuir capacidade de demonstrar a estratificação e acumulação das formas ao longo do tempo, fruto da combinação dos diversos períodos morfológicos envolvidos na sua composição. (CONZEN, 2004). As paisagens urbanas históricas analisadas por MRG Conzen são as de origem medieval encontradas na Europa e que configuram o centro tradicional da cidade.

A função original do estudo das paisagens urbanas históricas visa compreender o conjunto edificado com interesse na conservação da paisagem e inserir o processo de transformação ao longo do tempo na gestão e no planejamento urbano, sem desconsiderar a significância de determinadas características da paisagem. Essa questão se fortalece nas discussões correntes sobre paisagem e em pauta na UNESCO desde 2011.

A UNESCO define Paisagem Urbana Histórica (Historic Urban Landscape – HUL), segundo a recomendação estabelecida no documento gerado na Conferência Geral da UNESCO em 10 de novembro de 2011,¹ como a área urbana compreendida como o resultado das camadas

¹ Recommendation on the Historic Urban Landscape, including a glossary of definitions. Disponível em: <http://portal.unesco.org/en/ev.phpURL_ID=48857&URL_DO=DO_TOPIC&URL_SECTION=201.html>. Acesso em: out. 2014.

históricas e atributos que demonstrem valores culturais e naturais, estendendo a noção de “centro histórico” ou “conjunto” para um contexto urbano mais amplo que inclua os aspectos geográficos. Percebemos nessa discussão em pauta a mesma preocupação que Conzen destacava desde meados do século XX. Ainda, a especificação do contexto urbano apresentado nesse documento é constituída pelos mesmos elementos da estrutura urbana que distinguem uma paisagem da outra, na identificação de suas especificidades e espacialidades, ou seja, no reconhecimento do seu caráter. Na recomendação da UNESCO (2011), os elementos apontados são constituídos pela topografia, geomorfologia, hidrologia e recursos naturais, ambiente construído, histórico e contemporâneo, infraestrutura subterrânea e de superfície, espaços livres e jardins, padrão de uso do solo e organização espacial, relações visuais e todos os demais elementos de uma estrutura urbana. São incluídos, também, valores e práticas sociais e culturais, processos econômicos, assim como a dimensão intangível do patrimônio que se relacione à diversidade e identidade.

A UNESCO aponta a necessidade de integração das diferentes disciplinas para análise e planejamento do processo de conservação urbana, de forma que seja integrado ao planejamento e desenvolvimento da cidade contemporânea. A Declaração de Amsterdã, de 1975, já apontava a necessidade de conservação integrada através do planejamento urbano, discutindo a criação de áreas e políticas urbanas desde essa época, embora ainda não chegasse a visão ampla do que seria uma paisagem urbana histórica. A análise proposta nesta dissertação, destaca a Morfologia Urbana como um campo interdisciplinar, desenvolvido especialmente a partir do entendimento do organismo urbano como um sistema e um produto do processo natural que une passado, presente e futuro de uma comunidade geográfica. A Morfologia Urbana se destaca como ferramenta útil e aplicável desde o diagnóstico até a gestão da paisagem em estudo, podendo cumprir o papel de integradora dos processos conservação, planejamento e intervenção de determinado território.

Salientamos, também, a oportunidade de discutir o tema a partir de um estudo de caso, no qual poderemos analisar os aspectos que envolvem o contexto do que consideramos ser parte de uma paisagem urbana histórica. Percebemos que o tema não é objeto fechado e consolidado, como apontaram discussões entre os diversos agentes envolvidos sobre o assunto no 3º Colóquio Ibero-americano Paisagem cultural, patrimônio e projeto, ocorrido em Belo Horizonte em setembro de 2014. Em especial, destacamos aqui a reflexão apresentada pelo Prof. Sílvio Zanchetti,² na mesa redonda sobre Paisagem Cultural e Paisagem Urbana Histórica, que sugeriu uma reflexão a partir da prática, para assim retornar a uma discussão

² ZANCHETTI, 2014.

sobre definições e conceitos sobre o tema. O Prof. Zanchetti destaca a necessidade de tratar os **processos** no âmbito da Paisagem Urbana Histórica (HUL). Define ainda uma teoria de **sistemas** formada por quatro elementos, que deveriam, segundo ele, serem observados numa análise:

- 1 – Identificação dos objetos e atributos (materiais e imateriais);
- 2 – Relação entre os objetos;
- 3 – Processos que imprimem a dinâmica entre os objetos e suas relações;
- 4 – Valores demonstrados a partir dos objetos, das relações e dos processos.

(ZANCHETTI, 2014)

Mais uma vez, reconhecemos, numa discussão contemporânea, o papel da morfologia urbana oferecendo sua contribuição para leitura e análise da paisagem. Os métodos oferecidos pelas escolas são empregados justamente para a identificação dos principais elementos e suas dinâmicas, nas diferentes escalas de investigação, ao longo do tempo. O reconhecimento dos valores são consequência natural da leitura proposta por cada uma das escolas.

Na escola inglesa, o primeiro axioma traz os elementos (visão tripartite) analisados em todos os processos. No segundo axioma os processos podem ser compreendidos ao longo do tempo, destacando as dinâmicas envolvidas no desenvolvimento do organismo urbano. O principal valor de uma paisagem é medida pela permanência das formas acumuladas ao longo do tempo, atributo que é mensurável.

Destacamos, então, nosso objetivo em conhecer a evolução urbana da capital do Marrocos em busca do entendimento do valor do bairro conhecido como Kasbah dos Oudayas no organismo urbano da capital. Com essa escola, buscamos verificar se o centro tradicional representa uma forma especial da estruturação da paisagem urbana de Rabat. A escola inglesa propõe a identificação dos períodos morfológicos como método de análise para reconhecimento da evolução urbana de uma cidade. Esse é o método proposto no estudo de Rabat, meio pelo qual buscamos conhecer os aspectos desenvolvimentistas da paisagem e, mais especialmente, seu centro histórico tradicional.

Sugerimos além, propomos a delimitação da paisagem urbana histórica (HUL) dessa capital pela permanência das formas no seu ambiente construído. Acreditamos que o resultado das camadas históricas e atributos que demonstrem valores culturais e naturais para

um contexto urbano mais amplo seja reflexo da acumulação e permanência de variados períodos morfológicos, mensuráveis e detectáveis nesse tipo de análise.

Apresentamos, no item a seguir, a base teórica do método da Escola Inglesa de Morfologia Urbana a ser aplicado.

Fundamentação

Os períodos morfológicos representam a síntese entre cada período histórico e evolutivo, em que MRG Conzen identifica a necessidade de distinção entre eles. Para ele, períodos históricos são aqueles demarcados por fatos, nos quais é possível a delimitação de datas, como reinados, impérios, períodos republicanos, entre outros. Já os períodos evolutivos representam a síntese entre os fatos históricos e as inovações materializadas na paisagem urbana, determinando características formais. Tais inovações traduzem aspectos econômicos, sociais, políticos e culturais de ascensão e declínio representados por determinadas características formais.

A fundamentação para a detecção e análise desses períodos encontra-se no livro *Thinking about the urban form*, que engloba uma série de artigos (de 1932 até 1998) de MRG Conzen e envolve a perspectiva da estrutura geográfica da morfologia urbana, apresentados por MP Conzen em 2004. A base teórica aqui desenvolvida apoia-se num artigo de 1985 publicado pela primeira vez nesse livro. O capítulo que abriga tal artigo se intitula *Morphogenesis and Structure of the Historic Townscape in Britain*. Nele encontramos os axiomas descritos no item anterior e os princípios de utilidade geral da morfologia urbana, trazidos a seguir. Explora, ainda, as mudanças cruciais nas paisagens pela ação humana ao longo dos séculos e examina recursos morfológicos à luz da estratificação histórica e períodos diversos nas paisagens urbanas.

Para MRG Conzen (2004), o fenômeno de fundamental importância para o desenvolvimento da paisagem urbana histórica é a ação humana cuja atuação ajusta o habitat urbano de maneira particular por uma sociedade local. O **condicionamento sociopolítico**, proveniente de uma organização sociopolítica temporal, relaciona o indivíduo – e seu interesse particular – com a sociedade. Esse é o **primeiro princípio** apresentado pelo geógrafo. Com ele analisaremos os períodos históricos mais relevantes para o Marrocos, as influências dos povos que comandaram o país ao longo de milênios e suas respectivas consequências urbanas em cada período morfológico.

Os aspectos desenvolvimentistas de uma paisagem estão no **segundo** princípio tratado pelo geógrafo e que corresponde à **permanência sistemática e diferenciada das formas**. Esse princípio analisa o processo morfológico segundo os três complexos sistemáticos formais (visão tripartite), considerando a permanência das suas respectivas formas. Os processos de transformação morfológicas, ao longo do tempo, podem ser caracterizados como acumulação, adaptação e substituição das formas. Dada a insuficiência de elementos para análise de todos os aspectos das transformações morfológicas na evolução urbana a ser aplicada em Rabat, optamos por dedicar a investigação em cada período morfológico segundo apenas o processo de **acumulação**.

A acumulação de formas acontece, geralmente, durante o período inicial do estabelecimento de uma cidade, explica MRG Conzen (2004), ou durante implementação de extensões planejadas para a cidade. Tem maior relação com o plano urbano e a formação dos tecidos urbanos. Já a adaptação e substituição de formas são processos que ocorrem com mais frequência na apropriação do solo e no uso da edificação.

Segundo o geógrafo, o plano urbano é o elemento funcional da cidade que melhor expressa a gênese do assentamento geográfico e para ele o mais permanente. Whitehand (2001) relaciona o fato de que a forma concebida no processo de conversão de área rural para área urbana age como um limitador nas mudanças subsequentes. As divisas de lotes e especialmente as ruas exercem poderosa influência no longo prazo sobrevivendo quase inalteradas, o que é demonstrado no trabalho de MRG Conzen.

Já as edificações possuem grande capacidade de adaptação às mudanças necessárias. Conzen afirma que “o uso do solo responde de forma mais direta aos impulsos de transformação funcional e a sua influência na paisagem urbana histórica é, portanto, mais negativa.” (CONZEN, 1966). Essa é uma importante constatação para a conservação da paisagem urbana histórica, objetivo de seu estudo pelo geógrafo.

O terceiro e quarto princípios estabelecidos por MRG Conzen (2004) referem-se à historicidade e à estratificação histórica. Para manter uma fidelidade à base teórica abordada pelo geógrafo nesse artigo, apresentamos esses dois princípios como referência teórica e conceitual. Não serão fundamento nesta dissertação por extrapolarem o grau investigativo aqui proposto.

Os princípios três e quatro reunidos identificam o caráter da paisagem.

O **princípio três** trabalha com a **estratificação histórica**, que surge pela justaposição ou pela proximidade das formas de períodos morfológicos diferenciados, proporcionando à paisagem urbana aquisição de historicidade ou caráter histórico.

O **princípio quatro** trata da **mistura de períodos sistematizados**, em que a estratificação histórica varia em intensidade entre duas áreas contrastantes e provenientes do desenvolvimento morfológico, como o centro histórico e suas expansões. (CONZEN, 2004). O valor dessa análise reside na detecção da intensidade da acumulação de formas, apontando maior simplicidade ou maior riqueza de uma paisagem. O centro histórico, por ser a área de origem da forma urbana e por uma acumulação intensiva das formas nos diferentes períodos morfológicos, possui maior historicidade. A complexidade da estratificação tende a decrescer a medida que se afasta do centro histórico. Assim, as expansões formam zonas de acumulação extensivas, com estratificações históricas mais simples, decorrentes apenas dos períodos históricos mais recentes.

O **quinto princípio** será fundamento desta dissertação. Trata da **hierarquia de regiões morfogenéticas**. A região morfogenética é um grupo espacial – formado por um conjunto de formas na cidade – baseado nas similaridades desenvolvimentistas que são mais facilmente reconhecidas nas características compositivas do plano urbano, tecido urbano, uso e ocupação do solo. Essas regiões aparecem quando há reconhecimento da variedade da estratificação histórica de uma parte da cidade para outras. Cada região morfogenética forma um grupo heterogêneo, mas coerente quanto a um caráter geral. Abriga em si várias células de unidades relativamente homogêneas, mais reduzidas e distintas. (CONZEN, 2004). O reconhecimento das regiões morfogenéticas e o seu arranjo hierárquico refletem na estrutura urbana transmitindo implicações práticas e abrangentes para sua conservação. Segundo aponta Pereira Costa (2015), a relevância dessa análise está na possibilidade dessas regiões auxiliarem na definição do caráter e no valor da paisagem histórica de modo espacial coerente. Acrescenta ainda: “as áreas pericentrais ao centro histórico podem ser identificadas e incorporadas num plano de conservação de longo alcance, de forma histórica e sensível.” (PEREIRA COSTA; GIMMLER NETTO; 2015).

Para seguirmos com a aplicabilidade no estudo de caso aqui proposto, reforçamos os aspectos da fundamentação a serem trabalhados: condicionamento sociopolítico para compreendermos a história do Marrocos e mais particularmente de Rabat, no capítulo três; e investigação sobre a permanência sistemática e diferenciada das formas avaliadas a partir do processo de acumulação, no capítulo quatro. Nesse mesmo capítulo será feita a análise das regiões morfogenéticas para detectar as unidades de planejamento da cidade, que podem ser incluídas no planejamento, gestão e conservação de Rabat.

Aplicabilidade

No capítulo quatro, pela análise da evolução urbana de Rabat, buscamos compreender os períodos morfológicos de seu desenvolvimento urbano, visando detectar as zonas históricas nas quais a cidade foi edificada ao longo do tempo. Procuramos demonstrar a relação dos bens de valor cultural com o território, para compreender o plano urbano e seus diversos ciclos de desenvolvimento, dos quais resultaram os mais diversos tecidos urbanos, dentre eles a Kasbah dos Oudayas, objeto principal de nosso estudo. Visamos com isso entender o valor desse bairro no organismo urbano da capital, assim como as características que o compõem.

Esperamos, ainda, identificar e delimitar a paisagem urbana histórica da capital pela permanência das formas acumuladas num mesmo espaço geográfico durante períodos morfológicos variados. Sugerimos que essa detecção será possível ao analisar a maneira como ocorreram as expansões urbanas nos diferentes períodos estabelecidos.

3 A ESTRUTURA URBANA DE RABAT

Este capítulo apresenta um breve panorama histórico do Reino do Marrocos, com ênfase na ação humana para o desenvolvimento de Rabat. Buscamos compreender as influências dos povos que comandaram o país ao longo de milênios e suas respectivas consequências urbanas.

Em seguida, discorreremos sobre a estrutura urbana contemporânea de Rabat, para conhecer os principais elementos – tecidos urbanos, centralidades, bens culturais –, condicionantes naturais e vetores que marcam essa capital, além de identificar o “retrato” desse organismo, atualizado segundo análise de dados referente ao ano de 2014.

A partir do reconhecimento sobre a formação urbana da capital ao longo dos milênios e, em especial, após sua independência em meados do século XX dC, apresentamos os tecidos urbanos que compõem a cidade.

Seguimos com a primeira etapa deste capítulo, o entendimento sobre os aspectos sociopolíticos que influenciaram e conformaram o Reino do Marrocos.

3.1 Ação humana no desenvolvimento urbano histórico do Marrocos

Nesta primeira parte, visamos identificar os principais povos que fomentaram a consolidação do Reino do Marrocos. O país foi formado no decorrer de três grandes eras de influência: clássica (fenícios e romanos antes da islamização nos séculos V aC a III dC), islâmica (conversão dos berberes após islamização do Marrocos entre VII dC e XVI dC) e árabe (séc. XVI dC em diante). Cada era possui administração política que provocou modificação temporal e consequências urbanas na vida da sociedade.

Para melhor compreender a influência temporal e cultural de cada era, assim como os produtos urbanos gerados, mister se faz investigar a origem dos primeiros povoamentos.

Os primeiros traços humanos no norte da África remontam há mais de quinhentos mil anos. Acredita-se, porém, que a gênese dos povoamentos na região deriva dos berberes – conjunto étnico com unidade linguística, cultural e religiosa que transcende as múltiplas tribos. (LUGAN, 2011). São duas as hipóteses sobre a ancestralidade das tribos. A hipótese clássica, defendida por Gabriel Camps (1981), deduz que os ancestrais dos Berberes seriam

do Oriente Médio e que teriam chegado na região do Reino do Marrocos em torno de 10.000 aC. A outra hipótese, defendida por Christopher Éhret,¹ prevê origem na família afro-asiática: egípcia, cuchitiques (diversas tribos africanas) e semita (árabe e hebreu). Segundo essa última hipótese, no momento da sua gênese há 20.000 anos aC, o local de origem da população afro-asiática situava-se entre os montes do Mar Vermelho e as planícies da Etiópia, de onde se dividiu em dois, o mais antigo povo. A fragmentação dá origem a diversos grupos familiares que acabam formando tribos. O ramo africano da Etiópia seria a origem da tribo berbere. (LUGAN, 2011).

A separação em diversas tribos e sob diversas influências fizeram com que a ocupação do território nem sempre tenha se dado de forma pacífica. A luta por influência e poder permeou a formação do Reino do Marrocos em todas as eras, tendo os berberes governado até a hegemonia árabe na região, com as dinastias Saadiana (séc. XVI-XVII dC) e Alauita (séc. XVII aos dias atuais). As diversas influências nas tribos berberes explicam as rivalidades e diferenças entre elas e a consequente formação dos diversos impérios – Almorávidas (séc. X-XII dC), Almóadas (séc. XII-XIII dC) e Merinides-Wattassides (séc. XIII-XVI dC). Explicam também os diferentes produtos urbanos gerados a partir de tais ocupações e povoamentos, frutos dos pensamentos vigentes de cada tribo.

Discorreremos a seguir sobre os tipos de ocupação provenientes de cada dinastia nas três eras, passando pela formação do Reino do Marrocos e salientando a posição de Rabat em cada período e seu significado para o país.

Antes da islamização: Cartago (Fenícios) e Roma (séc. V aC a séc III dC)

Num território berbere conhecido como Mauritânia, ao norte da África, do qual Marrocos era parte integrante, estabelecem-se duas colônias fenicianas: Lixus (atual Larache), ao norte e Mogador (atual Essaouira), ao sul. A região constituía rota entre a África do Norte e a Espanha. Cartago, cidade que emerge com autonomia comercial e política no século VI aC, é base do império regente que busca ouro na região do Atlas do Marrocos, além de uma espécie de colorante púrpura muito usado na antiguidade. A indústria desse colorante foi estabelecida em Mogador. (LUGAN, 2011). Pelas condições de navegação da época tornavam-se necessárias a implantação de estações de apoio entre as duas principais colônias (Lixus e Mogador), como é o caso de Sala (Rabat-Salé), assim como Russadir, Tamuda,

¹ Referência do livro *Histoire du Maroc: des origines à nos jours*, de Bernard Lugan, 2011, p. 23. Tradução feita pela autora da presente pesquisa.

Tingis, Tchemmich, Banasa e Rusibis. Sala encontra-se em posição geográfica correspondente à atual cidade de Rabat-Salé. Daquela época, porém, não há vestígio de nenhuma fundação urbana na atual capital.

O império romano torna-se proeminente a partir do século IV aC, quando o longo conflito entre a Grécia e Cartago favorece a expansão de Roma até a queda da potência de Cartago ao fim das guerras Púnicas. Um conflito com a região da Mauritânia entre 112 a 105 aC é imposto pelos romanos até que, em 42 dC, Roma anexa a Mauritânia ao império, criando a Mauritânia *Cesariana* (parte ocidental da atual Argélia) e Mauritânia *Tingitana* (atual Marrocos, com Tanger sendo a principal cidade da Província). Durante dois séculos a Mauritânia *Tingitana* foi o centro administrativo de Roma e dirigido por um procurador representante do imperador na região. (LUGAN, 2011).

A então estação de apoio Sala é transformada no primeiro assentamento urbano da atual capital Rabat, a cidade romana conhecida como *Sala Colonia*, um dos quinze campos militares repartidos pelo Marrocos por Roma.

Berberes – A islamização do Marrocos (681 dC a séc XVI dC): Almorávidas, Almóadas e Merinides.

Após a perda de influência romana no Marrocos, que durou até final do século IV dC, não se conhecem registros históricos até final do século VII dC, embora existam alguns traços de relações comerciais do mundo mediterrâneo com o mundo cristão bizantino. (LUGAN, 2011).

Essa era conheceu a islamização da região, porém não uma arabização; duas noções diferentes segundo Lugan (2011). O autor diz que islã é um conceito religioso, enquanto arabismo é um conceito étnico-cultural. Assim, nem todo muçulmano é árabe e nem todo árabe é muçulmano.

Entre os séculos VIII e XI dC, a transformação dos povos berberes em muçulmanos na região do Saara permite a ascensão da dinastia Almorávida na conquista da África do Norte. (CAILLÉ, 2006). Os Almorávidas eram uma das tribos do grupo *Sanhaja*, nômades do oeste do Saara que se dirigiam regularmente em direção ao sul, até os cursos d'água do Senegal e da Nigéria, por serem pastores e viverem dependentes das condições naturais. Aos Almorávidas é atribuída a expansão berbere no Saara e a conquista do norte do Marrocos pelo emir (título de príncipe em árabe) Youssef ben Tachfin entre 1061 e 1107 dC. (LUGAN, 2011).

Essa era abrigou a fundação de Fès entre 789 a 808 dC, que permaneceu como capital até o império Almorávida, no século X dC. Durante esse império, duas cidades foram fundadas: Meknès e Marraquexe, sendo que Marraquexe se tornou capital do império Almorávida até a dinastia Merinide (séc. XIII dC).

Em Rabat, o príncipe Almorávida estabelece a primeira ocupação urbana islâmica na região como um elemento estratégico de defesa na margem esquerda do rio Bouregreg, o *Ribat* (que significa campo militar) *Tachfin*, que recebeu o nome do seu fundador. O *Ribat Tachfin* é hoje uma ruína, localizada à entrada da Kasbah dos Oudayas e descoberta apenas em 2007, pelo fato de ter sido destruído no período seguinte, pelos Almóadas, e ter sido substituído por outro forte militar chamado à época de *kasbah de Mehdiya* (ES-SEMMAR, 2011). A *kasbah de Mehdiya* se tornou no que conhecemos em 2014 como Kasbah dos Oudayas.

Os Almóadas eram berberes da montanha e ligados ao grupo de Masmouda. Diferentemente dos Almorávidas que afirmavam submissão ao califa (que em árabe significa o representante do Profeta) de Bagdá, os Almóadas buscavam reformar o mundo muçulmano de acordo com a visão original. Segundo Lugan (2011), eles se autointitulam califas e sucessores do Profeta Maomé, o que nos leva a refletir sobre o pensamento de grandeza que os conduz a projetar grandes espaços urbanos como territórios de suas conquistas e poder, a exemplo da própria cidade de Ribat Al Fath, atual Rabat. A apropriação do território do Marrocos começou com a posse de um oásis ao sul do país, seguida da posse das cidades de Taza e Tétuan ao norte. Ainda segundo Lugan, após a morte do último sultão almórida, outras cidades foram submetidas ao controle Almóada: Tlemcen, Oujda, Guercif, Meknes, Fès, Salé e Ceuta.

Após o império Almóada, os Merinides, berberes conhecidos como *Béni Merine*, tornam-se soberanos no Marrocos entre 1258 e 1420. Segundo Lugan (2011), a tribo é do ramo *zénète* cuja origem eram os planaltos e fronteiras do Saara. No século XII eles levam vida nômade como cavaleiros e criadores de cordeiros e dromedários. Os Merinides transformaram suas caravanas em conquista territorial desde que os soberanos Almóadas se tornaram incapazes de conter sua migração, após terem lutado lado a lado combatendo os espanhóis na guerra santa. Conquistaram o norte do Marrocos no início de 1245 com as cidades Taza, Salé, Rabat e Fés. (LUGAN, 2011). Nessa dinastia, Fés volta a ser capital do Marrocos.

Em Rabat, os Merinides ocupam Salé, pelo fato de possuir o único porto ativo no período. Por não possuírem uma base étnica numerosa, ignoram o amplo espaço urbano projetado pelos Almóadas. No território de Rabat instalam uma necrópole chamada *Aribat Al Mobarak*, junto à antiga cidade romana Sala, denominada como *Chellah* em 2014. No local das ruínas da antiga Sala, constroem muralhas e portas, além de um conjunto urbano que engloba a necrópole Real, uma mesquita e salas de banho.

Os Merinides foram substituídos por também berberes do grupo *zénète*, os *Béni Watta*, que serviam aos *Beni Merine*. Os *Béni Watta* dão origem à dinastia Watasside em 1420 dC, num Marrocos em crise. A presença dos portugueses e espanhóis no país ao fim da dinastia Merinide era uma clara ameaça cristã contra o islã cuja organização passava por estados-nações cada vez mais estruturados e poderosos. Foi um período de combates, em que o território desintegrado tentava ser recuperado. (LUGAN, 2011). A Espanha ganha controle de algumas cidades ao norte marroquino, sendo a principal Melilla. O império português é mais amplo e controla grande parte do litoral de norte a sul. Rabat e Salé não fizeram parte da colonização portuguesa e espanhola no Marrocos. A dinastia Watasside permanece no poder até 1554 dC.

C - Árabes (1554 dC em diante)

O início do século XVI dC encontra-se marcado por profunda crise no território marroquino, no colapso da vida urbana e no dinamismo intelectual nacional. (LUGAN, 2011). Após terem se auxiliado mutuamente como defensores do islã contra os cristãos, houve conflitos entre os berberes wattasides e os árabes saadianos devido à busca por poder por parte dos últimos que se diziam *Cherifs* (descendentes do Profeta). Disso resultou a instauração da dinastia Saadiana num momento de renovação islâmica e nacional, tendo seu apogeu na segunda metade do século XVI. Nessa dinastia a capital muda de Fés para Marraquexe, consolidando a ruptura e assegurando uma nova era. Segundo Lugan (2011), a palavra Marrocos surge com os saadianos, como resultado da contração da palavra Marraquexe. O período saadiano apresentou avanços urbanos em Fès e Marraquexe, que dominam intelectualmente o período sendo centros culturais, na primeira e segunda época da dinastia, respectivamente. Em Rabat, se deu a construção da medina, no interior da muralha almóada, para abrigar os mouros, expulsos da Espanha em 1609 dC.

Após a morte do sultão saadiano em 1603, o Marrocos conheceu um período de dissociação com disputa pelo poder pelos filhos do antigo regente. O país se divide em cinco

zonas. A anarquia reina até que a dinastia Alauíta restabelece a unidade do país, em 1636, sob o comando de Moulay Mohammed, da família considerada descendente do profeta Maomé. Essa dinastia se caracteriza por promover grandes expansões ao norte e nordeste do país e também em direção ao vale do rio Draa ao sul, com apoio de tribos árabes instaladas na região. Entre 1664 e 1672, Moulay Rachid, irmão de Moulay Mohammed, termina a conquista e consolidação do território. Moulay Ismail, meio irmão de Moulay Rachid e Moulay Mohammed, reina de 1672 a 1727 e seu reinado é conhecido como idade de ouro do Marrocos. (LUGAN, 2011).

Em Rabat-Salé, o desenvolvimento urbano se consolida apenas a partir do segundo reinado com o sultão Moulay Rachid, que decide construir uma nova residência real na parte sudeste da Kasbah de Mehdiya (atual Kasbah dos Oudayas) cujo palácio passou a ser residência oficial do governador do *Ribat Al Fath*. Em 2014, a nova residência transformou-se em jardim de visitação e museu, permanecendo abertos ao público em 2014.

Trinta anos de anarquia (1727-1757) seguem após o reinado de Moulay Ismail, com os militares desafiando os sultões, sem que a dinastia alauíta jamais fosse colocada em questão. Esses trinta anos, nos quais sete filhos de Moulay Ismail disputam o trono, eclodem em ruína, crise alimentícia e fome. (LUGAN, 2011).

Após a restauração da ordem e da autoridade de *Cherif* para o alauíta Sidi Mohammed ben Abdallah em 1757, se dá a reconstrução do Marrocos e a permanência da dinastia no poder. Esse período representa o segundo período mais importante do contexto urbano de Rabat-Salé, apresentando grande expansão da cidade pela decisão do sultão em transformar novamente a cidade de *Ribat Al Fath* na terceira capital do Marrocos, depois de F s, capital do norte, e Marraquexe, capital do sul. Somente após o Protetorado francês, 1912 a 1956 dC, Rabat passa a ser a capital política administrativa do Reino.

A Dinastia Alauíta é ainda a atual dinastia que vigora no poder, da qual faz parte a família real do Marrocos em 2014.

Crescimento urbano no Marrocos e na aglomeração urbana de Rabat-Salé

O imperialismo europeu no Marrocos provoca uma hiperurbanizaç o no século XX dC. Segundo Belfquih e Fadloullah (1986), o ritmo de urbanização passou por grande aceleração desde o início do século. Em 1914 dC, com o início do Protetorado francês e espanhol, a população total era de cinco milhões de habitantes, sendo seiscentos mil constituintes da área urbana, cerca de 12% do total. Sob a dupla ocupação, o Marrocos

conheceu uma multiplicação no número e na difusão dos estabelecimentos urbanos, passando de trinta para duzentos e cinquenta cidades no período.

O processo da urbanização moderna ocorre de forma exponencial após a independência do país em meados do século XX dC. Em menos de três décadas produz-se uma massificação do fenômeno urbano, passando de 19% para 42% a taxa de urbanização. Em 2011, chega a 57% a população urbana no país, de um total de quase 33 milhões de habitantes. A tabela a seguir apresenta o crescimento exponencial da explosão urbana nos séculos XX e XXI dC.

Tabela 1 – Evolução da população urbana total no Marrocos

Ano	1914*	1936	1960	1971	1982	1994	2004	2014
População total	5 milhões	6,8 a 8 milhões	11,6 milhões	15,4 milhões	20,4 milhões	26 milhões	29,8 milhões	33 milhões
População urbana	600 mil	1 milhão e 300 mil	3,39 milhões	5,4 milhões	8,7 milhões	13,4 milhões	16,46 milhões	18,81 milhões
Taxa de urbanização (%)	12%	16-19%	29,2%	35,1%	42,8%	51%	55,2%	57%

* estimação

Fonte: Mecanismes et formes de croissance urbaine au maroc – cas de l’agglomeration de Rabat-Sale. 1986. & Recensement general de la population et de l’habitat de 2004. Décret authentifiant la population légale du Royaume – Décret n° 2-05-189 du 29 chaoual 1426. 2005. & Morocco Demographics Profile 2014. Disponível em: <http://www.indexmundi.com/morocco/demographics_profile.html>. Acesso em: nov. 2014.

Essa evolução quantitativa do fenômeno urbano atua também na organização espacial da cidade de Rabat.

Rabat faz parte da região administrativa Rabat-Salé-Zemmour-Zaers que conta com 2.366.494 habitantes em 2004², uma das dezesseis regiões administrativas existentes no Marrocos. Apenas a aglomeração Rabat-Salé conta com uma população de 1.843.000 habitantes em 2011.³ O espaço dessa conurbação é aproximadamente de 1000 km². Rabat, isoladamente, possui uma população de 630 mil habitantes em 2014,⁴

² Disponível em: <http://www.lavieeco.com/documents_officiels/Recensement%20population.pdf>. Acesso em: jul. 2013.

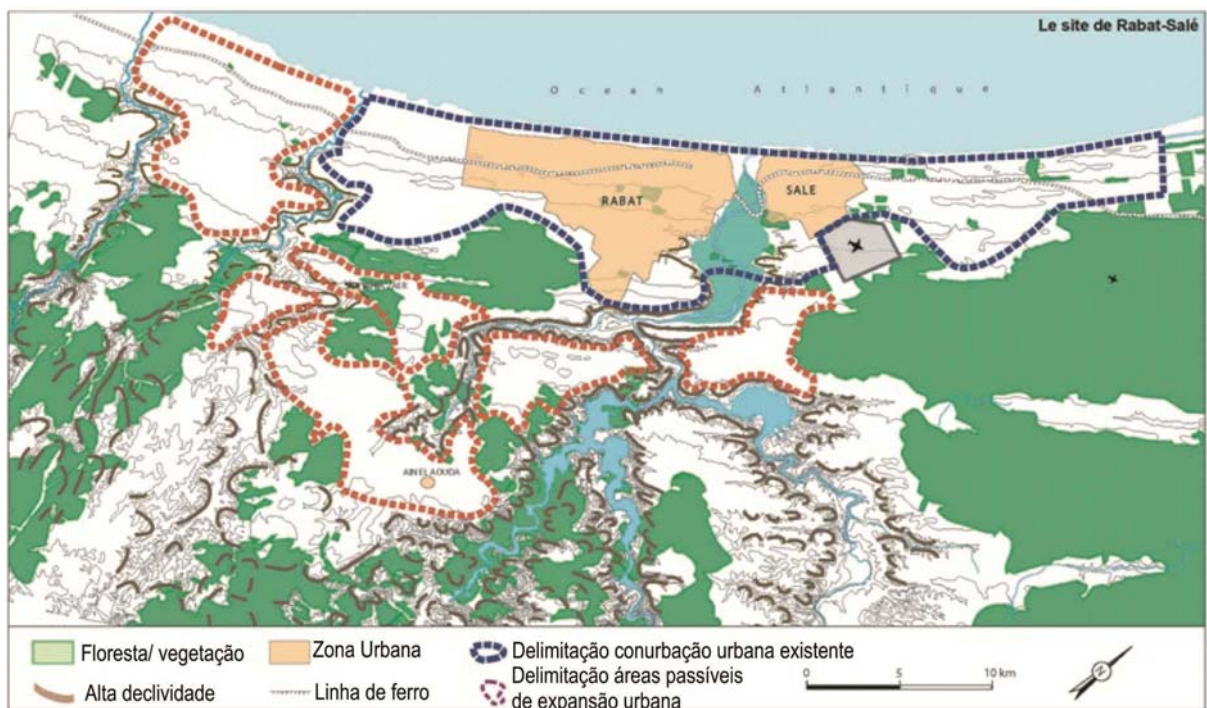
³ Informação extraída de: Morocco Demographics Profile 2014. Disponível em: <http://www.indexmundi.com/morocco/demographics_profile.html>. Acesso em: nov. 2014.

⁴ Informação extraída de: Morocco Demographics Profile 2014. Disponível em: <http://www.indexmundi.com/morocco/demographics_profile.html>. Acesso em: nov. 2014.

abrigando uma população urbana (623 mil habitantes) que conforma a segunda maior ordem de grandeza no país, após Casablanca, com pouco mais de dois milhões. De cidade de pequeno porte, com quarenta mil habitantes no início da colonização francesa (1914), a capital apresenta-se como uma das cidades mais dinâmicas do país.

A figura 5 apresenta os limites administrativos da conurbação de Rabat-Salé, além da projeção da atual ocupação de ambas as cidades no território. Aponta ainda as possíveis áreas de expansão urbana.

Figura 5 – Conurbação Rabat-Salé: limite administrativo existente e com extensão possível



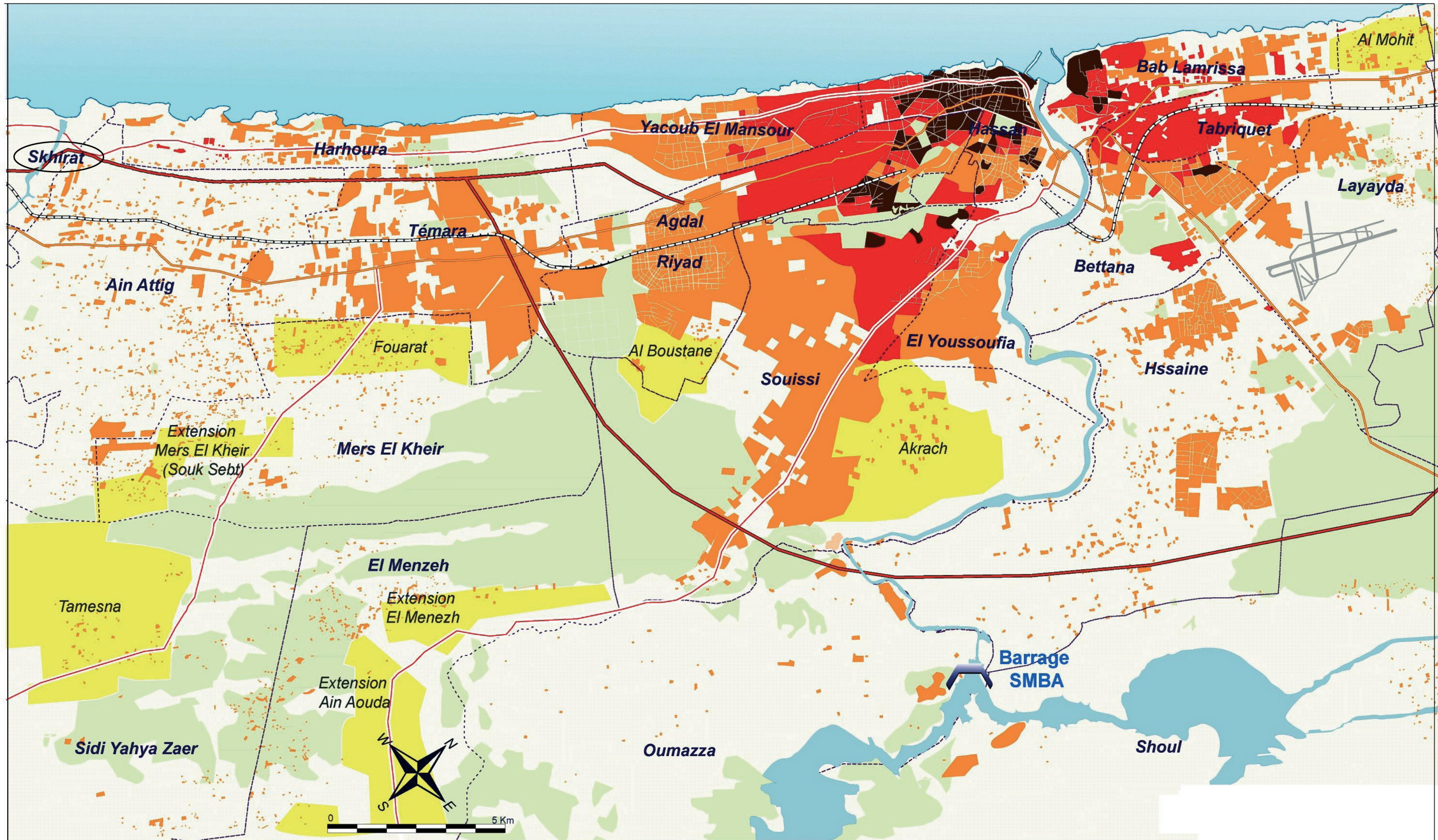
Fonte: ROYAUME DU MAROC. Ministère de l'aménagement du territoire, de l'eau et de l'environnement, direction de l'aménagement du territoire. Etude du schéma d'organisation fonctionnelle et d'aménagement de l'aire métropolitaine centrale Casablanca-Rabat. 2005.

A importância de Rabat como centro urbano polarizador desde que transformou-se em capital variou muito, principalmente depois de 1960. De 75% da população urbana nessa época, passou a concentrar 47% em 1971 e 30% em 1994.⁵ A cidade de Salé, ao contrário, passa de 25% da população urbana em 1960, para 50% nos últimos anos. Estima-se que a troca tenha se dado pela maior acessibilidade ao habitat em Salé, pela valorização de Rabat como capital e pólo turístico-administrativo.

⁵ Disponível em: <<http://f-origin.hypotheses.org/wp-content/blogs.dir/1345/files/2013/12/Limites-administratives.jpg>>. Acesso em: nov. 2014.

O dinamismo demográfico presente conta com a participação de Témara (incluindo o bairro litoral de Harhoura), com 17% da população. Conta também com a presença de um sub-centro balneário, Skhirate, que abriga mais de 50 mil habitantes, apontando um dos maiores crescimentos demográficos até os anos 2000. Desde a década de 1980, o núcleo histórico central está estagnado, por ser também o mais denso e consolidado. As primeiras expansões do período do Protetorado francês com os bairros populares Yacoub El Mansur e Youssoufia mostram decréscimo de crescimento no último período. O maior crescimento fica no eixo sul, nas áreas destacadas no mapa como possíveis áreas de expansão urbana, apresentadas na figura 6.

Figura 6 - Extensão da urbanização da conurbação Rabat-Salé-Temara.



- Cidade pré-colonial (antes de 1900)
- Evolução durante o protetorado
- Evolução pós-colonial
- Projetos de extensão urbana
- Limite administrativo da conurbação
- Florestas e espaços verdes
- Rio e barragem

Rabat faz parte do eixo litoral urbano, onde ocorreu um amplo movimento de urbanização no último século, junto a cidades como Agadir, Essaouira, El Jadida, Safi, Casablanca, Sale, Temara, Kenitra, Larache, Tanger.

O resultado do processo de formação do organismo urbano de Rabat, complexo e diversificado, produz quatro grandes conjuntos distintos (FIGURA 6):

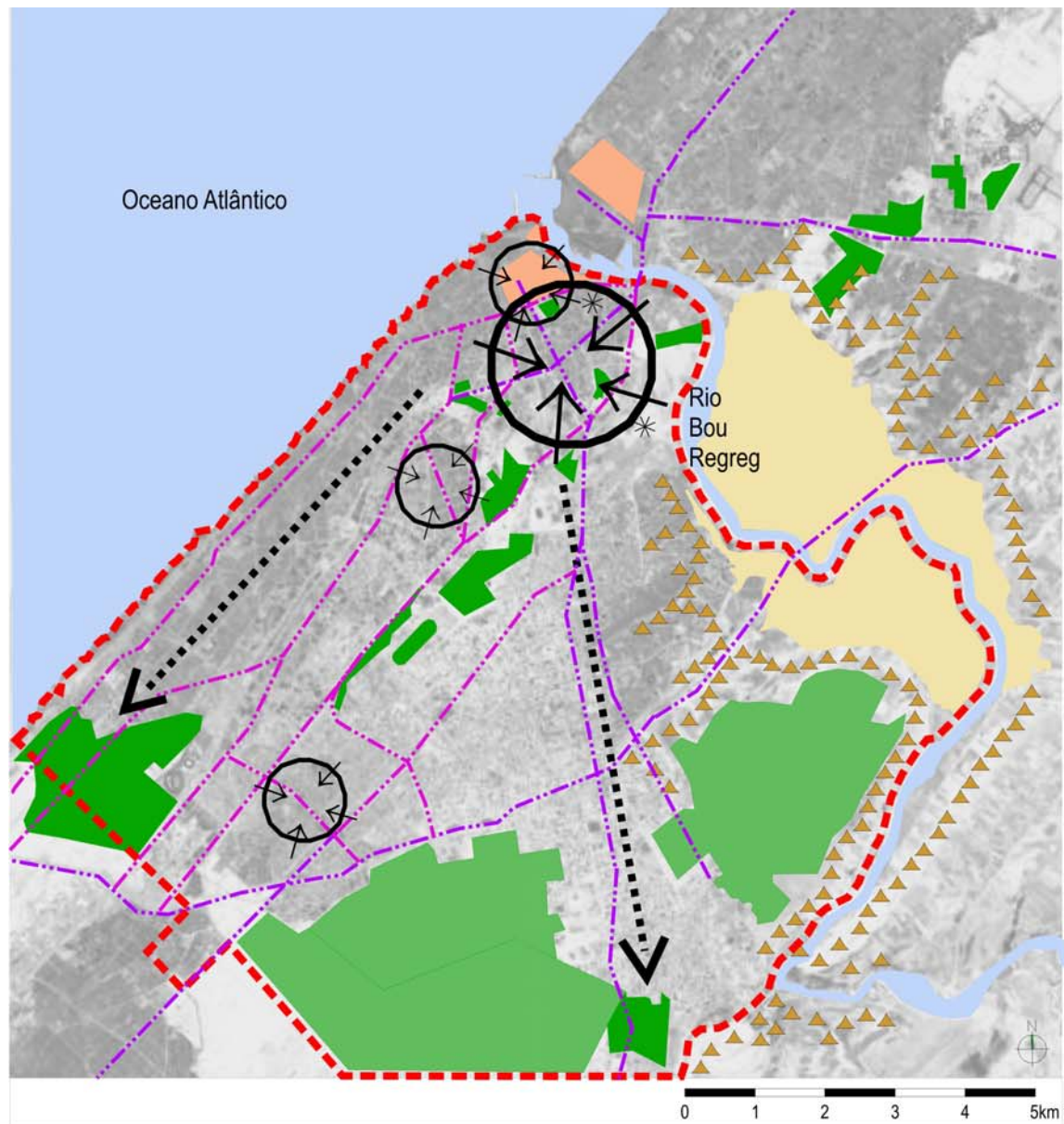
- Um núcleo histórico composto por duas medinas e que ocupa a posição central nos tecidos urbanos. É a região mais densa da cidade (cidade pré-colonial);
- Um espaço urbano em grande parte produzido durante a colonização e caracterizado por diversidade social e urbana. Esse espaço constitui uma das áreas de maior valor imobiliário;
- Uma evolução pós colonial com características contemporâneas e alta diversidade social e urbana (a região abriga tanto bairros populares e conjuntos habitacionais, quanto os novos centros urbanos, com alto valor para o mercado imobiliário e com presença de equipamentos públicos);
- Uma periferia parte da região metropolitana que ganhou amplitude como centros peri-urbanos e alta taxa de população urbana (caso de Temara e Kenitra). Além da presença de projetos de extensão urbana que extrapolam os limites urbanos da região metropolitana estabelecida.

Damos sequência ao entendimento sobre os aspectos sociopolíticos que influenciaram a conformação do Reino do Marrocos, seguindo com a segunda parte deste capítulo, em que apresentamos os principais elementos que compõem a estrutura urbana contemporânea de Rabat.

3.2 A Estrutura Urbana de Rabat em 2014

A estrutura urbana de Rabat, apresentada na figura 7, revela as principais centralidades, condicionantes e vetores que marcam essa capital. Entendemos que a forma urbana contemporânea da cidade é expressão de forças que a influenciam.

Figura 7 – Estrutura Urbana Contemporânea de Rabat



LEGENDA:

- - - Limite administrativo do município de Rabat
- ▲▲▲ Barreiras (alta declividade)
- - - linha férrea/VLT
- - - ▶ Tendências de expansão
- - - Eixos viários
- Centro
- Sub-centro
- * Marco de referência
- Cinturão verde, floresta, terrenos agrícolas e parques
- Tecido islâmico tradicional (medina e kasbah)
- Zona inundável

Fonte: Mapa produzido pela autora com base em foto aérea extraída do Google earth, imagem @ 2014, Digital Globe. Outubro, 2014.

Nesta paisagem, os limites naturais de Rabat se mesclam com o limite administrativo estabelecido, não por acaso. A noroeste, o limite é o próprio oceano Atlântico. A nordeste, o rio Bouregreg. A sudoeste e sudeste, os limites ficam por conta da presença da grande floresta de Temara (cidade vizinha a Rabat e parte da região metropolitana), do cinturão verde proposto no plano diretor de 1972 e do rio Bouregreg cuja sinuosidade acompanha o limite administrativo.

O território de Rabat é constituído de uma vasta planície, com leve declividade direcionada para o litoral. O vale do rio Bouregreg apresenta planícies inundáveis e impróprias à ocupação urbana, mas adequadas para cultivos agrícolas, ainda presentes nessa capital. Também próximas às margens do rio, encontram-se as únicas áreas com maior declividade da região e que impõem condicionantes de ocupação, assim como a zona inundável. A figura 8 apresenta uma vista panorâmica parcial da cidade, em que podemos verificar a organização espacial e volumétrica dos tecidos urbanos na vasta planície às margens marítimas e fluviais. Apresenta, ainda, a área inundável do vale destinado à agricultura.

Figura 8 – Vista panorâmica de Rabat e vista do vale do Bouregreg



Fonte: Ministério da Cultura – Direção do Patrimônio de Rabat. Relatório completo UNESCO, Rabat, capital moderna e cidade histórica. Janeiro, 2011.

Na foz do rio Bouregreg, em ambas as margens, deu-se o início do desenvolvimento urbano. A cidade pré-colonial, representada pela medina e kasbah, são entidades individualizadas. Permaneceram no território enquanto assentamentos iniciais como um tecido urbano tradicional, uma área diferenciada na cidade. Na margem esquerda, essa região engloba tanto a medina, uma sub-centralidade, quanto a Kasbah dos Oudayas, também objeto de estudo desta dissertação. A kasbah é uma fortaleza militar instalada ali pela condição de promontório natural do estuário do Bouregreg. A figura 9 ilustra essa fortificação transformada em habitat tradicional.

Figura 9 – Kasbah dos Oudayas

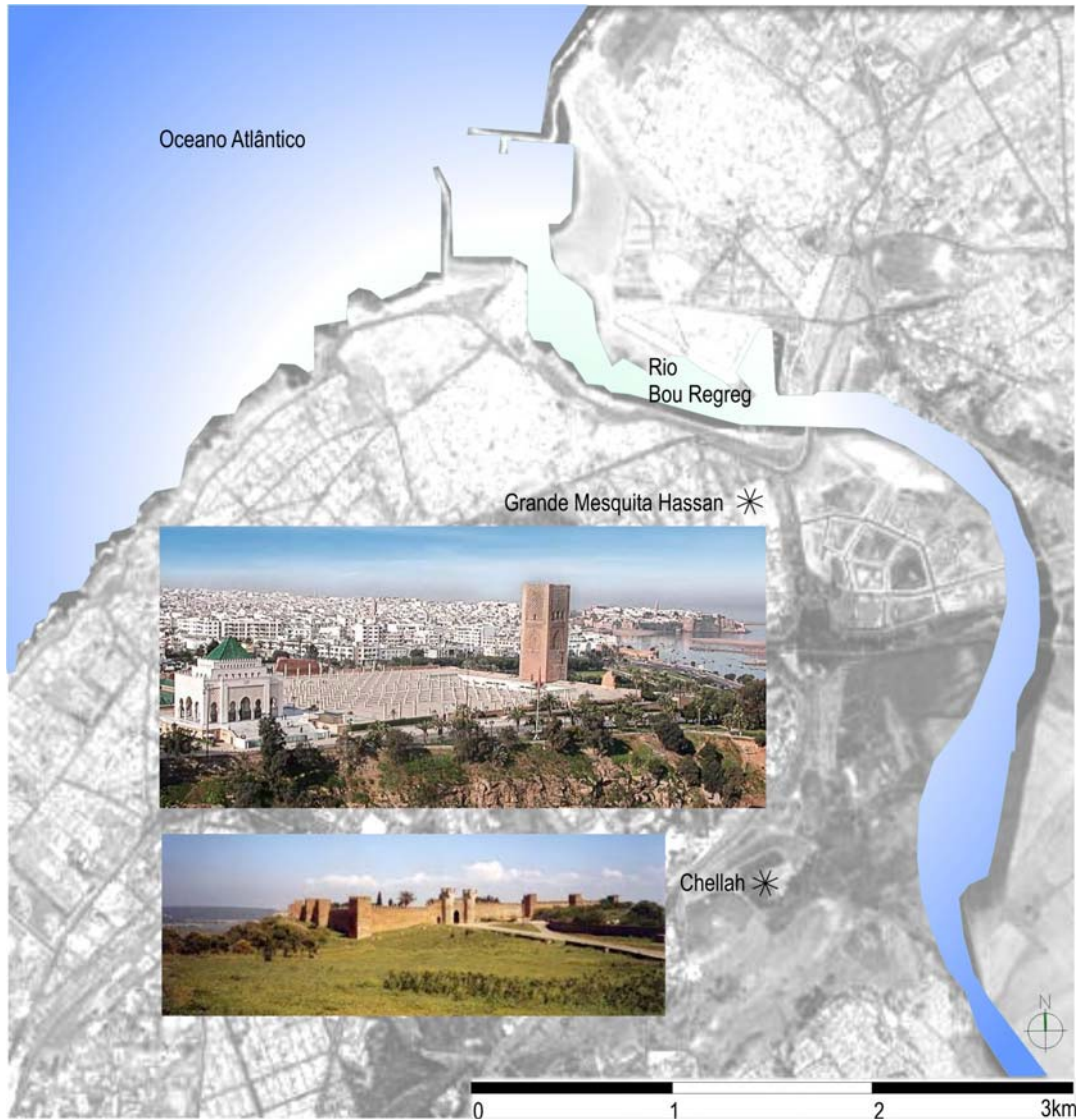


Fonte: Mapa produzido pela autora com base em foto aérea extraída do Google earth, imagem @ 2014, Digital Globe. Outubro, 2014.

Além da kasbah, dois outros marcos de referência fazem parte da cidade: o assentamento urbano romano e merinide, Chellah, e a grande mesquita Hassan, construída no

período de fundação da cidade de Rabat na época dos almóadas, situada em sítio privilegiado na bacia do Bouregreg. A figura 10 ilustra esses dois marcos.

Figura 10 – Mapa com a posição geográfica e figura ilustrativa do Chellah e da mesquita Hassan



Fonte: Mapa produzido pela autora com base em foto aérea extraída do Google earth, imagem @ 2014, Digital Globe. Outubro, 2014.

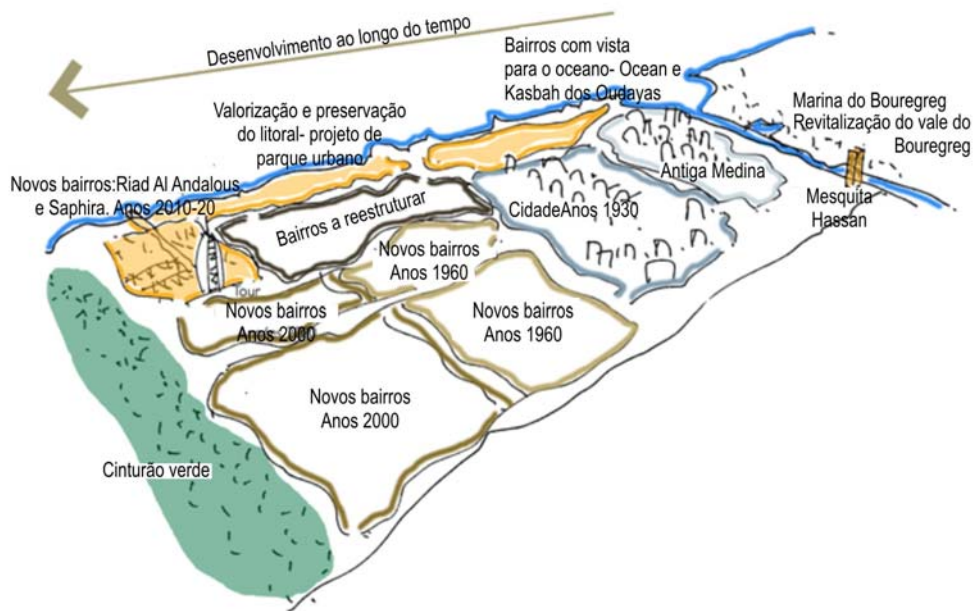
Eixos de expansão

Rabat possui três grandes vetores de expansão: eixo oeste (ao longo do litoral), eixo sul (margeando a floresta de Temara) e eixo sudoeste (passando pelas duas sub-centralidades). Os dois primeiros apresentam maior oportunidade de adensamento e crescimento, sendo por nós classificados como eixos com tendências presentes de expansão, com base no relatório de planejamento metropolitano de Casablanca-Rabat, fornecido pela

Direção Urbana de Rabat.⁶ O último constitui parte relevante para a cidade, por possuir dois pólos atrativos que contam com a presença de novos serviços, comércio e instituições – Agdal e Hay Riad. Esse eixo foi o que mais apresentou desenvolvimento nos últimos vinte anos e, por isso, não é aqui classificado como tendência presente de expansão, embora apresente um novo bairro, de alto padrão, em construção: o Riad Al Andalous.

O eixo oeste, no litoral, já passou por períodos de expansão e requalificação desde meados do século XX. Já foi objeto de atenção do estado marroquino, com inserção de conjuntos habitacionais populares concebidos com base em tecidos urbanos islâmicos tradicionais. Também foi alvo de assentamentos clandestinos, que posteriormente foram urbanizados e se caracterizam no presente enquanto bairros populares. Recebeu o cinturão verde no extremo limite do município, como forma de consolidar o limite da expansão, envolvendo a área administrativa de Rabat, salvaguardando o plano de espaços livres e vegetalizados que configuraram o município desde o início de sua ocupação. No início do século XXI, essa área tornou-se objeto de interesse imobiliário, pela posição privilegiada litorânea. Tanto o estado quanto empresas privadas visam construir no limite mais extremo ao cinturão verde, como indica a figura 11.

Figura 11 – Croquis da evolução litorânea de Rabat



Fonte: Croquis feito por Emaar Morocco. Saphira project. 2009.

⁶ ROYAUME DU MAROC. Ministère de l'aménagement du territoire, de l'éau et de l'environnement, direction de l'aménagement du territoire. Etude du schéma d'organisation fonctionnelle et d'aménagement de l'aire métropolitaine centrale Casablanca-Rabat. 2005. Tradução feita pela autora da presente pesquisa.

Há um projeto em desenvolvimento chamado Saphira, que inclui um tecido misto, com propostas de apartamentos de alto luxo, parque urbano, torre de serviços e um desenho contemporâneo para a arquitetura que será ali instalada.

Centros e sub-centros

Um outro aspecto a ser ilustrado para melhor visualização de suas características são o centro e sub-centros. O centro de Rabat foi planejado pelo urbanista francês Henri Prost e construído durante o Protetorado francês a partir de 1912. Nele encontra-se o setor administrativo, comércio e habitação multifamiliar com edifícios de até quatro pavimentos. As amplas avenidas com canteiros centrais arborizados faziam parte do conceito higienista da época e do sistema de parques implantado como identidade urbana da nova capital. Aproximação de serviços e conectividade foram os objetivos do plano de Henri Prost, urbanista francês, autor do projeto para a nova capital. Dessa forma, as instituições administrativas, bancos, teatro, estação ferroviária foram reunidas ao longo da grande avenida principal. O uso misto estabelecido ao bairro distribuiu os quatro andares residenciais sobre pilotis comercial, normalmente recuado e interconectado por arcadas contínuas, como é possível observar nas imagens apresentadas na figura 12. No início dos anos 2000, um projeto de mobilidade foi realizado com implantação de veículo leve sobre trilhos (tram), conectando o centro aos bairros mais periféricos. O bairro foi concebido para conservar a presença humana nas ruas, o que sempre foi característico do mundo árabe com os *souks* (mercados) nas medinas.

Figura 12 – Localização e imagens de referência do centro de Rabat



Fonte: Montagem produzida pela autora. Mapa com base em foto aérea extraída do Google earth, imagem @ 2014, Digital Globe. Novembro, 2014.

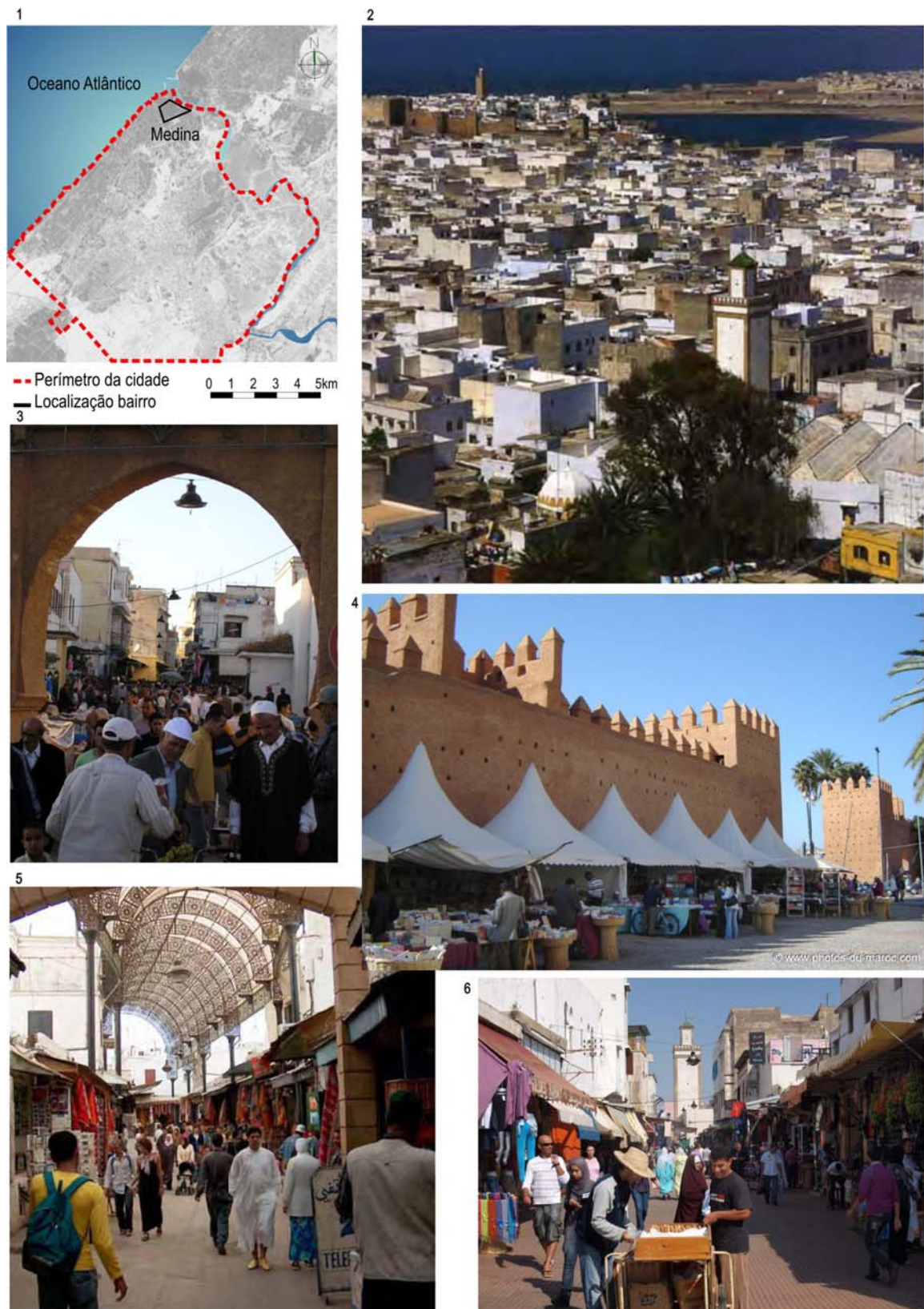
A medina é o sub-centro mais próximo do centro e é assim classificada por constituir o tecido da antiga cidade islâmica de Rabat. Por ter constituição tão diferente do projeto moderno, não perdeu sua centralidade, mas deixou de ser a única depois que Rabat passou a ser capital do Reino do Marrocos.

Segundo definição de Amer⁷ (2014), uma *medina* é um bairro islâmico tradicional fortificado, que se desenvolve ao redor da mesquita principal, a partir da qual irradiam várias vias arteriais levando às diferentes portas da muralha. É também um espaço social onde tradicionalmente coabitam indivíduos de diferentes classes sociais. Na área comercial encontra-se o mercado, conhecido como *souk*, correspondente a área pública e sem habitação. Espacialmente, forma-se em torno da grande mesquita, abrigando funções ligadas às artes e ofícios.

A figura 13 apresenta a localização dessa sub-centralidade e algumas imagens da vida cotidiana desse habitat islâmico.

⁷ AMER, Selma Laroussi. Arquiteta paisagista. A definição trazida a esta dissertação é fruto de entrevista realizada em abril de 2014.

Figura 13 – Localização e imagens de referência da Medina de Rabat

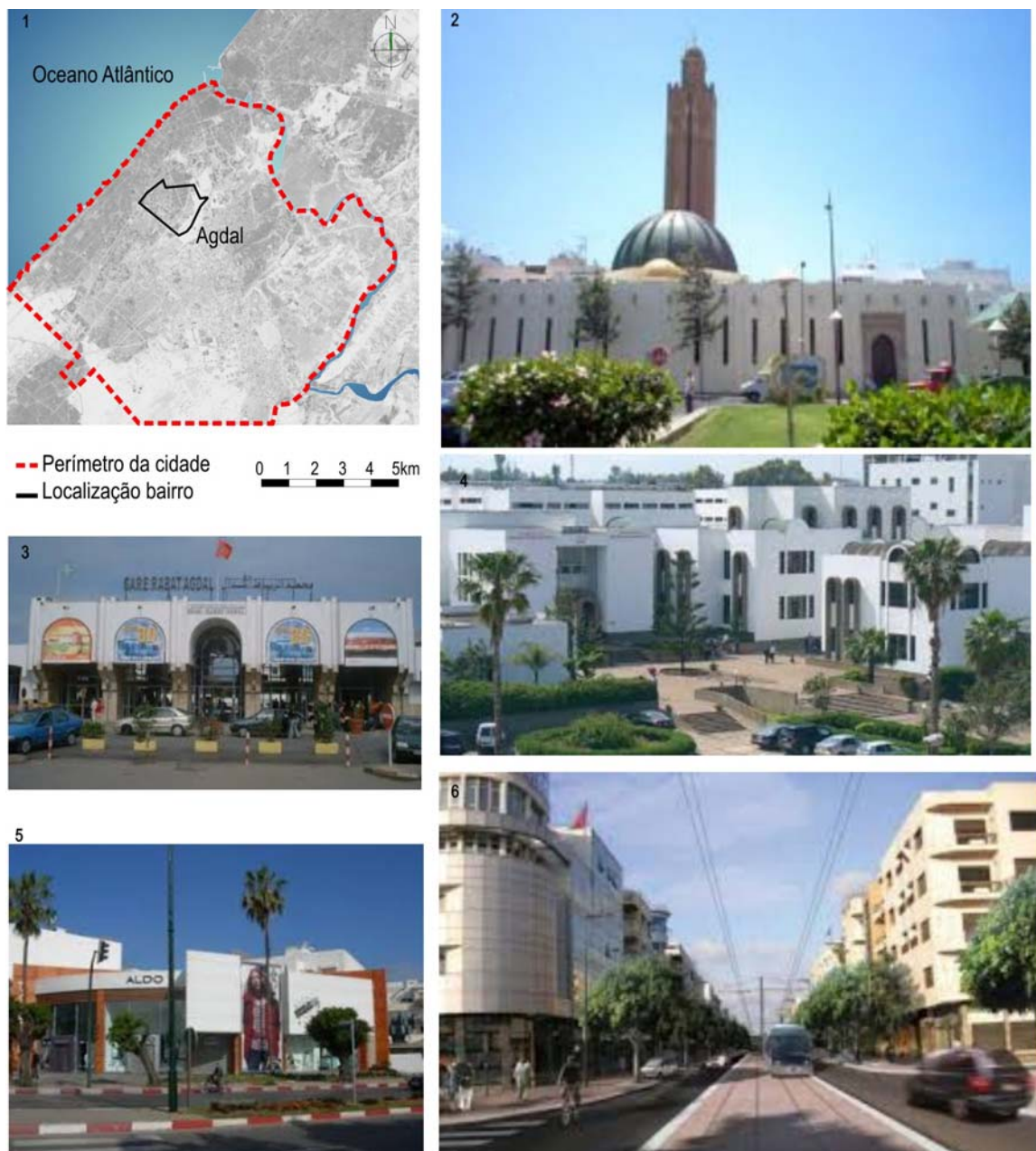


1. Mapa com localização da medina; 2. Vista aérea da medina; 3. Entrada por uma das portas (Bab) da muralha; 4. Vista da muralha do período mouro na divisa com o centro; 5. Rua Consul - rua pedestres com as atividades de comércio artesanal (mercado); 6. Continuação rua Consul - setor alimentício e vestuários

Fonte: Montagem produzida pela autora. Mapa com base em foto aérea extraída do Google earth, imagem @ 2014, Digital Globe. Novembro, 2014.

O baixo Agdal, parte mais antiga do bairro planejado durante o Protetorado francês, é o segundo sub-centro da capital. De tecido descontínuo unifamiliar residencial num primeiro momento, transformou-se em tecido contínuo multifamiliar e misto, a partir dos anos oitenta, quando as casas foram substituídas por edifícios acoplados uns aos outros com uso parcial para serviço – escritórios – e parcial para apartamentos voltados para classe média alta. Caracteriza-se em 2014 como um pólo de serviços e comércio, com presença de escolas, clubes, restaurantes, mesquita e algumas secretarias administrativas do município. A figura 14 ilustra algumas das funções citadas.

Figura 14 – Localização e imagens de referência do bairro Agdal





1. Mapa com localização do bairro Agdal; 2. Vista da mesquita; 3. Vista da estação ferroviária; 4. Vista prédios institucionais; 5. Área comercial; 6. Avenida de uso misto com a instalação do tram; 7. Uso misto atrativo público - dinamismo no bairro; 8. Paisagem padrão do bairro - prédios de uso misto com até 5 pavimentos e implantados de forma contínua

Fonte: Montagem produzida pela autora. Mapa com base em foto aérea extraída do Google earth, imagem @ 2014, Digital Globe. Novembro, 2014.

O bairro Hay Riad foi construído no final do século XX, planejado pelo Estado para expandir seu núcleo administrativo. Essa característica reúne ministérios, secretarias, embaixadas, sede do Banco do Marrocos, universidades e clubes, fazendo com que esse bairro tenha se conformado em outro sub-centro para a cidade. Possui também nesse núcleo o uso misto, com edifícios de alto luxo e comércio e serviço locais. A linguagem arquitetônica contemporânea e com novas tecnologias diferencia esse bairro do restante da cidade. Também a escala urbana assume outra dimensão. A identidade aqui tem caráter global e urbanismo pós-moderno. O restante do bairro possui tipologia de habitat ocidentalizado, caracterizado por residências unifamiliares individuais e separadas por afastamentos laterais, de fundo e frontais. A figura 15 ilustra algumas destas descrições.

Figura 15 – Localização e imagens de referência do bairro Hay Riad



1. Mapa com localização do bairro Hay Riad; 2. Vista da sede da cia telefônica Maroc Telecom; 3. Vista da mesquita; 4. Rua comercial para pedestres; 5. Bairro de uso misto com edifícios de até 06 pavimentos; 6 e 7. Prédios institucionais e serviços

Fonte: Montagem produzida pela autora. Mapa com base em foto aérea extraída do Google earth, imagem @ 2014, Digital Globe. Novembro, 2014.

3.3 Os tecidos urbanos de Rabat

Os tecidos urbanos que conformam a cidade de Rabat em 2014 foram constituídos pela natural sucessão das transformações decorrentes ao processo evolutivo, numa materialização da história através do acúmulo e adaptação das formas.

Segundo dados do plano diretor de Rabat – Plan d’Aménagement Unifié de la Ville de Rabat (PAU, 2009), há sete tipos gerais de tecido urbano na cidade de Rabat-Salé,

que se reúnem em quatro grandes grupos: tecido contínuo, tecido descontínuo, tecido industrial e tecido especial (favelas).

- I. O **tecido contínuo** é assim denominado pela Agência Urbana de Rabat porque as casas ou prédios são geminados ou ligados uns aos outros formando séries em ilhas. As edificações são alinhadas à rua e podem possuir espaços abertos de uso coletivo no seu interior. Esse grupo pode ser relacionado tanto a tecidos mais antigos tradicionais e espontâneos quanto aos modernos e planejados. A figura 16 apresenta foto representativa desse modelo de tecido urbano, que pode ser muito ou pouco denso.

Figura 16 – Modelos de tecidos contínuos

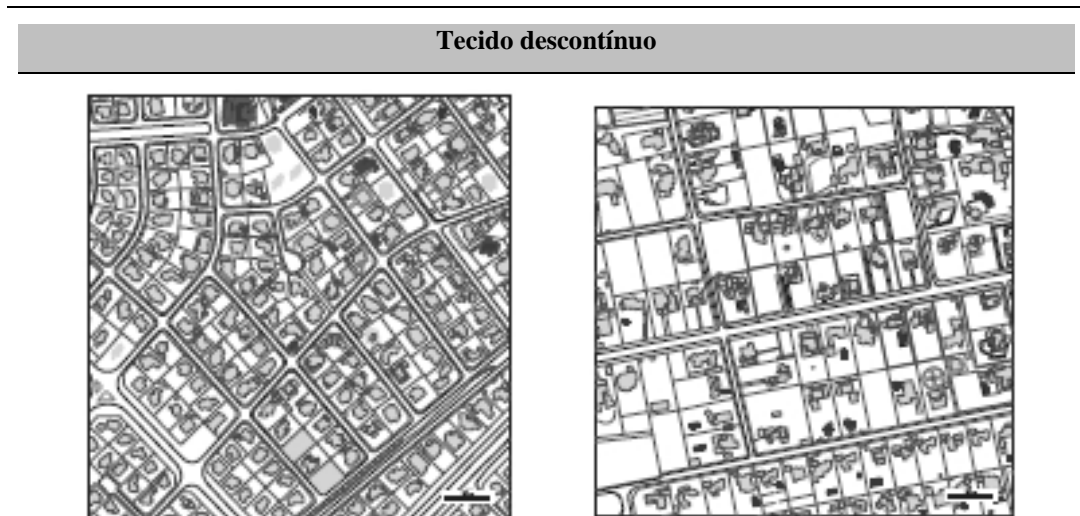
Tecidos contínuos (tradicional, como a medina à esquerda ou planejado, à direita)



Fonte: Atelier parisien d'urbanisme. Plan d'Aménagement Unifié de la Ville de Rabat. Mission 2 – Diagnostic Analyses thématiques et spatiales. Abril, 2009.

- II. O **tecido descontínuo** foi assim nomeado por ter edifícios construídos individualmente, sem ideia de conjunto, afastados entre si, em variadas disposições. Todos os lados do edifício constituem fachadas com aberturas, tornando impossível de se acoplarem uns aos outros. Esse tipo de tecido é planejado e recente e só vem aparecer na cidade após o final do século XX. A figura 17 apresenta foto ilustrativa deste modelo de tecido urbano, que igualmente varia em densidade de ocupação, assim como o tecido contínuo referido anteriormente.

Figura 17 – Modelos de tecidos descontínuos

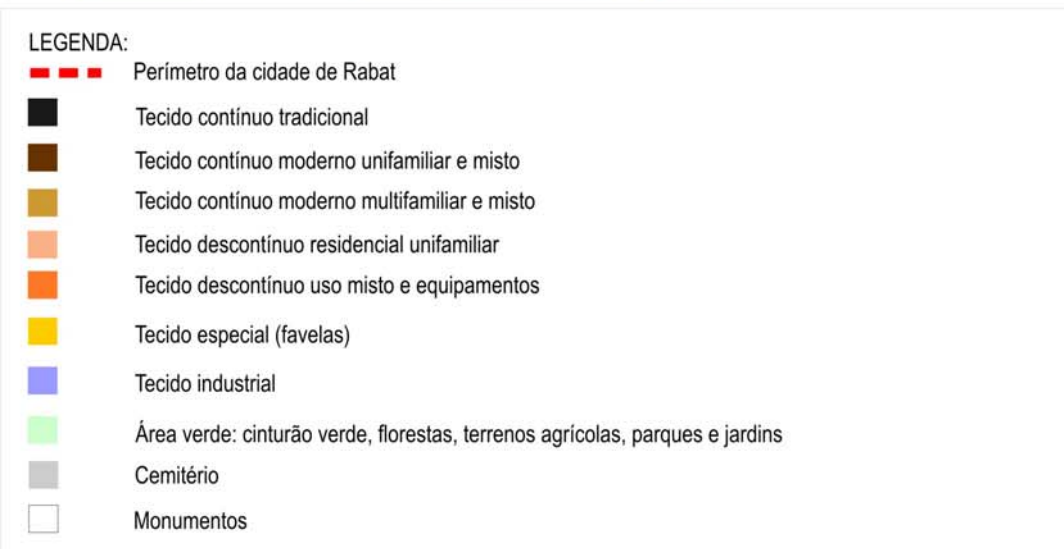
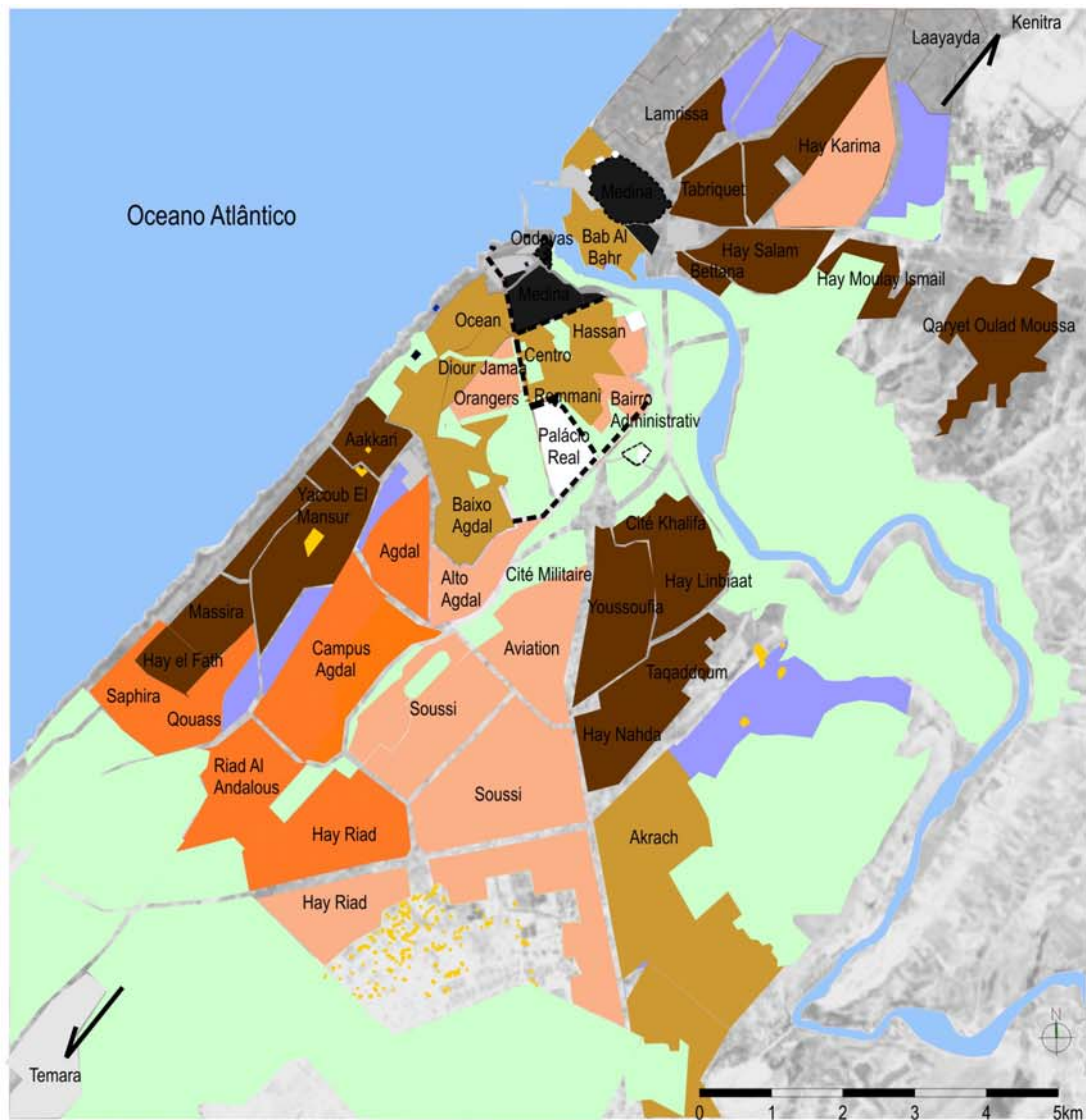


Fonte: Atelier parisien d'urbanisme. Plan d'Aménagement Unifié de la Ville de Rabat. Mission 2 – Diagnostic Analyses thématiques et spatiales. Abril, 2009.

- III. O **tecido industrial** é um tecido planejado que surge a partir do primeiro período de expansão da capital, por volta da década de 1950.
- IV. O **tecido especial** caracteriza-se por assentamento informal. Esse tecido surge com o crescimento populacional descontrolado com a definição de Rabat como nova capital. Aparece ao longo da costa marítima de Rabat e nas rondozas da medina de Salé até que o Estado prevê a construção de conjuntos habitacionais populares para atender à demanda do período. Em 2014 encontra-se com predominância na periferia sul de Rabat próximo ao cinturão verde, região ainda bastante desocupada. Também estabelece-se ao longo do litoral, mas de forma rarefeita.

A figura 18 apresenta o mapa de tecidos urbanos de Rabat.

Figura 18 – Mapa de tecidos urbanos de Rabat



Fonte: Mapa produzido pela autora com base em foto aérea extraída do Google earth, imagem @ 2014, Digital Globe. Outubro, 2014.

1. Tecido contínuo tradicional

Este tecido é encontrado dentro do primeiro plano urbano da cidade, incorporando a Kasbah dos Oudayas e a Medina da época dos Mouros. Constitui o típico habitat marroquino, islâmico, tradicional, orgânico e espontâneo. Conformam pólos atrativos para toda a cidade. Representa um assentamento popular.

2. Tecido contínuo unifamiliar e misto

Este tecido é encontrado dentro da primeira expansão da cidade moderna. Foram bairros planejados pelo Estado durante o período do Protetorado francês. Os maiores exemplos são os conjuntos habitacionais populares Yacoub Al Mansour e Youssoufia, que foram concebidos em condições semelhantes aos serviços básicos de uma Medina.

3. Tecido contínuo multifamiliar e misto

Este tecido foi planejado e construído de 1920 a 1950. É encontrado no centro da cidade e nos bairros Océan e baixo Agdal. Também está previsto para o bairro Akrach, para relocação da ocupação irregular próxima a ele. Abriga bairros populares e de classe média, densos e com presença de população nas ruas, o que contribui para o dinamismo e diversidade urbana.

4. Tecido descontínuo de uso misto e equipamentos

Este é um tecido planejado, encontrado no eixo de expansão Agdal-Hay Riad, central e paralelo à orla marítima. É conformado por grandes glebas. Os lotes são ocupados por um ou mais edifícios isolados, geralmente construídos segundo planejamento prévio, não alinhados ao longo das ruas. O sistema viário é constituído de vias mais largas e com maior intensidade de circulação. É um tecido com pouca densidade e alta taxa de lotes vagos. Conta também com presença considerável de áreas verdes e esportivas. (PAU, 2009).

5. Tecido descontínuo residencial unifamiliar

Este tipo de tecido aparece em Rabat no início do século XX e simboliza o habitat moderno, de classe social média-alta que abandona a casa tradicional - com pátio no interior em pequena parcela - para o tipo edilício com jardim voltado para o exterior, lotes grandes e casas isoladas entre si, apreendendo o conceito ocidental e globalizado. O bairro Souissi, que surge com esse tecido, é procurado por funcionários estrangeiros (diplomatas e embaixadores), por Rabat ser capital político-administrativa, pólo turístico, cultural,

educativo, patrimonial, o que contribui consideravelmente para a conformação desse tipo de demanda na capital.

6. Tecido especial (Favelas)

É um tipo de assentamento informal. Lembra a fase inicial de um habitat marroquino tradicional, porém com materiais precários e reaproveitados, residências de dois cômodos e um pavimento. Não possui sistema viário hierarquizado e nem infra-estrutura urbana. O assentamento se dá de forma orgânica e espontânea. São pequenas parcelas e alta densidade ocupacional.

7. Tecido industrial

Em Rabat, esse tecido é marcado predominantemente pela indústria artesanal. É um tecido planejado e concentrou-se na área estabelecida pelo plano de Ecochard, entre Yacoub El Mansur e o Campus Agdal-Souissi. É um tipo de tecido urbano com grande capacidade de adaptação e transformação pelas inúmeras possibilidades de renovação de usos e forma. Apresenta baixa densidade de ocupação e construções de grande porte. (PAU, 2009).

No quarto capítulo, seguimos com a análise da evolução urbana de Rabat, para compreendermos as relações entre os elementos aqui apresentados e o processo que resultou nessa estrutura urbana.

4 A EVOLUÇÃO URBANA DE RABAT

Este capítulo apresenta a aplicação do método da Escola Inglesa de Morfologia Urbana. Pela análise da evolução urbana de Rabat visamos detectar as zonas históricas nas quais a cidade foi edificada ao longo do tempo. Pelos períodos morfológicos de desenvolvimento urbano, apresentados pela forma urbana como resultado das inovações ocorridas em cada período, investigamos cada fase evolutiva que compõe a cidade.

Como fechamento do capítulo em pauta, após análise do acúmulo das formas na construção da cidade de Rabat, propomos uma setorização da cidade em regiões morfogenéticas, as quais podem servir como novo olhar para gestão e conservação da mesma. A análise propõe uma reflexão sobre as qualidades do espaço construído, algumas já reconhecidas pelo estado marroquino e pela UNESCO, mas que acreditamos poderem receber uma nova classificação quanto ao patrimônio que constituem.

4.1 Análise dos períodos morfológicos

Segundo o método proposto por MRG Conzen, o estudo evolutivo baseia-se nos períodos históricos e evolutivos. Os períodos morfológicos representam a síntese entre os dois. A delimitação de um período morfológico deve ser convencionalizado após análise e reconhecimento dos fatos, com delimitação de datas e pelo reconhecimento das inovações materializadas na paisagem urbana, determinando características formais.

Os períodos morfológicos foram identificados com base em referenciais históricos e no documento construído pelo Diretor de Patrimônio da Agência do Bouregreg, Dr. Es-Semmar, sobre a evolução urbana de Rabat-Salé durante os últimos vinte e cinco séculos, fruto de sua tese de doutorado. Mapas do Plano diretor de Rabat também são usados para compreensão da estrutura urbana contemporânea da capital. São apresentados os mapas elaborados em 2014 pela autora.

Para o Marrocos, os períodos históricos considerados relevantes para este estudo, são constituídos por três eras de influência:

A – Antes da islamização (séc. V aC a séc III dC)

B – A islamização do Marrocos (681 dC a séc XVI dC)

C – Árabes (1554 dC a 2014)

A partir do entendimento geral dos períodos históricos nas três grandes eras, detectamos os períodos evolutivos, baseando-nos nas inovações e evoluções refletidas na paisagem de Rabat-Salé. Doze períodos foram detectados, sendo eles:

Período Cartago e Roma (séc. V aC a III dC)

Período Almorávidas (1100-1150 dC)

Período Almóadas 1º califa (1150-1163 dC)

Período Almóadas 2º e 3º califas (1163-1253 dC)

Período Merinides e Wattassides (1253-1609 dC)

Período Saadiano – Mouros (1609-1666 dC)

Período Alaouita – Idade de Ouro (1666-1727 dC)

Período Alaouita – Expansão e Consolidação (1757-1912 dC)

Período Alaouita – Protetorado francês (1912-1956 dC)

Período Alaouita – Independência (1956-1972 dC)

Período Alaouita – Plano diretor de Rabat-Sale 1971-72 (1972-1990 dC)

Período Alaouita – Plano diretor de Rabat-Sale 1991 (1990-2014 dC)

Foram relacionados os dois períodos (histórico e evolutivo), chegando-se à definição dos períodos morfológicos apresentados no quadro 1:

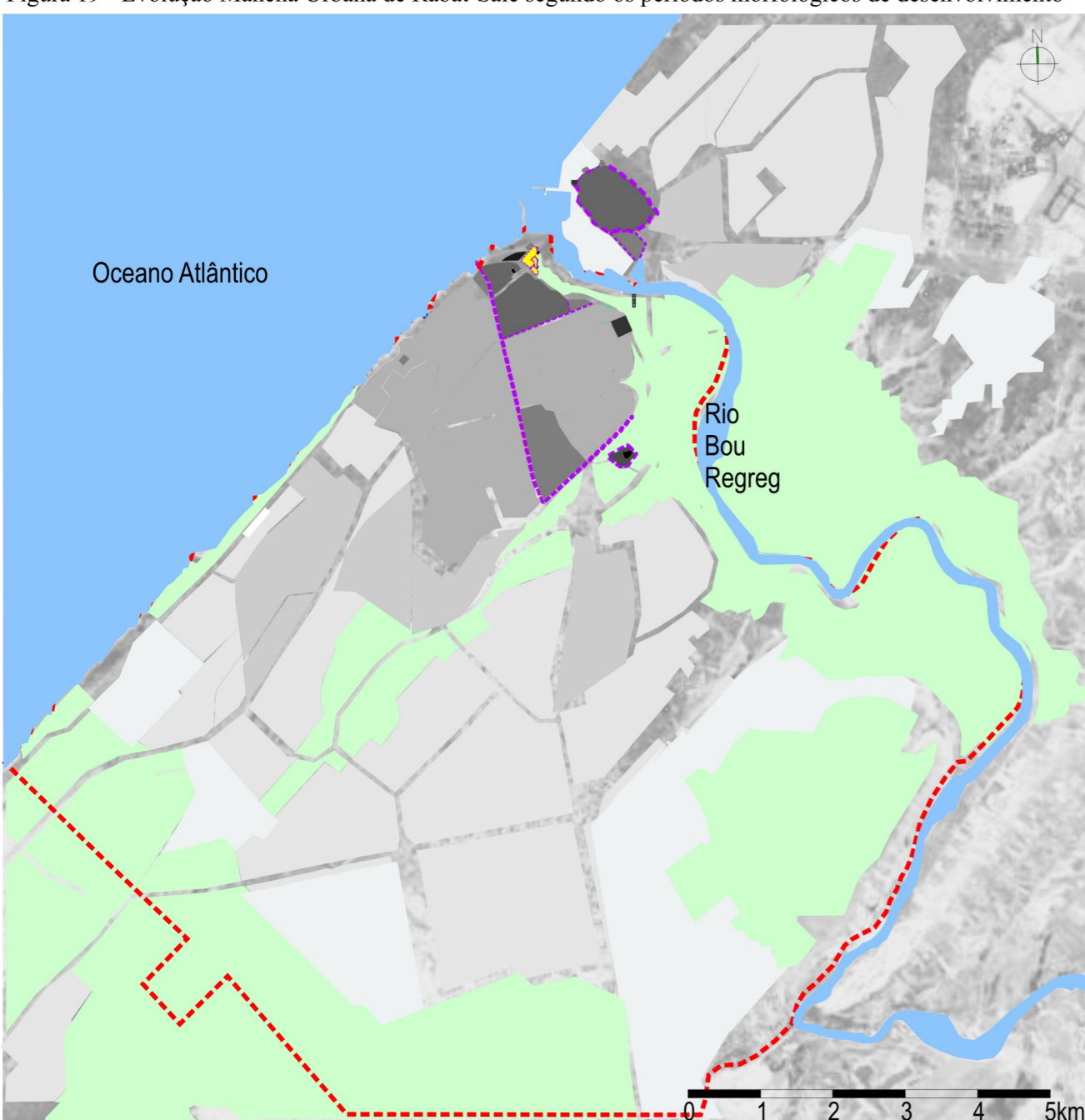
Quadro 1 – Quadro com períodos morfológicos da evolução urbana de Rabat

PERÍODOS HISTÓRICOS E EVOLUTIVOS			PERÍODOS MORFOLÓGICOS
Antes da islamização	Período feniciano-cartageno-Romano	séc. V aC à séc.III dC	Período Clássico
Após a Islamização 681D.C a séc. XVI D.C	IMPÉRIO ALMORAVIDA séc. X a XII D.C	1ª metade. séc. XII 1039-1150	Período Ribat Almorávida
	IMPÉRIO ALMÓADA séc.XII-XIII D.C	1150-1163 1º Califa	1º Período Ribat Al Fath
		1163-1253 2º e 3º Califas	2º Período Ribat Al Fath
	DINASTIA MERINIDES e WATTASSIDES séc.XIII a XVI D.C	1253-1609	Período Aribat Al Mobarak
Árabes 1554 a 2014	DINASTIA SAADIANA 1554 a 1650 D.C	1609-1666 Expulsão dos mouros da Espanha	Período dos Mouros
	DINASTIA ALAUITA 1636 a 2014	1666-1727 Moulay Rachid – Moulay Ismail	Período Idade de Ouro
		Sidi Mohammed ben Abdallah – reconstrução do Marrocos 1757-1790-1912	Período de expansão e consolidação
		1912-1941 Rabat capital e cidade moderna	Período do Protetorado francês
		1941-1956 Plano Ecochard	1ª Expansão Urbana do Período do Protetorado francês
		1956 a 1990 Rei Hassan II	Período de Independência até o SDAU (Schema Directeur Rabat-Salé) Rabat-Sale 1971-72
		1990 a 2014 Rei Mohammed VI	Período SDAU Rabat-Sale 1991

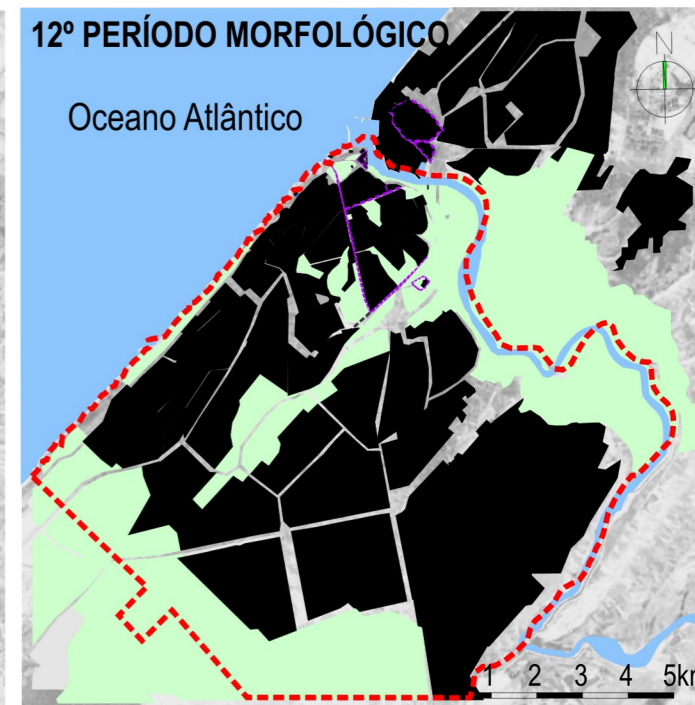
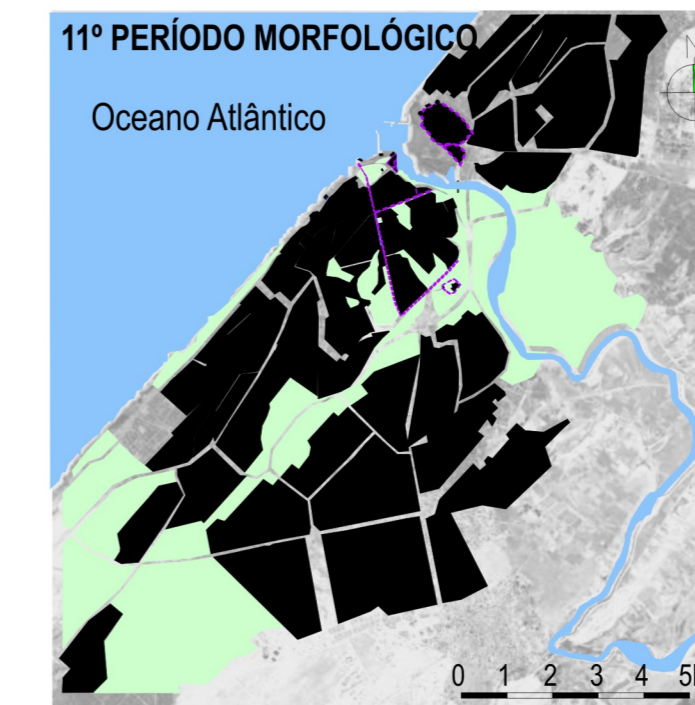
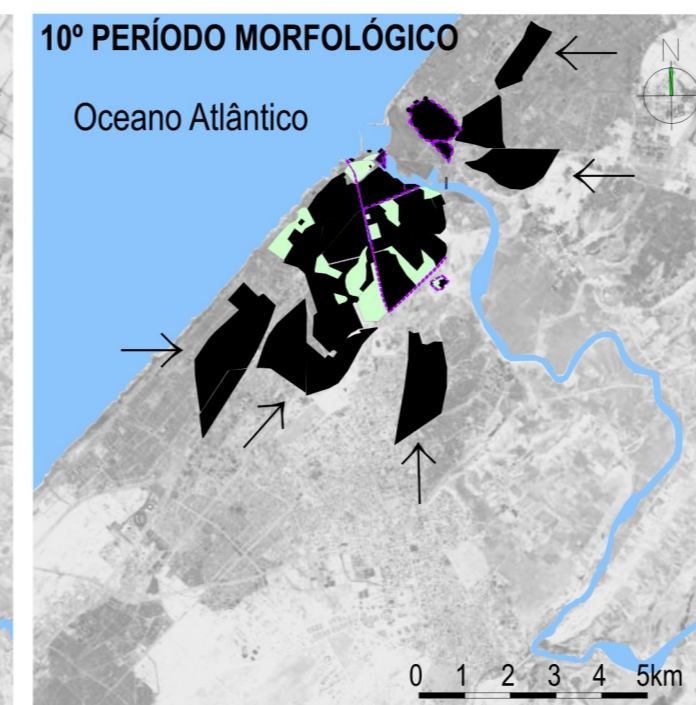
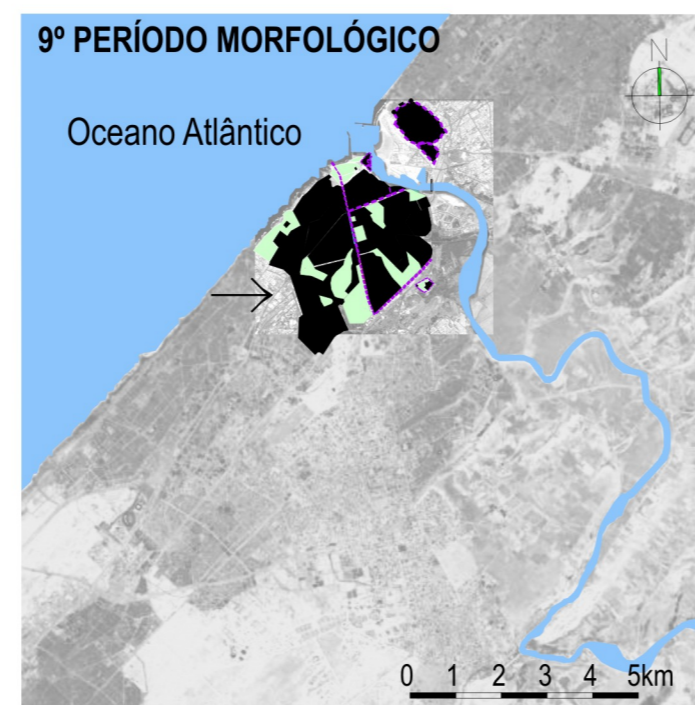
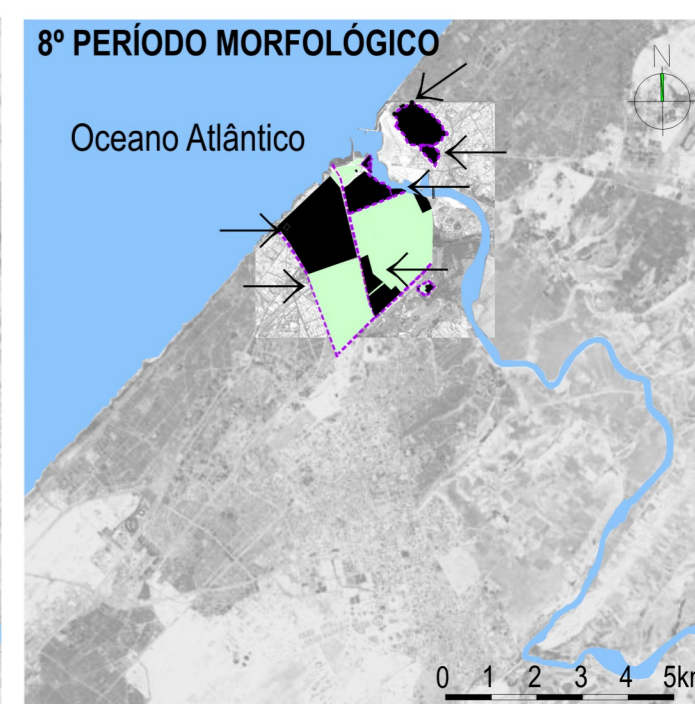
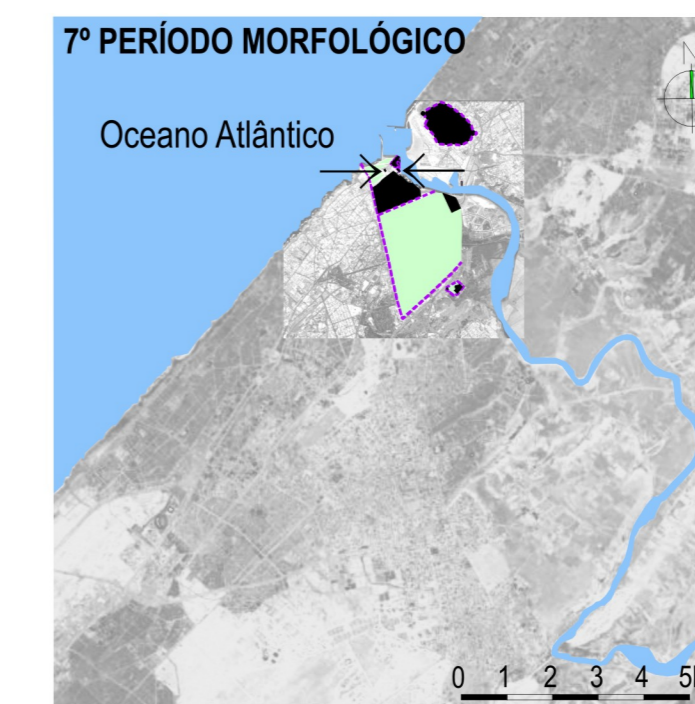
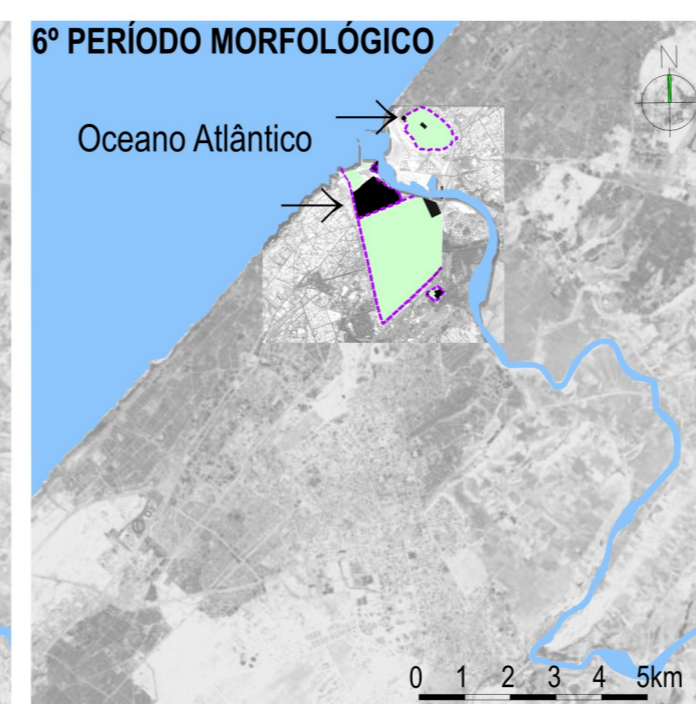
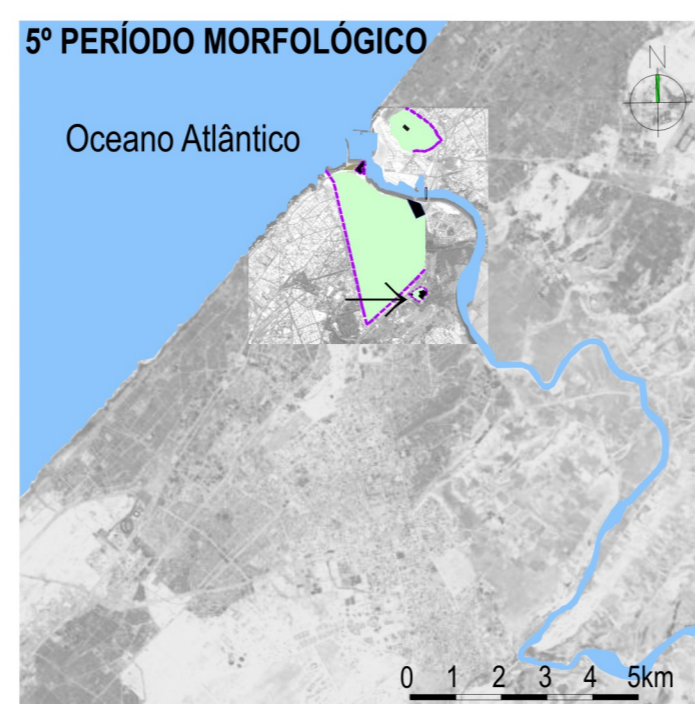
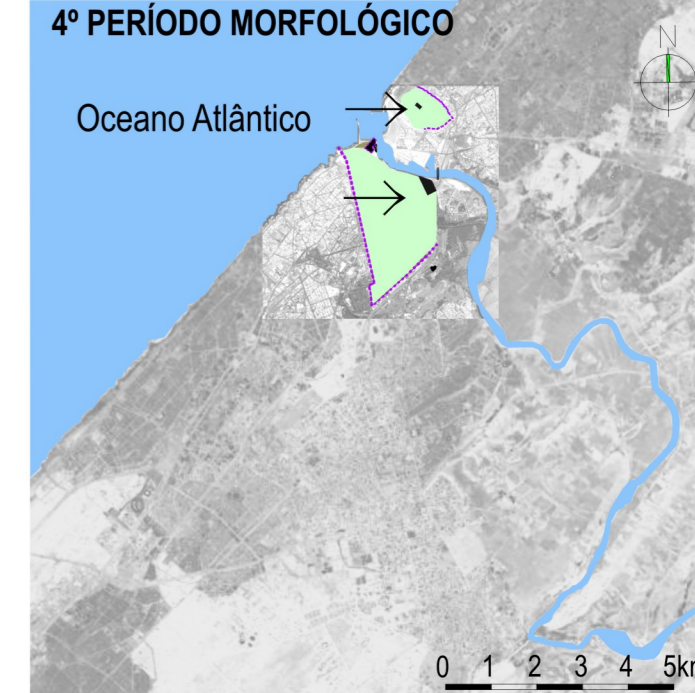
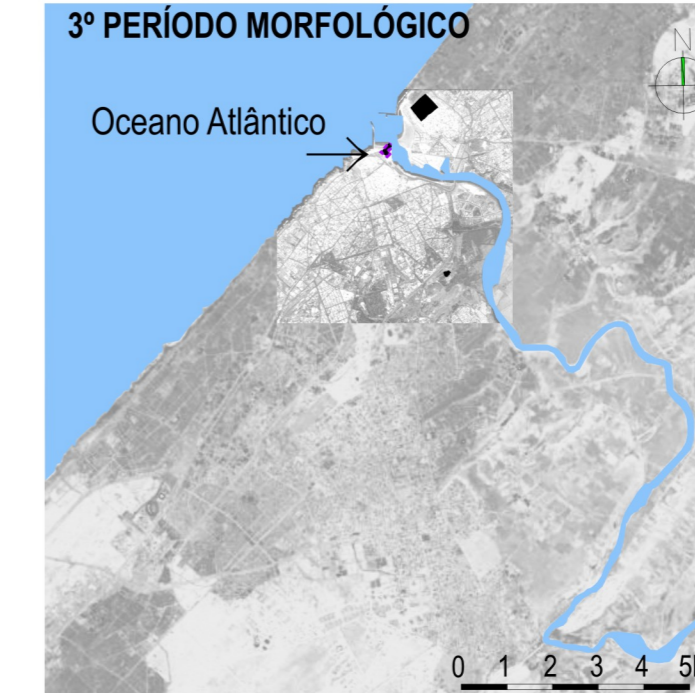
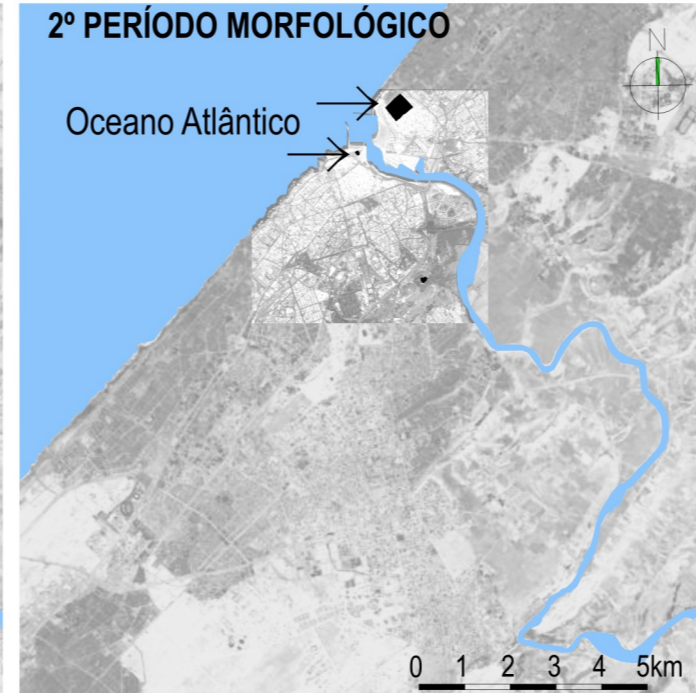
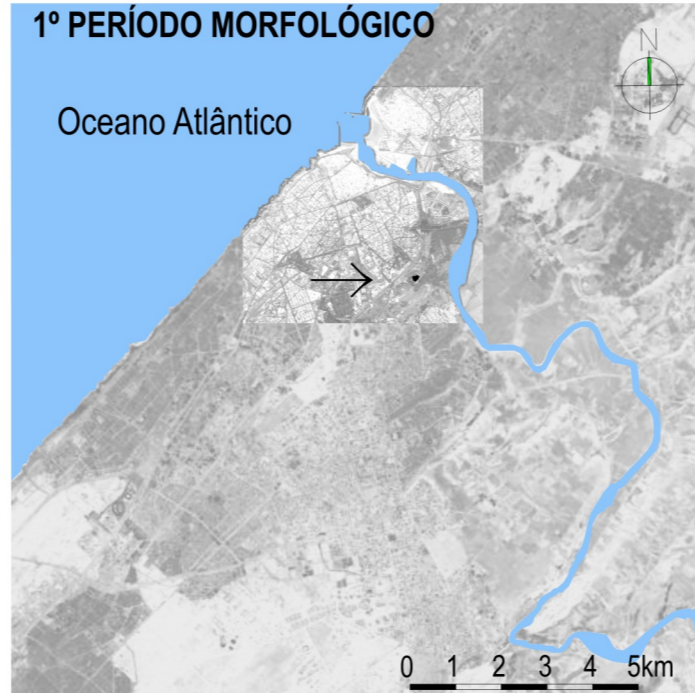
Fonte: Produzido pela autora com base em bibliografia histórica. Abril, 2014.

Pelas manchas urbanas referentes a cada período, podemos compreender o processo de ocupação de Rabat. A figura 19 introduz a acumulação das formas na estruturação do território político-administrativo da capital.

Figura 19 - Evolução Mancha Urbana de Rabat-Salé segundo os períodos morfológicos de desenvolvimento



- LEGENDA:**
- - - Limite administrativo do município de Rabat
 - - - Muralha
 - Kasbah dos Oudayas - objeto de investigação
 - Área verde
 - Séc. V a III aC - ocupação romana (1º período morfológico)
 - 1100 - 1150 dC - ocupação almorávidas (2º período morfológico)
 - 1150 - 1163 dC - ocupação almôadas (3º período morfológico)
 - 1163 - 1253 dC - ocupação almôadas (4º período morfológico)
 - 1253 - 1609 dC - ocupação merinides e wattassides (5º período morfológico)
 - 1609 - 1666 dC - ocupação Mouros (6º período morfológico)
 - 1666 - 1727 dC - ocupação alauíta (7º período morfológico)
 - 1757 - 1912 dC - ocupação alauíta (8º período morfológico)
 - 1912 - 1956 dC - protetorado francês (9º período morfológico)
 - 1912 - 1956 dC - protetorado francês/ plano Ecochard (10º período morfológico)
 - 1956 - 1990 dC - independência/ ocupação alauíta (11º período morfológico)
 - 1990 - 2015 dC - período contemporâneo/ ocupação alauíta (12º período morfológico)



Fonte: Mapas produzidos pela autora com base em foto aérea extraída do Google earth, imagem @ 2014, Digital Globe. Outubro, 2014.

Os períodos morfológicos de Rabat são apresentados com base em três pilares metodológicos: o marco histórico, a inovação e a forma urbana. A seguir apresentamos a análise dos doze períodos morfológicos estabelecidos.

1º período morfológico: período Clássico (séc. I a III dC)

No século I dC, os romanos decidem transformar a estação de apoio comercial existente desde a época dos fenicianos em cidade romana para ser capital sul do reino da *Mauritania Tingitane*, centro administrativo de Roma na África do Norte. A cidade, que era um campo militar, ficou conhecida como *Sala Colonia*, situando-se na margem esquerda do rio Bouregreg.

A posição geográfica desse assentamento urbano reunia todas as condições necessárias para manutenção da vida a essas populações primitivas: água em todas as estações do ano, posição estratégica de defesa do território, a proximidade com o vale do rio Bouregreg e acesso à pesca. Essas condições favoráveis indicam a escolha do sítio para instalação da estação de apoio comercial e posterior consolidação em centro urbano.

Sala Colonia constitui o primeiro assentamento urbano da atual capital Rabat. A cidade romana é composta por muralha de proteção, via principal, arco do triunfo, fórum, capitólio, basílica e termas. A implantação do conjunto monumental da cidade romana verifica-se ter sido realizada sobre adaptação do terreno natural em grande terraço para a via helenística. A estrutura urbana do sítio Chellah abrange superfície de quinze a vinte hectares. O limite da cidade romana é incerto, pois o sítio foi ocupado em tempos posteriores por dinastia islâmica, acrescentando monumentos mulçumanos e modificando a estrutura do lugar. A trama urbana romana se organiza sobre eixos relativamente regulares, dada a necessidade de adaptação ao sítio natural.

Apresentamos na figura 20, croquis esquemático do processo romano de implantação urbana, seguido por fotos das ruínas existentes em 2014.

Figura 20 – Croquis da cidade romana Sala Colonia e fotos das ruínas de Chellah em 2014



Estrutura da implantação romana em que se observa o centro cívico-religioso. A parte central desenvolve-se em torno do arco do triunfo, do capitolio e do edifício cívico do senado romano.

O Fórum



O Capitólio



Arco do Triunfo



Termas



Fonte: Produzido pela autora, sobre montagem foto aérea de 2001, fornecida pela Direção Urbana de Rabat. Setembro, 2014. Ministério da Cultura. Relatório completo UNESCO, Rabat, capital moderna e cidade histórica. Janeiro, 2011.

A basílica faz parte do conjunto pré-romano. O monumento conserva no presente as colunas em pedra calcário cinza. Outro edifício pré-romano possui função comercial. Seus

vestígios permanecem no sítio e estima-se pertencer ao século VII aC, segundo situa Boube (1966),¹ pelo reconhecimento da técnica construtiva existente tanto na Mauritânia ocidental e Volubilis, quanto em Sala. O edifício retangular possui 28,7 metros por 20,6 metros. Desenvolve-se em planta com três setores e implantado sobre terreno com alta declividade.

O planejamento romano incluía a reserva de um espaço público, o Fórum (com área de 750 m²), no qual se construíram as diferentes edificações que conformariam o centro cívico-religioso dessa cidade romana. Em planta, esse espaço ocupava uma extensão de 60 metros, sobre pavimentação que se situava na confluência de dois eixos viários principais perpendiculares e retilíneos, o *cardus* e o *decumanus maximus*. A parte central desenvolve-se em torno do arco do triunfo, do capitólio e do edifício cívico do senado romano.

O arco do triunfo posiciona-se ao centro da praça formada para alargamento da via principal. Possuía por base quatro pilares de pedra, dos quais apenas três conservam suas bases na paisagem, em 2014. A largura do monumento é estimada com dimensões de dezessete metros de largura por três metros de profundidade. A passagem central possuía quatro metros e as laterais, dois metros. O modelo desse arco lembra ao de Constantino em Roma.²

O capitólio é um edifício construído sobre dois terraços sobrepostos. O plano inferior, próximo ao arco do triunfo e aberto para a via principal, possui nove salas que servem de apoio ao templo, situado no plano superior. A planta do edifício possui forma retangular sobre área de 46 por 26 metros. Sobre as vedações de fechamento do templo aparecem ainda vestígios de revestimentos em mármore coloridos. (BOUBE, 1966).

O conjunto de termas é composto por duas salas quentes, um forno semi-circular, uma sala fria, duas piscinas, rede de esgoto e cisterna. Em sua origem o edifício foi revestido em mármore branco e piso em mosaico geométrico branco e azul. Em uma das salas, dois nichos enclaustrados em parede abrigavam estátuas – busto em mármore branco – e fragmentos de inscrições em cerâmicas que datam do século I a IV dC.

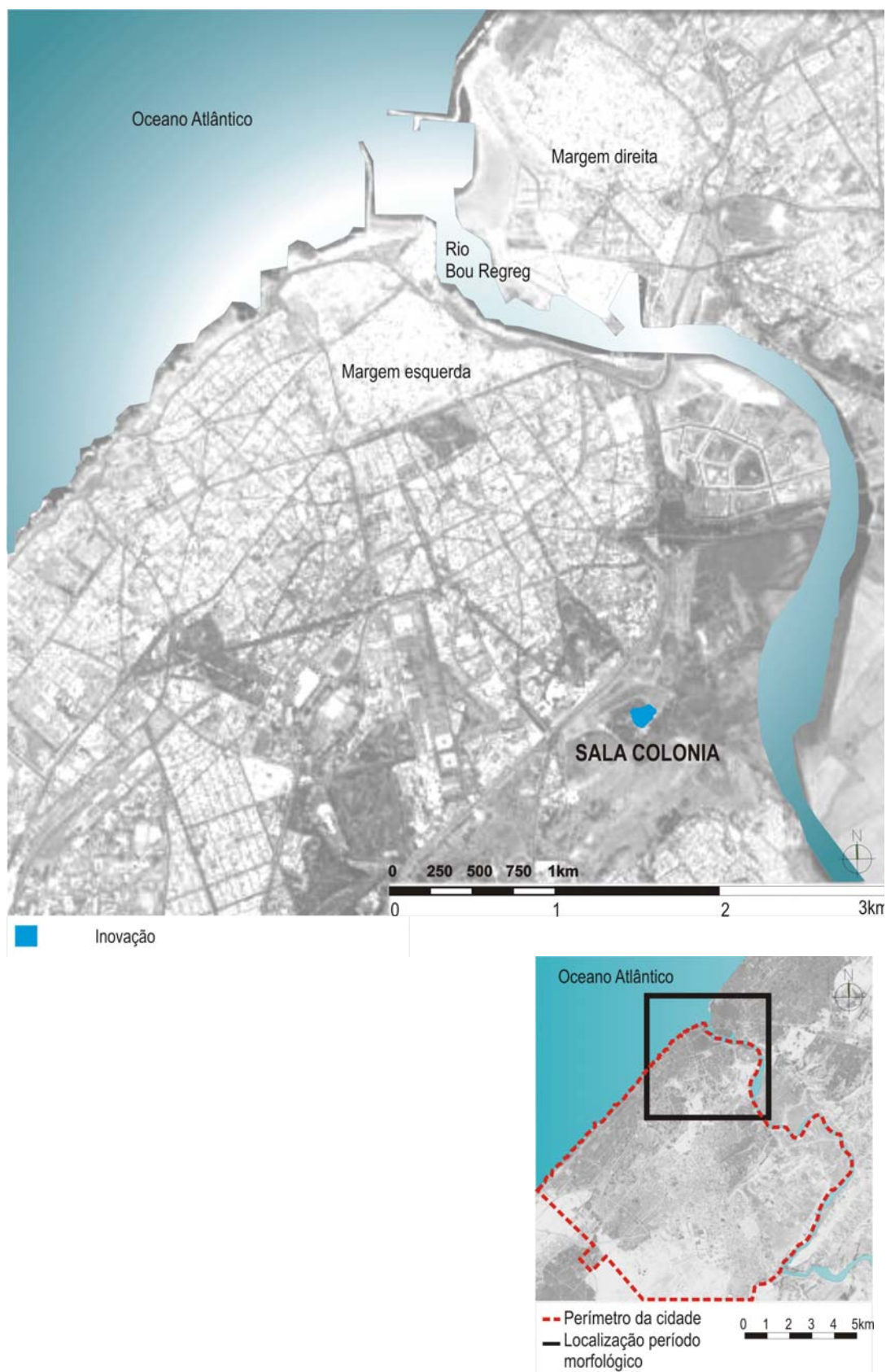
Esse assentamento romano é patrimônio histórico nacional e faz parte do conjunto reconhecido pela UNESCO em 2012 em Rabat, patrimônio cultural da humanidade.

Na figura 21, o mapa apresenta a mancha urbana que corresponde à inovação desse período: a ocupação romana Sala Colonia.

¹ BOUBE, 1966; BOUBE, 1984, p.155.

² CHATELAIN, 1968, p. 86.

Figura 21 – Ocupação Romana em Rabat



Fonte: Produzida pela autora, com base em foto aérea extraída do Google earth, imagem @2014, Digital Globe. Outubro, 2014.

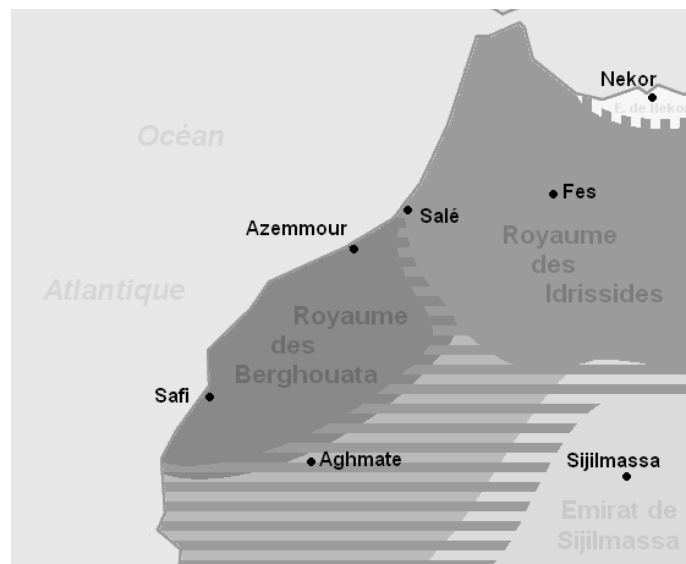
Todo desenvolvimento urbanístico e arquitetônico ocorrido nos vinte séculos seguintes representam uma extensão ou uma continuidade desse centro urbano romano inicial. (ES-SEMMAR, 2011).

2º período morfológico: período Ribat Almorávida (1039-1150 dC)

Essa fase é marcada pela ocupação dos dois lados do rio Bouregreg.

A partir do século X dC, desde a dinastia Idrissid, a tribo berbere *Bani Ifren*, que habitava a cidade romana *Sala Colonia* na margem esquerda do rio, sentiu-se ameaçada pela presença de outra tribo berbere, os *Bourghouatas*, da região de Tamesna, situada ao sul e em frente da cidade de Salé cuja localização pode ser observada na figura 22. (ES-SEMMAR, 2011).

Figura 22 – Reino Bourghouatas



Fonte: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Barghawata#mediaviewer/Ficheiro: Barghouata_Carte.PNG](http://pt.wikipedia.org/wiki/Barghawata#mediaviewer/Ficheiro:Barghouata_Carte.PNG)>. Maio, 2014.

A ameaça dos Bourghouatas leva a tribo *Bani Ifren* a aproveitar da proteção natural do rio Bouregreg para se instalar na margem direita, chamando a nova cidade também de Sala, por uma lógica unitária, segundo dados do arqueólogo Es-Semmar (2011). Dessa ocupação não há vestígios no presente. Acreditamos que, por representarem ainda assentamentos de tribos nômades, não havia rigor urbano que pudesse deixar marcas dessa ocupação. Os edifícios em tenda e a ausência de estrutura formal explicam a ausência de marcas referentes ao século X dC.

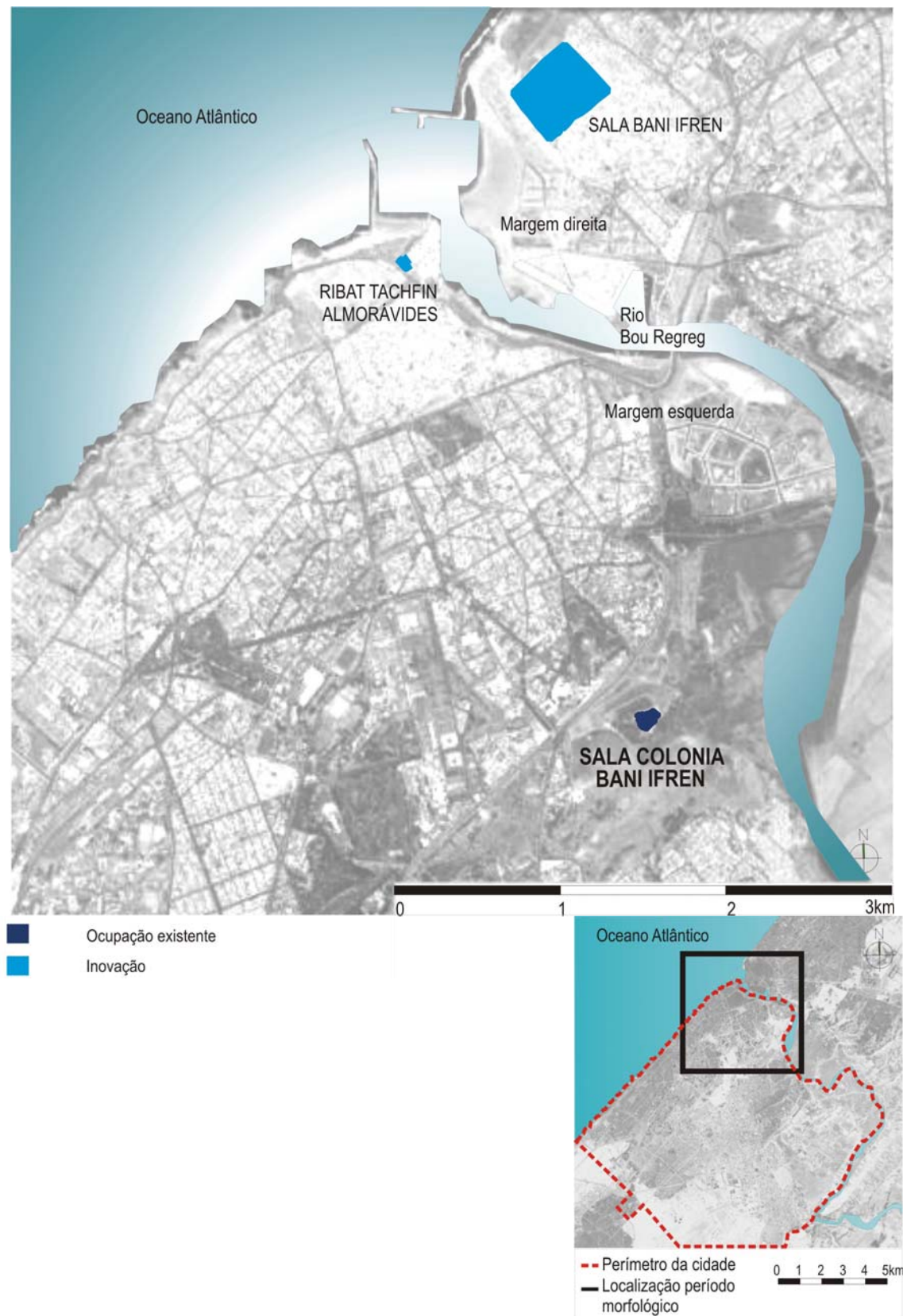
Esse período é marcado, em seguida, pela ascensão ao poder pelos Almorávidas, uma das tribos do grupo berbere *Sanhaja*. A dinastia é representada por quatro reinados: o de Ibn Yasin (1039-1059 dC); o de Youssef Ben Tachfin (1061 e 1106 dC); o de Ben Ali (1107-1143 dC), Ali Ben Youssef ben Tachfin (1143-1149 dC). (ABITOL, 2009).

Essa dinastia deixou marcas da primeira ocupação urbana islâmica na região, na margem esquerda do rio Bouregreg.

Segundo Caillé (2006), acredita-se que o promontório natural do estuário do rio Bouregreg constituía sítio de grande valor estratégico, sendo esse o fato pelo qual se sustenta a hipótese da existência, mesmo sem confirmações arqueológicas, de um campo militar (*Ribat*) desde 977-978 dC naquele local. Porém, outras hipóteses sustentam o fato da criação do Ribat pelo príncipe Almorávida, Youssef ben Tachfin, tendo o campo militar recebido o nome do seu fundador – *Ribat Tachfin* (ES-SEMMAR, 2011). A tribo que habitava o local e que combatia os *Bourghouatas* era do grupo *Sanhaja*, da qual os Almorávidas faziam parte. Mas é na primeira metade do século XII, entre 1142-1145 dC, que prevê-se a instalação do forte militar – a *qasba (kasbah)* – pelo Emir (Príncipe) Ali Ben Youssef ben Tachfin cujas ruínas foram encontradas em 2007, junto à entrada da Kasbah dos Oudayas. (CAILLÉ, 2006). Não se conhece a estrutura urbana referente a essa kasbah, pois os Almóadas, no período seguinte, decidem construir, no mesmo local, seu império, representado por novo assentamento urbano que se sobrepõe a esse.

A seguir a figura 23 apresenta a posição geográfica das duas ocupações – Rabat, margem esquerda, Salé, margem direita.

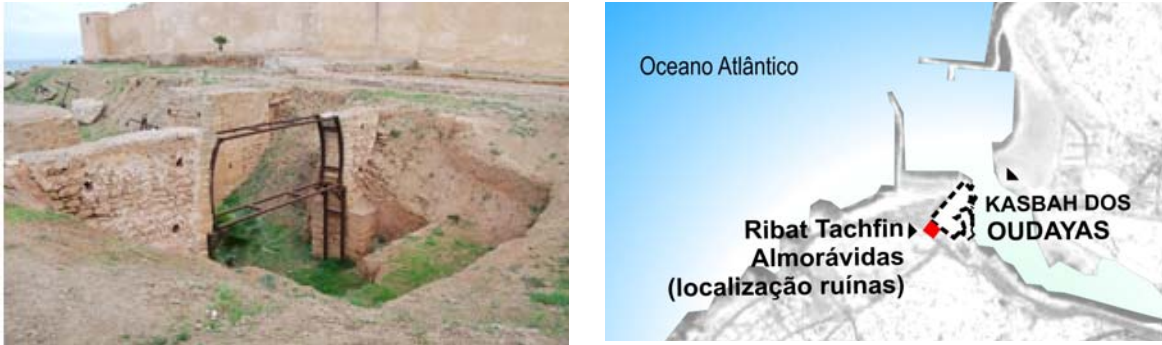
Figura 23 – Mapa com representação da ocupação Almorávida



Fonte: Produzida pela autora, com base em foto aérea extraída do Google earth, imagem @2014, Digital Globe. Outubro, 2014.

Na figura 24, a foto sobre a ruína apresenta os vestígios arqueológicos da dinastia Almorávida, descoberta em 2007.

Figura 24 – Ruína à entrada da Kasbah dos Oudayas



Fonte: Arquivo da autora. Levantamento a campo em dezembro 2013. Mapa produzido pela autora, com base em foto aérea extraída do Google earth, imagem @2014, Digital Globe. Outubro, 2014.

3º período morfológico: 1º Período Ribat Al Fath (1150-1163 dC)

O Império Almóada divide-se em três reinados. O 3º período morfológico refere-se ao reinado do 1º califa Abdel el-Moumen.

Nesse período o plano era construir uma “megalópole” para a época, que assumisse a posição de terceira capital do império Almóada, depois de Marraquexe e Sevilha. É marcado pela demolição das muralhas de *Bani Ifren*, na margem direita, e do *ribat Almorávida Tachfin*, na margem esquerda.

À margem esquerda, sobre as ruínas do *ribat*, constrói-se a *kasbah de Mehdiya*, primeiro assentamento urbano almóada na região do rio Bouregreg, início da grande cidade planejada e que foi conhecida como *Ribat AL Fath*. (ES-SEMMAR, 2011).

Segundo Amer (2014), uma *kasbah* é uma cidadela fortificada, parte militar do bairro islâmico tradicional, anexa ou mesmo origem da *medina*, situada num promontório para melhor proteger a cidade. Possui torres e ameias nas muralhas, como podemos observar na foto apresentada na figura 25.

Figura 25 – Muralha almóada da kasbah de Mehdyia com ameias



Fonte: Fotografia parte da coleção do Inventário de fotografia Phototec do Ministério da Cultura – Direção do Patrimônio de Rabat. Data desconhecida.

Aoua³ (2014) complementa que kasbah é um tipo de assentamento que tem origem na sede familiar, normalmente da família dos sultões ou de origem nobre, com uma aldeia que se desenvolve ao redor do palácio para os funcionários e empregados. Pela importância da família de origem, essas kasbahs são fortificadas.

Assim, concluímos que a kasbah possui duas conotações: uma de origem militar e outra de origem nobre. Até esse período reconhecemos na kasbah de Mehdiya a que representa origem militar.

A kasbah de Mehdiya possui função primordial residencial com presença de equipamentos essenciais: mesquita, fornos, banho público (hammam), escola, mercearias, centro de educação do alcorão (medersa). (MAZIZ, 2004).

O plano urbano caracteriza-se por rede viária estreita e hierarquizada: ruas, vielas e becos sem saída. Ao longo das vias, implantam-se as casas em série, sem recuos frontais e laterais. As casas ocupam 100% dos lotes, que são de pequena dimensão: variam em torno de 60 a 150 m². Apresenta uso misto entre residências, serviços e comércio locais.

A figura 26 apresenta croquis ilustrativo da *kasbah de Mehdiya* (atual *kasbah dos Oudayas*), em que podemos observar a escala dos tipos edifícios que, acoplados uns aos outros, formam blocos contínuos. O eixo principal conecta a entrada do bairro à mesquita e à esplanada com vista marítima, posicionada ao fim dessa rua. É retilíneo e separa o bairro entre a parte superior e mais plana à encosta cuja ocupação se mostra adaptar-se à configuração do terreno natural. Nesse croquis podemos observar também um segundo eixo viário, sinuoso,

³ AOUA, Najlaa. Arquiteta e urbanista, ENA Rabat. Entrevista concedida em abril de 2014.

que conecta o eixo principal à parte mais inferior desse assentamento. Os acessos às casas ficam por conta dos becos sem saída. Esse sistema de circulação, voltada para pedestre, configura uma ocupação labiríntica à essa estruturação urbana.

Figura 26 – Vista Axonométrica da Kasbah dos Oudayas



Fonte: Ministério da Cultura – Direção do Patrimônio de Rabat. Relatório completo UNESCO, Rabat, capital moderna e cidade histórica. Janeiro, 2011.

A mesquita data de 1150 dC e é considerada a mais antiga de Rabat, conhecida pelo nome de Jama-el-Atiq. A via principal assim como a mesquita situam-se na parte mais alta do terreno. Nesse assentamento, a mesquita conforma uma centralidade, a partir da qual se desenvolvem as demais funções do bairro.

A estrutura viária aponta o início da formação do plano urbano e corresponde ao elemento que menos alteração sofre com a pressão pelas adaptações necessárias à atualização de um assentamento no tempo. (CONZEN, 2004). Discorreremos na sequência sobre a formação da hierarquia viária da kasbah, para compreender a estruturação formal do plano urbano.

A figura 27 representa a rota principal (em linha reta e em vermelho), primeiro eixo que conecta o acesso ao bairro pela única porta de acesso ao ponto focal, o terraço

panorâmico. A rua fragmenta o espaço da kasbah de forma simétrica e recebe a mesquita na parte mediana do eixo.

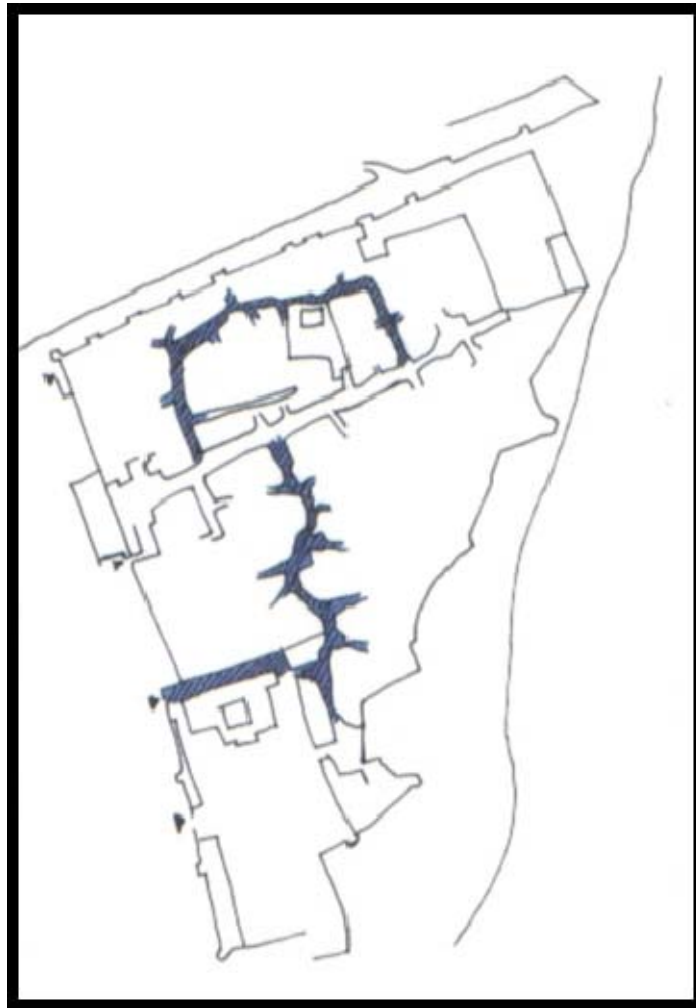
Figura 27 – Formação do plano urbano na *kasbah de Mehdiya* (Kasbah dos Oudayas): hierarquia viária (rua)



Fonte: Mohamed Ikkal BEKRI; Monia EL-EUCH. LA CASBAH DES OUDAIAS: Sauvegarde et mise en valeur. Etude comparative: cas de Sidi Bou Saïd. Trabalho de fim de curso. Orientação Rima FADILI TOUTAIN. ENA: 1999-2000.

Duas vias secundárias estabelecem a conexão com as extremidades do sítio e a rua principal. A primeira, com formato semi-circular, contorna a mesquita percorrendo o lado esquerdo e superior da fortificação. A segunda, interliga o eixo principal com a extremidade mais inferior do sítio. Essa via dá-se em degraus, acompanhando a declividade natural do terreno. A figura 28 apresenta croquis esquemático das vielas, eixos secundários.

Figura 28 – Formação do plano urbano na *kasbah de Mehdiya* (Kasbah dos Oudayas): hierarquia viária (viela)



Fonte: Mohamed Ikkal BEKRI; Monia EL-EUCH. LA CASBAH DES OUDAIAS: Sauvegarde et mise en valeur. Etude comparative: cas de Sidi Bou Saïd. Trabalho de fim de curso. Orientação Rima FADILI TOUTAIN. ENA: 1999-2000.

Os becos posicionam-se nos desníveis naturais junto às transições das curvas de nível. Dessa forma, platôs naturais dão origem aos mini-núcleos residenciais. Segundo Correia (2008),

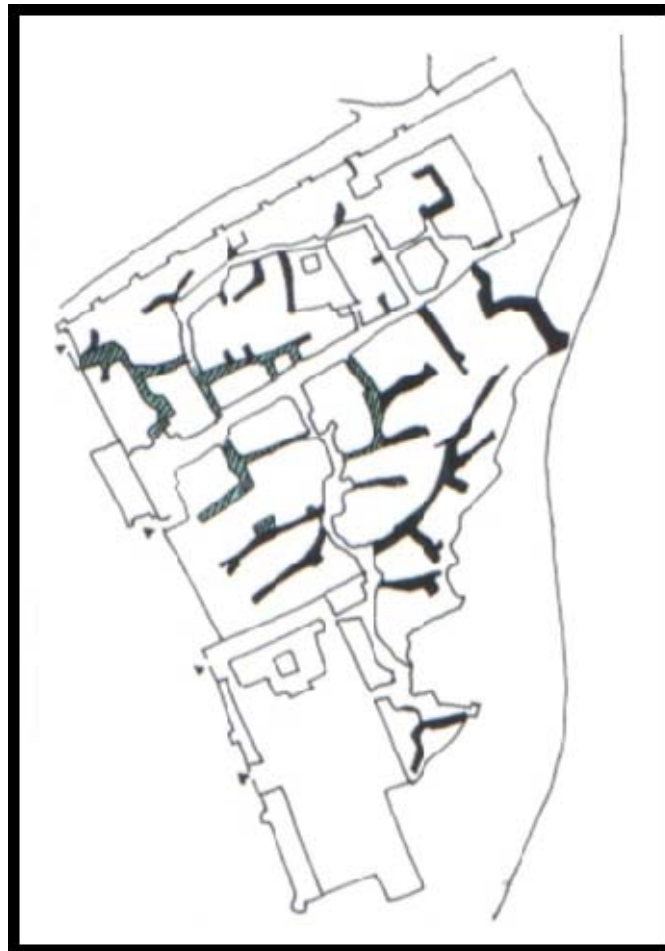
o beco emerge como elemento caracterizador do tecido “islâmico” e como arquétipo do pensamento urbanístico. Tratado como uma via privada, pertence em co-propriedade àqueles que o partilham, colocando-se na extremidade de uma ramificação viária que conduz o transeunte até às artérias principais. (CORREIA, 2008, p.374)

Esse modelo urbano reflete a concepção familiar dos becos, por ser tratado como “via privada”. Por outro lado, reduz as vistas das casas pela via pública, fechando a habitação

da indiscrição exterior. A escala, a forma e o conceito que permeiam a formação dessa estrutura agregam características que evidenciam a formação do sentido de comunidade na escala do bairro.

A figura 29 mostra representação esquemática dos becos que completam a hierarquia viária da estrutura urbana.

Figura 29 – Formação do plano urbano na *kasbah de Mehdiya* (Kasbah dos Oudayas): hierarquia viária (beco)



Fonte: Mohamed Ikkal BEKRI; Monia EL-EUCH. LA CASBAH DES OUDAIAS: Sauvegarde et mise en valeur. Etude comparative: cas de Sidi Bou Saïd. Trabalho de fim de curso. Orientação Rima FADILI TOUTAIN. ENA: 1999-2000.

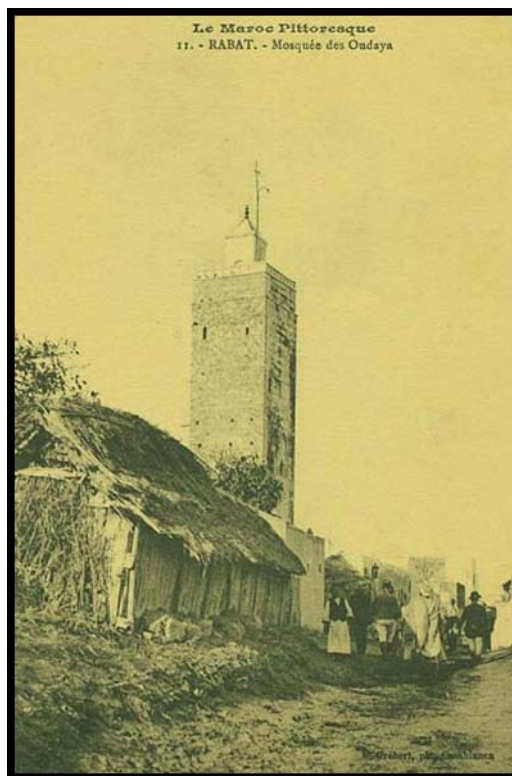
Tal tipo de ocupação respeita a organicidade do terreno, se desenvolvendo ao longo das curvas de nível – como é o caso dos eixos secundários e becos sem saída. Se, por um lado, o sistema viário (para pedestres) sinuoso e labiríntico era um imperativo de defesa perante uma penetração inimiga, por outro, a colocação de diversos obstáculos na rua concorriam para preservação da intimidade contra o inimigo interno. A imprevisibilidade dos

espaços construídos e vazios resguardava o olhar indiscreto dos vizinhos. (CORREIA, 2008, p.374).

Se a estrutura viária configura o elemento mais permanente de um assentamento, as unidades habitacionais e usos refletem os elementos que maior adaptação e substituição sofrem ao longo do tempo. (CONZEN, 2004).

As habitações desse assentamento confirmam a afirmativa acima. À época, as unidades habitacionais eram formadas por cabanas com cobertura em palha, conhecidas pelo nome de *noualla*, típicas das tribos berberes que ocuparam esse espaço ao longo do tempo. A foto, apresentada na figura 30, ilustra uma dessas casas.

Figura 30 – Representação de uma *noualla* na rua principal da Kasbah



Fonte: Mohamed Ikkal BEKRI; Monia EL-EUCH. LA CASBAH DES OUDAIAS: Sauvegarde et mise en valeur. Etude comparative: cas de Sidi Bou Saïd. Trabalho de fim de curso. Orientação Rima FADILI TOUTAIN. ENA: 1999-2000.

Segundo dados obtidos em entrevista com arqueólogo, doutor e diretor do patrimônio da Agência do Bouregreg, Es-Semmar, em dezembro de 2013, a Kasbah dos Oudayas obteve alterações nos tipos residenciais no início do século XX, na época do Protetorado francês. A ocupação prévia pela antiga tribo berbere cujo nome era Oudaias, no século XIX (CAILLÉ, 2006), foi rapidamente substituída pelas construções que permanecem na paisagem até os dias atuais. Os tipos edífícios, embora influenciados pela ocupação

francesa, respeitaram a tradição islâmica, formando casas desenvolvidas no entorno de pátios internos, por motivos religiosos e de conforto ambiental. As edificações que conhecemos em 2014 são fruto de técnicas construtivas provenientes desse período, segundo relato do diretor. Com a criação da capital moderna, a cidade passou por um período de reocupação e adensamento, justificando tais alterações.

Na figura 31, as fotos contrapõem as habitações dos períodos referentes às ocupações de tribos berberes com as tipologias residenciais encontradas na paisagem urbana do bairro no período do Protetorado francês.

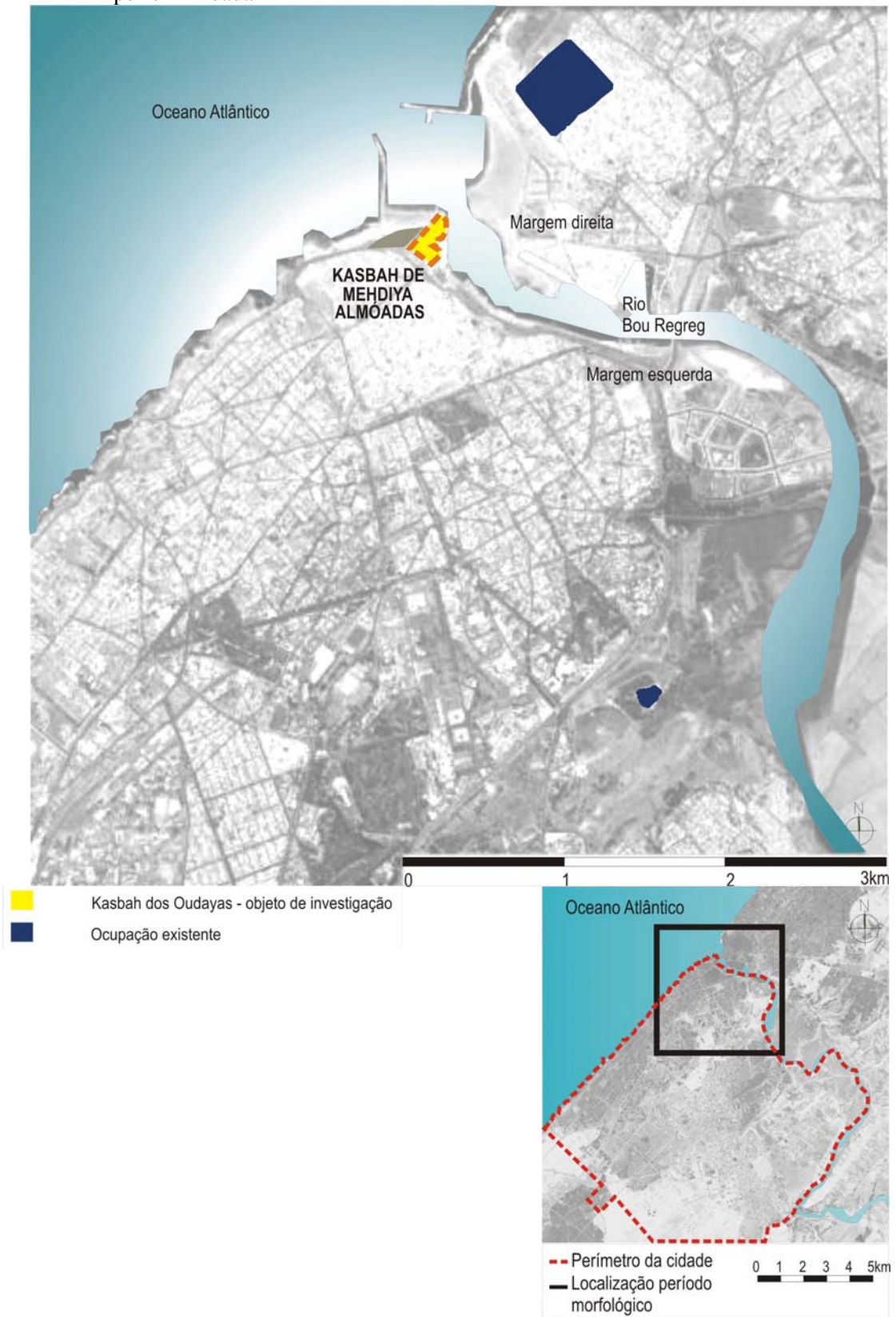
Figura 31 – Comparação dos tipos edifícios residenciais ao longo do eixo principal (observar a presença da mesquita em ambas as fotos) – tribos berberes e após a transformação de Rabat em capital no início do século XX



Fonte: Mohamed Ikkal BEKRI; Monia EL-EUCH. LA CASBAH DES OUDAIAS: Sauvegarde et mise en valeur. Etude comparative: cas de Sidi Bou Saïd. Trabalho de fim de curso. Orientação Rima FADILI TOUTAIN. ENA: 1999-2000.

Representando a mancha urbana referente à ocupação do 1º reinado do Império Almóada, a figura a seguir mostra a posição geográfica da kasbah de Mehdiya.

Figura 32 – Mapa com representação da inovação (kasbah de Mehdiya) referente ao 1º período do império Almóada



Fonte: Produzida pela autora, com base em foto aérea extraída do Google earth, imagem @2014, Digital

4º período morfológico: 2º Período Ribat Al Fath (1163-1253 dC)

No quarto período morfológico regista-se a primeira grande expansão da cidade. Traz como marco histórico o Império Almóada referente aos 2º e 3º califas, Youssef (1163-1187 dC) e Yacoub Al Mansur (1187-1253 dC).

A projeção das muralhas evidenciam a ambição do califa em tornar a cidade de *Ribat Al Fath* uma centralidade política de referência para o império. Elas estabelecem o marco inicial do plano urbano que viria a ser o condutor originário da atual capital.

O plano urbano une Rabat e Salé pela existência da ponte que propicia a conexão entre as duas margens. Não há separação política dos dois assentamentos, à época. Ambas as margens vigoravam como parte da cidade. Na margem esquerda, oitenta por cento da área de 418 hectares era não urbanizada. A ilustração, apresentada na figura 33, mostra a cidade de *Ribat Al Fath*, com o estabelecimento da muralha que demarca a dimensão de previsão de ocupação da cidade. Vale observar na ilustração o posicionamento das grandes mesquitas, tanto em Salé (esquerda), quanto em Rabat (direita) e a presença majoritária de estrutura não urbanizada no interior das muralhas.

Figura 33 – Ilustração representativa da cidade de Ribat Al Fath (kasbah de Mehdiya e Salé)



© The Hebrew University of Jerusalem & The Jewish National & University Library

Fonte: Biblioteca Nacional Judaica da Universidade judaica de Jerusalém. Data desconhecida.

O plano urbano se estrutura pelo estabelecimento dos eixos de conexão entre as demais portas e os assentamentos existentes no interior da muralha. Quatro portas são construídas no *Ribat Al Fath*: Bab (porta) Tamesna (atual Bab Laalou), Bab Anfa (atual Bab Al Had), Bab Marraquexe (atual Bab Arrouah) e Bab Tadla (atual Bab Zaers). Cada porta forma a conexão com o exterior, conectando a cidade com as rotas externas que conduzem às regiões vizinhas do Império.

Nesse momento, pelos eixos estabelecidos e muralhas, constitui-se um tecido urbano especial, conformado a partir da construção da mesquita Hassan, em Rabat, e da grande mesquita de Salé, em Salé. São tecidos urbanos que começam a se alinhar a partir da centralidade dos tipos especializados: as mesquitas.

A grande mesquita Hassan permaneceu inacabada e é considerada uma obra-prima da arquitetura almóada religiosa. Esse santuário é organizado sobre um retângulo de 183x139 metros, constituindo uma área de 25.512 m². Os muros são feitos com terra e cal a partir do sistema construtivo de taipa de pilão. Tornou-se, no século XII, o primeiro santuário muçulmano do ocidente e o segundo feito com terra no Islã, após a mesquita abássida em Samarra, no Iraque. (ROYAME DU MAROC, 2011). A figura 34 apresenta foto do sítio em que a mesquita está instalada. Percebe-se a grande área inacabada, marcada pelos pontos sequenciados e regulares, que são resquícios de colunas em pedra.

Figura 34 – Foto da mesquita Hassan



Fonte: Ministério da Cultura – Direção do Patrimônio de Rabat. Relatório completo UNESCO, Rabat, capital moderna e cidade histórica. Janeiro, 2011.

A grande mesquita Hassan faz parte do conjunto de monumentos reconhecidos como patrimônio cultural pela UNESCO em 2012. Constitui um marco na paisagem na estrutura urbana da cidade e a principal centralidade, a partir da qual os eixos viários estabeleceram a conexão com as portas das muralhas.

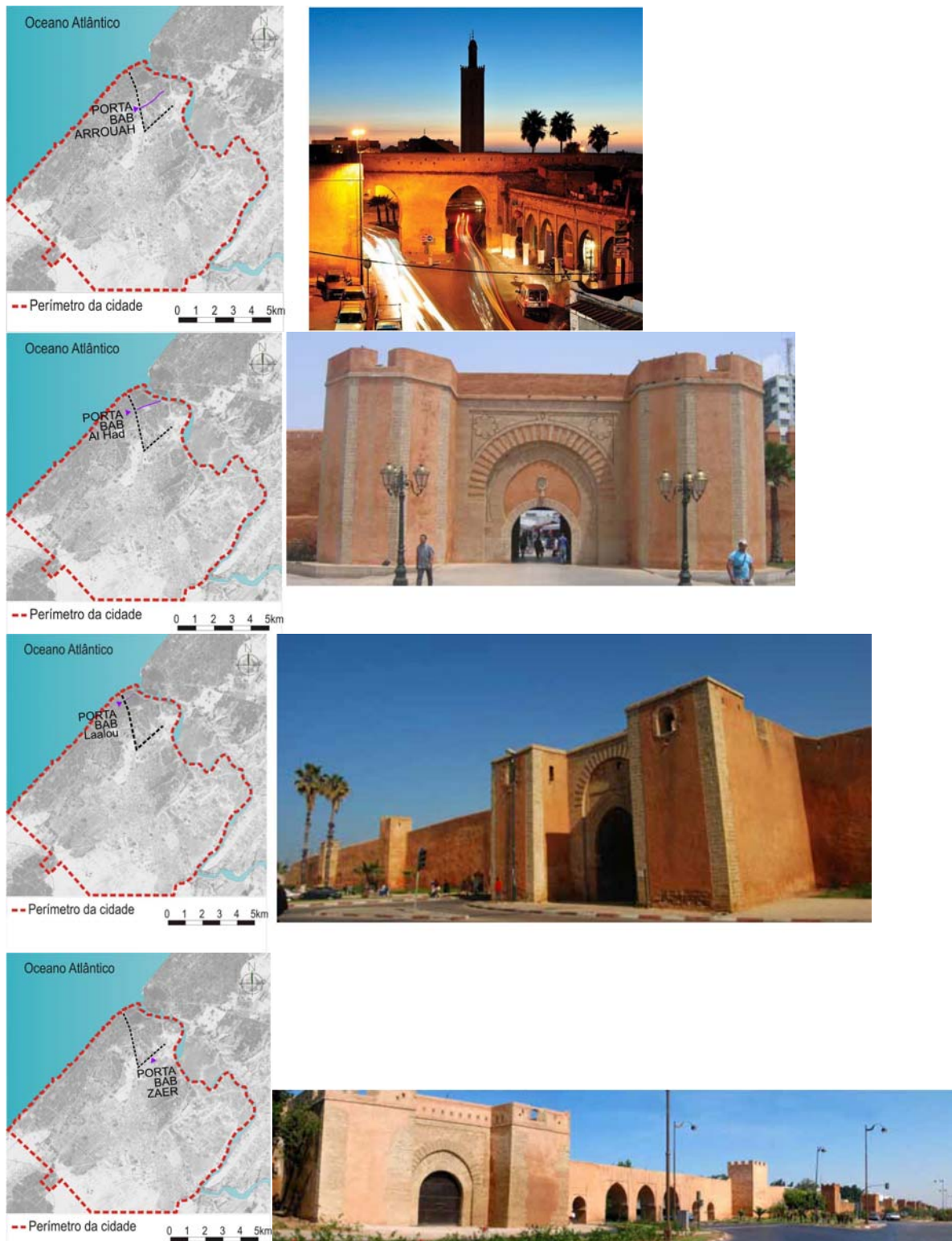
Tal sistema viário original permanece até os nossos dias e está representado na paisagem pelas diversas portas (bab) da muralha. Na figura 35 apresentamos algumas fotos que ilustram os remanescentes do Império Almóada ainda em 2014 – muralha e portas.

Figura 35 – Muralha almóada na cidade de Rabat



Fonte: Agência do Bouregreg – Projet d'aménagement de la Vallée de Bouregreg. Étude Architecturale. Phase Analyse. Patrice de Mazieres; Med. Najib Berrada; R. Haouch; M. Esemmar. 2004.

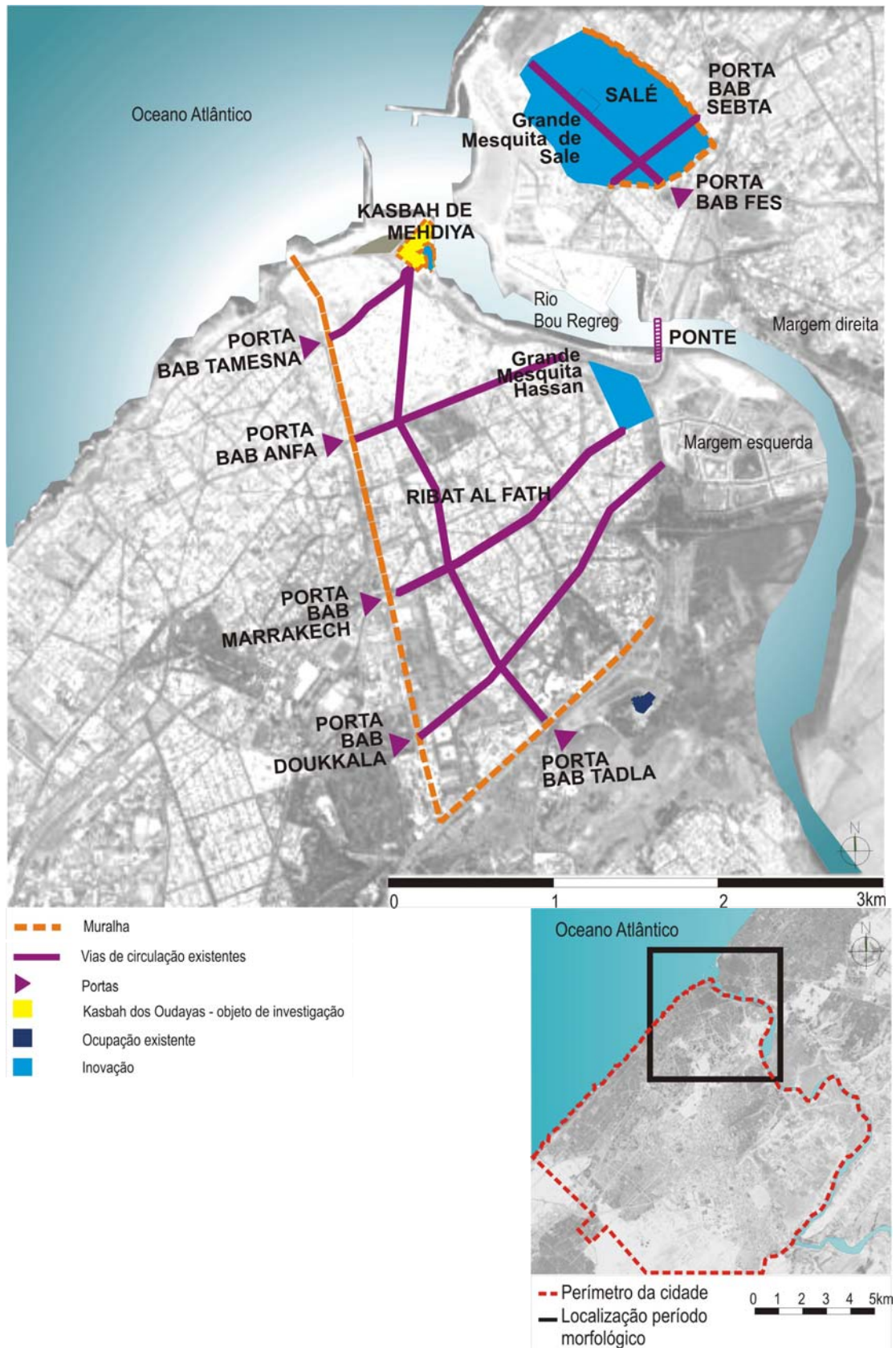
Figura 36 – As quatro portas almóadas presentes na cidade de Rabat em 2014 – Bab Tamesna (atual Bab Laalou), Bab Anfa (atual Bab Al Had), Bab Marraquexe (atual Bab Arrouah) e Bab Tadla (atual Bab Zaers)



Fonte: Mapa de localização produzidos pela autora, com base em foto aérea extraída do Google earth, imagem @2014, Digital Globe. Outubro, 2014. Fotos do Ministério da Cultura – Direção do Patrimônio de Rabat. Relatório completo UNESCO, Rabat, capital moderna e cidade histórica. Janeiro, 2011

O mapa ilustrativo da figura 37 apresenta as inovações ocorridas no 4º período morfológico. Nele estão representados a extensão da *kasbah de Mehdiya* na fachada fluvial, realizada pelo 2º califa. As muralhas e portas na margem esquerda do rio, para a constituição da cidade de *Ribat Al Fath* e, na margem direita, a reconstrução das muralhas apenas ao norte e a leste da ocupação urbana de Salé, já que as fachadas sul e oeste eram consideradas protegidas naturalmente pelo rio e pelo oceano atlântico. Em Salé, também há abertura de duas portas, Bab Fes e Bab Sebta, que estabelecem os eixos de circulação no interior do assentamento que segue pela mesquita central e com Rabat e demais regiões vizinhas. As obras de conclusão – portas, muralhas, mesquita Hassan – são atribuídas ao 3º califa, Yacoub Al Mansur, a quem, historicamente, é atribuída a fundação da cidade de *Ribat Al Fath*.

Figura 37 – Mapa com representação da Cidade de Ribat Al Fath – Império Almóada



Fonte: Produzida pela autora, com base em foto aérea extraída do Google earth, imagem @2014, Digital Globe. Outubro, 2014.

5º período morfológico: período *Aribat Al Mobarak* (1253-1609 dC)

Para os povos berberes Merinides, que formam a dinastia desse período, a cidade de Salé, na margem direita do rio, foi considerada a segunda capital, sendo a primeira Fés. O sultão Abou Al Hassan decide deixar o espaço urbano almóada de *Ribat al Fath* na margem esquerda, negligenciado e inacessível, assim como também ignora a localização estratégica da *kasbah de Mehdiya*. Isso se deve ao fato de que o porto em Salé era o único ativo no Marrocos nesse período, o que proporcionou expansão da navegação na região com a construção de um canal que ligava as muralhas com o rio.

O período foi conturbado, marcado por ataques constantes por parte dos espanhóis. O sultão Merinide Yacoub Youssouf percebeu a necessidade de reforço no lado de Salé, promovendo a construção de muralhas de proteção. Coube a ele a construção da muralha na fachada fluvial, região atacada pelos castelhanos em 1265.

A marca dessa nova era foi a instalação do complexo funerário que é conhecido em 2014 como *Chellah*. O conjunto de edifícios religiosos e culturais insere-se no mesmo local das ruínas da antiga cidade romana de Sala. A necrópole real recebe novas muralhas e portas. O assentamento é nomeado de *Aribat AL Mobarak*. A figura 38 apresenta a planta do novo marco urbano. Apresenta também fotos das atuais ruínas que restaram dos dois períodos. Vale destacar os dois períodos de ocupação desse assentamento: em azul, construções referentes ao período Merinide; em rosa, construções referentes ao período romano.

Figura 38 – Aribat Al Mobarak



1 muralhas
 2 grande porta
 3 foyer
 4 capitólio
 5 templo mauritânio
 6 templo do forum
 7 praça do forum
 8 lojas do forum
 9 ponto de comércio

10 termas
 11 ninfa
 12 cúria
 13 basílica
 14 arco do triunfo
 15 mausoléu D'Abou Al Hassan
 16 mausoléu de Chamsad-Doha
 17 *madrasah* – escola islã

18 mesquita
 19 santuário de Sidi Lahcen al Iman
 20 bacias de enguias
 21 banho público merinide
 22 Posta Bab Jenna
 23 Porta Bab Elain
 24 armazém
 25 monumento feniciano
 26 santuários

Muralha de proteção referente ao período Merinide. A muralha externa merinide possui a fachada noroeste com 300 metros de comprimento e a fachada sudeste com 80 metros. É também feita com cimento, diferentemente da muralha almóada, feita em adobe. O muro tem altura de 6 a 7 metros e 1,6 metros de espessura, o que permite a existência de um caminho de ronda no topo. (BASSET, 1922).



Mesquita

Hamman (Banho público)



Escola (medersa)



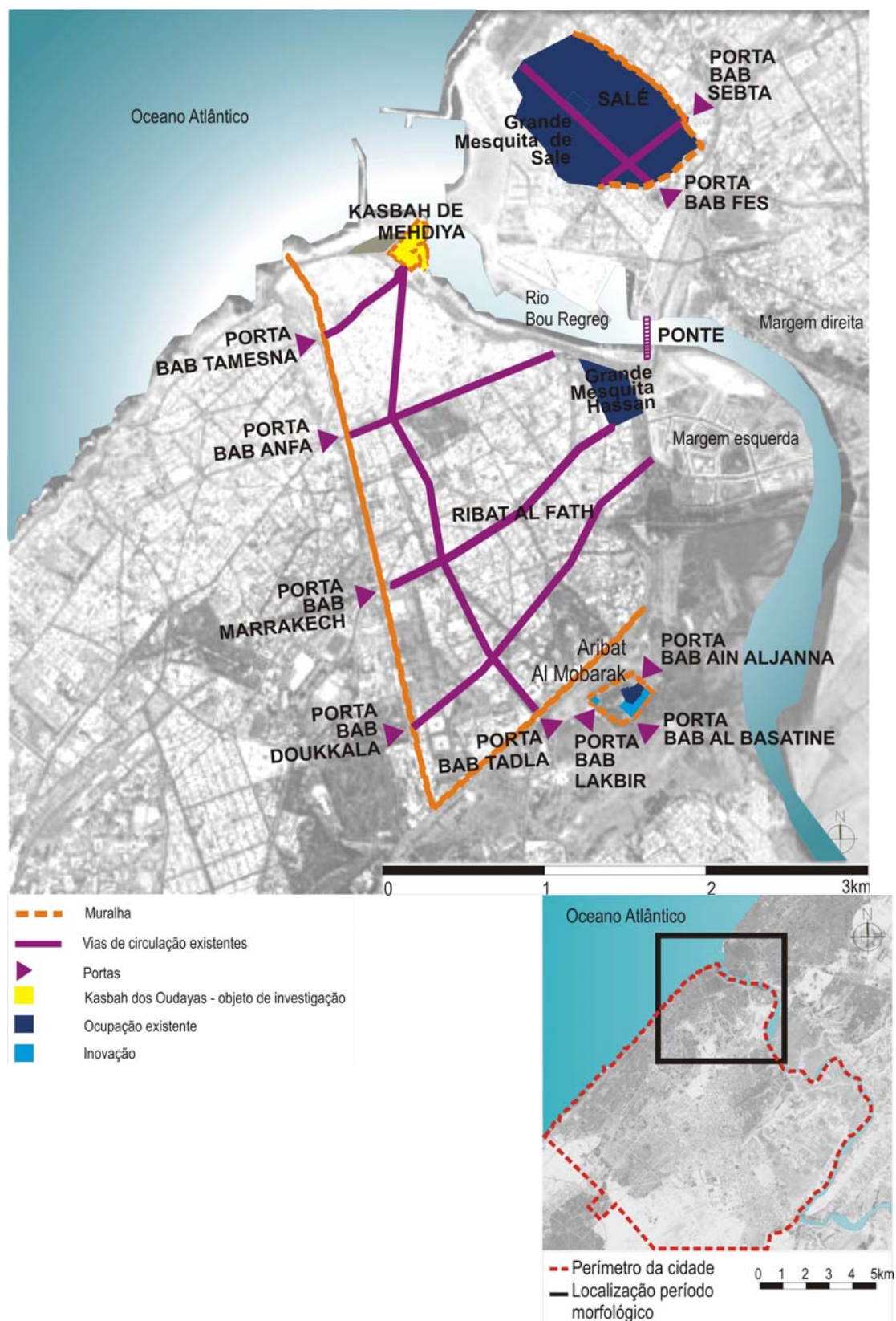
Fonte: Agência Urbaine. Plan d'amenagement et sauvegarde de la medina de Rabat. Mission II – leve topographique, diagnostic et analyses thematiques et spaciales. Junho: 2012.

Fazem parte da necrópole Real, nomeada *Khouloua*, os mausoléus, uma mesquita, uma escola e salas de banho. O conjunto se estrutura ao redor da mesquita, centralizada em relação às novas edificações. A mesquita, a escola e os mausoléus situam-se em platô e ficam separados por muro do restante dos santuários e monumentos, instalados nas condições de terreno natural com declividade. Esse muro, feito em cimento decorado, apresenta proporções modestas se comparado à muralha de proteção externa.

Faz parte do conjunto de bens culturais reconhecidos como patrimônio cultural pela UNESCO. Representa o local mais antigo cujos vestígios ilustram a história de ocupação desse lugar. Ponto de atração turística, tanto as ruínas quanto os jardins são abertos à visitação. Sedia também eventos culturais de abrangência nacional e com convidados internacionais, o caso dos concertos de Jazz que acontecem aos verões – *Jazz au Chellah*.

A figura 39 apresenta mapa ilustrativo com a inovação referente à dinastia Merinide, o *Aribat AL Mobarak*, no mesmo local da antiga cidade romana.

Figura 39 – Mapa com representação do Aribat AL Mobarak (Dinastia Merinide)



Fonte: Produzida pela autora, com base em foto aérea extraída do Google earth, imagem @2014, Digital Globe. Outubro, 2014.

6º período morfológico: período dos Mouros (1609-1666 dC)

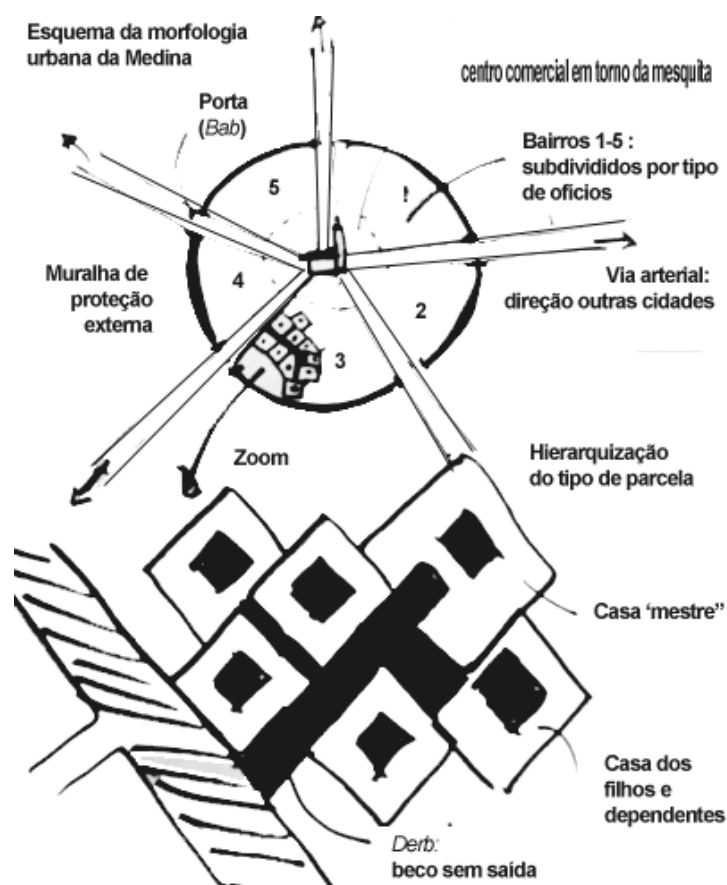
Lugan (2011) relata que, sob a dinastia saadiana, a Espanha expulsa os Mouros, muçulmanos em terra cristã, após o fim da *Reconquista*. A razão da expulsão se deve a um contexto de intolerância religiosa, pois numa Espanha de oito milhões de habitantes, trezentos mil mouros formavam uma comunidade com identidade cultural e religiosa expressiva.

Com o crescente número de refugiados, decidiu-se por construir uma nova cidade. Do espaço almóada, oitenta por cento desocupado, é designado um terço para a construção da Medina, próxima à kasbah, nomeada Salé Nova e representante de uma cultura exportada da península ibérica. Nova muralha foi construída e nomeada moura ou andaluza. Uma porta principal foi aberta, denominada Bab Chellah, por ser orientada para a fortificação merinide Chellah, ainda habitada nessa época. Tal porta conduzia ainda ao espaço urbano não explorado, interno à muralha almóada, que foi aproveitado com cultivos de agricultura e jardins.

A nova cidade Salé Nova é a origem da atual medina, que constitui um tipo de habitat tradicional islâmico que se enquadra dentro de fortificação, assim como a kasbah.

O zoneamento confere separação entre setores públicos e privados e é determinado de acordo com as suas funções. Ao longo das principais artérias, que ligam os portões (Bab) ao espaço central, situam-se os usos públicos. Também de uso público é a área comercial, central e sem habitação. Lá se encontra o mercado, conhecido como souk. Espacialmente, forma-se em volta da grande mesquita, abrigo funções relacionadas às artes e ofícios: artesãos e comerciantes se agrupam por corporações, de acordo com uma ordem que coloca os mais nobres perto da grande mesquita central – velas, incenso, perfumes, livros, têxtil – e mais distantes os serviços alimentícios, oficinas de madeira e ferro. (MAZIZ, 2004). Ilustrando esse zoneamento, figura 40, apresentamos croquis com a estrutura morfológica conceitual de uma medina.

Figura 40 – Croquis esquemático da morfologia da medina



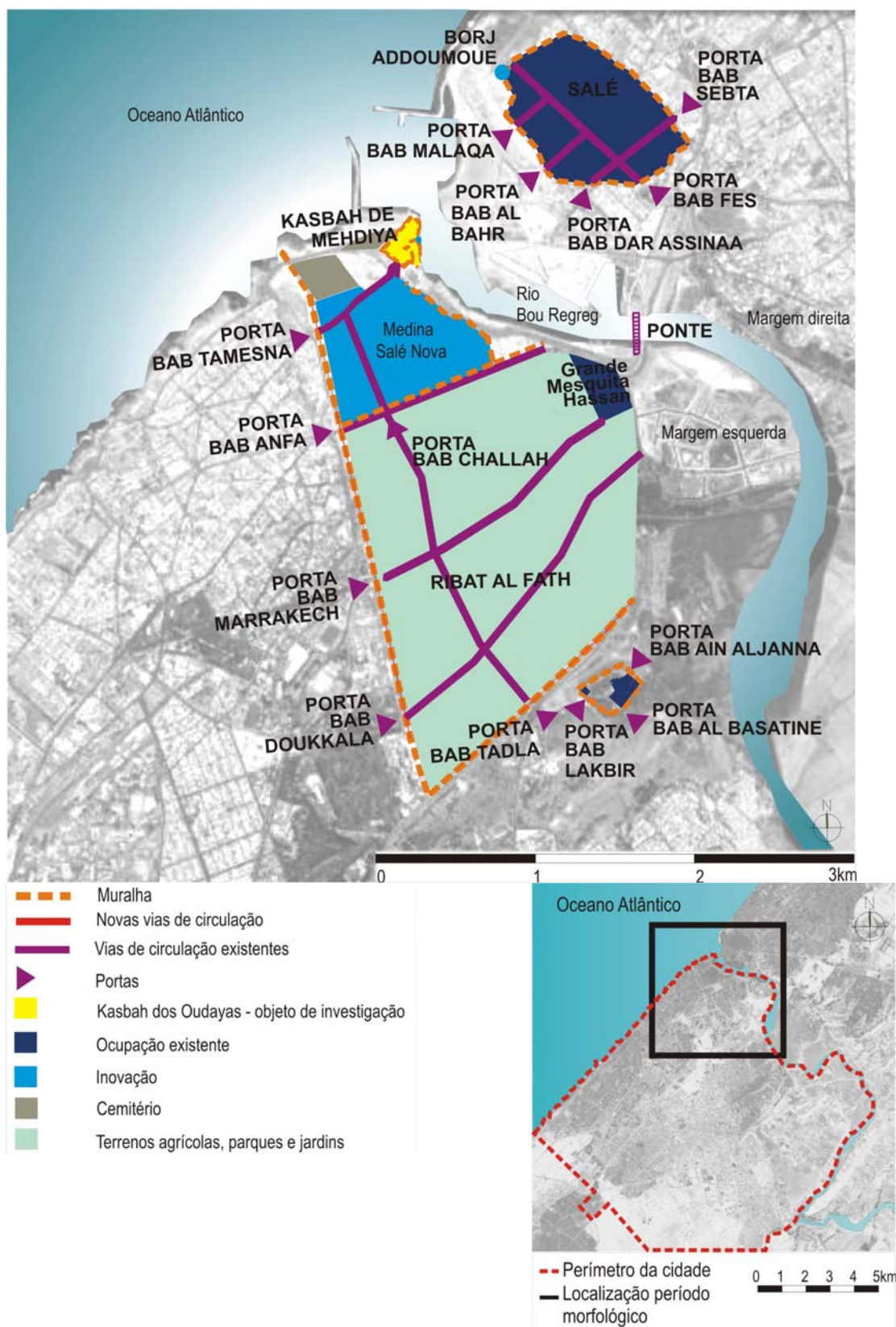
Fonte: Amer, Selma. Abril, 2014

O 6º período morfológico representa o renascimento urbanístico e arquitetônico da cidade de *Ribat AL Fath*. O espaço urbano não explorado, interno à muralha almóada, foi apropriado com cultivos de agricultura e jardins.

Na *kasbah de Mehdiya*, os mouros construíram muralha para reforço na fachada fluvial e marítima da kasbah, para fortalecer a proteção natural proporcionada pela existência da falésia aos possíveis ataques com canhões europeus.

As mencionadas inovações, assim como a demarcação da projeção da medina Salé Nova, estão representadas na figura 41.

Figura 41 – Mapa com representação da medina Salé Nova (Dinastia Saadiana)



Fonte: Produzida pela autora, com base em foto aérea extraída do Google earth, imagem @2014, Digital Globe. Outubro, 2014.

7º período morfológico: período Idade de Ouro (1666-1727 dC)

Após um período de estagnação da vida urbana, marcado pela crise no território marroquino com a ausência de comando político no país, os alauítas chegam ao poder com o sultão⁴ Moulay Mohammed. Em Rabat-Salé, as inovações referentes ao período se consolidam apenas a partir do segundo reinado, com o sultão Moulay Rachid (1666 dC). Esse período segue até o reinado de Moulay Ismail (1672 dC).

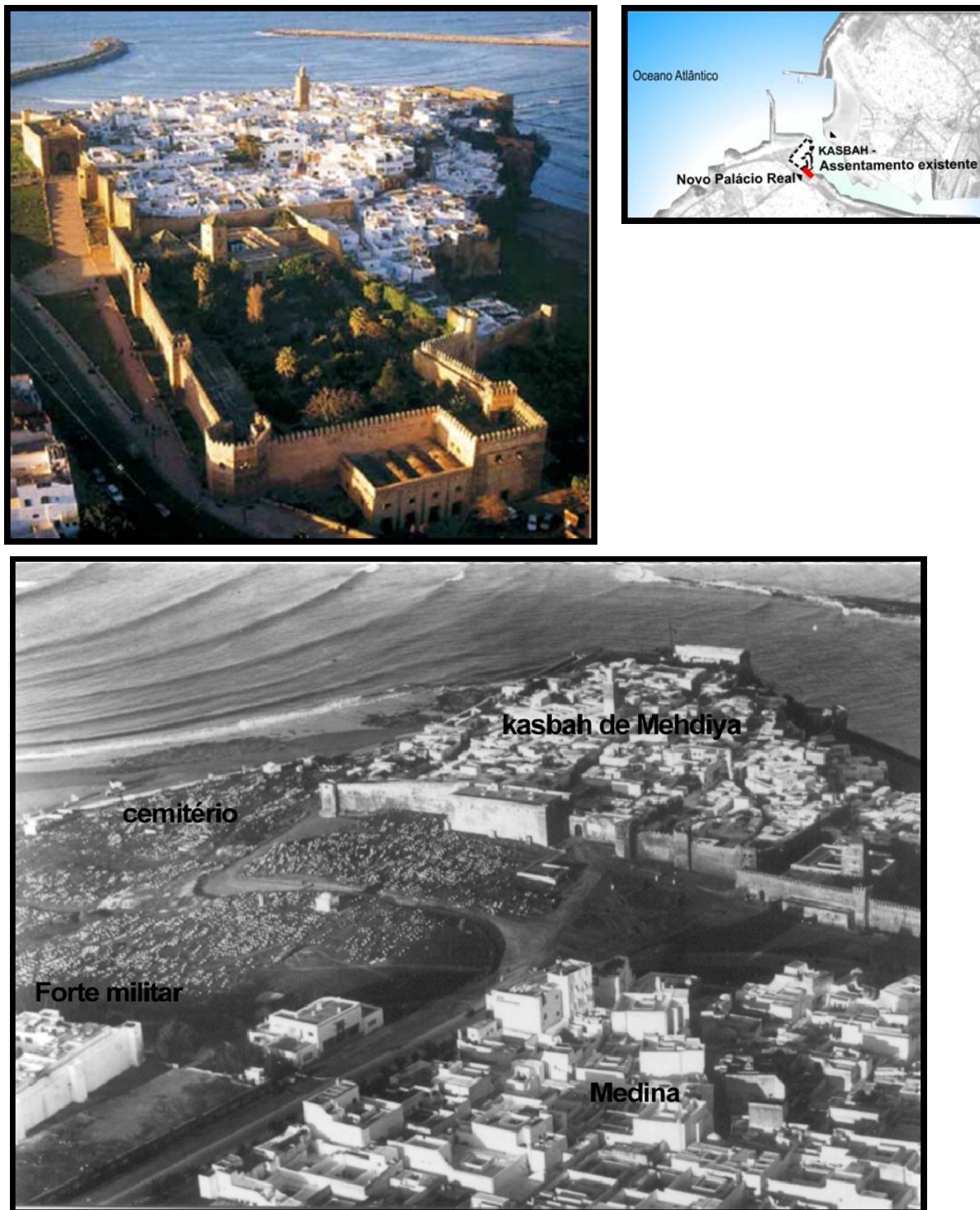
Nenhuma grande alteração formal ocorre no plano urbano, apesar desse período constituir grande importância político-histórica, pois a dinastia vigora no poder até os dias presentes (2014). O reflexo na forma urbana é a constituição de dois edifícios institucionais ao redor do primeiro assentamento islâmico da região, a kasbah de Mehdiya, que ganha prestígio no período. O primeiro edifício, construído por Moulay Rachid, corresponde à nova residência real na parte sudeste da *Kasbah de Mehdiya* cujo palácio passou a ser residência oficial do governador do *Ribat AL Fath*. O segundo edifício corresponde a forte militar, localizado em frente a porta de entrada da kasbah e próximo ao cemitério.

Segundo Correia (2008, p.381), nas cidades muçulmanas, os grandes recintos ao ar livre localizavam-se junto à saída de uma porta da cidade, ou de um cemitério, igualmente extramuros do contorno fortificado. Ressalta que “o aproveitamento destes terreiros ficara imediatamente excluído do processo de apropriação”. Por esse motivo, ainda nesse período encontravam-se desocupadas tais áreas no entorno da kasbah. Ambas as edificações, pelas extensas áreas que ocupam e pouca densidade que conformam, respeitam as características de grandes recintos ao ar livre que as cidades muçulmanas cultivam.

A figura 42 apresenta a fotografia dos dois edifícios institucionais construídos: o palácio do governador e o forte militar. A nova residência real transformou-se em espaço público de visita com jardim e museu (1ª fotografia da figura 42), referência de turismo de Rabat em 2014. E o forte militar (2ª fotografia da figura 42) passou de prisão, durante o Protetorado francês, a museu da história militar do Reino do Marrocos, em 2010, e está sem uso em 2014.

⁴ Sultão é um título islâmico usado por certos governantes muçulmanos que reivindicam soberania, mas que não chegavam a considerar-se Califas (representante do profeta Maomé). Originalmente, era um substantivo abstrato árabe que significava força, autoridade, domínio.

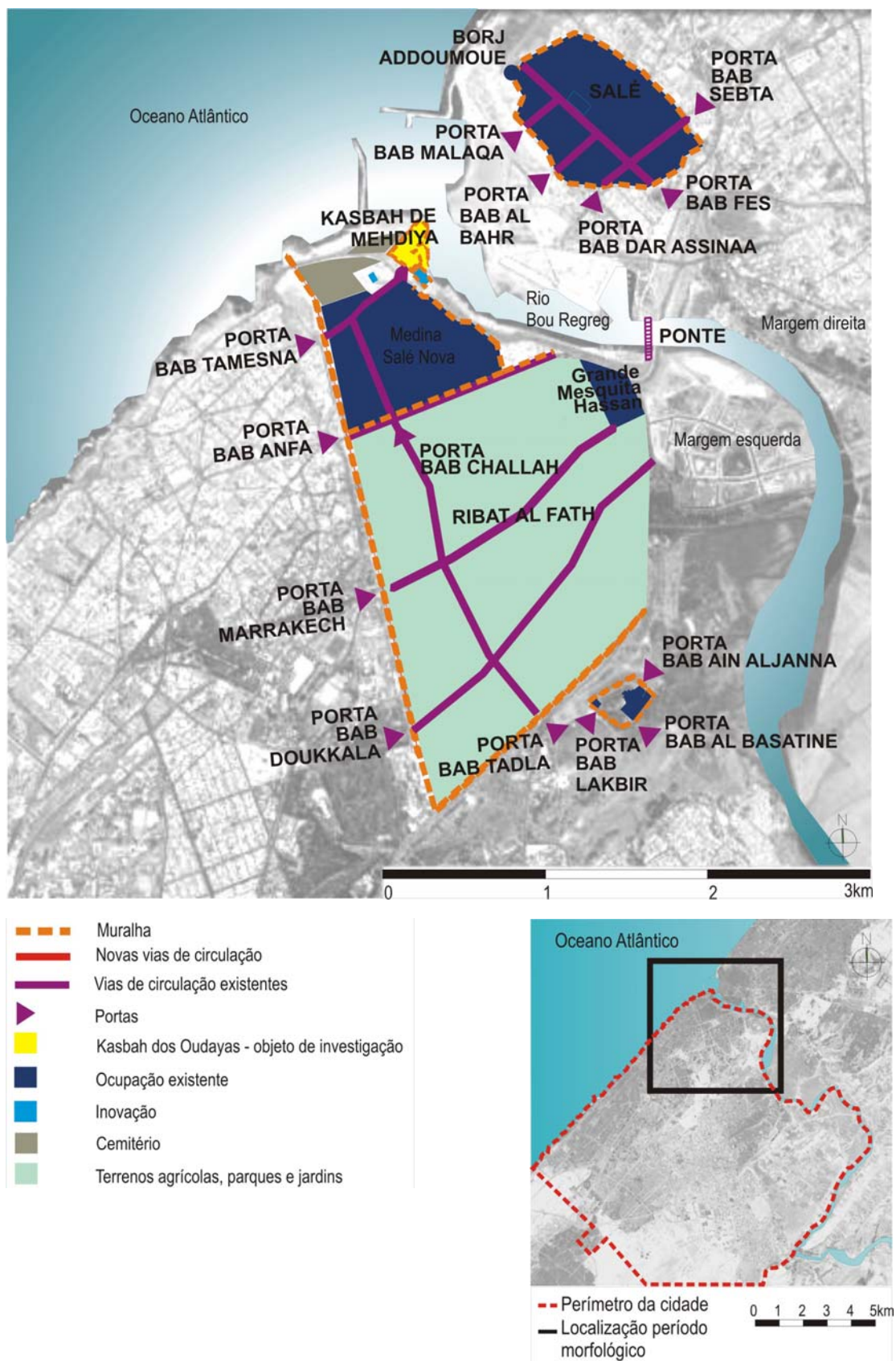
Figura 42 – Nova residência real – foto do palácio com jardim (anexo a Kasbah dos Oudayas) e foto aérea da região geográfica com forte militar, cemitério e kasbah



Fonte: Agence Urbaine. Plan d'aménagement et sauvegarde de la medina de Rabat. Mission II – leve topographique, diagnostic et analyses thematiques et spaciales. Junho: 2012 e Arquivo pessoal do Prof. Harrouni e vice-presidente da ICOMOS Marrocos. Data desconhecida.

A seguir mapa ilustrativo com a representação das inovações desse período, na figura 43.

Figura 43 – Mapa com representação dos dois edifícios institucionais da Dinastia Alauíta



Fonte: Produzido pela autora, com base em foto aérea extraída do Google earth, imagem @2014, Digital Globe. Outubro, 2014.

8º período morfológico: período de expansão e consolidação (1757-1912 dC)

O período da Dinastia Alauíta, 8º período morfológico, é marcado pelo reinado de três sultões: sultão Sidi Mohammed Ben Abdallah; sultão Moulay Abderrahmane Ben Hicham; e sultão Moulay Slimane.

Representa o segundo período mais importante do contexto urbano, pela expansão da cidade com a decisão do sultão Sidi Mohammed ben Abdallah em transformar novamente a cidade de *Ribat Al Fath* na terceira capital do Marrocos, depois de Fès, capital do norte, e Marraquexe, capital do sul do Marrocos.

De acordo com Es-Semmar (2011), suas primeiras realizações foram as construções de duas muralhas na fachada marítima com os respectivos *borjs* (torres de vigilância militar) em forma de *sqala* (pequeno forte militar), por razões militares e defensivas.

Outra realização foi a transferência do Palácio Real para o novo edifício construído, a sudeste, no limite interno mais próximo a divisa, no interior da muralha existente desde a dinastia almóada (FIGURA 44). A transposição do centro administrativo deu origem a um tipo especializado, que constitui uma kasbah de origem nobre, a *kasbah Real de Touarga*, nome pelo qual o palácio real é conhecido até os dias de hoje. Em 2014, esse palácio é a sede da família real. A *kasbah Real de Touarga* constitui um tecido especializado protegido por muralha cuja entrada só acontece mediante autorização. Dentro dos muros de proteção, além do palácio, encontram-se as moradias dos subordinados que servem ao governo. Por ser zona protegida, não é possível apresentar dados referentes aos tipos edilícios e à estrutura urbana interna.

O principal objetivo do oitavo período era prover de infraestrutura básica novas áreas destinadas à habitação. Com essa intenção, o sultão construiu três mesquitas no eixo de ligação do novo palácio à porta da medina *Bab Chellah*, como pontos de referência para a construção dos novos bairros residenciais. Como vimos nos modelos de estrutura urbana islâmica, todo assentamento gira em torno da centralidade oferecida pela mesquita. Esse projeto, no entanto, deparou-se com grande oposição por parte da população do *Ribat*, que, herdeira dos terrenos cultivados por gerações, se recusava a transformá-los em áreas loteadas urbanizadas.

Para evitar conflito, o sultão Sidi Mohammed ben Abdallah definiu nova estratégia de planejamento – expansão territorial com nova muralha a sudoeste da muralha

almóada existente, na parte superior próxima ao mar, criando um espaço urbano protegido para a instalação dos novos bairros residenciais.

O plano urbano sofre sua primeira grande alteração com a quase duplicação da área do assentamento urbano existente. A ampliação garantiu a permanência de extensas áreas livres, internas às muralhas, pouco urbanizadas. Além disso, permitiu a realização de tratamento paisagístico junto à kasbah real, nomeando a região como “Agdal” (que em árabe significa jardim). Esse princípio de estruturação urbana recorrente na formação da cidade tem relevante papel na formação da futura capital, que vai consolidar uma qualidade urbana ambiental reconhecida nos dias presentes.

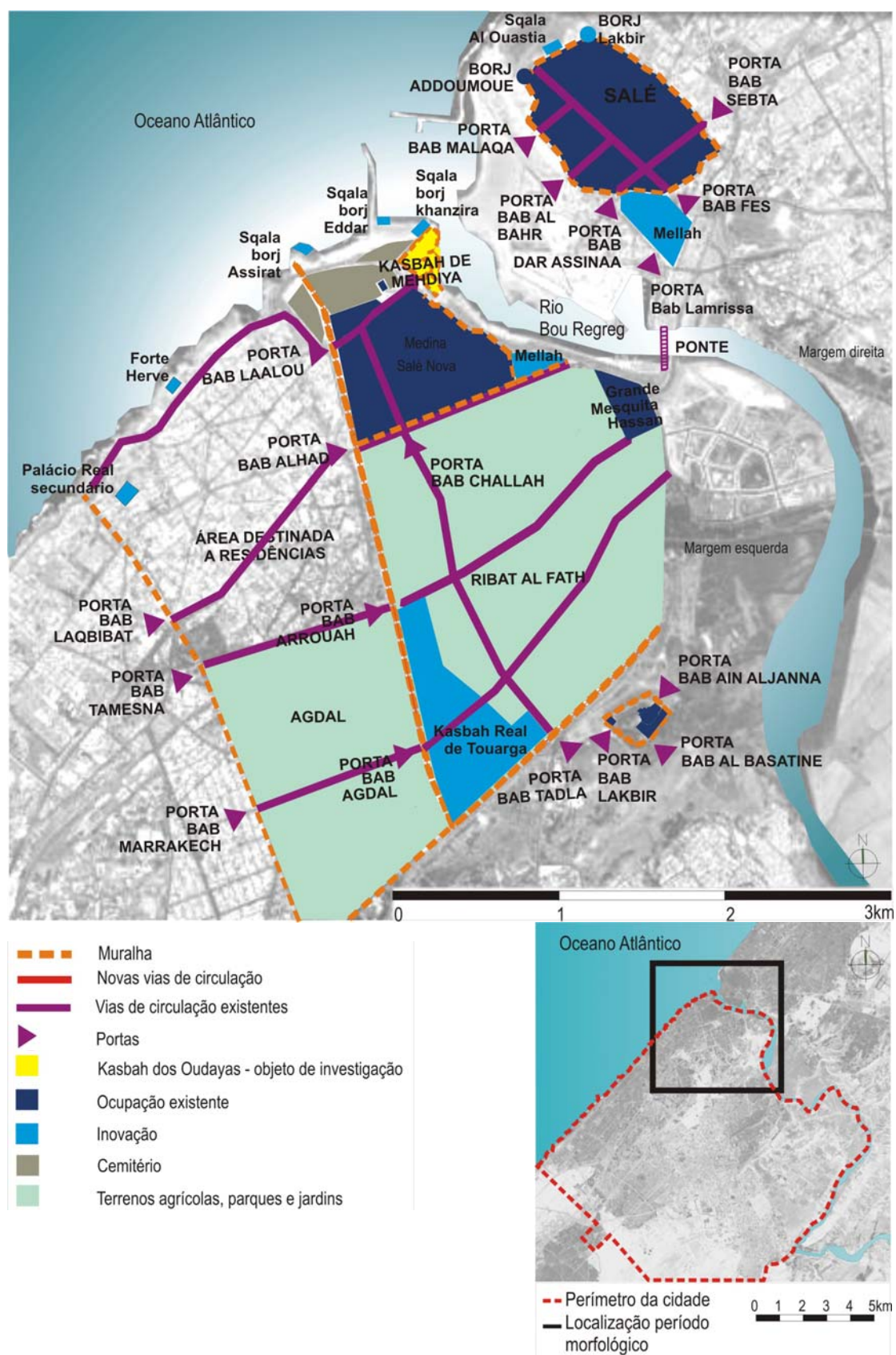
A muralha de expansão construída no 8º período não apresenta vestígios na paisagem em 2014. Há indícios de que a muralha tenha sido derrubada durante o Protetorado francês, tratado no próximo período morfológico.

O segundo reinado com o sultão Moulay Abderrahmane Ben Hicham apresentou, além da conformação do espaço urbano para a kasbah real alauíta, *Touarga*, a construção de uma residência real secundária em frente ao oceano atlântico, a noroeste do espaço urbano criado por Sidi Mohammed ben Abdallah. Esse palácio foi transformado em hospital militar durante o Protetorado francês.

Ao sultão Moulay Slimane atribui-se a fundação dos bairros judeus, chamados de *Mellahs*, em Rabat e Salé. São contíguos às medinas em cada margem fluvial.

Todas as inovações aqui descritas são apresentadas no mapa ilustrativo da figura 44.

Figura 44 – Mapa com representação das inovações do 8º período morfológico (Dinastia Alauíta)



Fonte: Produzido pela autora, com base em foto aérea extraída do Google earth, imagem @2014, Digital Globe. Outubro, 2014.

9º período morfológico: período do Protetorado francês: Plano de Prost (1912-1941 dC)

O período do Protetorado francês, estabelecido pelo Tratado de Fés em março de 1912, marca a escolha de transformar a cidade de *Ribat Al Fath* na capital Rabat.

Rabat foi declarada cidade capital sob a governança do Protetorado francês (1912-1956). A escolha de Rabat como capital foi resultado de ambições políticas para a criação de um novo centro político. A natureza estratégica do local, a sua localização no Atlântico e na foz de um rio navegável, o Bouregreg, contribuíram para essa escolha.

General Lyautey foi o militar francês que governou o Marrocos de 1912 a 1925, após se destacar nas guerras coloniais do imperialismo francês. Foi o primeiro residente geral do Protetorado francês de Marrocos. (MARRAST *et al*, [s.d.]). É frequentemente considerado o construtor do império colonial francês, seguindo influências familiares, pois era neto do general Hubert-Joseph Lyautey, chefe dos exércitos de Napoleão Bonaparte, marechal de campo e senador. Cresceu segundo as influências da formação em engenharia do pai, formado pela École Polytechnique de Paris. Possuía interesse acadêmico e gosto pela literatura. Pela sua religiosidade encontrou ressonância num país também religioso. Adquiriu admiração pelo orientalismo, a partir de sua experiência na Argélia em 1877. Desde então, ostentou o respeito adquirido pela civilização local e pela religião muçulmana, o que refletiu na formação da estrutura urbana da nova capital.⁵

Para tal, foi elaborado um projeto urbanístico modernista que se adapta adequadamente aos valores arquitetônicos do contexto do Magrebe, embora incorporando-os no âmbito da antiga cidade, com os seus muitos componentes históricos e culturais. O projeto urbanístico modernista foi concebido para ser tanto funcional quanto para destacar o grande número de referências culturais e simbólicas presentes no sítio.

Segundo Marrast *et al*⁶ ([s.d.], p.53), foi a partir de duas requisições do General Lyautey que Henri Prost, urbanista francês e autor do projeto da cidade moderna, desenvolveu o projeto: a primeira seria respeitar a integridade artística e social da cidade tradicional e a segunda seria aplicar à nova capital o modelo moderno de urbanismo, no qual estes princípios responderiam às considerações políticas, econômicas e estéticas.

⁵ <http://www.lyautey.mosaiqueinformatique.fr/content/view/27/43/> (Acesso em: janeiro, 2015)

⁶ Marrast foi inspetor geral da construção civil e Palácio Nacional de Paris, além de Presidente da Academia de Arquitetura. Texto extraído do livro feito pela Academia de Arquitetura sobre a obra de Henri Prost. (Data desconhecida).

O projeto corresponde ao primeiro planejamento urbano da cidade, cobrindo um total de 770 hectares.

A região de Salé não foi incluída no perímetro cujo planejamento incorporava apenas a estrutura urbana desenvolvida na margem esquerda do rio Bouregreg. Esse momento define a separação entre as duas margens e uma grande diferenciação do plano urbano até então desenvolvido.

No momento do estabelecimento do novo planejamento, apenas foi mantido o tecido contínuo tradicional da medina e da kasbah, como também o tecido especializado da kasbah Real e as extensas áreas verdes do Agdal, jardim destinado ao Palácio.

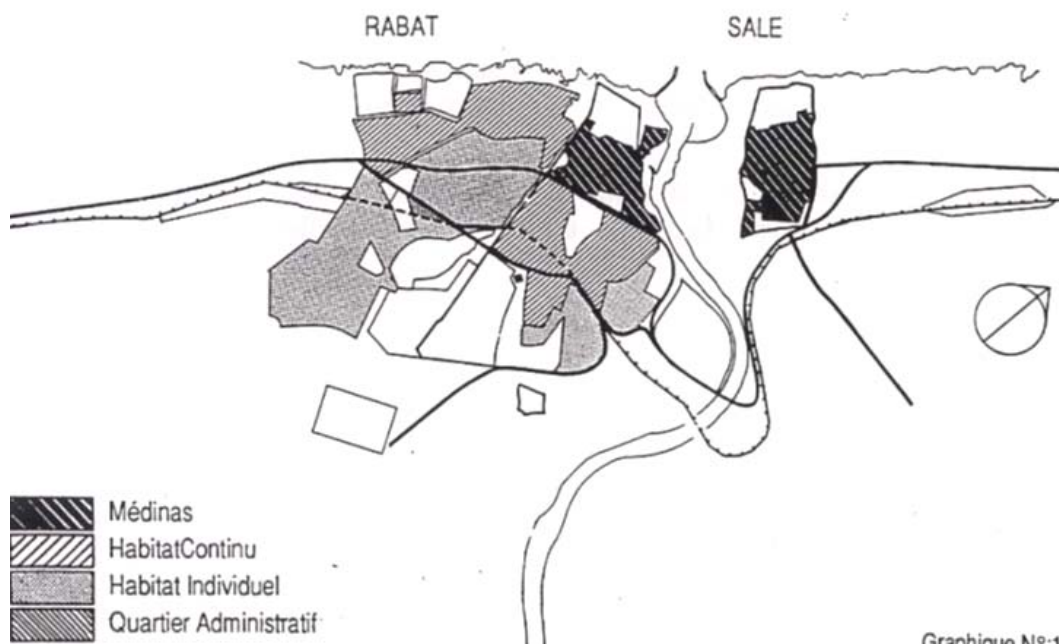
O novo assentamento urbano previa ocupar o interior da muralha almóada – que até então estava sub-utilizada com extensas plantações e jardins –, e o setor residencial que havia sido criado pelos sultões alauítas. A muralha da dinastia alauíta não resistiu ao tempo, pois foi demolida para dar lugar ao novo perímetro da cidade moderna.

O zoneamento se restringiu a três setores: habitação coletiva e comércio no centro (35%), administração (5,2%) e habitação individual (44,2% – Medina de Rabat e 15,6% – Medina de Salé).

A população total em 1930, incluindo Salé, era de setenta mil habitantes.

A figura 45 apresenta o planejamento da cidade moderna por Prost. O mapa representa os três tecidos que constituem a capital: o tecido tradicional (medina e kasbah); o tecido contínuo moderno multifamiliar e misto; e o tecido descontínuo unifamiliar.

Figura 45 – Planejamento da cidade moderna por Prost. (legenda: *médinas* [tecido contínuo tradicional]; *habitat continu* [tecido contínuo moderno multifamiliar e misto]; *habitat individuel* [tecido descontínuo unifamiliar]; *quartier administratif* [tecido contínuo moderno multifamiliar e misto])



Fonte: SDAU – Schema Directeur Rabat-Salé 1991

As qualidades estéticas, funcionais e ambientais da nova capital

Na ocasião da ocupação da região pelas tropas francesas, se não fosse a intervenção do General Lyautey, as muralhas almóadas teriam sido demolidas para melhor aproveitamento do território.

Segundo Marrast *et al* ([s.d.], p.78), o general estabeleceu uma zona *non aedificandi* de 250 metros em volta do tecido tradicional da cidade. A Prost ficava a incumbência de propor um projeto que permitisse a permanência da visão panorâmica que havia sido protegida por essa região não edificável. O urbanista Henri Prost percebeu a dificuldade de se estabelecer um projeto com visadas panorâmicas numa área com topografia quase plana e utilizou as inúmeras áreas verdes remanescentes da urbanização como parte integrante de um conceito de sistema de parques, instigado pela influência do paisagista francês Jean Claude Forrestier. Essa proposta é estruturada pela permanência das áreas verdes existentes como pontos estratégicos das visadas panorâmicas.

O urbanista respeitou os eixos visuais da mesquita Hassan sobre o rio Bouregreg, do palácio residencial do protetorado sobre a cidade de Rabat-Salé, do município sobre os bairros antigos e tradicionais, da plataforma do Agdal (antigo jardim e atual bairro multifamiliar e de uso misto) ao cinturão formado pelas antigas muralhas. (MARRAST *et al*, [s.d.], p.80).

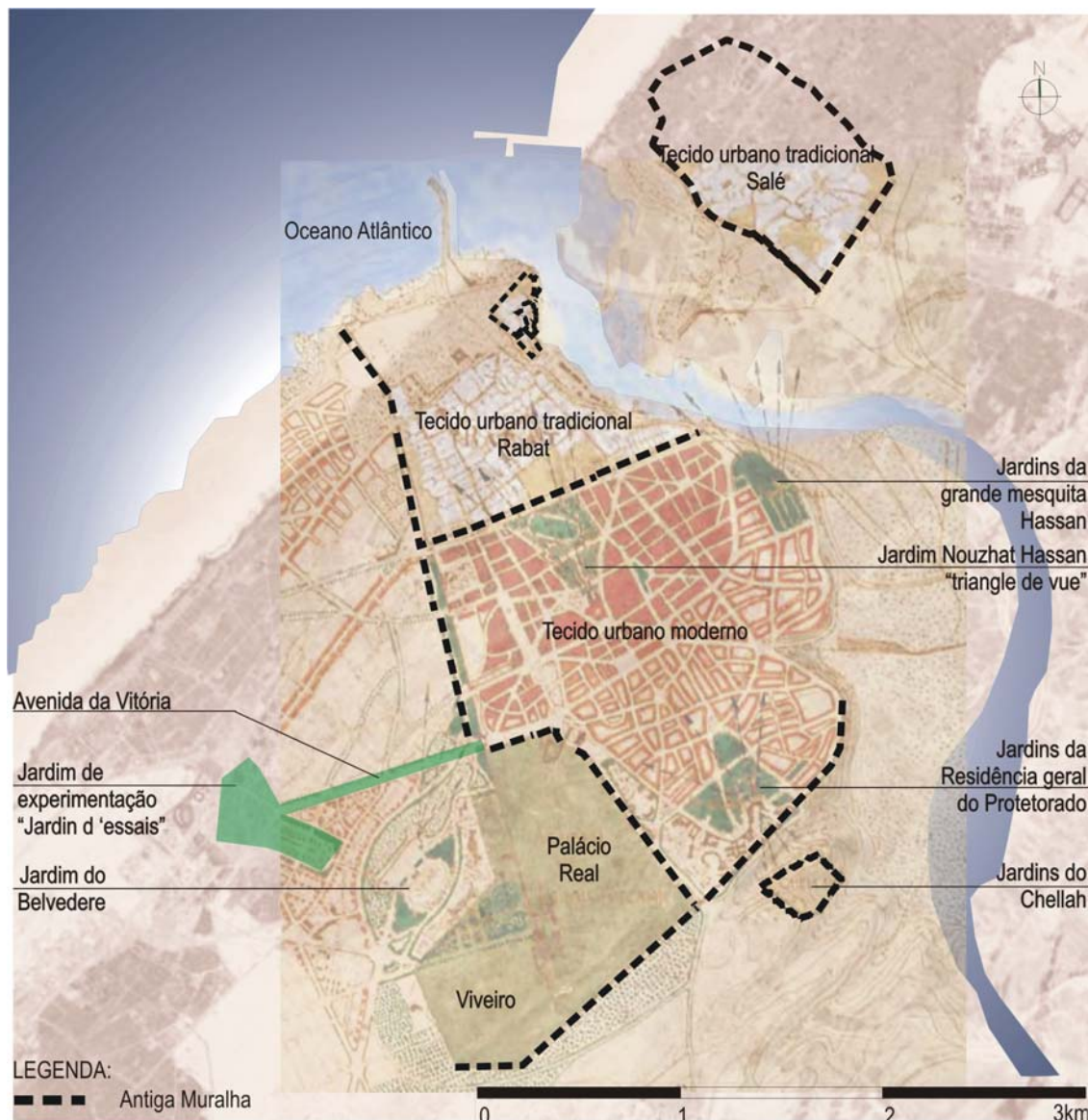
Após essa proposta, a zona estabelecida como não edificável não possuía mais razão de existir, pois os parques já ofereciam o afastamento necessário, setorizando as áreas que deveriam ser protegidas com usos públicos e institucionais.

Junto à concepção inicial, incluiu-se no projeto urbano os assentamentos e monumentos existentes e destacados das épocas anteriores, com medidas de proteção para a Kasbah dos Oudayas, a Mesquita Hassan, e para o conjunto do Chellah. Ao plano urbano da capital três elementos principais se adicionaram à composição: o porto, o palácio imperial e o bairro conhecido como La Résidence, espaço principal que concentrou a função administrativa da nova cidade.

O programa foi definido pelo General Lyautey. Segundo relato (MARRAST *et al*, [s.d.], p. 82), “todas as pessoas, colonos, oficiais, comerciantes e homens de negócios, etc., ao frequentar os serviços, deveriam obter as informações necessárias com o mínimo de tempo e o mínimo de deslocamento.” Acrescenta ainda que tais serviços deveriam possuir relação espacial contínua entre si e rápida comunicação, o que foi alcançado por meio de arcada contínua no nível térreo e ao longo da avenida central. Assim foram concebidas edificações de uso misto, com quatro andares residenciais sobre pilotis comerciais. A aproximação de serviços e conectividade aproximaram as instituições administrativas, bancos, teatro, estação ferroviária sobre a grande avenida principal.

Na figura 46 são apresentados mapas esquemáticos do projeto original, com o posicionamento dos parques previstos sobre áreas verdes existentes, as visadas panorâmicas mais importantes e essa ligação com o plano de circulação, de maneira a formar um sistema de parques unificador.

Figura 46 – Planejamento da cidade moderna – o sistema de parques como base conceitual



A figura apresenta a inserção do projeto moderno em sobreposição ao assentamento urbano desenvolvido até esse período.

O tecido urbano tradicional permanece como original, assim como as antigas muralhas referentes ao período Almóada.

Neste mapa, podemos observar o planejamento de parques e jardins sobre as áreas sub-utilizadas de forma a atingir dois objetivos:

1. a interconectividade entre eles criando um sistema de parques sob influência do paisagista francês Forrester, para agregar qualidade ambiental e higienista ao traçado moderno;
2. a manutenção das visadas panorâmicas mais importantes, estabelecidas a partir dos bens culturais que se tornam referência nesse projeto – a grande mesquita Hassan, a residência geral do Protetorado e o jardim anexo à medina.



Fonte: Produzida pela autora, com base em foto aérea extraída do Google earth, imagem @2014, Digital Globe. Outubro, 2014 e imagem extraída de palestra realizada por Mouna Bennani, no Instituto francês de Casablanca em janeiro de 2014

O caráter dessa paisagem se fundamenta especialmente sobre a harmonia estabelecida entre o estilo de viver da sociedade moderna – proposto pelo urbanismo contemporâneo – e o respeito às tradições locais – com a valorização dos bens culturais e assentamentos urbanos mais representativos para sociedade local. A junção da cultura ocidental com a islâmica deu origem a um modelo de arquitetura especial, único, pois propunha elementos decorativos próprios da região sobre estilos arquitetônicos correntes. Isso faz com que o modernismo em Rabat tenha adquirido personalidade particular pela história do lugar.

A proposta de Prost, com inspiração no paisagismo de Forrester, estabelece medida reguladora para a distribuição de parcelamento pela ocupação de espaços livres vegetalizados, promovendo zonas de microclima e propiciando incremento da qualidade ambiental. Em 2010, à Rabat foi atribuído o título de cidade verde pelos seus componentes – 230 ha de área verde e 1063 ha de cinturão verde.⁷ Em 2014, a cidade apresenta uma proporção de 20 m²/habitante de área verde, o que representa mais que o dobro da média nacional e o dobro do estabelecido pela Organização Mundial de Saúde (OMS), que é de 10m²/habitante.⁸

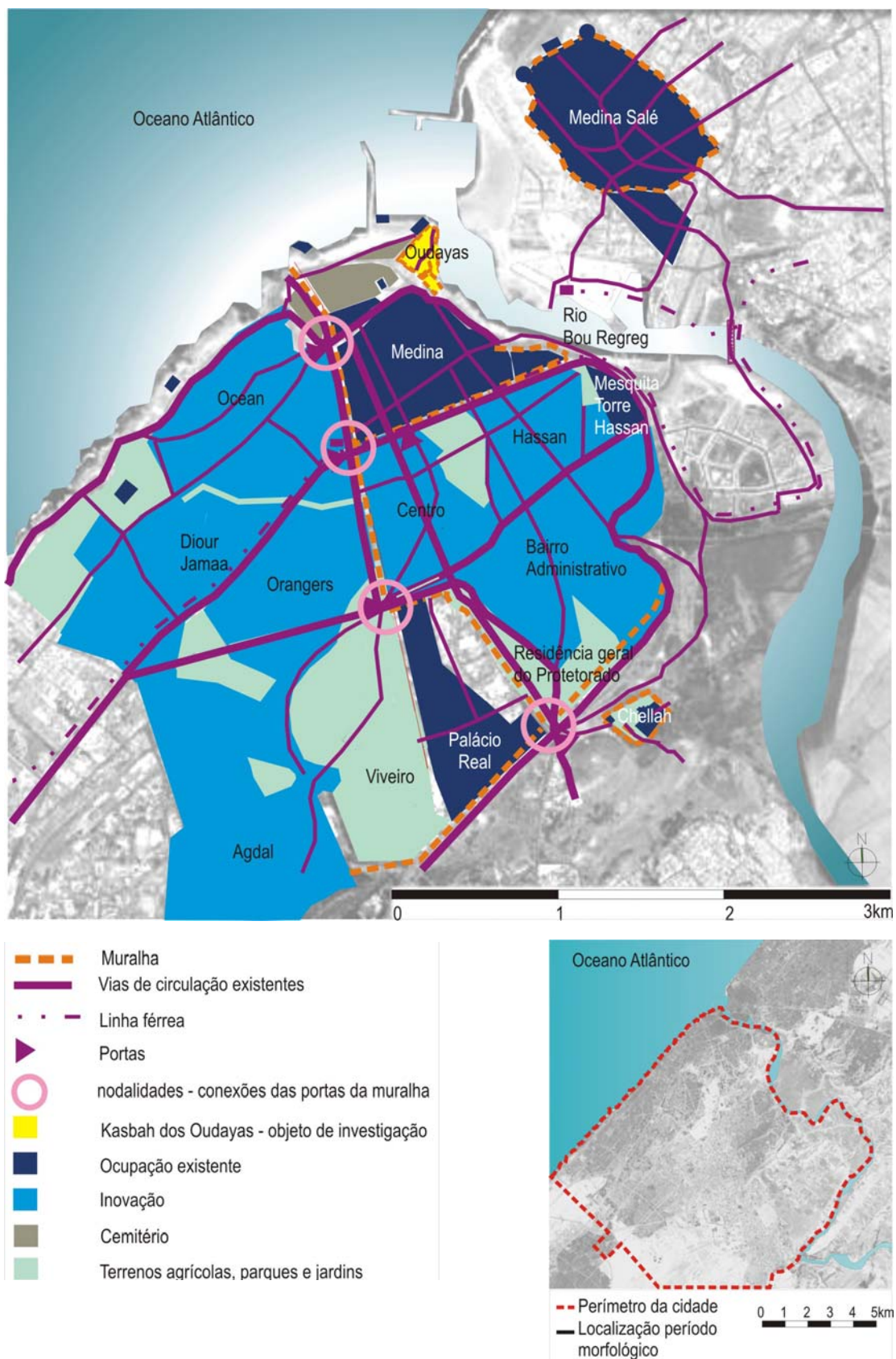
Na figura 47, abaixo, podemos perceber os benefícios advindos da implantação do projeto na margem esquerda do rio Bouregreg, o que contribui para a qualidade urbana nos aspectos ambientais – pelos parques –, e históricos – pela permanência das formas na estrutura urbana durante o período inicial do Protetorado francês.

A essência do plano urbano original permanece. É visível a continuidade das linhas de circulação principais decorrentes das ligações entre as portas das muralhas almóadas e saadiana com os assentamentos existentes. Permanece também a setorização do uso (centros tradicionais, bairros residenciais, áreas verdes). A muralha construída na segunda grande expansão do período de Sidi Mohammed ben Abdallah não vigora. O espaço urbano subutilizado da época almóada abriga o centro administrativo e o bairro de habitação multifamiliar, designado como tecido urbano contínuo. Também na região com habitação do período alauíta, cria-se bairro popular com tecido contínuo moderno, chamado Océan, constituído por habitações conjugadas e multifamiliares. A região do Agdal, além de receber dois parques, é planejada para se tornar um bairro de habitação unifamiliar com unidades afastadas entre si, constituindo um tipo de tecido descontínuo.

⁷ <<http://www.maghress.com/fr/aujourd'hui/73399>>. Acesso em: dez. 2014.

⁸ <<http://rabat2013.com/rabat/profilrabat/fr>>. Acesso em: dez. 2014

Figura 47 – Consolidação da Estrutura Urbana durante a formação da capital no período do Protetorado francês



Fonte: Produzida pela autora, com base em foto aérea extraída do Google earth, imagem @2014, Digital Globe. Outubro, 2014.

10º período morfológico: 1ª Expansão Urbana do Período do Protetorado francês: plano Ecochard – (1941 a 1956 dC)

Após a Segunda Guerra Mundial, o plano moderno original é alterado com previsão de novos eixos de expansão. Isso ocorre porque até a década de 1980 muitas favelas se implantaram ao longo da estrada costeira que dava acesso a Rabat, situadas igualmente próximas às zonas industriais que se desenvolviam por ali. Em 1952, um novo planejamento urbano foi concebido pelo arquiteto e urbanista francês Michel Ecochard.

À época, a população de Rabat-Salé contava em torno de duzentos mil habitantes. O projeto propõe quatro programas de habitação popular, que não visam unidade de conjunto. No planejamento urbano experimentou-se novas formas de habitação popular de baixa renda, para relocação das favelas existentes.

A primeira expansão urbana proposta situa-se na orla marítima onde se assentavam as favelas, com o zoneamento residencial Yacoub El Mansur (160 ha). Junto ao bairro residencial Yacoub El Mansur foi planejada zona industrial com 50 ha. Outra expansão ocorrida no mesmo período resulta na formação do novo bairro Youssoufia et Takkadoun, com 190 ha. Ambas expansões correspondem à idealização de um tecido urbano denso e contínuo, seguindo aos moldes do tecido tradicional islâmico.

As figuras 48 e 49 apresentam plantas dos tecidos referentes aos bairros Yacoub El Mansur e Youssoufia. O bairro Yacoub El Mansur possui dois setores: o industrial (figura do meio), com grandes glebas previstas juntos a via arterial; e o residencial (figura à esquerda), tecido unifamiliar contínuo misto e denso, com previsão de equipamentos essenciais.

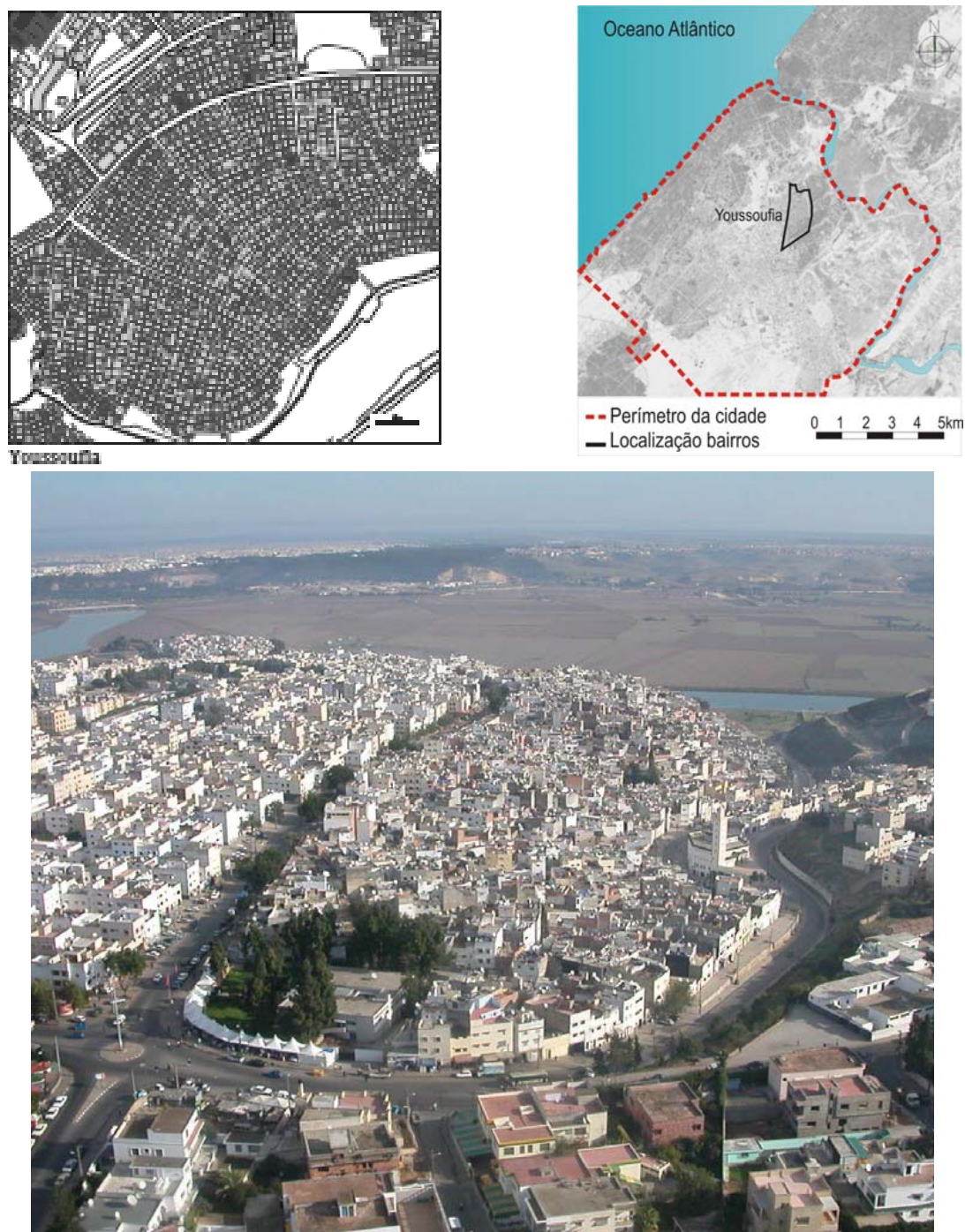
Figura 48 – Tecido Urbano contínuo misto: residencial e industrial do Bairro Yacoub El Mansur



Fonte: Atelier parisien d'urbanisme. Plan d'Aménagement Unifié de la Ville de Rabat. Mission 2 – Diagnostic Analyses thématiques et spatiales. Abril: 2009.

O bairro Youssoufia apresenta maior densidade. Prevê edificações multifamiliares implantadas, acopladas umas as outras, conformando o tecido contínuo. Adapta-se à topografia com traçado regular, numa hierarquia viária que conta com caixa de rua reduzida. A foto, abaixo, da figura 49, permite o reconhecimento de um tecido denso, serial, com escala da edificação que mantém a relação humana com o entorno.

Figura 49 – Tecido Urbano contínuo moderno: residencial misto – Bairro Youssoufia



Fonte: Atelier parisien d'urbanisme. Plan d'Aménagement Unifié de la Ville de Rabat. Mission 2 – Diagnostic Analyses thématiques et spatiales. Abril: 2009.

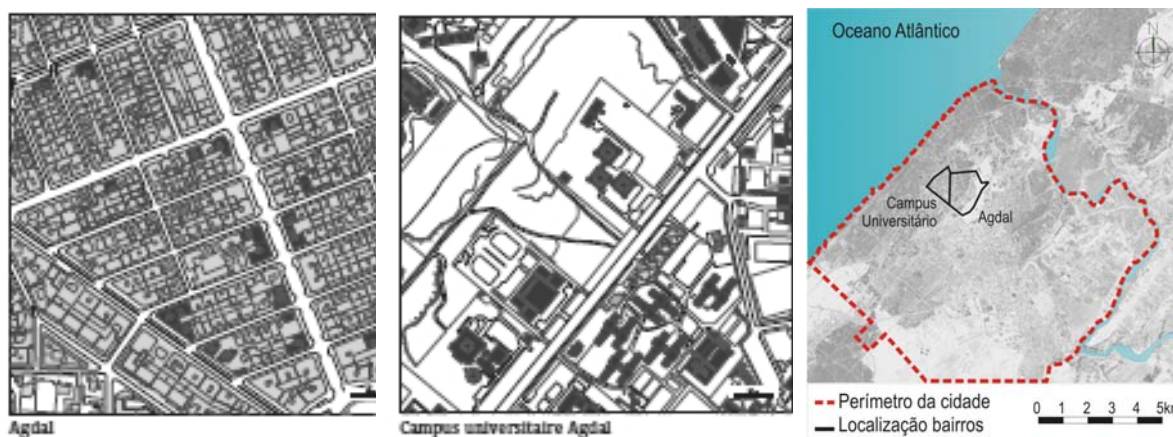
No 10º período morfológico, as expansões residenciais assumem o mesmo padrão já desenvolvido na cidade, ou seja, de tecido urbano contínuo. Os projetos foram padronizados em torno de centralidades que incluíam todos equipamentos essenciais: mesquita, banho público, escola, mercado.

Os tecidos contínuos destinam-se à habitação social e se diferenciam por terem parcelamento em lotes de 25 a 100 m². A taxa de ocupação é de 80% do lote e muito frequentemente chegam a 100%. A iluminação e ventilação ocorrem pela presença de pátios internos. Nesse tecido os espaços públicos são reduzidos e se inserem numa rede viária estreita, que frequentemente segue as curvas de nível. Como esse parcelamento seguiu regras urbanísticas de salubridade e densidade, nessas unidades de vizinhança foram planejados espaços de estacionamento, áreas de trabalho artesanais, área para mercado aberto, que seriam impossíveis de serem inseridos espontaneamente entre os lotes. (PAU, 2009).

A segunda expansão ocorreu na região do Agdal, no qual é proposto bairro residencial, campus universitário e edificações institucionais e administrativas do Reino do Marrocos. O tecido residencial do bairro Agdal, na parte oeste, foi concebido como tecido contínuo multifamiliar, denso e com edificações de até seis pavimentos, como apresenta a figura 50 (mapa à esquerda).

Já o tecido do campus universitário, apresentado na figura seguinte (mapa do meio), representa a formação de um tecido especializado, institucional e pouco denso, seguindo o eixo de expansão sudoeste, paralelo a orla marítima.

Figura 50 – Tecido Urbano residencial do Agdal e Campus Universitário



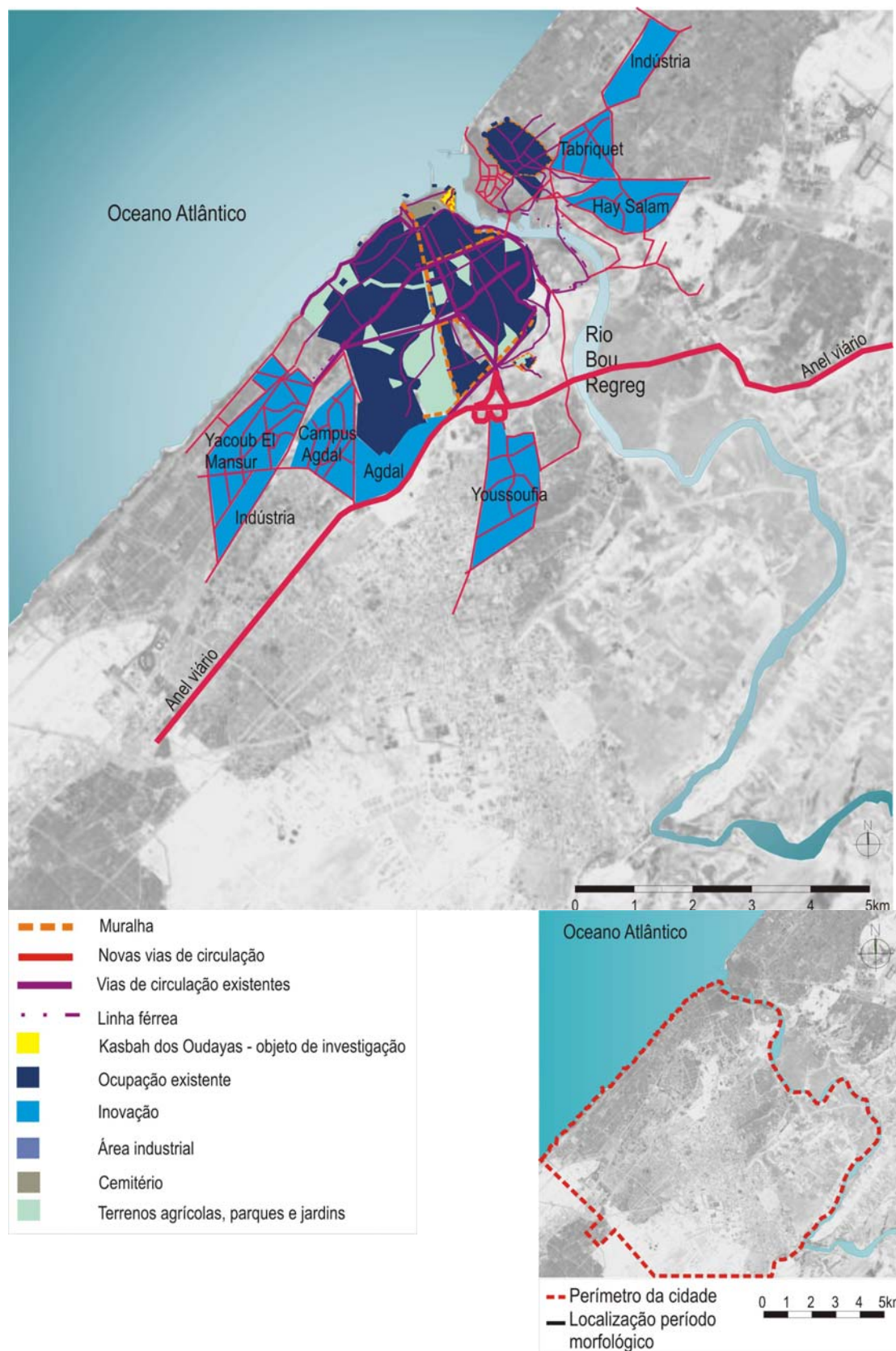
Fonte: Atelier parisien d'urbanisme. Plan d'Aménagement Unifié de la Ville de Rabat. Mission 2 – Diagnostic Analyses thématiques et spatiales. Abril: 2009.

A maior parte da população das favelas que estavam implantadas no alinhamento da orla de Rabat foram relocadas na região de Salé, com os novos bairros Trabriquet e Hey Salam, de 190 ha, segundo consta na SDAU (1991). Nesse mesmo momento, seguindo as diretrizes de expansão conjugadas a criação dos novos conjuntos habitacionais, implanta-se bairro industrial de 83 ha.

A expansão urbana em eixos radiais exige a criação de um anel viário que conecte as novas expansões às duas cidades, Rabat e Salé. O anel tem como função interligar Rabat com o aeroporto em Salé, às auto-estradas e estradas nacionais que conduzem aos assentamentos urbanos mais proeminentes do país, assim como aos principais locais de lazer, compostos pelo golfe e hipódromo. Apresenta-se como a via expressa, com maior fluxo, fluidez e de maior importância na circulação viária. A ela, as vias arteriais criadas durante o protetorado se conectam.

Na figura 51 podemos perceber a ampliação da forma urbana durante o período do Protetorado francês. O período que vai de 1941 à 1955 é marcado pela expansão de bairros de habitação no alto do Agdal, Yacoub El Mansur e Youssofia, em Rabat e dois outros bairros foram desenvolvidos em Sale.

Figura 51 – Mapa com a mancha de ocupação urbana referente ao 2º período do Protetorado francês



Fonte: Produzida pela autora, com base em foto aérea extraída do Google earth, imagem @2014, Digital Globe. Outubro, 2014.

11º período morfológico: período de Independência até o SDAU (*Schema Directeur Rabat-Salé*) Rabat-Sale 1971-72

O período pós independência passou por grande expansão urbana. Entre 1960 e 1990 a população urbana dobrou em Rabat (de 550.800 para 1.174.100 habitantes segundo SDAU 1991), passando por grande demanda habitacional, num tempo muito curto. (PAU, 2009). O mapa comparativo da figura 52 apresenta a expansão da cidade nesse período.

Figura 52 – Expansão urbana em Rabat-Salé de 1971 a 1987



Fonte: SDAU - Schema Dircteur Rabat-Salé 1991

O fenômeno da expansão urbana acarretou uma transformação dos tecidos urbanos da cidade. A urbanização informal intensificou-se nas encostas do vale do rio Bouregreg, assim como a iniciativa pública e privada promoveram loteamentos nas grandes glebas urbanas. Observam-se, assim, vários fenômenos concomitantes dentro da cidade. Esses fenômenos desenvolvem-se tanto nos bairros populares, já densos e mal construídos, como também nos bairros modernos do centro da cidade e na Medina:

- Maior adensamento em regiões já densamente povoadas, como a área do bairro Océan: substituição de edifícios unifamiliares por edifícios multifamiliares de até seis pavimentos e transformação de tecido contínuo moderno unifamiliar em multifamiliar (PAU, 2009);
- Adensamento pela adição de volumes construídos sobre os jardins das casas, principalmente nos tecidos contínuos tradicionais da medina e kasbah (PAU, 2009);
- A transformação total do tecido urbano de moradias unifamiliares em tecido urbano contínuo multifamiliar: substituição, parcela por parcela, por edifícios conjugados, especialmente no bairro de Agdal. Esse bairro tornou-se pólo de negócios, a partir dos anos oitenta, com a substituição das casas por edifícios, os quais, em parte, foram ocupados por escritórios e, em parte, por apartamentos de classe média alta, espaçosos e com estacionamento e serviços nas redondezas (PAU, 2009).

Rabat, como capital, tornou-se centro urbano polarizador da conurbação Rabat-Salé e atingiu o maior grau entre 1960 e 1970, com 75% da população urbana da região. O adensamento do núcleo histórico pelos processos acima citados permanece até a década de 1980, quando enfim atinge seu ápice.

Novos bairros surgem com o tipo edilício do habitat moderno – casa e jardim externo –, no final do século XX. Em Rabat formam os tecidos dos bairros contemporâneos Hay Riad e Souissi (PAU, 2009).

A figura 53 caracteriza os novos tecidos urbanos, em que podemos observar o distanciamento entre as implantações, taxa de ocupação reduzida e menor densidade.

Figura 53 – Tecido urbano descontínuo de Hay Riad e Souissi



Fonte: Atelier parisien d'urbanisme. Plan d'Aménagement Unifié de la Ville de Rabat. Mission 2 - Diagnostic Analyses thématiques et spatiales. Abril: 2009.

O tecido urbano dos bairros Hay Riad e Souissi, na região oeste, foram concebidos como tecidos descontínuos, caracterizados por uma série de lotes regulares com residências unifamiliares individuais, edificadas com afastamento frontal e envoltas por jardim nos recuos frontal e posterior e taxa de ocupação até 50%. Os lotes variam de 150 m² a 2000 m².

Em Souissi encontram-se os maiores lotes e, portanto, menor densidade de ocupação. Nesse bairro há exclusividade do uso residencial. No bairro Hay Riad, há desenvolvimento de um tecido de uso misto, que virá a formar nova centralidade para a cidade após os anos 2000.

Tanto crescimento fez com que o estado percebesse a necessidade de um planejamento mais abrangente. Realiza-se o primeiro grande plano diretor da conurbação de Rabat-Salé em 1971-72, que segue o mesmo modelo do plano precedente (Ecochard).

Na época de sua concepção, a população constava em 526.600 habitantes, segundo informações da SDAU 1991. Estimava-se que o crescimento populacional chegaria a triplicar até a década de 1990, chegando a população a 1.820.000 habitantes, o que foi superestimado. Na realidade, houve crescimento, mas os números apenas duplicaram. O planejamento, no entanto, foi concebido com previsão superestimada. Assim, o plano diretor não responde às diretrizes previstas.

As divergências entre o plano e a realidade que suscitam críticas referem-se a:

1. Demanda habitacional subestimada para Salé e Temara;
2. Área para zona industrial na região de Salé;
3. Implantação de sistema viário incompleto.

No referido plano estimou-se a formação de tecidos industriais em torno de 1000 ha, concentrando-se a maior parte em Salé. Porém, somente os 90 ha planejados no plano Ecochard em Rabat foram valorizados e efetivamente ocupados, pois à época essa era a região urbana de maior concentração populacional. O restante ficou subutilizado (PAU, 2009).

Essa evolução ocorreu porque as regiões de Temara e Salé abrigaram, de fato, a demanda do adensamento habitacional, e não o do uso industrial. Essas regiões haviam passado por cálculos subestimados de crescimento populacional. Após a década de 1970, Salé passou a receber até 50% da população urbana da conurbação e Temara 17%, o que fez com que Rabat abrigasse apenas 30% até a década de 1990. Essa inversão inesperada traz como efeito a ocupação irregular nas regiões de Salé e Temara (PAU, 2009).

Pela grande expansão territorial, a proposta prioriza o desenvolvimento e a expansão da circulação e transporte até os pontos mais extremos da conurbação, chegando a Kenitra, a leste de Salé, e Skhirat, a oeste de Rabat. Porém, nem todo o planejamento foi realizado (PAU, 2009).

Os pontos propostos no plano diretor que foram bem sucedidos são:

1. Uso institucional nos bairros Yacoub El Mansur e Hay Riad;
2. Espaços livres vegetados.

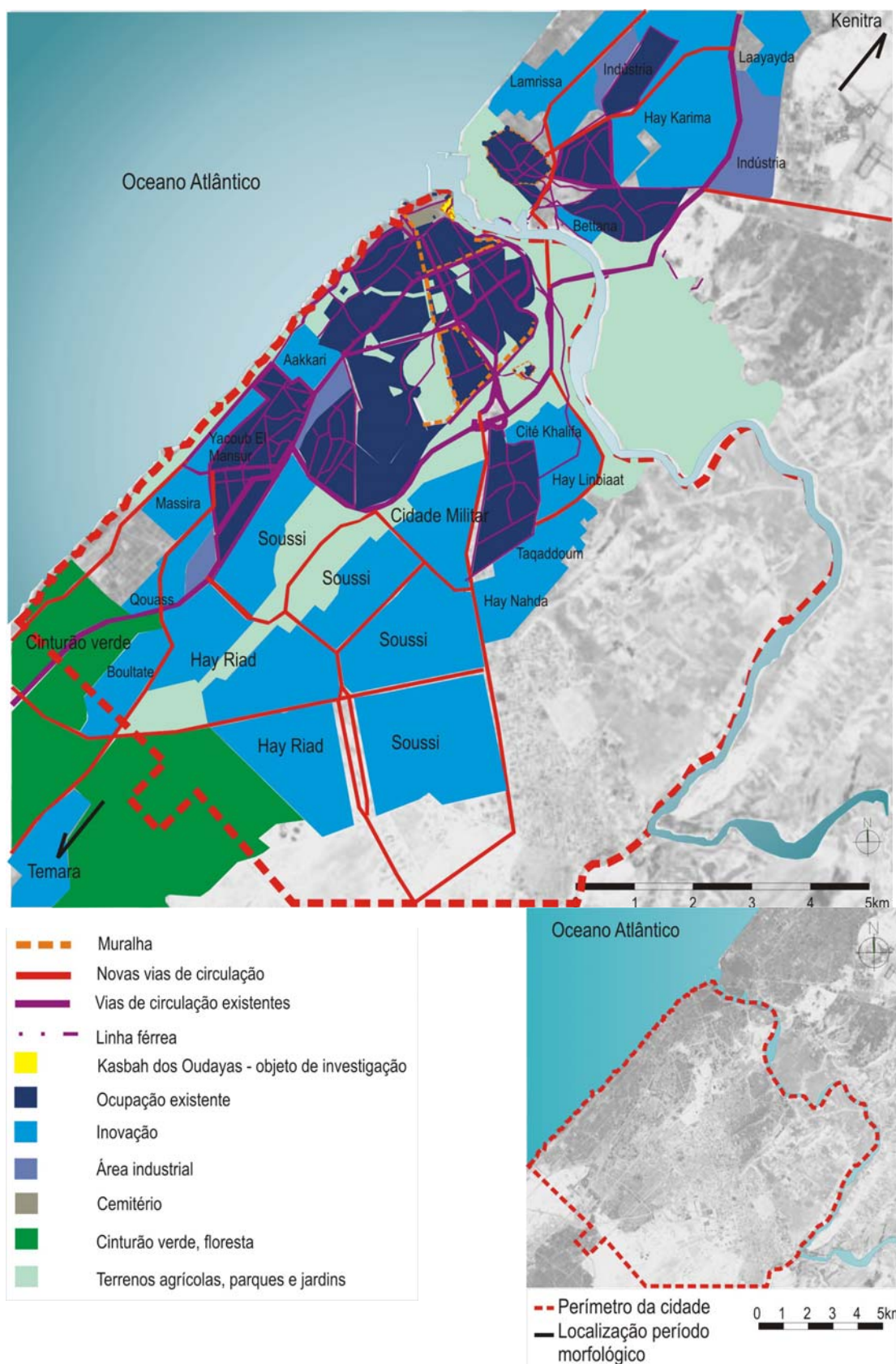
O plano diretor previu implantação de construções destinadas ao uso institucional na região do Yacoub El Mansur e a Hay Riad, pelo preço acessível do local, o que efetivamente ocorreu. Essa é a razão pela qual Hay Riad veio a se desenvolver como sub-centro na capital.

O plano diretor de 1971 traz inovações com a implantação de corredores verdes que ocorrem entre a praia e a área central de Temara e no cinturão verde entre Temara e Rabat, com 1200 ha. (PAU, 2009). Esse planejamento visava manter as condições ambientais que garantiam qualidade de vida urbana, que vigorava desde os primórdios da estruturação desse território.

Pelo exposto, percebemos que a forma urbana passa por momento de grande expansão, chegando quase aos limites administrativos da cidade de Rabat e Salé. O crescimento que se verifica é centrífugo. Nesse período verifica-se o início da formação metropolitana com Temara e Skhrirat. Há ampliação da ideologia de sistema de parques para uma escala maior com a proposta e implantação do cinturão verde.

A figura 54 apresenta a evolução da forma urbana no momento do primeiro plano diretor.

Figura 54 – Evolução da forma urbana no momento do primeiro SDAU Rabat-Salé 1971-72



Fonte: Produzida pela autora, com base em foto aérea extraída do Google earth, imagem @2014, Digital Globe. Outubro, 2014.

12º período morfológico: SDAU (Schema Directeur Rabat-Salé) Rabat-Sale 1991

O mencionado período abrange a transição política do reinado de Hassan II para o reinado de Mohammed VI.

O reinado de Hassan II, até a década de 1990, havia atravessado períodos turbulentos, incluindo dois atentados à vida do monarca. A insatisfação da população reinava no país, com repercussão no meio urbano. O número de ocupações informais na periferia se expande, enquanto a capital Rabat apresenta decréscimo populacional, com a elitização pela valorização da terra. Bairros com características elitistas e ocidentalizadas passam a vigorar na paisagem urbana recente da cidade. Rabat se consolida como pólo atrativo de população estrangeira, centro político e institucional, o que configura demanda habitacional diferenciada da tradicional que havia vigorado até o período colonial francês.

O reinado de Mohammed VI traz nova visão para o desenvolvimento urbano do Marrocos, potencializando o turismo, propondo maior abertura política, maior proteção do patrimônio histórico nacional e maior inserção da população menos favorecida no meio urbano.

Esse plano diretor, que encontra-se em vigor, tem por objetivos:

- melhorar a circulação e o transporte;
- estabelecer parâmetros de proteção do sítio e da paisagem, assim como dos recursos naturais, em especial os lençóis freáticos de água potável;
- controlar o desenvolvimento mediante estabelecimento de regras que possibilitem controlar a especulação imobiliária sobre terrenos e melhorar o acesso ao financiamento de habitações para populações menos favorecidas.

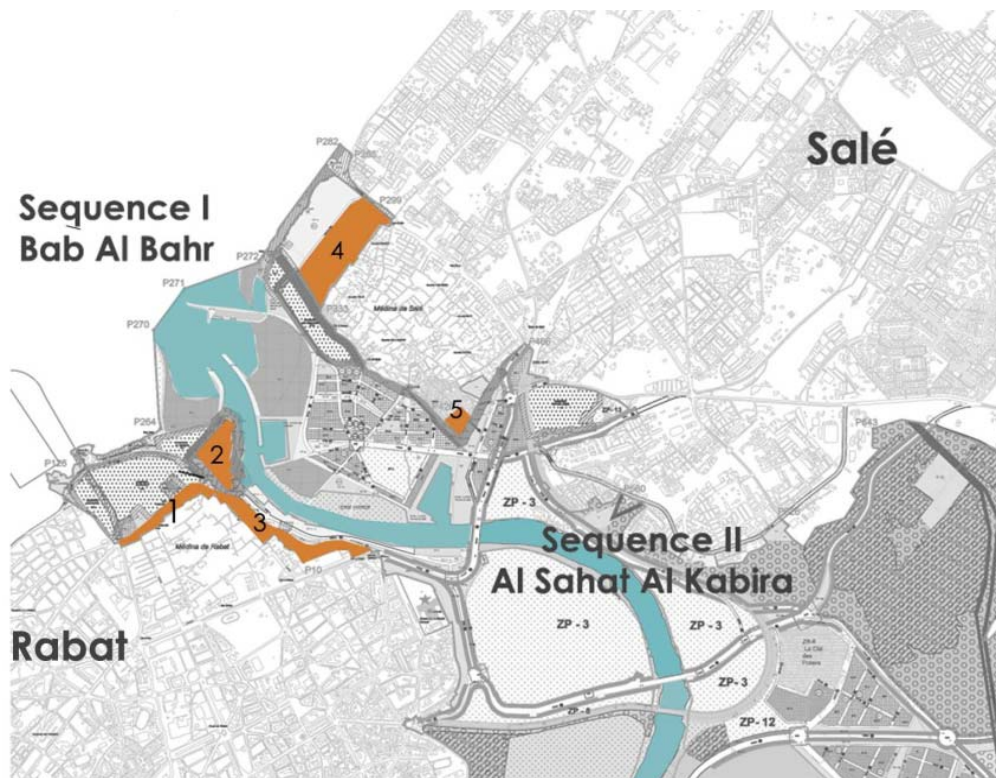
Em Salé, estabelece-se operação para habitação social Said Hajji e Sala Al Jadida, na forma de conjuntos habitacionais multifamiliares de uso misto. São implantados, próximo a nova zona industrial e pólo de negócios, Technopolis, parte das diretrizes de expansão previstas nesse plano.

O 12º período morfológico representa um momento de consolidação da estrutura urbana com planos estratégicos de gestão, proteção, intervenção e/ou conservação do organismo urbano.

Gestão do vale do Bouregreg

A partir de 2007, cria-se uma Agência administrativa para a implantação do plano de reabilitação do Vale do Bouregreg. Esse plano define cinco zonas de intervenção no patrimônio histórico de forma a assegurar a revalorização e proteção de seus tecidos, como pode ser observado na figura 55.

Figura 55 – Setores históricos do Vale do Rio Bouregreg



LEGENDA:

- 1 zona de reestruturação ZR-1 - boulevard Lalou; zona de reestruturação
- 2 ZR-2 - Kasbah dos Oudayas;
- 3 zona de reestruturação ZR-3 - fachada fluvial da medina de Rabat;
- 4 zona de reestruturação ZR-4 - setor Sidi-Benacher;
- 5 zona de reestruturação ZR-5 - Mellah de Salé (antigo bairro de judeus)

Fonte: Agence du Bourgreg. 2008.

A zona de intervenção I, denominada Bab Al Bahr, prevê a reabilitação e valorização da zona fluvial nas duas margens do rio Bouregreg, pela intervenção na circulação viária com a construção do túnel para desvio do intenso fluxo para a estrada costeira, preservando a zona da Kasbah dos Oudayas. É prevista a reabilitação da praça *Souk El Ghzel*, restituindo seu valor de lugar histórico e permitindo a continuidade entre o forte (kasbah) e a medina.

O túnel foi concluído em 2012 e a intervenção justificou-se pelo intenso fluxo na rota, com mais de trinta mil veículos por dia, como apresenta o relatório enviado à UNESCO, em 2011, para avaliação da proposta de reconhecimento do patrimônio compartilhado de Rabat. A figura 56 apresenta o projeto esquemático do túnel e sua fase de obras através de fotografia aérea.

Figura 56 – Vista aérea da construção do túnel na estrada costeira d'al Marsa, a esquerda e planta e corte esquemáticos representativos do trajeto do túnel na região, a direita



Fonte: <http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=1132041&page=9>. Acesso em: abr. 2014.

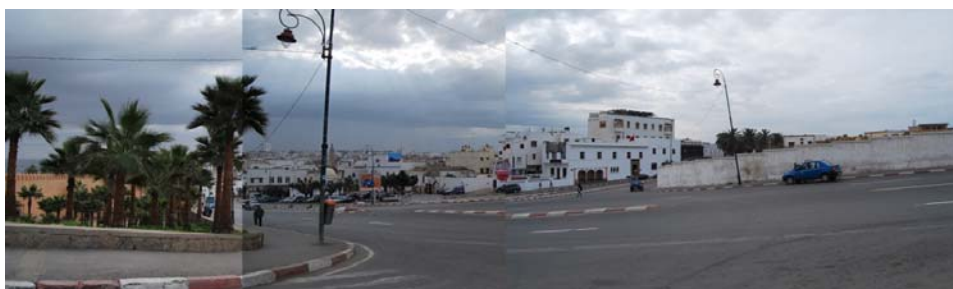
As fotos apresentadas na figura 57 ilustram momentos históricos do uso da praça *Souk El Ghzel*; e sua situação em 2014, figura 58, ilustra a necessidade do resgate de sua apropriação cultural enquanto espaço de encontro.

Figura 57 – Praça Souk El Ghzel, prevê-se que as fotografias sejam do início do século XX. Vista para os Oudayas



Fonte: Arquivo pessoal do Prof. Harrouni e vice-presidente da ICOMOS Marrocos. Data desconhecida.

Figura 58 – Montagem Praça Souk El Ghzel, 2013. Vista para Medina. [Revitalização da praça ainda não realizada.]



Fonte: Arquivo pessoal da autora. Foto realizada no levantamento a campo em dezembro de 2013.

Planejamento de novos bairros

Projeto Saphira

O século XXI estimula desenvolvimentos urbanos de caráter globalizado: o bairro de Riad Al Andalous (a última etapa do bairro Hay Riad) e o bairro Saphira. Os novos assentamentos urbanos estabelecem relação de escala monumentalizada entre o transeunte e a edificação, pela implantação de edifícios verticais e de grande porte cujo plano urbano é voltado para valorização dos automóveis.

A crise econômica mundial de 2008 estimula a procura de arquitetos internacionais por projetos na região. O Marrocos, pelo interesse de desenvolvimento do turismo, atrai empresas interessadas em desenvolver empreendimentos urbanísticos no país.

A costa marítima de Rabat é planejada para ser mais atrativa e valorizada. Para isso ocorre, nesse período, a reestruturação da favela Al Kora no litoral de Rabat. Nesse contexto estabelece-se parceria entre o governo do Marrocos e a empresa de incorporação imobiliária Emaar, de Dubai.

A filial Emaar Morocco inicia o desenvolvimento de quatro projetos urbanísticos, dentre eles o projeto Saphira para Rabat. Esse projeto corresponde à premissa de valorização da orla marítima. Porém, estabelece uma relação com o lugar que não incorpora a cultura local.

A implantação prevê instalação de parque urbano na orla e dois novos tecidos urbanos: um tecido descontínuo multifamiliar verticalizado e outro multifamiliar e misto. O projeto é destinado à alta classe social marroquina, como nos bairros Hay Riad e Soussi, e também para um público de investidores estrangeiros. Prevê-se verticalização das unidades de uso misto e das unidades multifamiliares residenciais. Há setorização de funções de forma a

priorizar o transporte particular entre os núcleos. Não há transporte público que atenda à região. Propõe-se área de lazer de abrangência municipal, de forma a valorizar a paisagem.

O projeto não se encontra construído em 2014. Na perspectiva, abaixo, podemos observar as características dos novos assentamentos urbanos em contraposição ao tecido existente, mais denso e horizontal.

Figura 59 – Projeto Saphira (Emaar Morocco): parque urbano, setor residencial multifamiliar e misto



Fonte: Emaar Morocco. 2008.

Projeto Bab Al Bahr

Em Rabat, a iniciativa de execução de grandes projetos urbanísticos iniciados pelo Rei Mohamed VI (1999-2014), com a revitalização do vale do rio Bouregreg, promoveu o resgate da tradição urbana islâmica, pela promoção de um tecido urbano contínuo moderno misto.

O bairro é fruto de duas propostas urbanísticas associadas, elaboradas em concurso cujo vencedor foi o arquiteto francês Jean Nouvel, em associação ao grupo de arquitetos marroquinos – Taoufik El Oufir, Benabdellah Fikri, El Andalouissi Rachid, Mountassir Abdelouahed e o arquiteto inglês Norman Foster. O projeto encontra-se em execução em 2014. Considera-se precoce uma avaliação do novo desenho urbano implantado em relação aos elementos tradicionais presentes na capital, e especialmente no entorno do sítio, núcleo histórico de Rabat-Salé.

Na figura 60 pode-se observar que a escala do projeto se insere na paisagem de forma harmoniosa. O projeto Bab Al Bahr tem por objetivo revalorizar a orla fluvial, criando uma marina e uma esplanada com cafés, bares e restaurantes.

O bairro prevê centro de atividades de uso comercial e serviços, que priorizem o pedestre, de forma a promover o dinamismo do encontro e resgatar a cultura do “*souk*”, porém, voltado para uma classe social alta.

Os edifícios possuem até quatro pavimentos. Os tipos edilícios residenciais preveem uma configuração com varandas, num jogo de reentrâncias, de forma a estabelecer uma releitura dos volumes edilícios da medina.

Figura 60 – Bairro Bab Al Bahr.

Implantação – vista a partir da Kasbah dos Oudayas.



Setor misto com valorização do espaço público e pedonal.



Valorização da vegetação nas zonas mistas.



Zona residencial - acesso pedestre e edifícios de até quatro pavimentos (tipologia uni e multi-familiar - conceito ocidentalizado, porém que visa recuperar a ideia de múltiplos terraços, volumes fragmentados e proximidade.



Fonte: <http://www.bouregreg.com/tiki-index.php>. Acesso em: dez. 2014.

Valorização do patrimônio

No 12º período morfológico, o estado decide pela candidatura de Rabat como patrimônio mundial pela Unesco. Essa inserção responde aos objetivos do plano diretor para proteção, gestão e conservação do patrimônio cultural da capital.

A classificação da cidade de Rabat como integrante dos bens classificados como Patrimônio Mundial pela UNESCO é oportuna aos interesses do País. Ao acompanhar a dinâmica do conjunto urbano, visa garantir a integridade de todos os componentes desse complexo histórico na proteção e valorização desse patrimônio cultural.

A primeira vez que o Marrocos submeteu Rabat à lista indicativa da UNESCO foi em 1990, ocasião na qual vários conjuntos foram identificados para representar a capital: a cidade romana de *Sala*; a necrópole Real de *Chellah*, instalada no mesmo local, nos séculos XIII e XIV d.C.; e a Mesquita Hassan, construída nos séculos XII e XIII. Em 2006, a Kasbah dos Oudayas (construída no século XII e ampliada no século XVII) foi adicionada ao conjunto. A ideia inicial era apresentar cada monumento separadamente. Somente em 2011, durante o processo de preparação do dossiê, que o comitê responsável moveu-se gradualmente em direção a uma visão abrangente dessas entidades até formar a ideia de uma proposta única. Por uma questão de coerência, decidiu-se por adicionar ao conjunto a medina de Rabat e a cidade moderna projetada pelo arquiteto e urbanista francês Henri Prost no século XX, durante o Protetorado francês.

Em 2012, o dossiê Rabat, capital moderna e cidade histórica, um patrimônio compartilhado, foi analisado e Rabat atendeu aos critérios (ii) e (iv), segundo apresentado pelo relatório da segundo relatório apresentado pela International Council on Monuments and Sites (ICOMOS) 1401.⁹ E teve o critério (v) recusado.

Rabat, capital moderna e cidade histórica, um patrimônio compartilhado

Para ser incluído na lista, os sítios devem possuir valor universal excepcional e atender a pelo menos um dos dez critérios de seleção estabelecidos pela UNESCO.¹⁰

⁹ O relatório completo encontra-se disponível no site da UNESCO <<http://whc.unesco.org/en/list/1401/documents/>>. Acesso em: abr. 2014.

¹⁰ A lista com os dez critérios pode ser encontrada no site da Unesco: <<http://whc.unesco.org/en/criteria/>> e são explicados no Operational Guidelines for the Implementation of the World Heritage Convention. Acesso em: abr. 2014.

O critério (ii) que corresponde a apresentar **intercâmbio significativo de valores humanos**, sobre um período de tempo ou numa área cultural, frente aos desenvolvimentos arquitetônicos ou tecnológicos, aos monumentos artísticos, aos desenhos urbanos ou paisagísticos foi justificado pelo Estado inscrito, Reino do Marrocos, com o fundamento de que a propriedade é considerada um excelente exemplo da arquitetura do século 20, num momento em que as ideias modernistas estavam se destacando em todo o mundo. O sítio proposto é testemunho da disseminação de conceitos urbanos originários da Europa no Magrebe que, por sua vez, exerceu influência na região do mediterrâneo, nos primórdios do século 20, com a arquitetura nativa e arte decorativa locais. Como síntese dos elementos europeus e marroquinos, a propriedade adquiriu um caráter distinto e totalmente novo do padrão realizado na época. Acrescenta-se aqui que esse caráter único é fruto da sociedade e da história na qual se insere. Essa capacidade de demonstração e convivência dos conteúdos históricos, culturais e/ou sociais que permaneceram na paisagem urbana ao longo do tempo apresenta o *Genius Loci* do lugar. A historicidade se mostra através das diversas camadas. A ICOMOS considerou o critério justificado.

O critério (iv) que corresponde a ser um excelente exemplo de um tipo de construção, conjunto arquitetônico ou tecnológico, ou paisagem que ilustre estágio(s) significativo(s) da história humana, foi aceito pela ICOMOS por ter sido considerado um exemplo excepcional de capital modernista no século 20, legado de diversas e sucessivas culturas. Demonstrou também a adaptação de materiais e técnicas tradicionais, em especial o adobe, nos edifícios públicos modernos, aliado ao uso de materiais contemporâneos, com linguagem distinta, para que o contraste declarasse os diferentes períodos. A interação entre presente e passado oferece um conjunto urbano de qualidade incomum. As fotos apresentadas na figura 61 exemplificam as adaptações e apresentam as qualidades estéticas da arquitetura.

Figura 61 – Exemplos de linguagens distintas que a capital abriga: 1. Sede Banco do Marrocos; 2. Catedral São Pedro; 3. Agência do Correio; 4. Sede do tesouro Nacional; 5. Hotel Balima; 6. Antiga Sede do BNDE



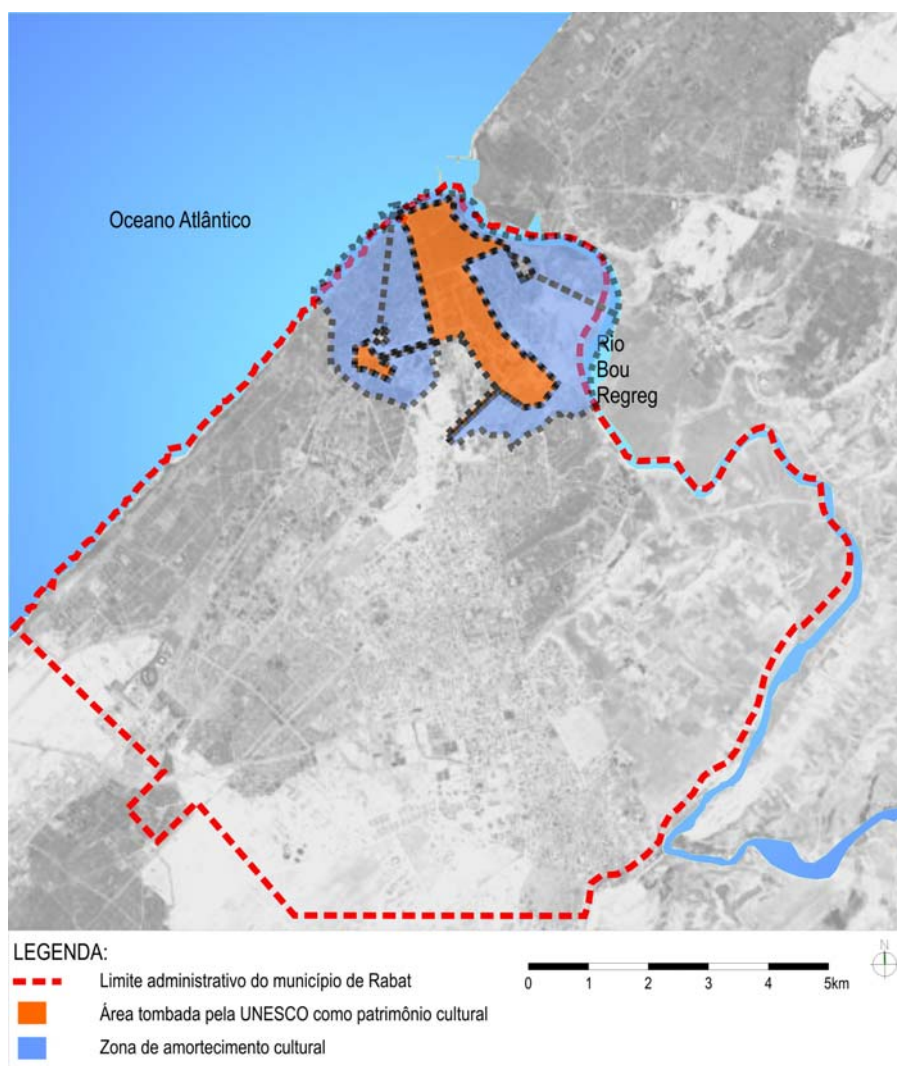
Fonte: Ministério da Cultura - Direção do Patrimônio de Rabat. Relatório completo UNESCO, Rabat, capital moderna e cidade histórica. Janeiro, 2011.

O critério (v) que corresponde a ser exemplo excepcional de assentamento humano tradicional e representativo de uma cultura (ou culturas) ou interação humana com o ambiente, especialmente quando se torne vulnerável sob mudança de impacto irreversível, foi considerado não justificado pela análise final do relatório apresentado pela ICOMOS. O conjunto apresentado – a cidade romana de Sala, a necrópole real de Chellah, a Mesquita Hassan, a Kasbah dos Oudayas, a medina de Rabat e a cidade moderna – mostrou insuficiente testemunho da relação dos bens com o ambiente no qual se inserem. O relatório considerou que esses aspectos foram apresentados de forma pontual e fragmentada. O conjunto proposto não mostrou relação privilegiada com o ambiente no qual se insere, apenas pontualmente e numa escala pequena.

Outro motivo para a desclassificação foi o fato da função porto não mais estar presente nesse lugar. Para ser considerado nesse critério, os vestígios do porto deveriam ter sido incorporados ao dossiê, ampliando o conjunto para as duas cidades Rabat-Salé.

O mapa da figura 62 apresenta a delimitação do perímetro proposto para análise da UNESCO e avaliação do patrimônio enquanto exemplo significativo de intercâmbio de valores humanos durante um período de tempo, numa determinada área cultural. A área em laranja é a área delimitada para reconhecimento e a área em azul é a zona tampão para proteção e preservação da área proposta.

Figura 62 – Delimitação do perímetro de inscrição do patrimônio compartilhado de Rabat na UNESCO



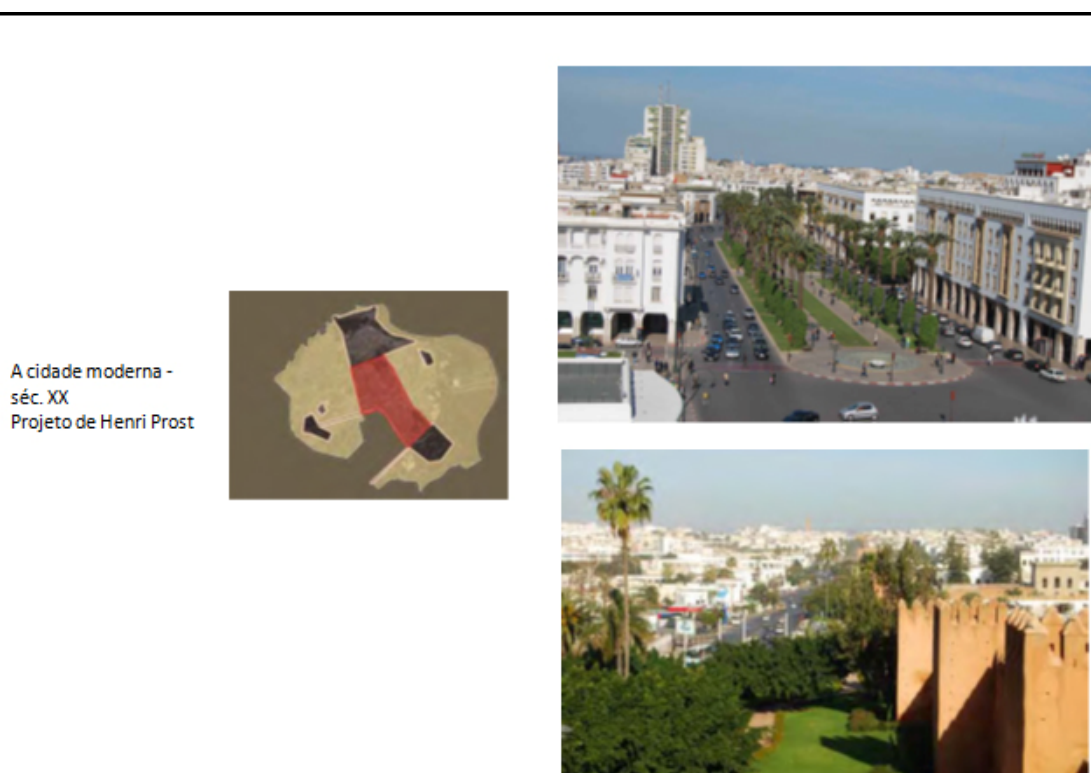
Fonte: Produzido pela autora com base no Relatório completo UNESCO, Rabat, capital moderna e cidade histórica. Ministério da Cultura - Direção do Patrimônio de Rabat. Outubro, 2014.

O Patrimônio Cultural reconhecido como Patrimônio Mundial pela UNESCO

Fazem parte do perímetro delimitado para Rabat os conjuntos ou bens culturais que demonstram a equilibrada convivência das diversas camadas históricas nessa região. As qualidades aqui destacadas foram analisadas no 9º período morfológico, quando avaliamos a implantação urbanística da nova capital. Apresentamos, a seguir, a heterogeneidade imagética e estilística do conjunto compartilhado. O conjunto de justificativas contribui para o entendimento da historicidade presente nesse sítio, **qualidade demonstrada pela estratificação, justaposição e permanência das formas.**

- I. A cidade constitui uma síntese original e rara do planejamento urbanístico do século XX, incorporando a cultura e tradições do país. Rabat oferece expressão concreta de uma abordagem pioneira de planejamento urbano, com base na conservação de monumentos históricos e assentamentos de moradia tradicionais. O sítio é testemunha de uma regulamentação pioneira, que renunciou políticas de preservação do patrimônio, que foram desenvolvidas no decorrer do século vinte.

Figura 63 – Justificativa do valor universal excepcional



Fonte: Ministério da Cultura - Direção do Patrimônio de Rabat. Relatório completo UNESCO, Rabat, capital moderna e cidade histórica. Janeiro, 2011.

- II. O projeto de Rabat como capital foi realizado durante o período de Protetorado francês. É emblemático o uso racional do solo por meio da rede viária, da especialização dos bairros, das tipologias arquitetônicas associadas às funções, da utilização de um desenho urbano associado ao conceito europeu de "cidade jardim", e através do conceito higienista voltado para a saúde pública.

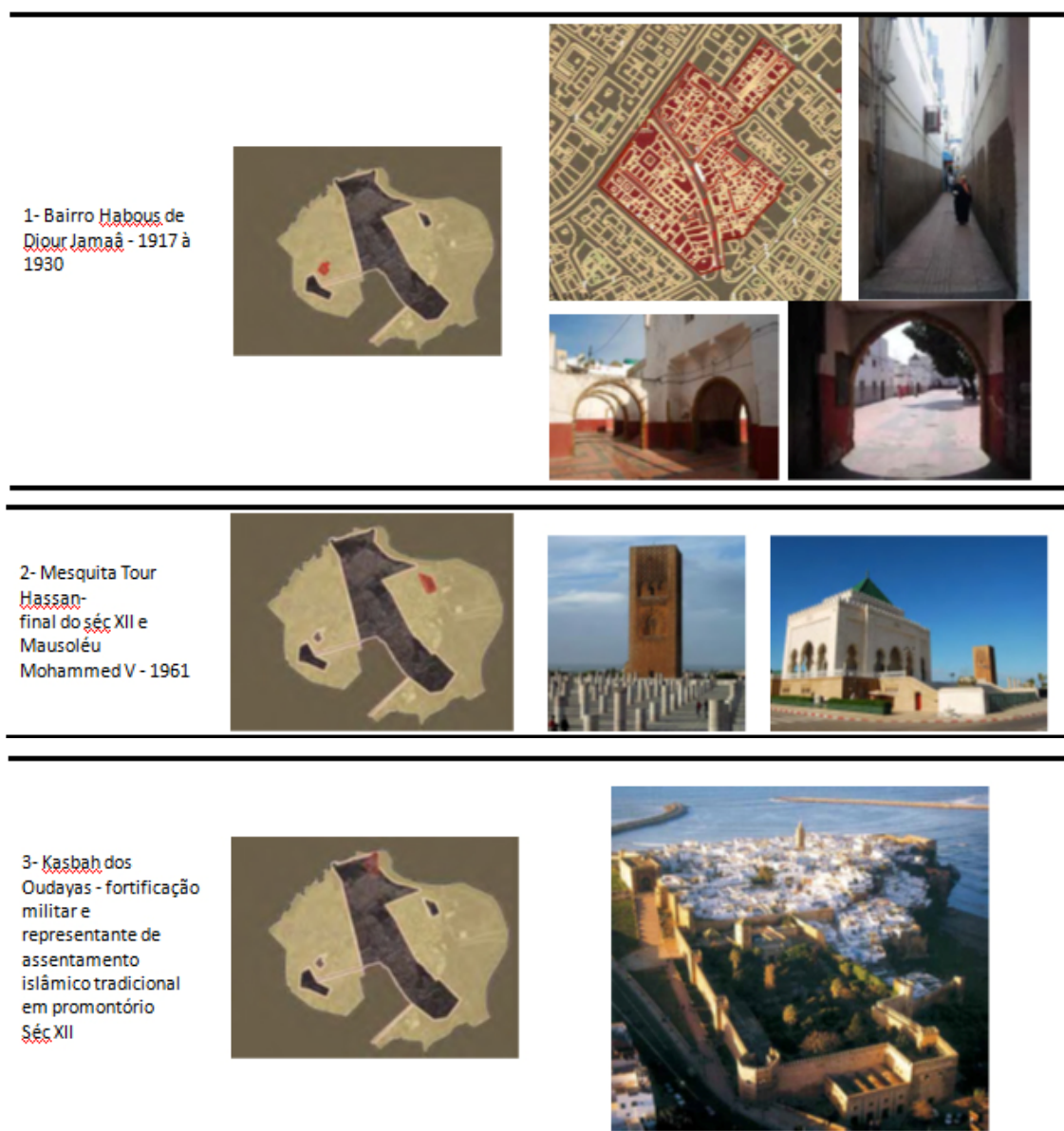
Figura 64 – Justificativa do valor universal excepcional



Fonte: Ministério da Cultura - Direção do Patrimônio de Rabat. Relatório completo UNESCO, Rabat, capital moderna e cidade histórica. Janeiro, 2011.

- III. O projeto de Prost incorporou uma ampla gama de elementos monumentais, arquitetônicos e decorativos das várias dinastias anteriores, que deixaram significativos exemplos de monumentos defensivos, funerários, religiosos, residenciais ou um conjunto deles.

Figura 65 – Justificativa do valor universal excepcional - 1: residencial; 2: religioso e funerário; 3: defensivo



Fonte: Ministério da Cultura - Direção do Patrimônio de Rabat. Relatório completo UNESCO, Rabat, capital moderna e cidade histórica. Janeiro, 2011.

- IV. A apropriação do passado, que por sua vez exerceu influência sobre arquitetos e urbanistas do século XX, produziu uma síntese urbana distinta e equilibrada, com novas formas e motivos decorativos.

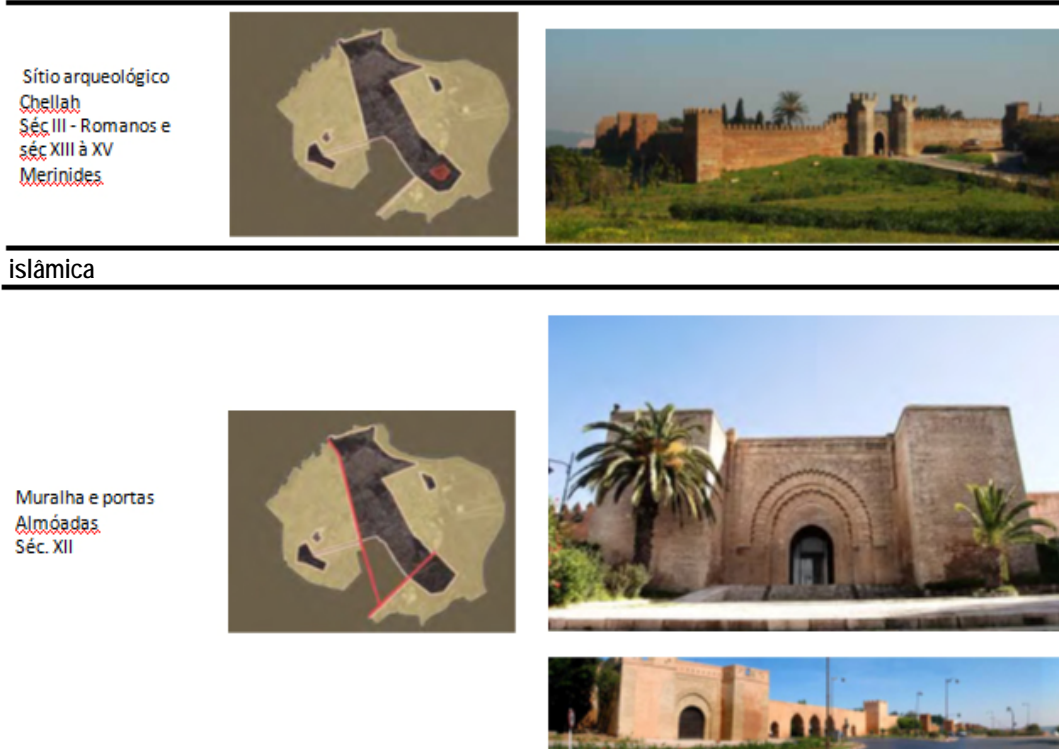
Figura 66 – Justificativa do valor universal excepcional - novas formas e motivos decorativos



Fonte: Ministério da Cultura - Direção do Patrimônio de Rabat. Relatório completo UNESCO, Rabat, capital moderna e cidade histórica. Janeiro, 2011.

- V. O sítio, como um todo, é testemunho visível de uma herança compartilhada por uma série de grandes culturas da história humana: clássica, islâmica, hispânica e europeia.

Figura 67 – Justificativa do valor universal excepcional
clássica



 europeia

A cidade moderna -
séc. XX
Projeto de Henri Prost



 hispânica

Medina de Rabat -
representa a cultura
exportada andaluza
da península ibérica
no séc. XVII

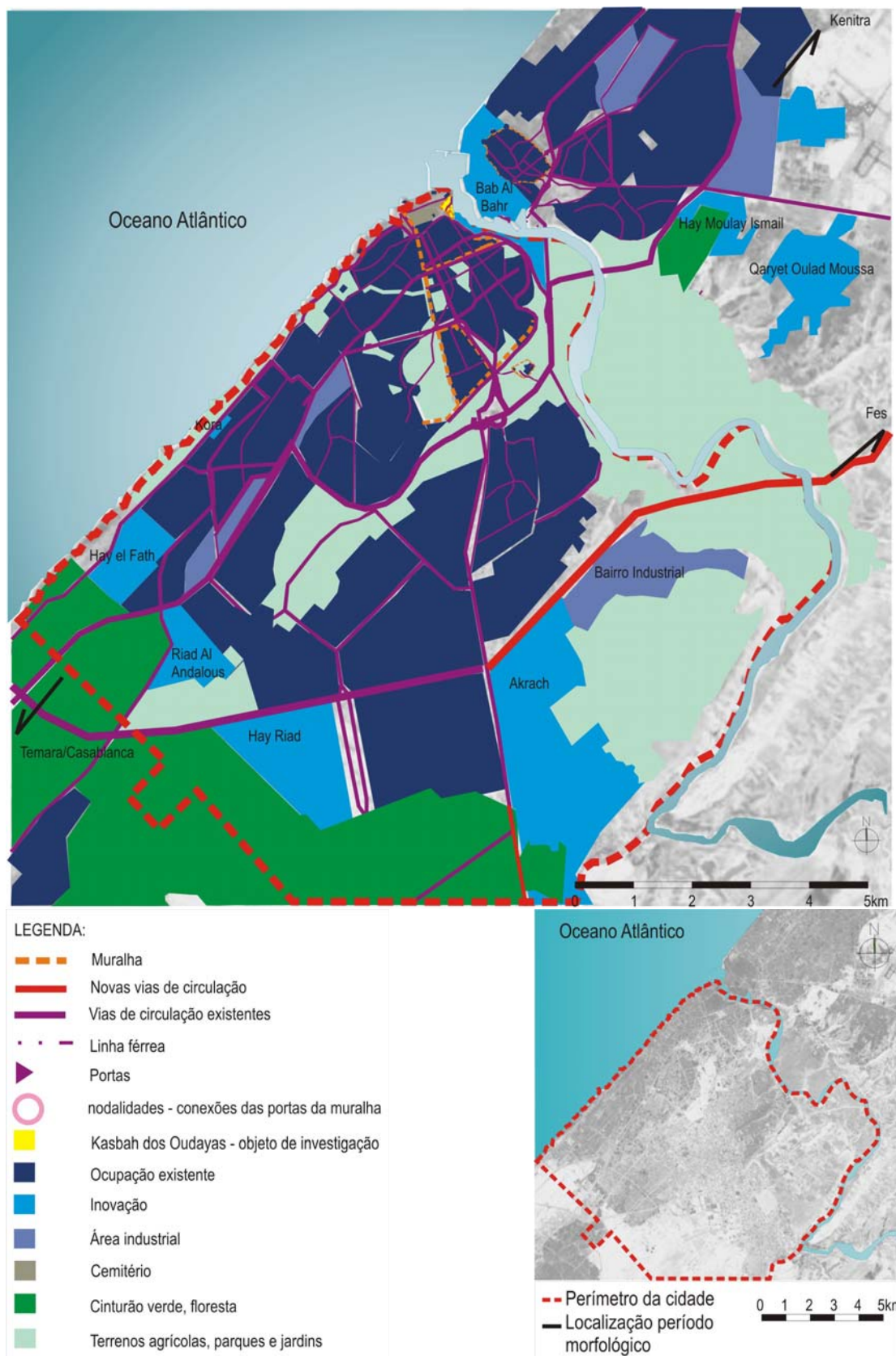


Fonte: Ministério da Cultura - Direção do Patrimônio de Rabat. Relatório completo UNESCO, Rabat, capital moderna e cidade histórica. Janeiro, 2011.

Como avaliação à forma urbana referente ao período, concluímos que, se por um lado a forma se mantém nas dimensões existentes, por outro lado demais valores são incorporados, como a proteção do patrimônio histórico nacional e atribuição de gestão por planos estratégicos de intervenção, reabilitação e conservação da paisagem urbana.

A figura 68 apresenta a forma urbana desse período.

Figura 68 – Evolução da mancha urbana no momento do segundo SDAU Rabat-Salé 1991



Fonte: Produzida pela autora, com base em foto aérea extraída do Google earth, imagem @2014, Digital Globe. Outubro, 2014.

4.2 Recomendação metodológica – as regiões morfogenéticas como método para análise do patrimônio cultural

O estudo da evolução urbana mostrou ser um método de interpretação da paisagem eficaz para a compreensão do significado das formas como expressão de forças que a influenciam, e que, conseqüentemente, revelam as qualidades expressas por essa forma, expressões singulares de uma paisagem, de uma cultura, num tempo determinado.

O método investigativo evidenciou o fato da fortificação militar, Kasbah dos Oudayas, ser o núcleo islâmico inicial nessa região. Essa constatação traz a conclusão de que a kasbah poderia ter sido reconhecida como o assentamento urbano tradicional mais excepcional do sítio, se tivesse sido destacada por esse método, que investiga a origem e o processo de desenvolvimento de uma paisagem urbana.

A investigação das fases de fixação, expansão e consolidação de Rabat demonstrou a relação do sítio com as diversas culturas que ali viveram – berberes, árabes e ocidentais. A posição geográfica em promontório de defesa natural, aponta também para a relação da forma (fortificação militar desde sua origem) com o ambiente no qual se insere, outra característica desejável presente no critério (v).

Sabe-se que a paisagem urbana de Rabat foi reconhecida pela UNESCO como paisagem que ilustra estágios da história humana e intercâmbio significativo de valores humanos, sobre um período de tempo ou numa área cultural. Embora a valoração atribuída auxilie na construção de mecanismos de gestão e conservação da paisagem, ainda se percebe uma fragmentação na forma de geri-la. Por ser um organismo urbano, a paisagem urbana funciona como um sistema, no qual os elementos que a compõem atuam de forma conjunta e qualquer atuação particular sobre qualquer um deles, provocará uma alteração no todo. (MACEDO, 1999). Desse modo, numa área muito similar à enquadrada como patrimônio cultural pela UNESCO em 2012, sugerimos que a paisagem urbana venha a ser considerada, tratada e divulgada como uma Paisagem Urbana Histórica, em seus aspectos únicos e universais.

Essa delimitação é sugerida a partir da investigação proposta pela Escola Inglesa de Morfologia Urbana, na qual o processo é o fator primordial no entendimento das qualidades do espaço construído.

O estudo sobre a evolução urbana da paisagem de Rabat destacou a permanência das formas como a qualidade que atribui a riqueza de uma paisagem.

O valor dessa análise reside na detecção da intensidade dessa acumulação. Conforme embasamento teórico de MRG Conzen (2004), o centro histórico, por ser a área de origem da forma urbana e por uma acumulação intensiva das formas nos diferentes períodos morfológicos, possui maior historicidade. A complexidade da estratificação tende a decrescer à medida que se afasta do centro histórico. Assim, as expansões formam zonas de acumulação extensivas, com estratificações históricas mais simples decorrentes apenas dos períodos históricos mais recentes.

Pela justaposição ou pela proximidade das formas de períodos morfológicos diferenciados, a partir do entendimento do processo evolutivo apresentado, pode-se reconhecer grupos espaciais, heterogêneos, mas coerentes quanto a um caráter geral das células que o compõem, denominado pela Escola Inglesa de Morfologia Urbana como regiões morfogenéticas.

A região morfogenética é formada por um conjunto de formas na cidade, baseada nas similaridades desenvolvimentistas. Essas regiões aparecem quando há reconhecimento da variedade da estratificação histórica de uma parte da cidade para outras. Cada região morfogenética abriga em si várias células de unidades relativamente homogêneas, mais reduzidas e distintas. (CONZEN, 2004).

Os períodos morfológicos tornaram possível o entendimento sobre as similaridades desenvolvimentistas nas quais a cidade se agrupou e se consolidou ao longo do tempo. Reunindo-se os grupos, podemos extrair a base na qual fundamentamos nossa sugestão para delimitação da Paisagem Urbana Histórica (HUL) de Rabat, pois será a que houver maior acumulação e permanência das formas.

4.2.1 Regiões Morfogenéticas

Apresentamos na figura a seguir as regiões morfogenéticas detectadas em Rabat. Foram estipuladas cinco regiões morfogenéticas:

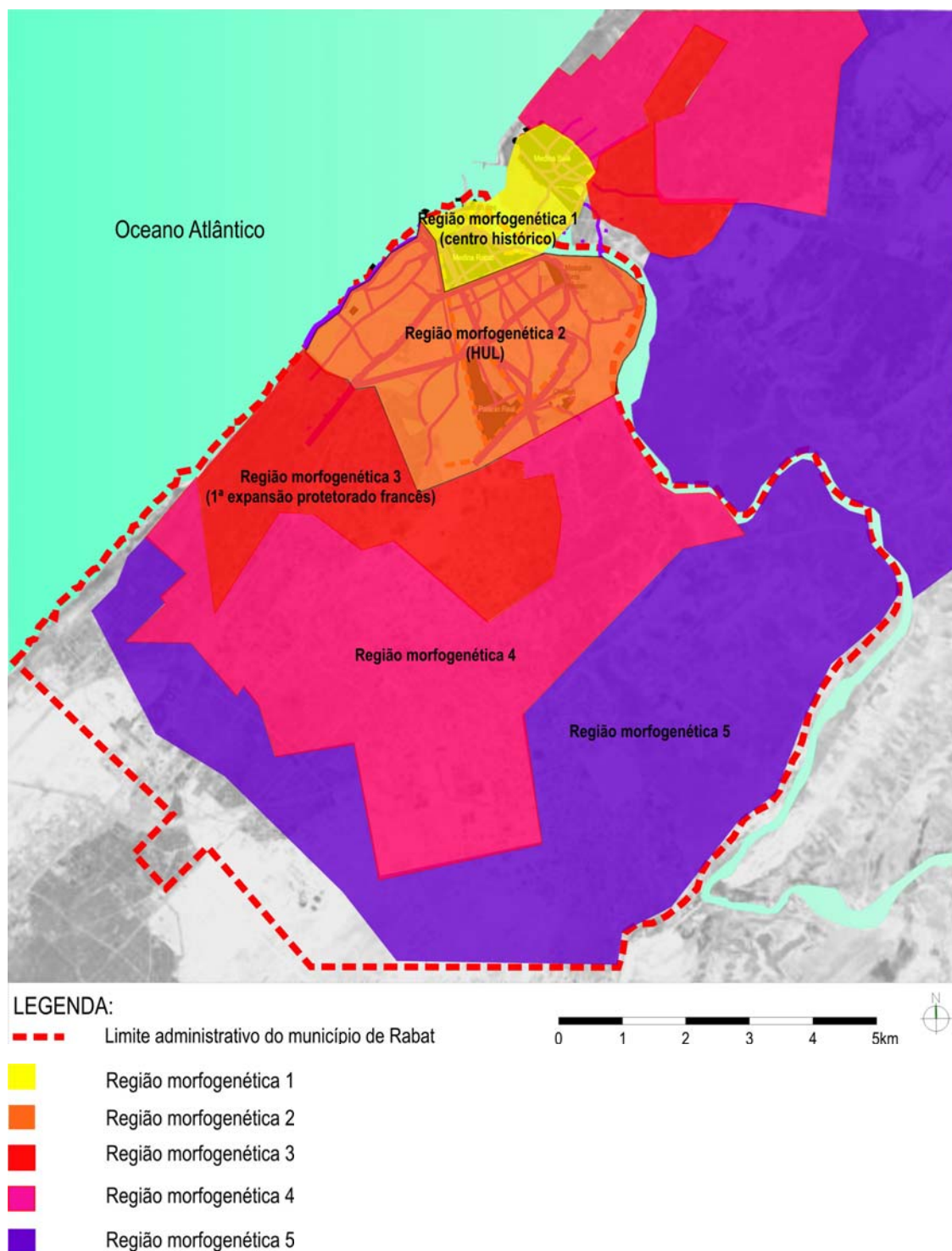
- A **região 1** engloba o que se denomina como o centro histórico da capital. Abriga os tecidos urbanos islâmicos tradicionais antigos, com as duas medinas (Rabat e Salé) e a Kasbah dos Oudayas. Abriga também o bairro contemporâneo de Bah Al Bahr, que assumiu características do tecido contínuo moderno, compactuando com o caráter tradicional estabelecido nessa região geográfica.

Pelo reconhecimento da Kasbah enquanto núcleo inicial que deu origem ao assentamento islâmico no território de Rabat, a denominamos como o “coração histórico” do centro histórico.

- A **região 2** engloba a projeção da forma urbana acumulada, justaposta e adaptada até o 9º período morfológico apresentado. Essa região corresponde ao conjunto de formas e tecidos estabelecidos até a 1ª fase do Protetorado francês, o período colonial que deu origem à capital, mas que não desconsiderou a herança tradicional islâmica no seu urbanismo e arquitetura modernos.
- A **região 3** engloba as expansões ocorridas ainda durante o período colonial, com o plano de expansão estabelecido por Ecochard. Apesar dos conjuntos habitacionais não terem formado unidades de conjunto, juntos configuram um conjunto de formas na cidade, com similaridades desenvolvimentistas.
- A **região 4** engloba o período de independência entre 1960 e 1990. Período que corresponde ao 11º período morfológico e significativa expansão territorial na capital. O pensamento que rege essa região tem origem no primeiro plano diretor, além de corresponder a época histórica regida por Hassan II.
- Por último, a **região 5** engloba o período morfológico mais contemporâneo, marcado pelo reinado de Mohammed VI. Essa região possui a projeção territorial que chega até os limites administrativos de Rabat e Salé.

A figura 69 apresenta o mapa com as cinco regiões morfogenéticas de Rabat.

Figura 69 – Regiões Morfogenéticas de Rabat



Fonte: Produzido pela autora, com base em foto aérea extraída do Google earth, imagem @2014, Digital Globe. Outubro, 2014.

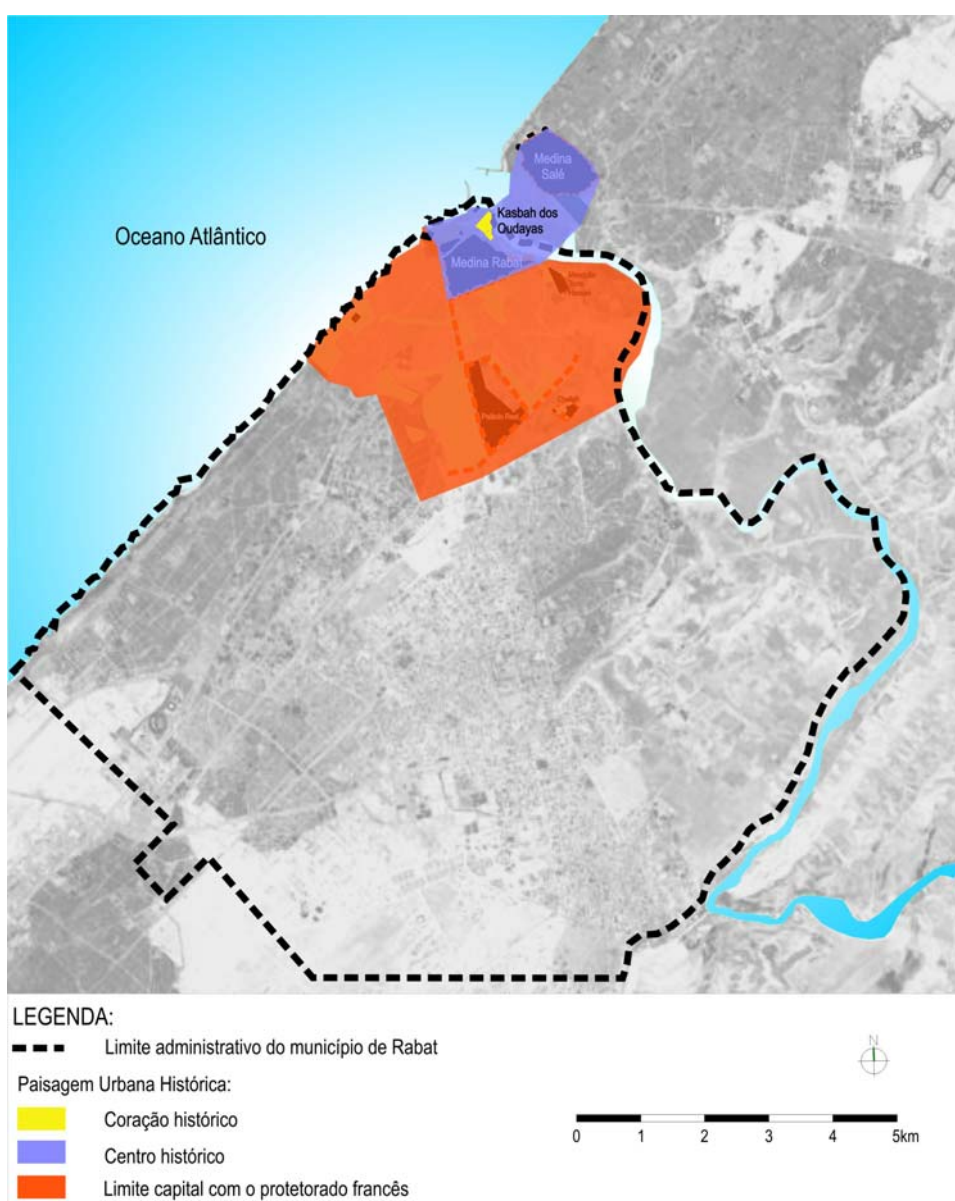
O reconhecimento das regiões morfogenéticas com seu arranjo hierárquico reflete na estrutura urbana transmitindo implicações práticas e abrangentes para sua conservação.

Consideramos que a região morfogenética 1 aliada a região morfogenética 2 apresentam a maior soma de historicidade e, portanto, maior riqueza da paisagem. O conjunto das regiões 1 e 2 configuram o que delimitamos ser a Paisagem Urbana Histórica de Rabat (HUL).

É possível, ainda, identificar uma hierarquia histórica na delimitação proposta: coração histórico, centro histórico e paisagem urbana histórica.

A figura 70 apresenta a delimitação do que estabelecemos como a Paisagem Urbana histórica da capital.

Figura 70 – Proposta de delimitação para Paisagem Urbana histórica (HUL)

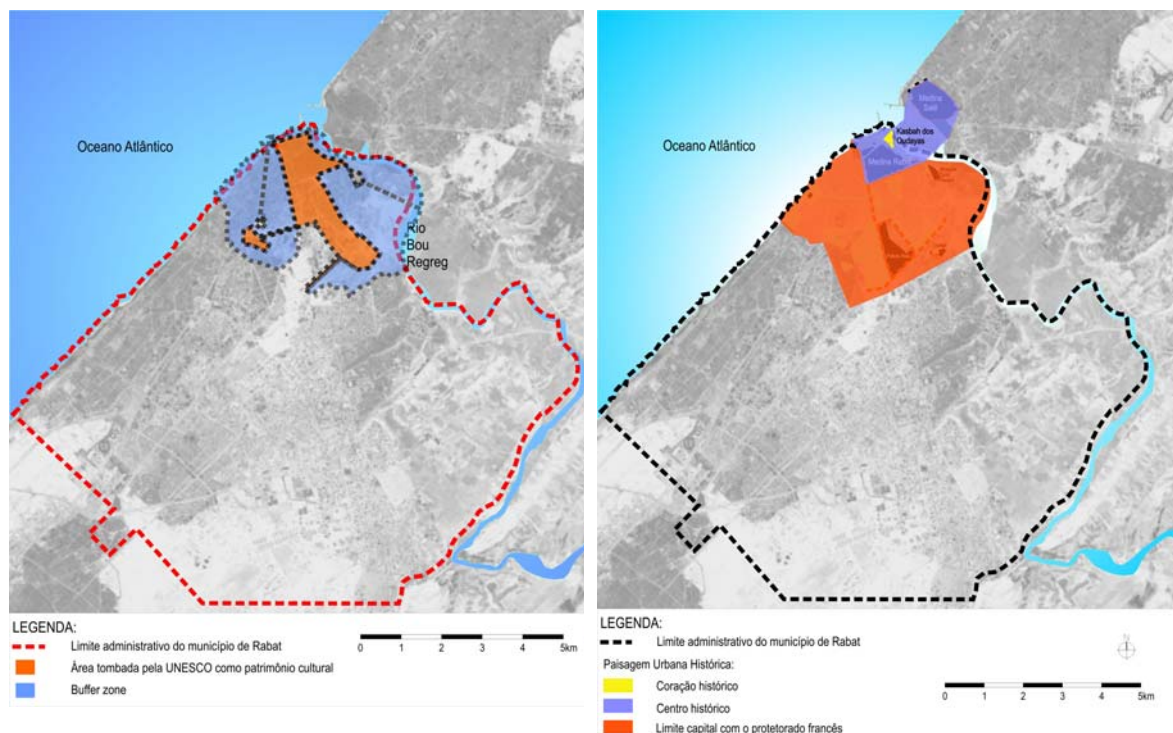


Fonte: Mapa realizado pela autora com base no relatório completo UNESCO, Rabat, capital moderna e cidade histórica. Ministério da Cultura - Direção do Patrimônio de Rabat. Janeiro, 2011.

Comparando a área designada como Patrimônio Cultural em 2012 e a área proposta nessa como Paisagem Urbana Histórica de Rabat, podemos verificar que a projeção das duas é relativamente similar. Porém, o olhar sobre os dois mapas é bastante diferenciado. Enquanto o mapa reconhecido em 2012 propõe um conjunto de bens culturais reunidos (na área laranja) e protegidos por uma zona tampão (área em azul) – não enquadrada com o mesmo rigor de gestão e conservação que a área tombada –, o limite proposto revela a área que consideramos dever ser protegida como um todo. A ela deve-se aplicar uma gestão diferenciada e não fragmentada.

A figura 71 apresenta a comparação dos limites do perímetro da UNESCO e a que propomos como HUL.

Figura 71 – A esquerda: delimitação do perímetro de inscrição do patrimônio compartilhado de Rabat na UNESCO. A direita: proposta de delimitação para HUL.



Fonte: Ministério da Cultura - Direção do Patrimônio de Rabat. Relatório completo UNESCO, Rabat, capital moderna e cidade histórica. Janeiro, 2011.

O reconhecimento dessa paisagem como um conjunto espacial heterogêneo e não como um somatório de bens culturais fragmentados é importante não só para a manutenção (gestão e conservação) do conjunto vivo desses valores, mas também como objeto de ampliação da discussão sobre o assunto, dado que o conceito de Paisagem Urbana Histórica (HUL) ainda não constitui assunto consolidado na UNESCO.

A validação internacional poderá reforçar objetivos e acompanhamento sistemáticos de planejamento e gestão, como também poderá vir a contribuir na divulgação dos valores que consideramos fundamentais para a vida social.

A Paisagem Urbana Histórica de Rabat reflete **singularidade** pelo caráter único reconhecido na conformação dessa paisagem: é autêntica pelo reconhecimento das diversas culturas que fizeram e fazem ainda parte dos tecidos urbanos que a configuram; e é contínua pela permanência das formas que enriquecem esse conjunto urbano.

Propomos no capítulo a seguir avaliar os valores embutidos na Paisagem Urbana Histórica de Rabat, de forma a atingir a essência desse contexto paisagístico. Como essência, podemos ir além do ambiente geográfico tratado nessa investigação, possibilitando a esse estudo o objetivo de ser tratado como referência de paisagem que se ajuste à identidade de um povo, de um lugar, de uma cultura.

5 Valores da forma urbana

Neste capítulo, busca-se analisar o tecido urbano contínuo tradicional, para reconhecer os valores embutidos na sua forma, a partir de características como hierarquia viária, uso, relação espaço e volumetria, tipologia.

A finalidade é extrair diretrizes de desenho urbano, que representem as características positivas do tecido.

Como contribuição desta pesquisa esperamos compartilhar a experiência de uma paisagem que abrigue singularidade, de forma a prover referencial para projetos que busquem refletir a identidade de um lugar e, também, visem um ajuste à uma vida social de longo prazo onde reinam a solidariedade e o sentimento de comunidade.

5.1 A escolha do tecido contínuo tradicional de Rabat

Em Rabat vimos que o ambiente construído é composto de um mosaico de tempos e culturas. Os tecidos urbanos são consequência da influência antrópica sobre o território, onde se apresentam, mais que características físicas e formais, o próprio homem e seu *modus vivendi*.

Dois principais grupos de tecidos urbanos configuram a maior parte do organismo urbano da capital: os tecidos contínuos e os tecidos descontínuos.

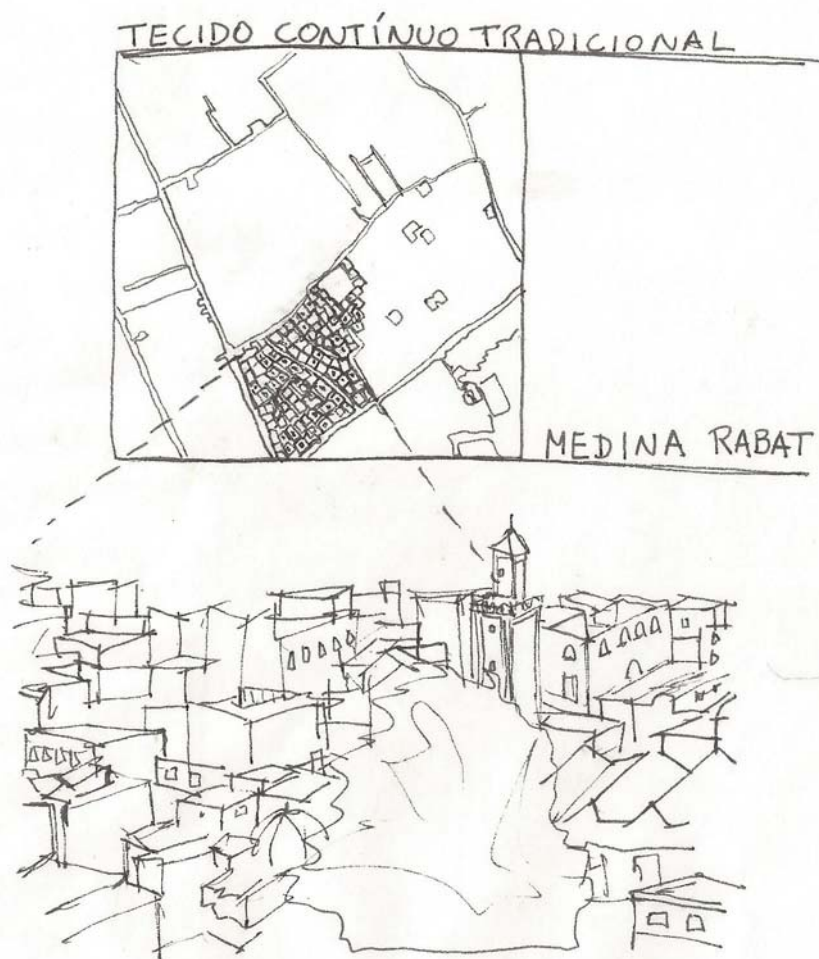
O tecido contínuo apresenta edificações alinhadas à rua, em que as construções se ligam umas as outras constituindo séries. Neste caso particular, concordamos com Deleuze, sobre como séries representam regularidade, “um continuum de singularidades”. (SCHOPKE, 2004, p.159). Este grupo pode ser relacionado tanto a tecidos mais antigos e tradicionais quanto aos modernos. Podem ter ocorrido de forma espontânea e orgânica ou de forma planejada e serial.

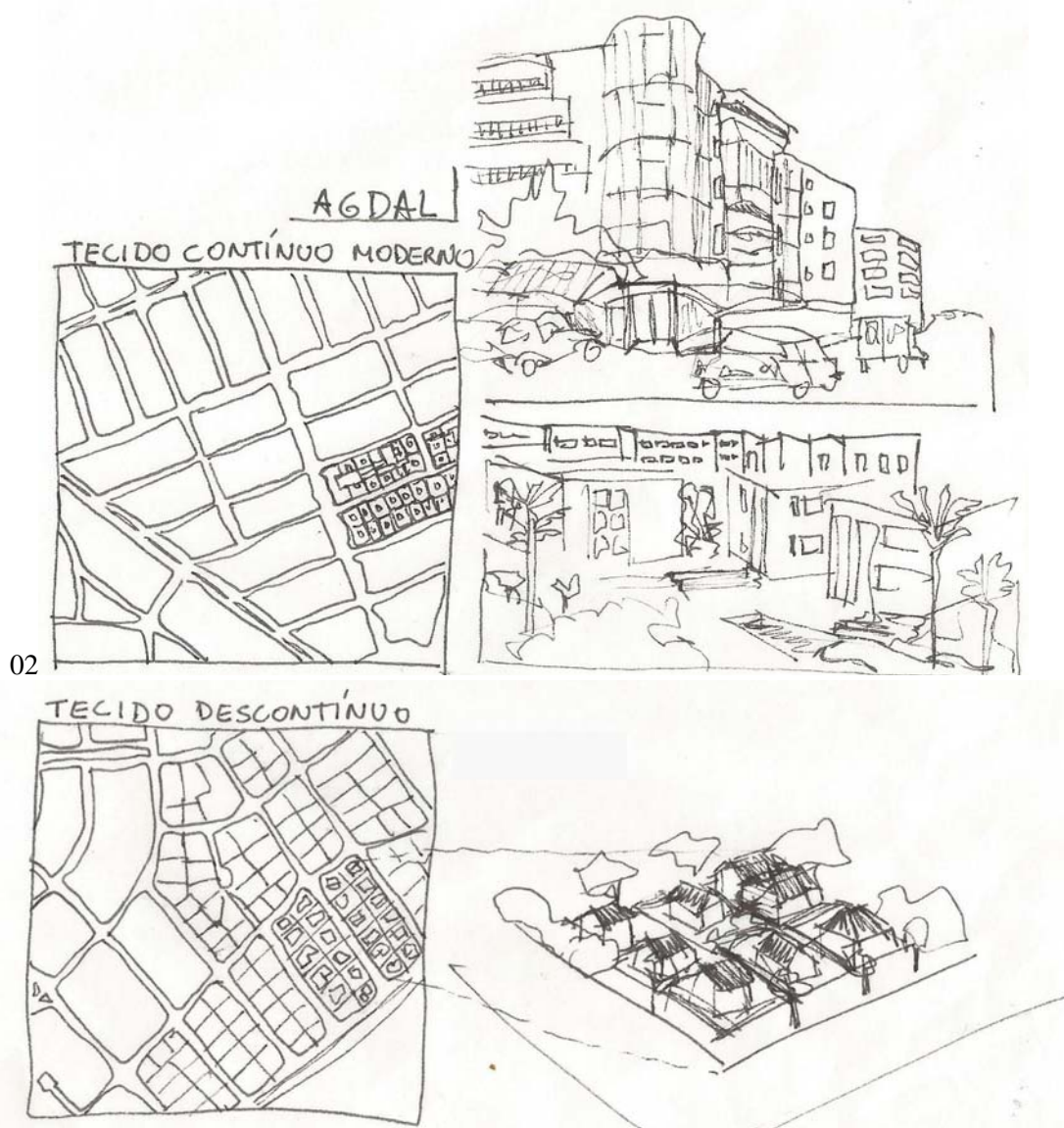
Já o tecido descontínuo apresenta edifícios construídos individualmente, sem ideia de conjunto ou série, afastados entre si, em variadas disposições. O edifício possui aberturas nas fachadas em todos os lados, o que impossibilita se acoplarem uns aos outros, refletindo numa postura social de afastamento e individualismo.

A paisagem urbana histórica de Rabat abriga três tecidos que se enquadram nestas duas grandes categorias: o tecido contínuo tradicional (tecido islâmico estabelecido até século XX); o tecido contínuo moderno multifamiliar e misto (tecido com influência cultural do Protetorado francês, mas com manutenção de características tradicionais); e tecido descontínuo residencial unifamiliar (pós século XX com a influência cultural do Protetorado francês, com sobreposição de uma cultura sobre a outra).

Na figura 72 apresentamos imagens ilustrativas desses três tecidos na Paisagem Urbana Histórica de Rabat. Os croquis demonstram a densidade dos mesmos e o reflexo sobre a paisagem construída.

Figura 72 – Croquis representativos dos três tecidos urbanos que conformam a Paisagem Urbana Histórica de Rabat (HUL)





Fonte: Produzido pela autora. Janeiro, 2015.

Na região delimitada como HUL, avaliamos que as formas históricas mais cumulativas, resultado da colaboração entre as culturas, sofreram um processo flexível de modificação contínuo, no qual, como apresenta Castriota (2009, p.22), “o próprio processo de transmissão incorporaria possibilidades de mudanças, através das quais as culturas se mantêm flexíveis e podem absorver as inevitáveis variações trazidas pelo tempo.” Ainda, segundo o autor, a própria arquitetura vernacular apresenta desenvolvimento e aceitação na mudança física, sem que se perca a tradição.

Considerando o pensamento de Castriota, o tecido contínuo moderno reinterpreta princípios da arquitetura vernacular de Rabat, repetindo características que configuram o tecido contínuo tradicional, embora reflitam um outro tempo e uma “nova” cultura.

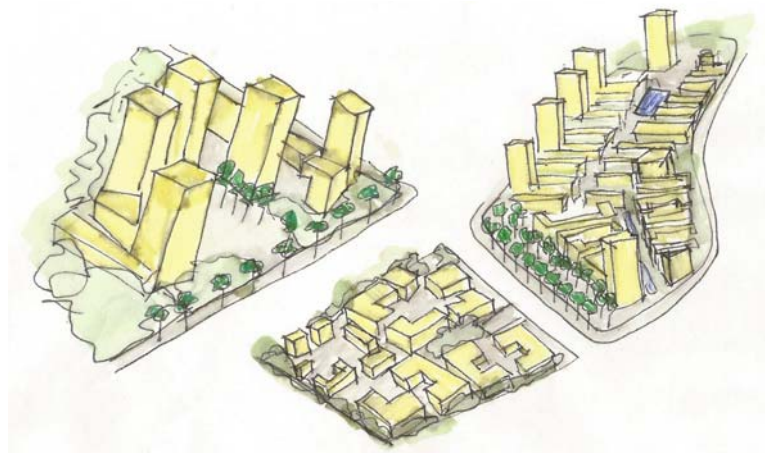
Reconhecemos, na construção do tecido contínuo moderno, uma plasticidade na manifestação da tradição. Concordamos com Castriota (2009):

A tradição será, como aponta Raymond Williams, sempre seletiva, uma versão intencionalmente seletiva de um passado modelador e de um presente pré-modelado, que se torna poderosamente operativa no processo de definição e identificação social e cultural.¹ (CASTRIOTA, 2009, p.21 e 22)

O tecido descontínuo, porém, não apresenta a mesma plasticidade. O significado deste tipo de tecido na cidade ultrapassa os limites da região de estudo em pauta. A influência ocidental, fruto do Protetorado francês, é expandida para as áreas mais periféricas, próximas ao limite administrativo atual da cidade, no qual se desenvolveram os bairros mais recentes – Hay Riad, Riad Al Andalous e Saphira. Segundo nos relata Castriota (2009, p.23), há um processo de mudança cultural que se pode mostrar catastrófico com a destruição e o apagamento de uma cultura pela outra, fazendo-se necessário considerar a distinção que as influências externas provocam, se assimiláveis ou impactantes.

Os novos bairros, espécies de simulacros que representam a globalização de conceitos, de mão de obra, de ideias, de valores, evidenciam a incoerência cultural e espacial entre a região mais antiga e a região mais recente da capital. O reflexo deste urbanismo globalizado é representado por edificações verticalizadas e com materiais de tecnologia de ponta, importação de estilos de viver americanos, escala monumentalizada. Apresentamos na figura 73 alguns modelos ilustrativos propostos para o bairro Saphira de forma a ilustrar esta configuração urbanística.

Figura 73 – Configuração de quadras para o bairro Saphira.



Fonte: Produzido pela autora. Janeiro, 2015.

¹ WILLIAM, 1979, p.118

O panorama da vida contemporânea reflete, assim, uma ordem social e econômica que altera as relações e, conseqüentemente, o ambiente construído. Por esta razão, em Rabat, o tecido descontínuo, fruto de expansões posteriores, reflete o distanciamento no qual vivemos uns dos outros, consequência não só da modernização e uso do automóvel, mas de valores instaurados desde então. As dificuldades nas relações embasadas pelo ideal capitalista refletem em comportamentos que ampliam o isolamento. Embora considerados como padrão natural, tais comportamentos são contrários à vida em sociedade.

Desta forma, dentre os três tecidos que constituem a Paisagem Urbana Histórica de Rabat, concluímos que o tecido mais representativo seja o tecido contínuo tradicional, do qual fazem parte a Medina e a Kasbah dos Oudayas. Apontamos que seja ele o que possui maior capacidade de sustentação da tradição no processo de colaboração entre as diversas culturas que por ali passaram. Isto reforça nossa escolha em aprofundar a investigação sobre os valores que sustentam a singularidade no tecido tradicional de Rabat.

5.2 A singularidade do tecido contínuo tradicional de Rabat: Medina e Kasbah dos Oudayas

Propomos algumas ilações sobre os valores presentes no tecido urbano mais tradicional de Rabat, detectados a partir de nossa interpretação. Segundo Schopke (2004), “toda interpretação é já uma criação pessoal”, no sentido que corresponde a um ponto de vista que ressalta o que está subentendido, sem desfigurar o sentido original, mas que se propõe identificar o que não está aparente.

Apesar do tecido contínuo tradicional de Rabat se basear numa experiência que mescla a interação islâmica e ocidental num campo geográfico particular, extraímos o que consideramos ser a essência do pensamento que deu origem a essa paisagem. Entendemos que algumas características que compõem um tecido urbano venham a qualificá-lo quanto ao estado mental nele embutido, ou seja, o valor que o sustenta.

Pela nossa interpretação, sugerimos a existência de três valores que podem ser extraídos a partir da análise sobre características formais que configuram o desenho urbano, quais sejam: sustentabilidade, pertencimento e tradição. Propomos investigá-los sobre a forma urbana da medina de Rabat e da Kasbah dos Oudayas, conforme o aspecto analisado, podendo uma ou outra proporcionar melhor representação. Pelas relações de hierarquia viária, polos e pontos nodais, uso e tipologia, propomos ilustrar tais valores, oferecendo exemplos concretos existentes, que possam embasar modelos futuros.

Cada valor analisado apresentará referencial conceitual, seguido de análise que demonstre o seu reconhecimento no espaço. Iniciamos com a análise do primeiro valor: a tradição.

5.2.1 Tradição

Castriota (2009, p.21) apresenta definição de tradição com base na *Encyclopedia of Vernacular Architecture*, considerando-a como os “aspectos de comportamento, dos costumes, do ritual ou do uso de artefatos que foram herdados das gerações anteriores.” Aprofunda o entendimento acrescentando que “o campo da arquitetura seria marcado pela tradição, na medida que em que todas as tipologias, tecnologias e ofícios edilícios do passado persistem até o presente.” O autor reflete sobre a dimensão conservadora da tradição, em que repetiria o passado através do que foi herdado.

Ao contrário do entendimento sobre conservação e repetição do passado como um segmento inerte e que apenas sobrevive cristalizado e imóvel, buscamos no filósofo Deleuze um aprofundamento do entendimento sobre repetição.

Gilles Deleuze² afirma que “o mundo moderno nasce da falência da representação. É um mundo onde as identidades não passam de simulações no ‘jogo’ mais profundo da diferença e da repetição.” (SCHOPKE, 2004, p.143). Segundo o filósofo, se a repetição existe é porque ela exprime, ao mesmo tempo, uma singularidade contra o geral. A repetição é vista por ele como o eterno retorno. “O tempo ‘do que foi’ e ‘do que ainda será’, tempo de devir, das mudanças, o tempo da diferença pura.” (SCHOPKE, 2004, p.162). A diferença está no âmago do próprio ser, que por sua vez está no centro de cada cultura. Trata-se de entender a diferença como desdobramento do ser, em que a essência está mais em “diferenciar-se” do que em “igualar-se”. “Para Deleuze, a diferença é pura porque é formal; intrínseca, pois opera na essência.” (SCHOPKE, 2004, p.41). Schopke afirma que Deleuze não nega as regularidades, mas o idêntico; nega a submissão dos seres a um único princípio ou fundamento.

A repetição abordada pelo filósofo nega a simulação de identidades como cópia de um passado que se foi. O eterno retorno dos aspectos que a repetição propõe, esse tempo que foi e que ainda será, vincula ao homem e seu sistema cultural, a ligação entre passado e presente. Como Castriota (2009, p.22) afirma, “o próprio processo de transmissão incorporaria possibilidades de mudanças, através das quais as culturas se mantêm flexíveis e

² DELEUZE, Diferença e repetição, p.15. In: SCHOPKE, 2004.

podem absorver as inevitáveis variações trazidas pelo tempo.” Neste sentido, a repetição como manutenção de uma tradição que permanece no presente por ser reconhecida como coerente e representativa, exprime o singular de Deleuze, o oposto do igualar-se.

Tradição, na arquitetura, não indica, portanto, cópia. Tradição é a incorporação dos aspectos e valores que permanecem, ainda que transformados ao longo do tempo. O método pelo qual será possível analisar a existência de tradição na Kasbah dos Oudayas é proposto pela Escola Italiana de Morfologia Urbana. O método que propõe defende a História Operante na manutenção dos princípios da arquitetura vernacular, que vinha se perdendo no movimento moderno. Pela análise tipológica, a escola propõe reconhecer a presença do sujeito na edificação mais recorrente de uma paisagem: as casas.

Seguimos com a análise da primeira característica de desenho urbano: a tipologia edilícia como representação da cultura e da tradição.

5.2.1.1 Característica de Desenho Urbano: tipologia

Saverio Muratori, arquiteto italiano, propôs um método operativo a partir de sua experiência prática (1933 a 1946), teórica e acadêmica (1947 a 1967), num momento de pós-guerra, em que detectou o problema da relação arquitetura e ambiente.

Base deste método é, para ele, o tipo edilício. Muitos que conhecem a teoria desenvolvida por Muratori destacam o aspecto filosófico implícito neste entendimento. Pelo tipo edilício, Muratori insere a qualidade do pensamento projetual como campo filosófico, ao propor o limite exato entre pensamento e realidade, definindo um e outro, como tipo e tipo básico.

A passagem do tipo (pensamento) para tipo básico (organismo edilício construído) agrega diversos elementos que são parte deste processo – o projeto, a leitura, a inserção no ambiente e a escolha dos materiais construtivos.

Para Muratori, o organismo edilício, “princípio orgânico” da arquitetura, embasa a análise tipológica e seu processo evolutivo no tempo. Na obra arquitetônica o princípio orgânico da concepção – estrutural, funcional, ambiental e formal – é síntese expressiva da realidade desse organismo. Corsini (2001) acrescenta, ainda, que a obra arquitetônica é a síntese da consciência espontânea e consciência crítica, da qual o arquiteto é artífice.

Estes dois conceitos trazem o homem (cultura) para dentro do processo de formação da cidade. Na obra de Caniggia e Maffei (2001), *Architectural composition and building typology: interpreting basic building*, encontramos definições que auxiliam o nosso entendimento. Consciência espontânea seria a atitude que um sujeito toma ao incorporar à sua obra a herança

civil do lugar em que vive sem pensar duas vezes. Esta constitui uma forma de ação automática, adquirida como um hábito. Já a consciência crítica seria praticamente o oposto: equivaleria a agir com conhecimento de sua própria herança, passando a dominar essa bagagem cultural e decidindo agir sobre ela em conformidade com o ambiente ao qual pertence.

Para Muratori, a individualidade, a singularidade da obra arquitetônica, não é produto do individualismo criativo do moderno, mas sim expressão da escolha individual do arquiteto e da derivação, como síntese, da experiência da cultura edilícia de uma civilização. Ressaltamos a responsabilidade que o arquiteto possui na concepção de um projeto. E, mais ainda, a necessidade de estar em posse da consciência crítica que determinado ambiente revela, para que de forma lúcida e sem personalismo possa realizar a obra que o compete concluir.

O tipo básico

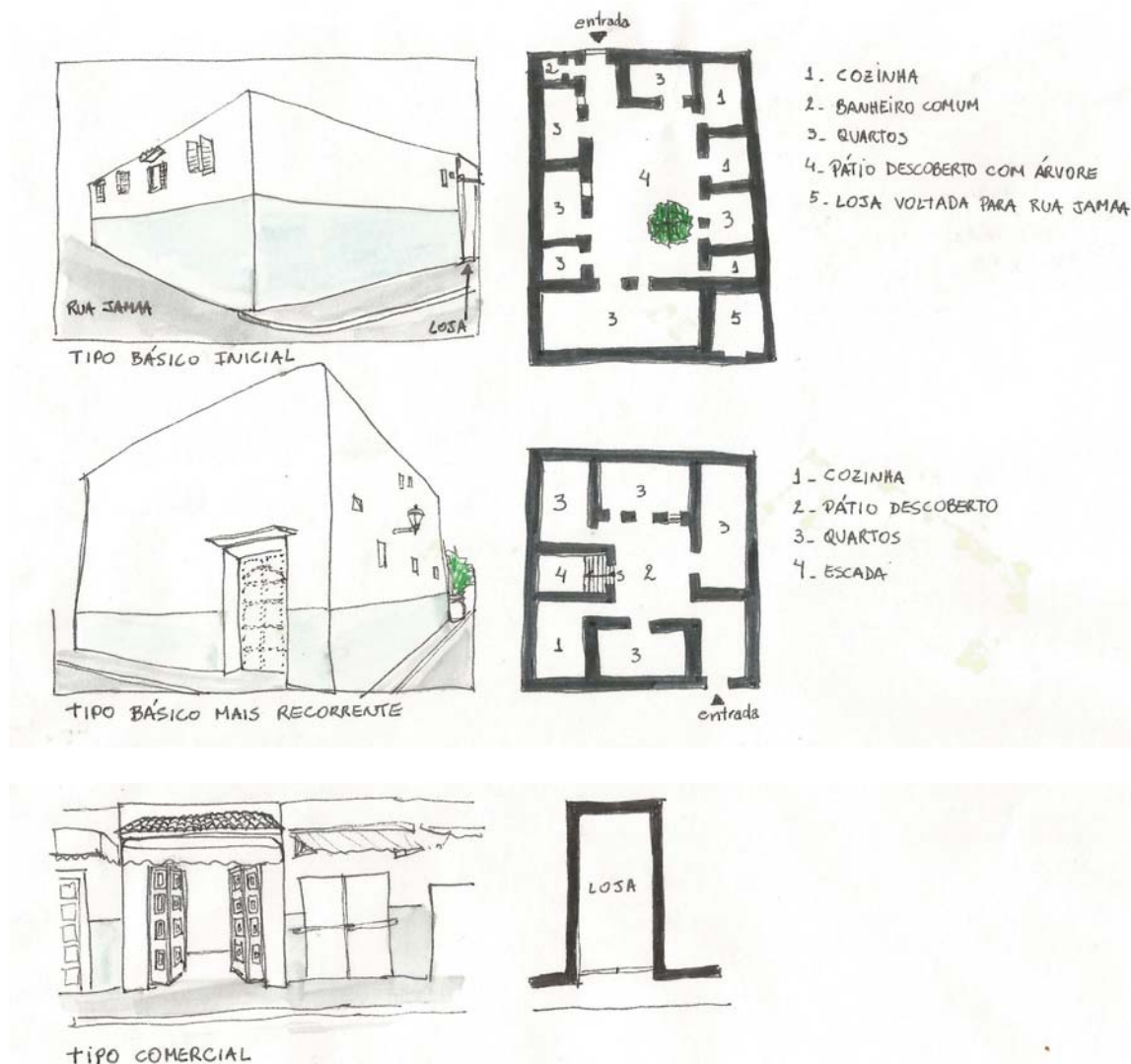
O tipo básico inicial é geralmente uma construção espontânea, fruto da consciência espontânea. Porém, pode ser proveniente de uma consciência crítica, a partir do projeto. Daí a preocupação de Muratori quanto à necessidade dos arquitetos despertarem para essa realidade cultural e incorporarem a metodologia operativa na vida profissional.

Por definição, o tipo básico é a edificação considerada síntese da cultura local e que pode ser reconhecido por meio das suas transformações, todas baseadas num princípio comum, que se amplia ou reduz, mantendo o formato inicial, perceptível através da análise morfológica. (CANIGGIA; MAFFEI, 2001, p. 88). A Kasbah dos Oudayas é um tecido urbano que pode ser analisado pela reunião de edifícios similares (tipo básico), formados em tempos próximos, pertencentes a uma mesma categoria legislativa, sendo os mais recorrentes na paisagem na qual se insere.

No estudo de caso aqui proposto, foi detectado um tipo básico em sua forma inicial, com 01 pavimento e fachada de 11 a 13 metros. A paisagem atual, no entanto, revela alterações nesta tipologia. O tipo residencial mais recorrente passa a ser um edifício de dois pavimentos (fachada de 8 a 10 metros), o que faz com que os pátios sejam parcialmente ou completamente cobertos. Foi também detectado um tipo comercial, que não apresenta alterações ao longo do tempo. Ele possui apenas um cômodo, um pavimento e área de até 10 m², com dois metros de frente, estando alinhados a rua.

A figura 74 ilustra as características desses tipos edifícios.

Figura 74 – Tipo básico e tipo comercial Kasbah dos Oudayas



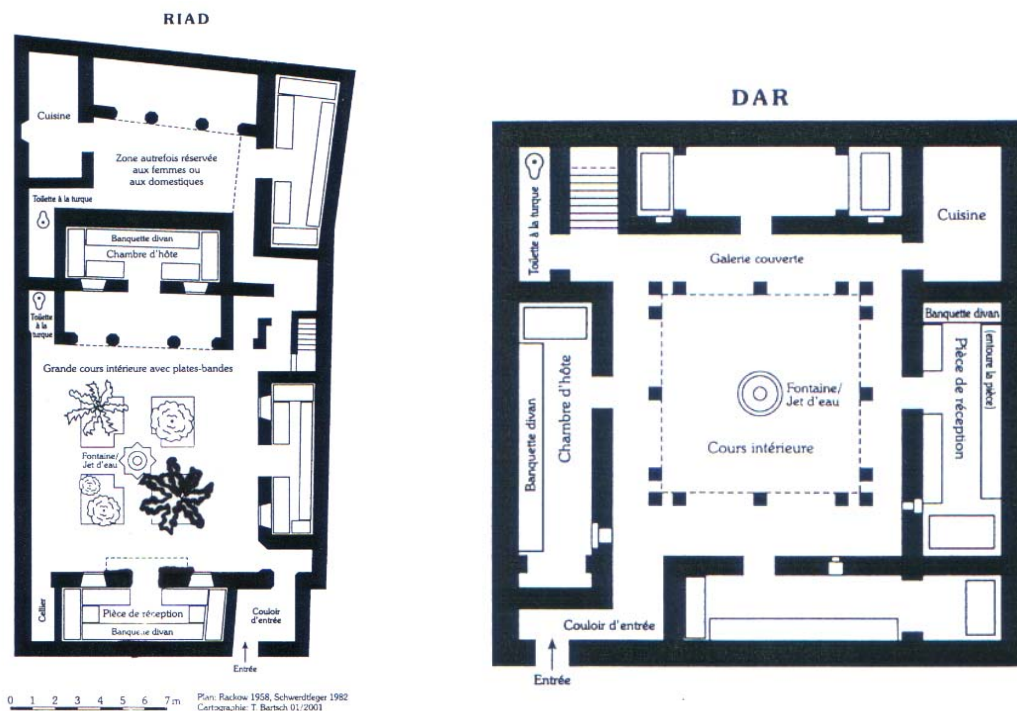
Fonte: Croquis produzidos pela autora com base em levantamento de campo de dezembro de 2013. Plantas: S. KAISSI, Vers une revalorisation de la Qasba des Oudaias. ENA, nov. 1991. Janeiro, 2015.

O tipo básico original corresponde à casa tradicional marroquina, conhecida como *dar*. O pátio constitui o elemento principal da casa. No *dar* o pátio central é simples, com a presença de uma fonte e, no máximo, alguns vasos com plantas ao redor. É o espaço que oferece mecanismos de conforto ambiental na edificação pela presença da água e do verde. Ele é o acesso a todos os outros cômodos da casa, que são construídos ao longo dos seus quatro lados.

Segundo apresenta Maziz (2004), as *dars* começam a apresentar transformações com o retorno de classes ricas e maior presença de estrangeiros ao bairro tradicional, por uma valorização ocorrida na medina no século XXI. “Os *riads* surgem quando as *dars* começam a apresentar alteração de uso com a renovação, passando de residências a pousadas, restaurantes

ou instituições culturais”. (MAZIZ, 2004). Além do uso, outra diferença entre as duas é observada no pátio interno. No *riad*, este se constitui de um jardim. Em ambos os casos, o pátio continua a ser o elemento principal da casa. A figura 75 apresenta planta de cada uma das categorias.

Figura 75 – Planta das duas categorias de casa tradicional na medina: *dar e riad*



Fonte: Naïma MAZIZ. La médina de Marrakech face au Phénomène-riads. UNIVERSITE PARIS X – NANTERRE. Mémoire de maîtrise. U.F.R S. S. A département de géographie. Setembro, 2004.

Figura 76 – Vista interna do pátio de um *Riad*



Fonte: Naïma MAZIZ. La médina de Marrakech face au Phénomène-riads. UNIVERSITE PARIS X – NANTERRE. Mémoire de maîtrise. U.F.R S. S. A département de géographie. Setembro, 2004.

A maior transformação da paisagem da Kasbah dos Oudayas não se dá, porém, com a diferenciação entre os dois modelos residenciais, visto que, na kasbah, há apenas um Riad no seu interior. A figura 77 apresenta um comparativo do panorama sobre a rua Jamaa (eixo principal), onde se percebe a perda da arborização com a transformação do tipo básico, com consequente massificação das edificações, o que contribuiu para a aridez na paisagem.

Figura 77 – Comparativo da paisagem da Kasbah dos Oudayas – início século XX e início do século XXI



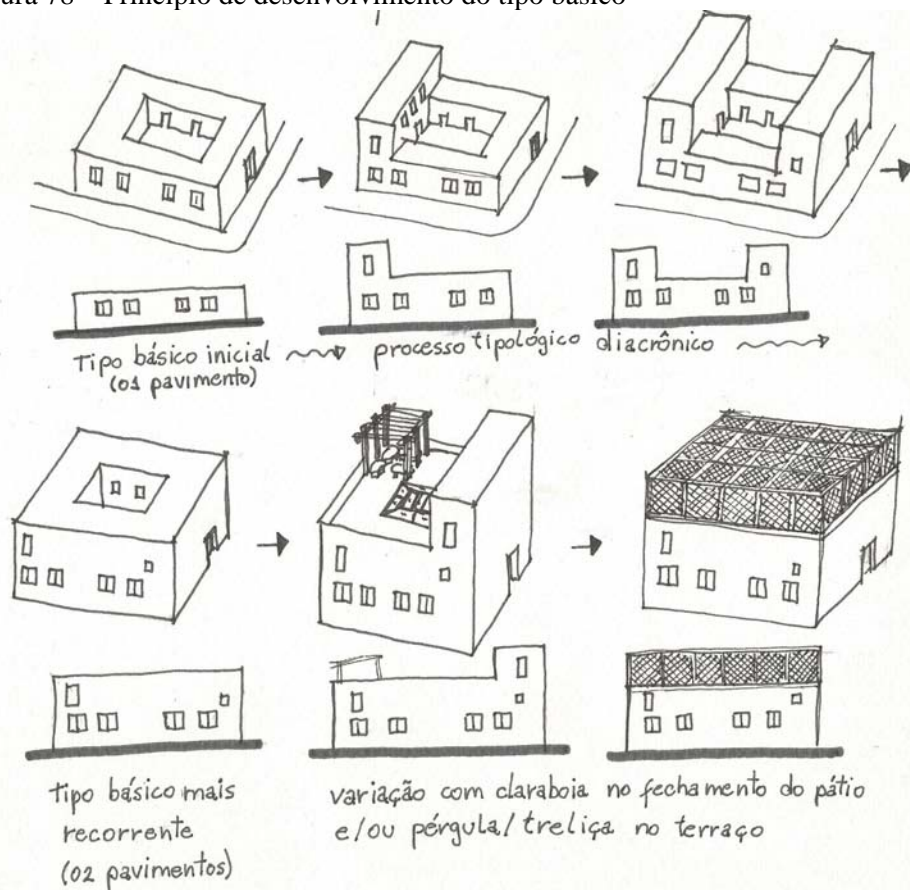
Fonte: Croquis produzidos pela autora com base em fotografia de e EL-EUCH, Monia e BEKRI, Mohamed – La Casbah des Oudaias: Sauvegarde et mise en valeur. Étude comparative: cas de Sidi Bou Said. Trabalho de fim de curso – orientação de FADILI TOUTAIN, Rima. ENA: 1999-2000. E fotografia de LabHAUT (laboratório do habitat, arquitetura e urbanismo do território). La réhabilitation culturelle de la Qasbah des Oudayas de Rabat: projet de requalification architecturale de l’habitat. Data desconhecida. Janeiro, 2015.

Para entender estas transformações, a metodologia operativa de Muratori propõe uma análise segundo as mudanças que afetam o tipo básico, um método conhecido como processo tipológico. Cannigia e Maffei (2001) referem-se a sequências significativas de intervalos de tempo, em que o processo tipológico expressa progressiva transformação do conceito “casa” num lugar específico.

Na Kasbah dos Oudayas, o princípio de desenvolvimento do tipo residencial ao longo do tempo foi, aos poucos, mudando a vida privada do pátio para os terraços das coberturas. Ao “verticalizarem-se”, as tipologias residenciais cobriam os pátios com claraboias ou mesmo telhas e passavam a abrigar o lugar de convívio social no topo do edifício. As espécies arbóreas desaparecem da paisagem. Também a privacidade fica comprometida. O olhar “indiscreto” do vizinho atua mais com estas transformações. Especula-se aqui a influência do pensamento ocidental na transformação destes tipos, principalmente durante o Protetorado francês e, recentemente, pela valorização trazida com a revitalização do vale do Bouregreg e o crescente número de estrangeiros que aí se estabelecem. Este é um aspecto da transformação tipológica a ser avaliado e incorporado na gestão desta paisagem, de forma a não permitir, eventualmente, a sobreposição de uma cultura por outra.

No croquis apresentado na figura 78 demonstra-se o princípio de transformação do tipo básico no bairro do vale do Bouregreg, ilustrando nossas observações e recomendações.

Figura 78 – Princípio de desenvolvimento do tipo básico



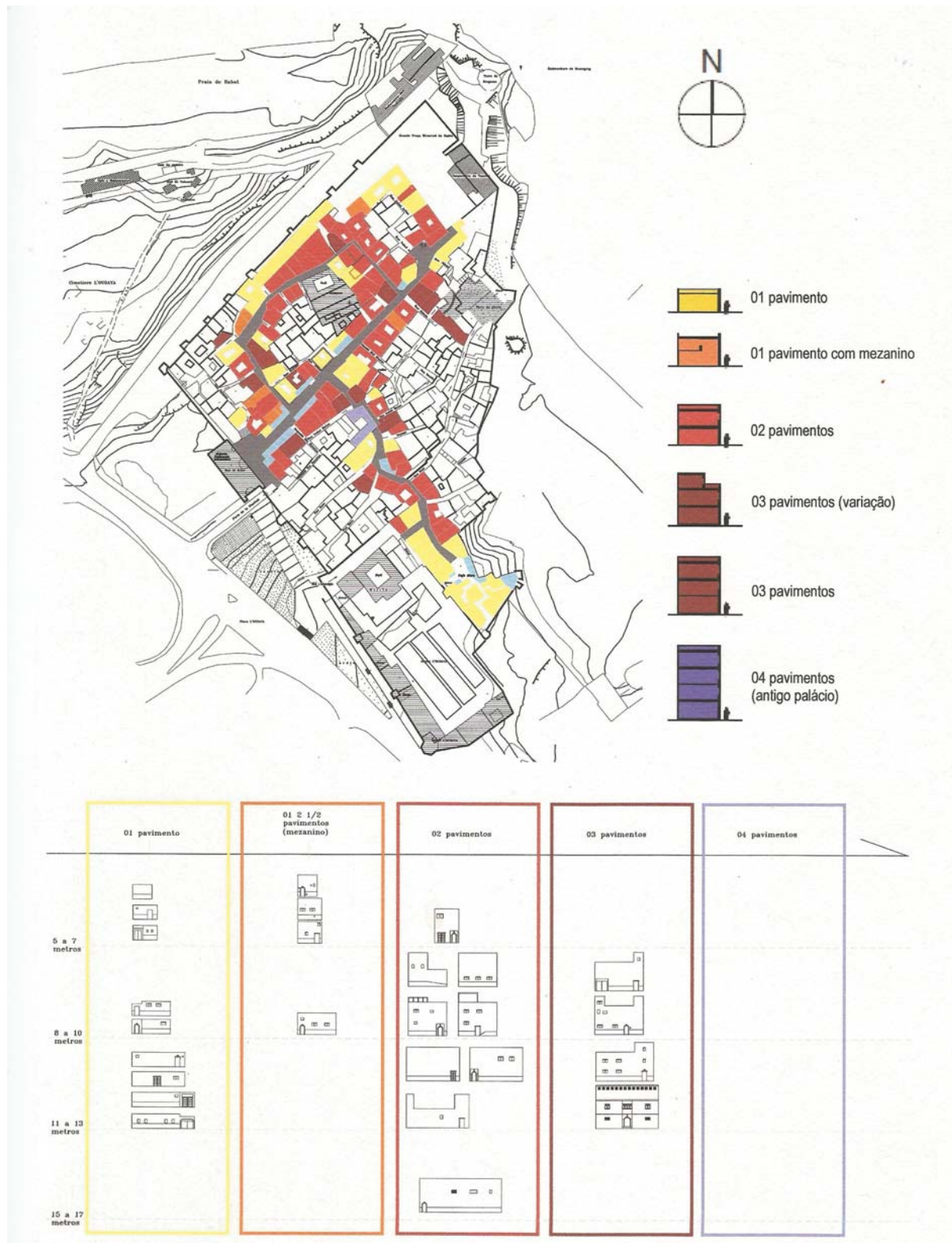
Fonte: Croquis produzidos pela autora. Janeiro, 2015.

O processo de transformação tipológica possui três variantes: diacrônico, diatópico e sincrônico.

O **processo tipológico diacrônico** é o que apresenta diversidade cronológica dos tipos numa mesma área cultural, sem que haja mudança substancial no conceito de tipo básico. É, portanto, uma análise sobre a transformação no tempo. (CANNIGIA; MAFFEI, 2001). Apresentamos na figura 79 o mapa com o posicionamento das edificações ao longo das duas vias matriz, que originaram a estruturação do bairro.

Figura 79 – Esquema gráfico com indicação do processo diacrônico

imprimir A3 separado



Fonte: Produzido pela autora com base em mapa georeferenciado autocad, 1995 e levantamento de campo em dezembro de 2013/janeiro 2014. Janeiro, 2015.

Numa primeira análise, percebemos que o tipo básico diacrônico com dois pavimentos é a mais recorrente e está situada na rua Jamaa e na parte superior do bairro. O tipo básico original de um pavimento prevalece nas extremidades, muito porque, especulamos, sua verticalização impediria o acesso visual das demais residências ao entorno (mar e vale do rio Bouregreg). No levantamento a campo observou-se também que estas casas são habitadas pelos cidadãos marroquinos tradicionais que, além de não possuírem muitos recursos financeiros para a modernização, possivelmente também se identificam mais com a tipologia original e a presença dos pátios internos.

Outra análise que podemos trazer refere-se às edificações mais elevadas (de 03 pavimentos), presentes nas interseções entre duas vias. A este local de encontro a Escola Italiana de Morfologia Urbana denomina ponto nodal, que é definido como ponto singular num eixo contínuo, determinado pela interseção entre duas vias ou rotas de circulação, que originam nesta junção com qualidade de nodalidade. (CANNIGIA; MAFFEI; 2001, p.126) A justificativa reside no dinamismo proporcionado por estes pontos, que apresentam alargamento na rua, o que permite verticalizar mais sem prejudicar a insolação e a ventilação das vias públicas (a estrutura viária em vielas e becos forma uma rede viária muito estreita). A única edificação de quatro pavimentos é o antigo palácio, primeira habitação real na kasbah.

Até aqui, o processo diacrônico registra alteração do tipo básico que, apesar de não perder a característica cultural em materiais, proporções, setorização, apropriação, tende para um processo de transformação com inserção dos terraços, que incorre numa alteração mais intrínseca de identidade cultural. No levantamento a campo em 2013, o arquiteto coordenador da Agência do Bouregreg, responsável pela gestão do bairro, mostrou ciência deste fato e apontou para os estudos em execução que embasarão as diretrizes de conservação e intervenção desta paisagem.

O **processo tipológico diatópico** corresponde à análise sobre a transformação do tipo básico segundo sua variação no espaço e os condicionantes que o influenciam. (CANNIGIA; MAFFEI, 2001)

Na Kasbah dos Oudayas as variações encontradas no tipo básico correspondem à forma como se verticalizaram para se ajustarem a vista para o mar ou rio e/ou ao fato de acrescentarem um espaço social com jardim, no térreo, na posição com vista panorâmica mais privilegiada. No caso da kasbah, mesmo dentro de um mesmo tecido e num mesmo espaço cultural, esta variação ocorreu pela diferenciação do posicionamento geográfico de cada edificação. O fato deste bairro ter sido instalado em promontório natural estimula a instalação

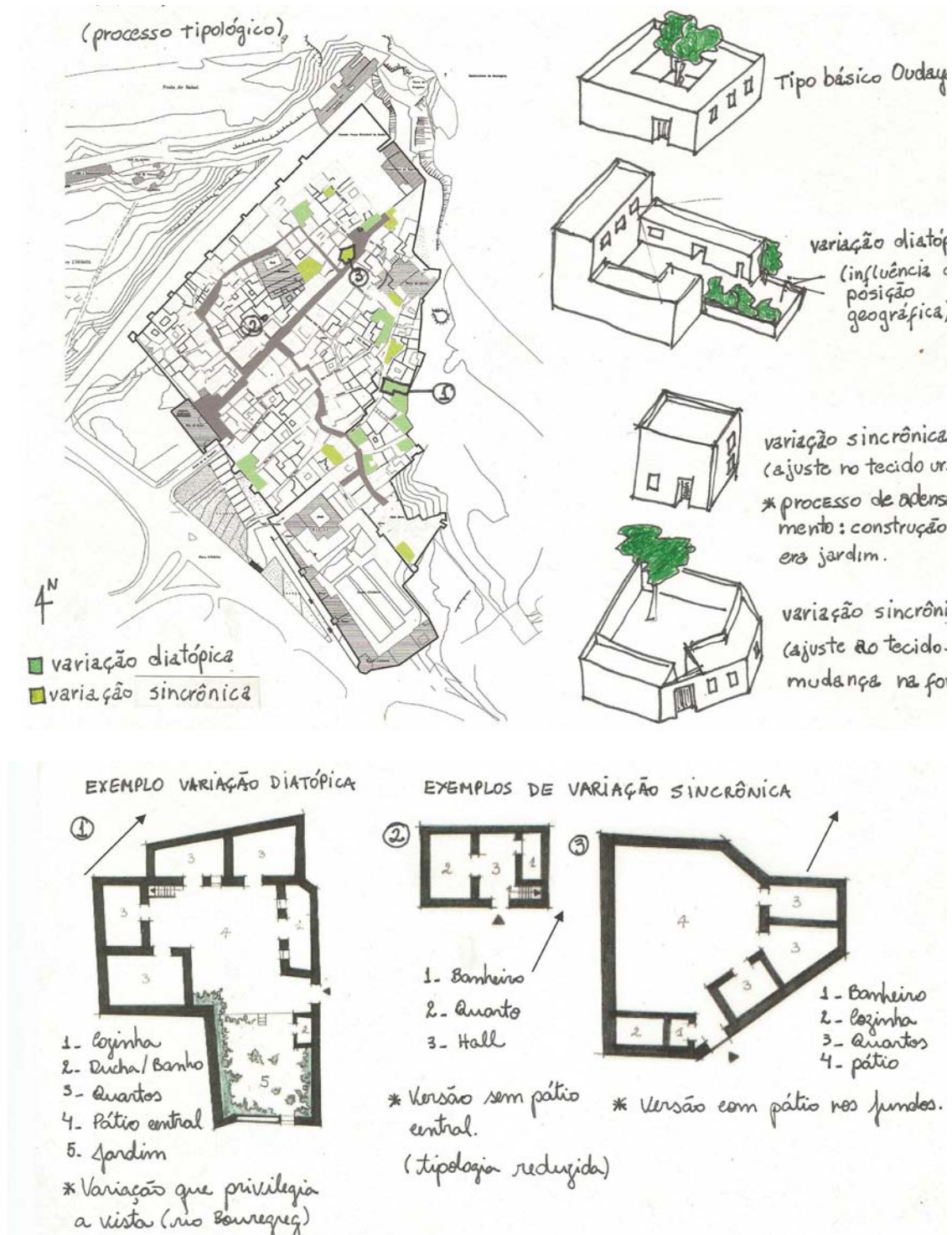
natural de tais diferenciais no tipo edifício, sem, no entanto, alterar significativamente o conceito do tipo básico inicial. (FIGURA 80).

O **processo tipológico sincrônico** corresponde a uma modificação do tipo básico para se ajustar às restrições de um tecido não padronizado. (CANNIGIA; MAFFEI, 2001) O comportamento orgânico da estruturação urbana deste assentamento justifica o aparecimento dos diversos exemplos encontrados na kasbah e apontados no mapa abaixo. (FIGURA 80).

Na Kasbah dos Oudayas há a variação sincrônica formada por elementos com posição e formas peculiares, provenientes da natureza orgânica do tecido. Estes tipos básicos são fruto da formação natural e inicial deste tecido, dado o posicionamento de alguns destes exemplos encontrados. Em muitos casos, os pátios possuem sua posição alterada, deixam de ser centrais, mas não deixam de ser o elemento distribuidor aos demais cômodos.

A variação sincrônica também pode ser fruto da transformação do tipo básico inicial. No croquis da figura 80 observamos um destes exemplos. Esta variação surge quando decide-se por transformar um jardim (frontal) em residência. Neste caso, a dimensão reduzida elimina a existência de pátio interno.

Figura 80 – Esquema gráfico com indicação do processo diatópico e sincrônico



Fonte: Mapa e croquis produzidos pela autora. Mapa com base georeferenciada autocad, 1995. Plantas: S. KAISSI, Vers une revalorisation de la Qasba des Oudaias. ENA, nov. 1991. Janeiro, 2015.

A Série na estruturação do tecido do bairro

Caniggia e Maffei (2001) ressaltam que os edifícios não são construídos lado a lado por acaso; pelo contrário, existe uma codificação, um sistema de leis inerente à formação de um tecido. O conhecimento deste sistema revela uma paisagem cujo produto é o efeito de um processo contínuo da própria vida. Quando edifícios construídos lado a lado revelam um sistema de regras de construção, forma-se uma série, que pode ser definida como um bloco de base, uma unidade de conjunto mínima da qual se formará um tecido. (CANNIGIA; MAFFEI, 2001).

A figura 81 apresenta a série mais representativa deste bairro. Por meio dela podemos ter uma ideia da escala, unidade identitária, leitura de fachada contínua funcionando mais como bloco do que unidades individuais. A série na kasbah pode incorporar o conceito de Deleuze como repetição de singularidades (SCHOPKE, 2004). A série pode ser importante fator que induz ao sentido de pertencimento. Forma uma unidade de conjunto, sem, no entanto, perder a individualidade.

Passamos para o segundo valor investigado, o sentido de pertencimento.

5.2.2 Pertencimento

Enquanto a tradição reflete conteúdos históricos, culturais e sociais, incorporados nas paisagens urbanas ao longo do tempo, a globalização, pela exportação de valores que independem do lugar, massifica e homogeneiza a paisagem urbana. O reflexo deste comportamento é a ausência de um reconhecimento da própria história e pertencimento na paisagem na qual se insere.

O sentido de pertencimento inerente a uma comunidade e seu conseqüente envolvimento com o espaço e com os indivíduos que a compõem está diretamente relacionado ao contexto paisagístico que abriga o lugar de vida, nos dois sentidos da palavra: geográfico e identitário. (RICOUER, 2010).

Viver permeado de tais conteúdos desperta a capacidade de percepção e observação individuais, ativando os sentidos. Ao recebermos impressões exteriores, exercitamos ativamente nossa própria faculdade de reconhecer, em nós mesmos, os valores trazidos em estado latente.

Muitas vezes, a exportação de valores não condiz com a essência e necessidade daquela determinada sociedade. Aquele que não se reconhece, ou não se sente pertencer, tem a tendência a se afastar, ainda que não seja fisicamente; o distanciamento tende a ser psicológico. Este distanciamento pode ser um dos muitos fatores que despertam o medo do outro, que potencializa o isolamento e as escolhas individualizadas em detrimento às comunitárias e cidadãs.

O princípio do pertencimento parece traduzir-se, assim, como uma dialógica entre semelhança e estranhamento, conforme caracteriza Sá (2005).

Semelhança e identificação são aquilo que nos torna capazes de compreensão da e na subjetividade, estabelecendo uma comunicação com base na afetividade, isto é, na possibilidade de sermos diretamente afetados pelo outro. (SÁ, 2005, p.253).

O estranhamento advém de uma ideologia individualista que a cultura industrial capitalista moderna construiu – a representação da pessoa humana como um ser desenraizado e desligado de seu contexto. Para que possamos nos deixar afetar uns aos outros, necessário se torna cultivar o sentimento de pertencimento social. Este conceito relaciona-se ao entendimento comunitário. Pelos laços pessoais de reconhecimento mútuo e no sentimento de

adesão a princípios e visões de mundo comuns, as pessoas se sentem participantes de um espaço-tempo (origem e território) comum. (SÁ, 2005).

Pelos reflexos de segregação, alienação, medo, anonimato, individualismo e indiferença, percebemos que a sociedade contemporânea caminha no sentido contrário. A paisagem vai perdendo um conceito primordial: o lugar. A ideia do lugar tem um papel relevante na concepção do *Genius Loci*, que corresponde ao que o lugar é ou quer ser.

MRG Conzen (2010) adiciona o fato de que

a paisagem adquire existência diferenciada da sociedade que a ocupa e, muito mais que refletir as suas aspirações atuais, reflete também um processo histórico incompleto, cumulativo de todas as necessidades e aspirações humanas sucessivas que se desenvolveram neste determinado habitat. (CONZEN, 2010).

Isto expõe a relação do espaço-lugar com nossa consciência.

O sentido de pertencimento, que caminha lado a lado com a tradição, está, portanto, diretamente relacionado a este contexto paisagístico que abriga o lugar de vida, nos dois sentidos da palavra. Comportamentos e hábitos de cooperação só se fortalecerão para combater a tendência atuante na sociedade contemporânea, quando houver maior lucidez dessa consciência.

Analisaremos o sentido de pertencimento através da escala viária, conformação dos bairros e significado das ruas na Medina de Rabat e Kasbah dos Oudayas.

5.1.2.1 Característica de Desenho Urbano: Hierarquia viária

A hierarquia viária pode ser classificada entre – arterial, coletora, local – e – ruas, vielas e becos sem saída. A diferenciação entre as duas hierarquias está na escala, fluidez e priorização – veículos ou pedestre.

Richard Rogers (2008) apresenta uma pesquisa realizada em São Francisco, no livro *Cidades para um pequeno planeta*, em que compara ruas situadas em diferentes bairros para avaliar o impacto do tráfego na vida da comunidade local. Monitora-se o movimento dos indivíduos entre as casas, em ruas tranquilas e agitadas. Os dados revelaram que o nível de interação social entre os vizinhos de uma determinada rua, ou senso de comunidade naquela rua, era inversamente proporcional à quantidade de trânsito ali existente. O estudo aponta o tráfego como causa fundamental para a alienação do morador urbano. (ROGERS, 2008, p.36). Assim, a intensidade do tráfego pode influenciar positiva ou negativamente a vida da

comunidade. Este elemento deve ser levado em consideração no planejamento e desenho urbano.

No tecido contínuo tradicional, a rede viária é do tipo rua, viela e beco. Esta estrutura revela três desdobramentos: menor escala, adaptação às condições topográficas locais, e priorização do pedestre.

A adaptação às condições da topografia resulta num traçado mais labiríntico, descontínuo, que preserva a intimidade e separa a vida íntima do espaço público. Andar a pé proporciona o encontro, aproxima os indivíduos, influencia na queda do medo pelo conhecimento do próximo, lembra a necessidade de uma escala humanizada. Pode proporcionar também mudança de hábitos diários, como compras de necessidades básicas, pela restrição de peso a levar até em casa, além da busca por serviços e comércios mais próximos, o que valoriza a dimensão local.

Outra característica desta estruturação viária reside na conformação de unidades residenciais internas aos tecidos. Cada unidade residencial, ou em árabe *hawma*, é autônoma e seu limite é conformado pela estrutura viária. O perímetro de cada unidade é delimitado pelas ruas principais que dão origem ao tecido. No interior de cada unidade, as vielas configuram a divisão do espaço em núcleos familiares menores. Em cada núcleo familiar, o acesso às casas ocorre pela presença dos becos, quase sempre sem saída.

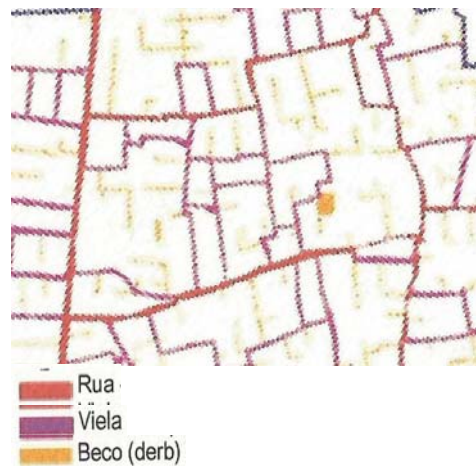
O mapa da figura 82 apresenta um exemplo de *hawma* dentro da Medina de Rabat.

Figura 82 – Mapa de hierarquia viária da Medina de Rabat

Localização da unidade residencial "hawma" na medina de Rabat.



Hierarquia viária no interior de um "hawma"



Fonte: Produzido pela autora. Janeiro, 2015 e Direction Urbaine de Rabat. Plan d' Aménagement et de Sauvegarde de la Medina de Rabat. Junho, 2012.

Um conjunto de valores sociais determina o plano urbano do bairro (medina de Rabat). As unidades residenciais se organizam de modo a assumirem independência territorial e funcional, segundo princípios de organização e funcionamento da cidade mulçumana. Para cada uma destas unidades existem equipamentos necessários para o seu funcionamento (forno, banho público, mercearias, escola).

Maziz (2004) complementa que cada *hawma* é uma unidade forte e tem limites muito específicos, podendo mesmo possuir portas que a isolam durante a noite. Estas unidades, porém, não são unidades étnicas. Verifica-se que cada uma apresenta permanência da população, com presença de famílias que se conhecem há gerações e que estabeleceram profundas conexões com todo o bairro, com marca de solidariedade e encontro permanentes.

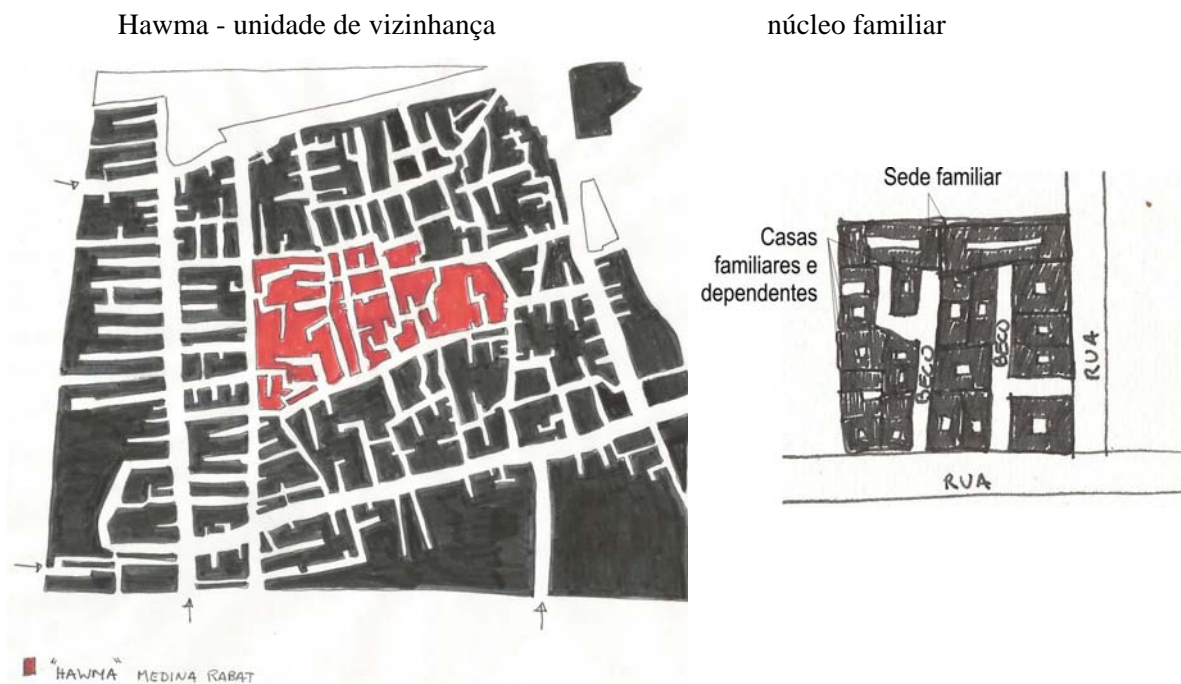
Cada unidade se divide em vários núcleos familiares com *derbs*, ou becos, que se unem às ruas principais. Segundo Maziz (2004),

essas duas classificações – *hawmas* e *derbs* – constituem espaços identitários no sentido de que eles servem como referência para os moradores: dois indivíduos nascidos na mesmo *derb* mantêm a consciência de uma origem comum; o *hawma*, provoca o mesmo sentimento, porém levado a um nível superior. (MAZIZ, 2004).

Esta é uma constatação importante, pois é a explicação do sentimento comunitário e de pertencimento que os bairros tradicionais árabes possuem.

A ilustração da figura 83 apresenta a delimitação de uma unidade de vizinhança na medina de Rabat e croquis esquemático da estruturação de um núcleo familiar.

Figura 83 – Destaque da unidade de vizinhança, Hawma e exemplo de núcleo familiar, formado por *derbs* (beco sem saída) na Medina de Rabat



Fonte: Produzido pela autora. Janeiro, 2015 e Direction Urbaine de Rabat. Plan d' Aménagement et de Sauvegarde de la Medina de Rabat. Junho, 2012.

O posicionamento das edificações residenciais revelam a hierarquia social na medina. Ao final da rua sem saída, situa-se a sede familiar, a principal, que representa a classe social mais elevada. Acopladas a ela e ao longo da *derb*, situam-se as casas dos filhos e dependentes.

A tipologia residencial voltada para os pátios internos valoriza o encontro, ainda que em família. Esta característica é expandida para as ruas quando, nas *derbs*, expande-se o conceito familiar para uma escala mais ampla. O espaço é considerado semi-privado pelos moradores, que sentem que a rua é parte de sua moradia.

Quanto ao valor de pertencimento, podemos concluir que as três características observadas na hierarquia viária – menor escala, adaptação às condições topográficas locais, e priorização do pedestre –, colaboram para a formação do sentimento comunitário de pertencimento e cuidado com o espaço.

Passamos para o terceiro valor analisado, a sustentabilidade.

5.2.3 Sustentabilidade

A sustentabilidade tem aplicabilidade muito abrangente. Nesta investigação é atribuída como valor por reconhecermos o enquadramento do assentamento histórico islâmico dentro do conceito de cidade sustentável, trabalhado por Rogers (2008).

Mesmo que à época não houvesse este paradigma, o modelo de assentamento urbano analisado pode refletir no presente qualidades que estão em discussão para o futuro desenho das cidades.

A “cidade compacta” – densa e socialmente diversificada –, definida por Rogers (2008), aponta conceitualmente o caminho da cidade sustentável.

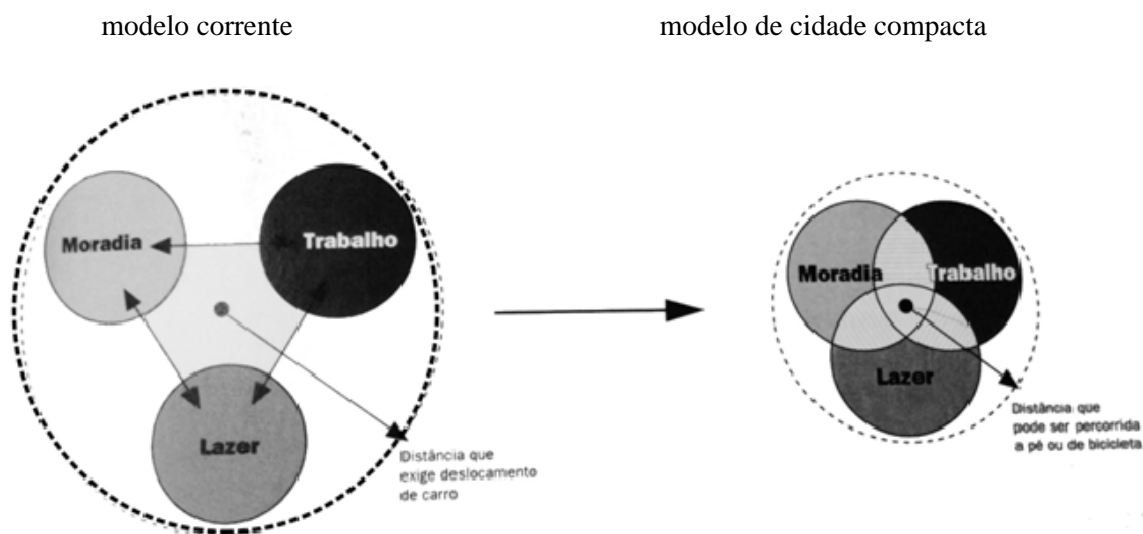
A cidade sustentável deve considerar o modelo de cidade densa. Segundo o arquiteto, este modelo não precisa ser mais visto como um risco à saúde, pelo histórico das cidades industriais inglesas. Propõe-se uma reconsideração sobre as vantagens sociais da proximidade, o “redescobrir as vantagens de morar na companhia do outro.” (ROGERS, 2008, p.33).

São cidades em que as atividades econômicas e sociais se sobrepõem ao setor de moradia, de forma que comunidades se concentrem em unidades de vizinhança, conceito usado por Rogers (2008). O uso misto, neste conceito, mesmo na escala dos edifícios, dão vitalidade às ruas e reduzem a necessidade do indivíduo sair de carro para satisfazer suas necessidades cotidianas. A cidade compacta forma uma rede de unidades de vizinhanças, configurando o habitat ideal para uma sociedade baseada na comunidade.

Na figura 84, o esquema conceitual gráfico proposto por Rogers aponta a diferença entre o modelo corrente – influência norte-americana com favorecimento do automóvel –, a esquerda, e o modelo de cidade compacta – no qual há superposição das atividades econômicas e sociais, a direita.

No primeiro, o zoneamento das atividades induz à utilização e dependência do automóvel particular. No segundo, os núcleos compactos reduzem as distâncias de deslocamento, permitindo que seja a pé ou de bicicleta.

Figura 84 – Esquema gráfico comparativo entre cidade compacta e cidades que priorizam o automóvel

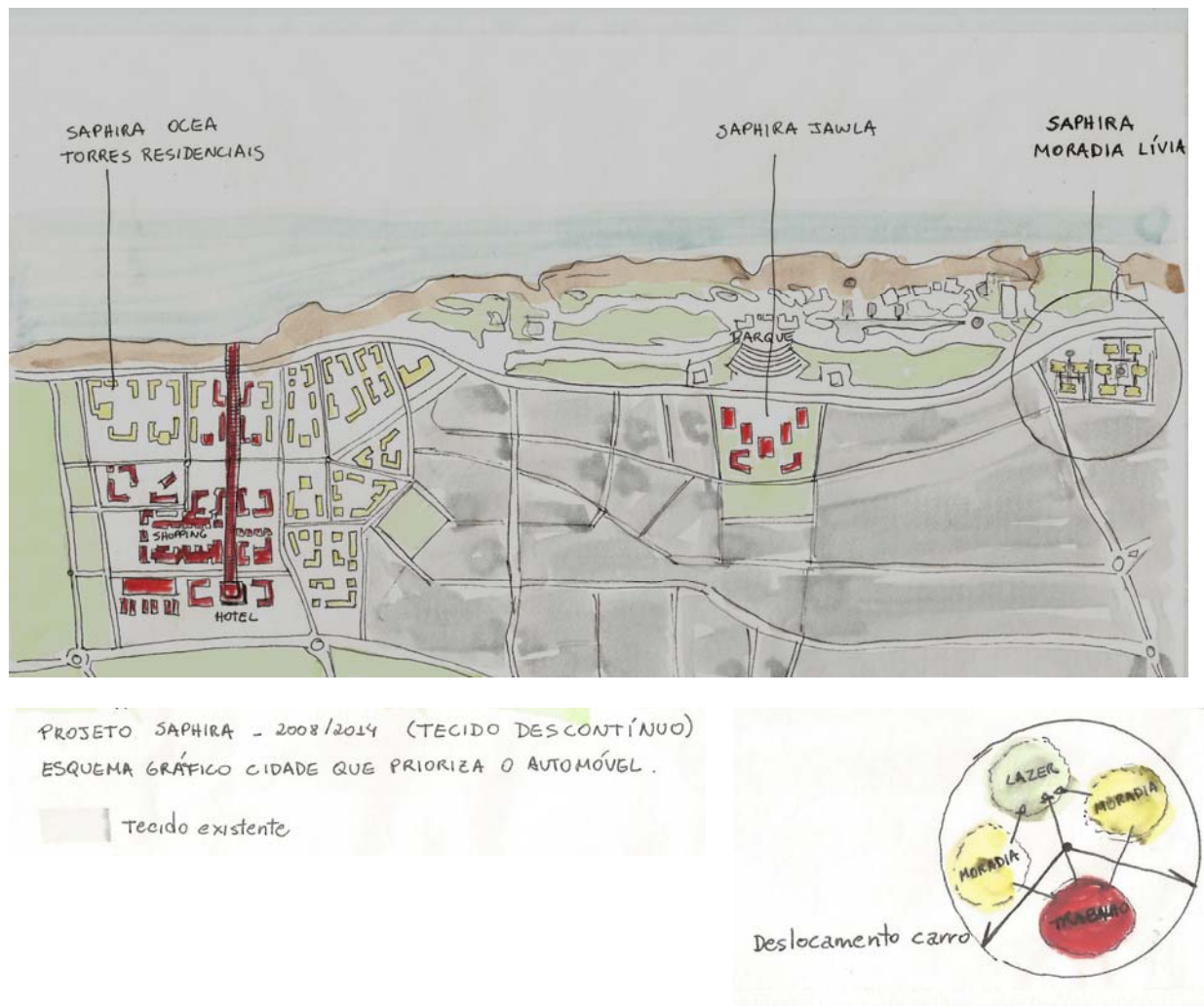


Fonte: ROGERS, 2008, p.39.

O automóvel possibilitou aos cidadãos viverem longe dos centros urbanos. Ele viabilizou a compartimentação das atividades cotidianas, segregando escritórios, lojas e casas. (ROGERS, 2008, p.35). A rua, antes um local de brincadeira e encontro, é tomada pelos carros estacionados. Os automóveis saturam a cidade de poluição e congestionamentos, os quais afetam e dividem comunidades.

O modelo com influência norte-americana e favorecimento do automóvel é usado no planejamento do novo bairro em Rabat, Saphira. Há setorização das funções, com separação entre moradias, lazer e serviços. Esta separação determina uma maior distância entre as diferentes funções, o que leva à necessidade de locomoção com veículos, já que neste trecho da cidade não há oferta de transporte público. No croquis apresentado na figura 85, a moradia está representada em amarelo, o setor de trabalho/serviços em vermelho, o setor de lazer em verde-marron. Pelo posicionamento de cada um, podemos verificar que o novo bairro não atende à proposta de cidade compacta, com unidades de vizinhança mistas, densas cuja dimensão geográfica permite o deslocamento a pé.

Figura 85 – Croquis da implantação do bairro Saphira



Fonte: Produzido pela autora com base em apresentação divulgada pela empresa Emaar Morocco. Janeiro, 2015.

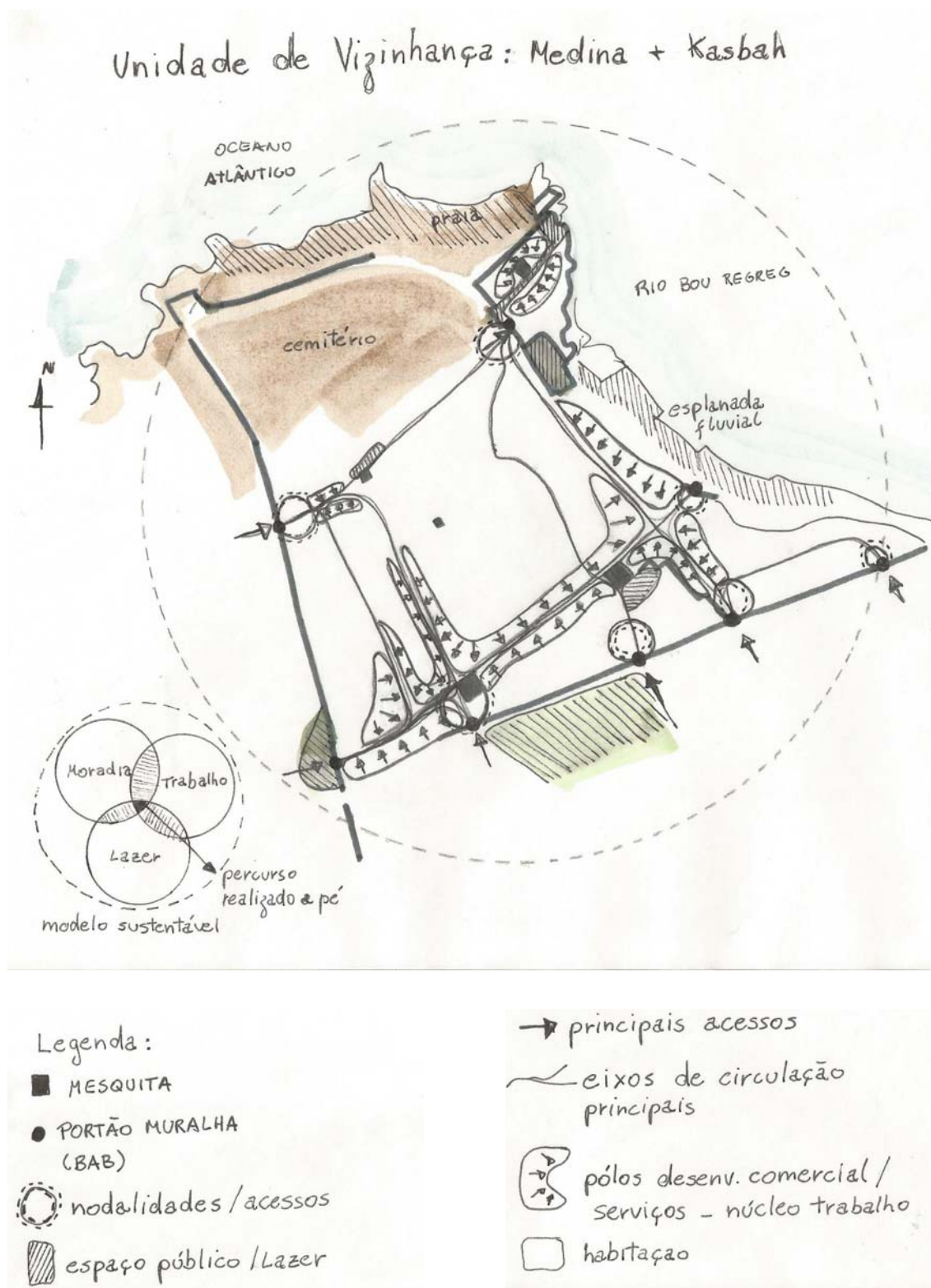
Ao contrário do bairro Saphira, os núcleos compactos e de uso misto reduzem as necessidades de deslocamentos e criam bairros cheios de vitalidade, um modelo em que se enquadra nos assentamentos islâmicos de Rabat.

O croquis apresentado na figura 86, trata do tecido contínuo tradicional de Rabat, ao qual pertencem a Kasbah dos Oudayas e a medina.

Estes bairros de alta densidade são unidades de vizinhança que constituem unidades compactas e apresentam diversidade social e de usos. Priorizam o pedestre, a bicicleta ou a mobilete. Possuem escala humanizada, com edificações de até três pavimentos.

Em 2014 continuam a apresentar vitalidade e dinamismo.

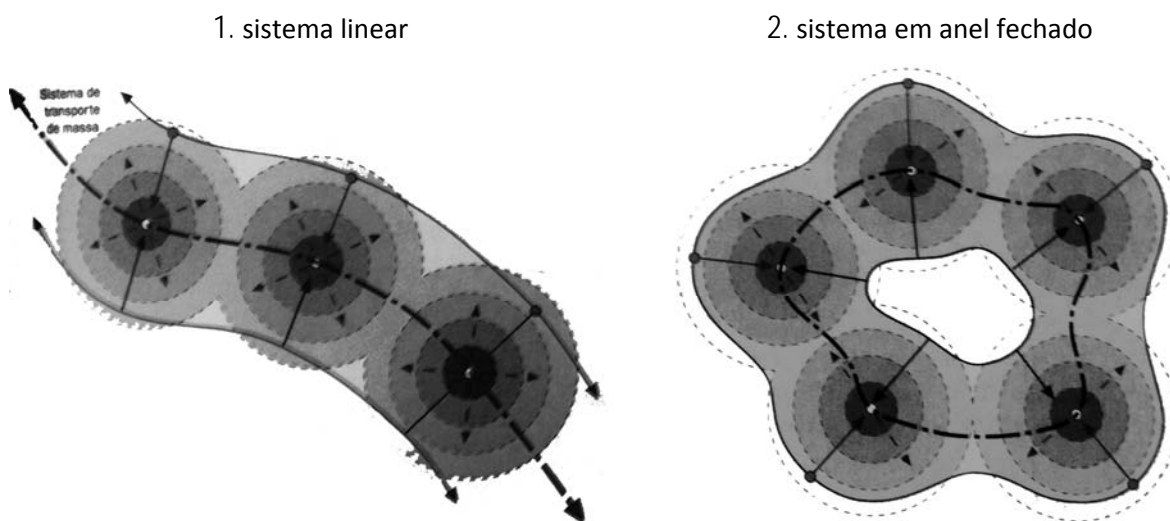
Figura 86 – Unidade de Vizinhança – Medina + Kasbah



Fonte: Produzido pela autora. Janeiro, 2015.

A cidade sustentável apresenta mais de uma unidade de vizinhança. Tais unidades compactas podem ser unidas por transportes de massa em resposta às demandas locais. Podem formar um sistema linear, o caso de Rabat, ou um sistema em anel fechado. Seguem os croquis conceituais de referência extraídos do livro *Cidades para um pequeno planeta*. (ROGERS, 2008).

Figura 87 – Modelos de unidades de vizinhança que podem se conectar de forma linear ou em anel



Fonte: ROGERS, 2008, p.39.

O modelo aplicado em Rabat mostra que a rede de unidades de vizinhança da capital foi se conformando de forma linear e não policêntrica.

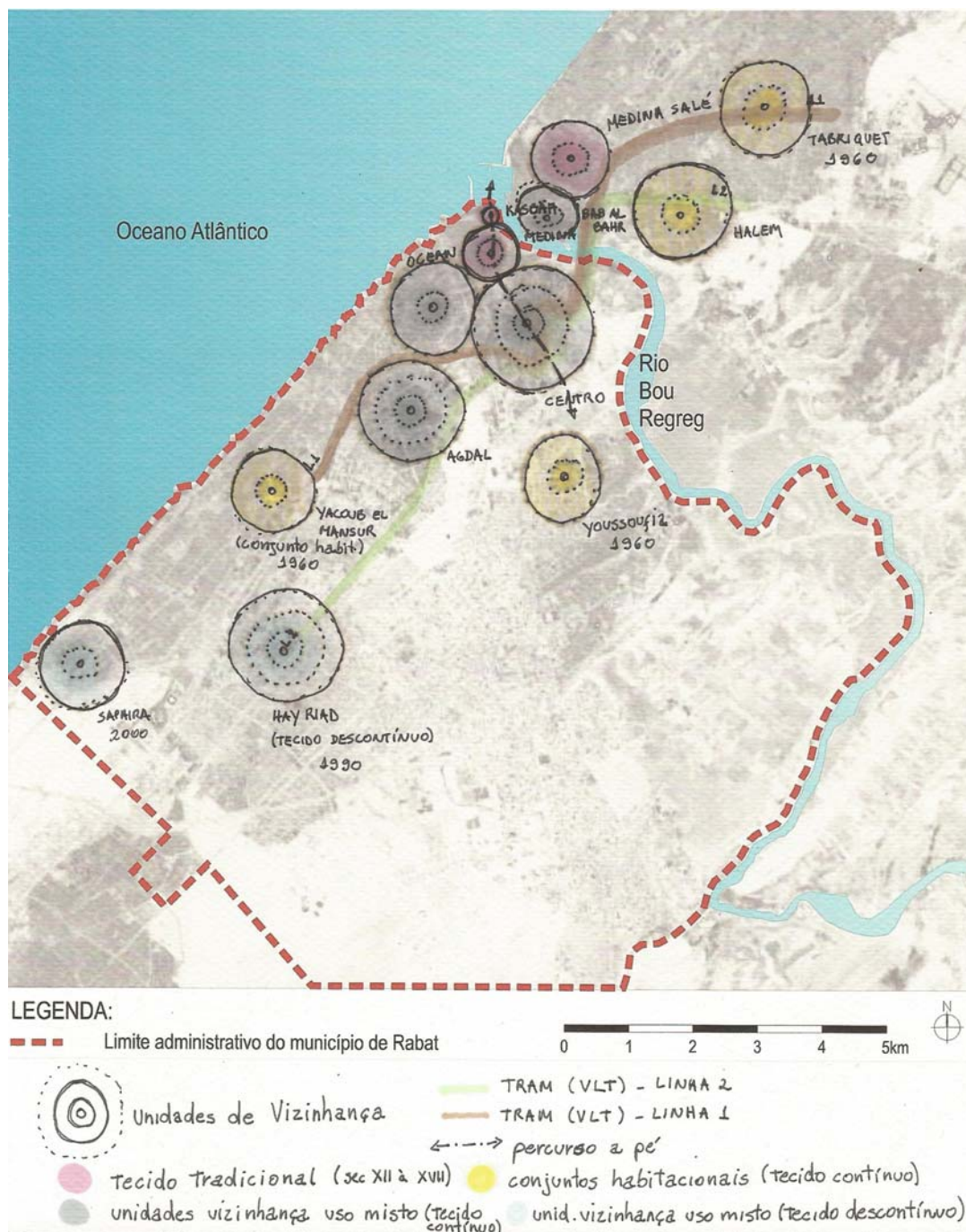
O transporte público de massa, o tram (VLT), implantado em 2010, potencializou conexões entre as principais unidades. Destaca-se que a conexão entre a kasbah, a medina e o centro, pela escala da projeção de ocupação, pode ser feita a pé, o que excluiu esta rota do trajeto do Tram.

Os bairros Saphira e Hay Riad, representados no mapa da figura 88, correspondem somente ao núcleo de uso misto. Hay Riad, mesmo que possua implantação com setorização expandida, forma um sub-centro, e por isto necessita ser referenciado. O bairro Saphira possui a mesma proposta de tornar-se sub-centralidade como Hay Riad, por isto decidimos incorporá-la também na análise.

Na figura supracitada, as unidades de vizinhança da Kasbah dos Oudayas e medina de Rabat estão coloridas em rosa. Comparando com as outras da cidade, percebemos como são compactas. Por esta razão, sua conexão com o centro pode ser feita a pé. Em

amarelo estão as unidades de vizinhança, construídas durante a expansão do Protetorado francês cuja forma urbana se espelham no padrão do tecido tradicional islâmico.

Figura 88 – Rede de vizinhanças de Rabat



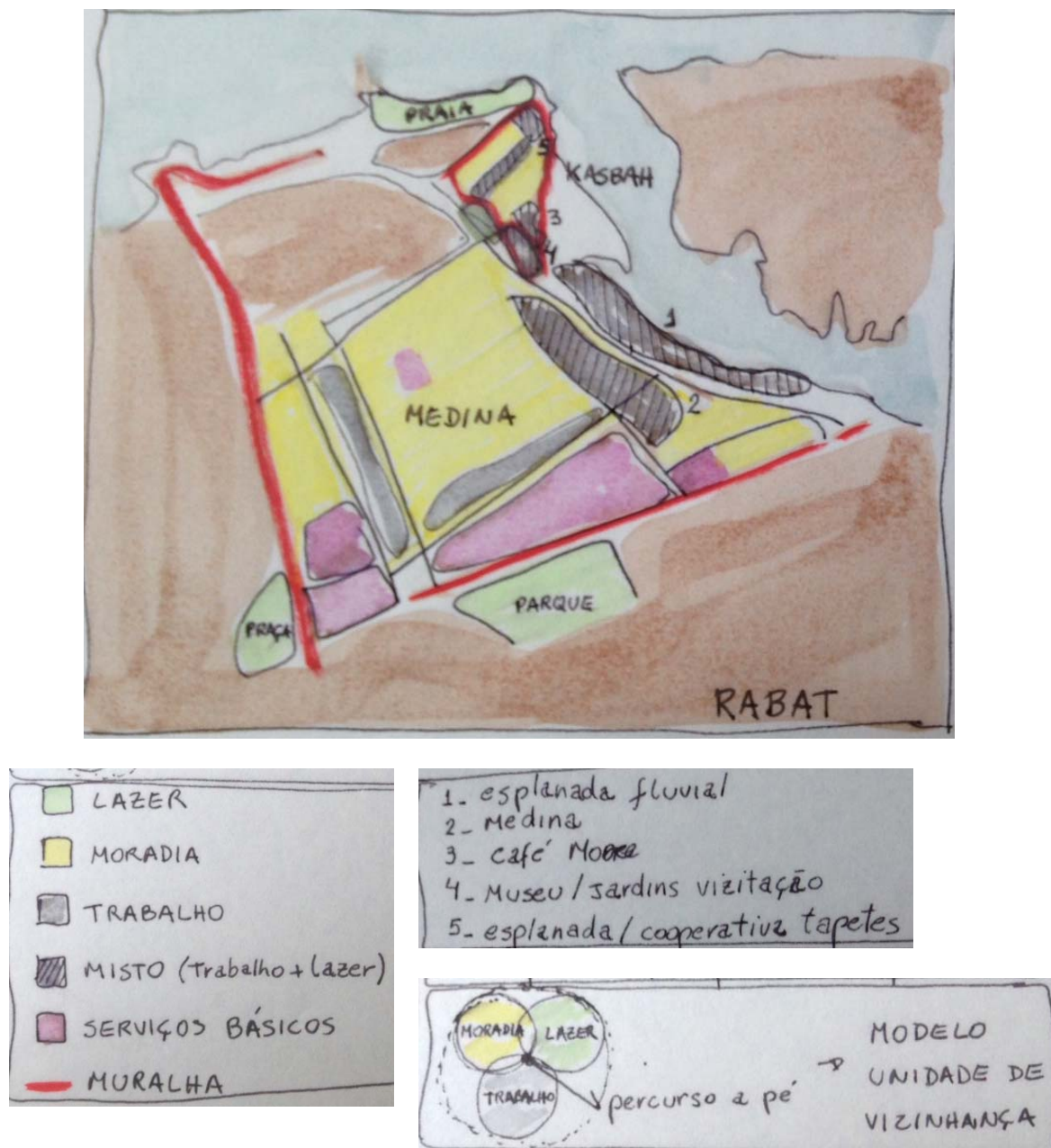
Fonte: Produzido pela autora. Janeiro, 2015.

Apresentamos, a seguir, a característica do desenho urbano cuja análise possibilita o reconhecimento deste valor: a setorização do uso na Unidade de Vizinhança da Medina e Kasbah.

5.2.3.1 Característica de Desenho Urbano: o uso

A conformação do tecido tradicional da cidade islâmica propicia a formação de núcleos compactos e de uso misto, reduzindo as necessidades de deslocamento e criando bairros cheios de vitalidade e por nós considerados sustentáveis. É o caso da medina e da Kasbah dos Oudayas. Na figura 89 apresentamos a setorização dos usos em ambas.

Figura 89 – Croquis esquemático com a distribuição de usos no tecido tradicional



Fonte: Produzido pela autora. Janeiro, 2015.

O zoneamento de uma medina confere separação entre setores públicos e privados e é determinado de acordo com as suas funções.

O zoneamento tem início a partir do posicionamento das mesquitas, pois são elementos centrais da ocupação que se sucede. No caso de Rabat, por existirem duas mesquitas, no lugar da centralidade, derivam-se polaridades, ou seja, espaços contínuos que catalizadores e atrativos de atividades diversas.

O conceito de polaridade expressa a qualidade de um ponto considerado parte de um espaço contínuo e homogêneo, o qual é o início ou o fim de vários eixos de circulação que desembocam neste espaço. A diferença entre ponto nodal e polo está na escala de interpretação. (CANNIGIA; MAFFEI; 2001, p.126).

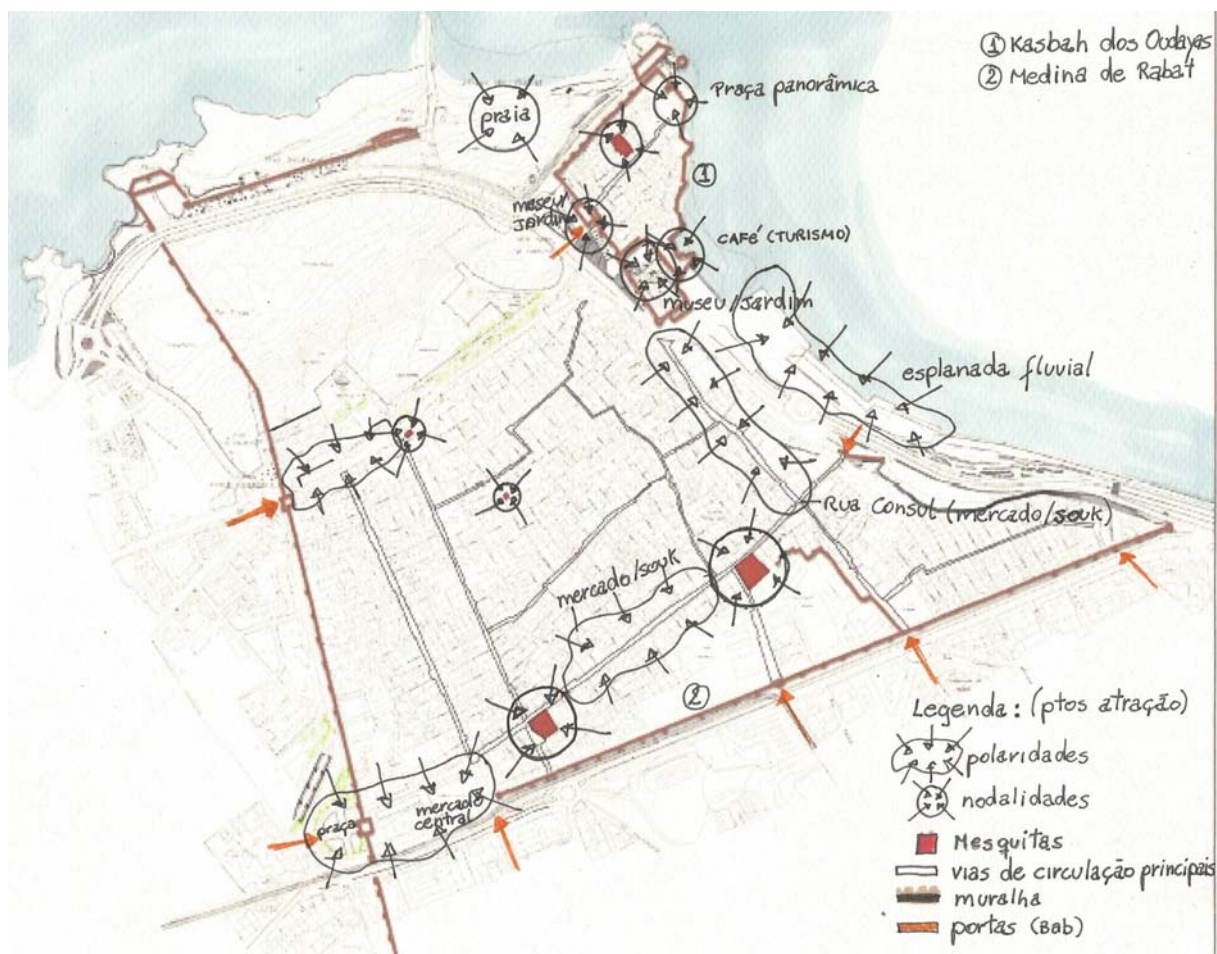
O ponto nodal é um ponto singular determinado pela intersecção entre duas vias ou rotas de circulação; já o polo caracteriza-se por um espaço mais abrangente que configura um ambiente contínuo determinado pela chegada ou saída de várias vias de circulação. Por ser um espaço de intersecção e conexão, os polos geram polaridades que atraem o uso público, maior concentração de pessoas, sendo o local propício para se instalarem as principais atividades de serviços para a unidade de vizinhança.

Na medina, as polaridades detectadas desenvolveram o setor comercial – o *souk* –, serviços básicos e institucionais - o mercado central e escolas.

Ao longo das ruas principais, em que as polaridades se desenvolvem, existe uma organização entre as várias artes e ofícios. Estas polaridades formam setores exclusivamente públicos.

O croquis, a seguir, apresenta o zoneamento da medina e kasbah a partir da demarcação das polaridades.

Figura 90 – Croquis esquemático com a distribuição de usos no tecido tradicional de Rabat



Fonte: Produzido pela autora. Janeiro, 2015.

Numa medina o uso privado é referente às unidades residenciais (hawmas), que se situam entre a zona comercial (periférica) e a muralha de proteção externa. A oposição entre público e privado é percebida de forma diferenciada ao longo das principais ruas que ligam os portões da medina ao souk e ao espaço residencial. A área comercial não contém habitação e apresenta grande interação com o público. Já a área residencial está bem preservada dos espaços comerciais e espaços públicos em geral. Basicamente é composta de vielas e becos, que são reservados aos residentes. A diferenciação entre público e privado é reforçada, ainda, pelo conceito árabe de ausência de aberturas externas, classificada em ausência de fachadas externas. Os pátios, privados e descobertos, compensam a falta de aberturas para o exterior.

Qualquer visitante pode facilmente observar a extraordinária diferença entre o tratamento do espaço público, muitas vezes apertado, com aspecto pobre e irregular, mesmo sujo, ao interior do pátio, imaculado, refrescado por uma

fonte, decorado por azulejos coloridos, fachadas nobres e cobertos por rica ornamentação. (SANTELLI, 1994, tradução livre da autora).³

A reduzida ocupação em superfície geográfica faz com que esse tecido possa ser todo percorrido a pé. Aliás, nos eixos polarizadores comerciais, não há espaço para veículos automotores.

Nodalidades e polaridades geram qualidades de espaços cuja combinação de elementos urbanos podem servir de referência para futuras diretrizes de intervenção, ou mesmo diretrizes de gestão e preservação do espaço construído. Trata-se de um aspecto que merece ser destacado por sua influência na transformação da paisagem, sobretudo na setorização de usos e demarcação dos espaços públicos e privados.

Polaridades e nodalidades

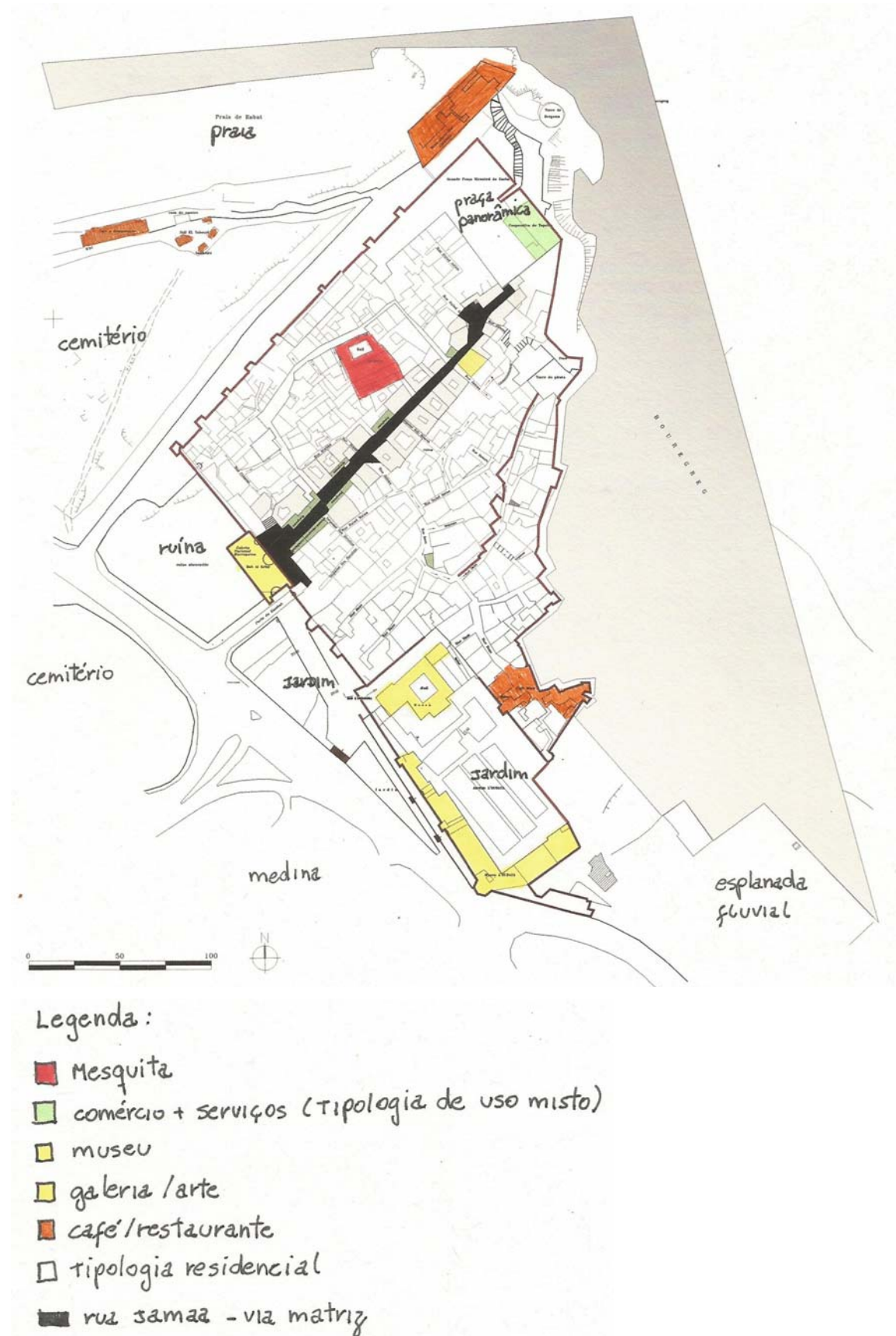
A rota é o meio pelo qual inicia-se a estruturação de um tecido urbano, dando origem às diversas vias que se hierarquizam conforme acessibilidade e fluxo. (CANNIGIA; MAFFEI; 2001) Na Kasbah dos Oudayas, alguns cruzamentos de vias promovem a formação de polos e/ou pontos nodais, que contribuem para a vitalidade do bairro e induzem a setorização de alguns usos. Podemos perceber que proporcionam atração por novos usos (serviços, arte, pequenos comércios, hotéis, etc.), aumentam o fluxo de circulação, potencializam a função social do espaço (pontos de encontro), induzem às transformações dos tipos edílios, podendo apresentar elevação das construções nestes pontos.

A Rua Jamaa, eixo principal de deslocamento, revela um espaço dinâmico, logo à entrada do bairro. O dinamismo refere-se tanto ao uso, quanto à percepção do espaço. A via conecta a porta Bab Lekbir, entrada do bairro à praça pública, a esplanada panorâmica, conhecida como praça do *Semaphore*, que, por sua vez, dá acesso à praia. Este ponto de cruzamento apresenta o acesso principal à kasbah, o posicionamento dos pequenos comércios e serviços (mercearias, forno/padaria, lojas, telefone público), o acesso aos setores residenciais localizados na parte superior e inferior do bairro.

A figura 91 destaca a Rua Jamaa, além dos principais pontos atrativos do bairro em 2014.

³ «Tout visiteur peut aisément observer l'extraordinaire différence de traitement opposant l'espace public, très souvent exigü, à l'aspect irrégulier et pauvre, voire sale, et l'espace intérieur de la cour, immaculé, rafraîchit par une fontaine, décoré de carreaux de faïence multicolores, aux façades nobles et riches saturées d'ornementation.» SANTELLI, S, 2004.

Figura 91 – Principais usos na Kasbah dos Oudayas



Fonte: Produzido pela autora com base em mapa georeferenciado autocad, 1995. Janeiro, 2015.

Propomos analisar um polo e dois pontos nodais na Kasbah dos Oudayas, a partir da relação espaço / massa.

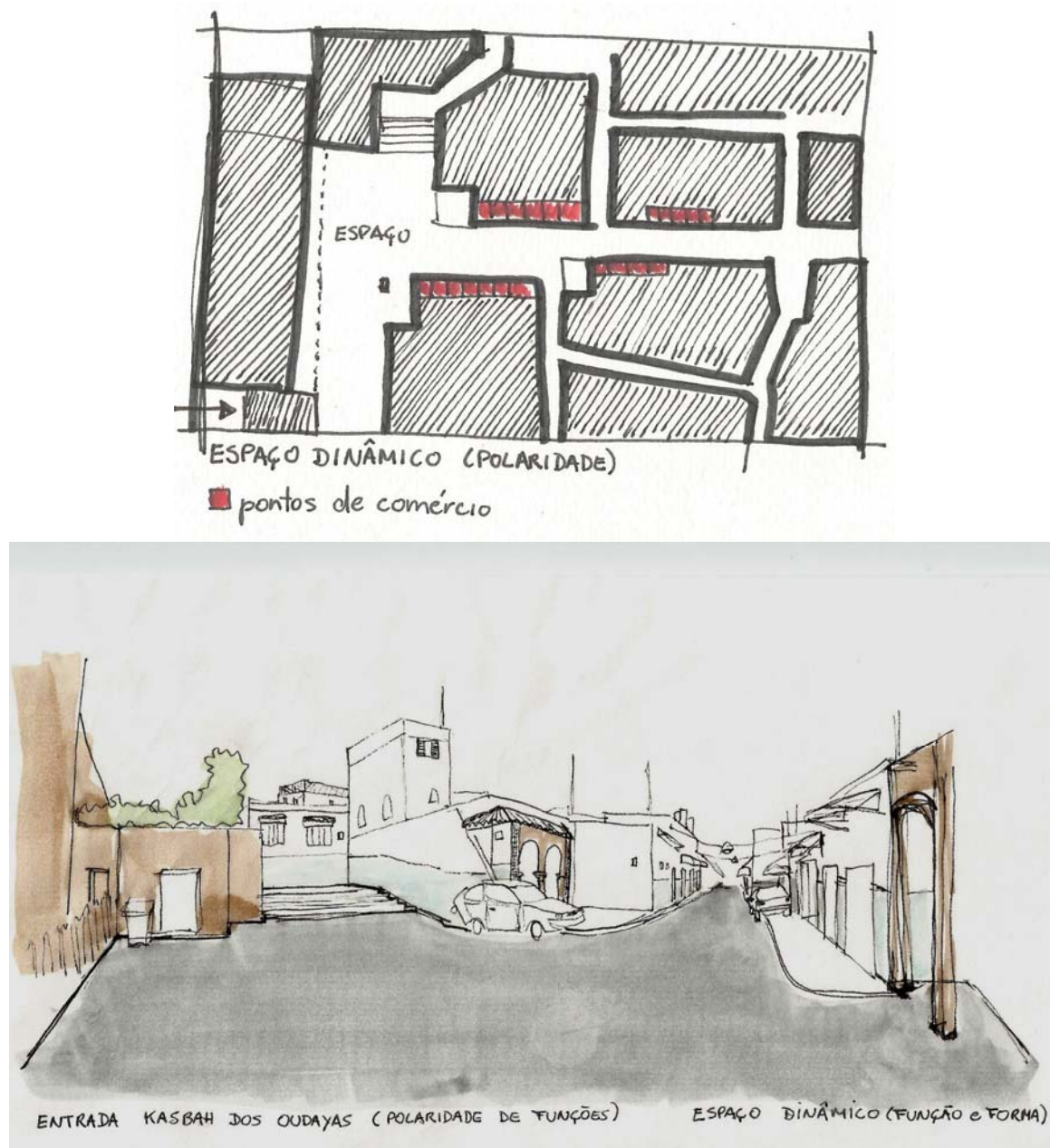
Motlock (2001, p.208), no livro *Introduction to landscape design*, no capítulo sobre desenvolvimento espacial, aborda que a relação espaço-massa é determinada pelo encontro de diversos edifícios que, dependendo do posicionamento, se retilíneos, se ordenados geometricamente, se desconexos, podem configurar espaços dominantes, ou acolhedores, ou cheios de movimento e energia.

O espaço que abriga a polaridade promove a integração com os edifícios no entorno, permitindo a continuidade de fluxos. Há um equilíbrio entre a volumetria e o espaço gerado. Nem um, nem outro, dominam a relação. A este equilíbrio, Motlock (2001) denomina de relação dinâmica na leitura de espaço-massa.

O dinamismo ocorre pelo alargamento que as diversas interseções, que ali desembocam ou dali nascem, originam criando uma forma irregular que comporta os diferentes usos e tipos edilícios.

O croquis, apresentado na figura 92, demonstra esta relação.

Figura 92 – Relação espaço e massa - espaço dinâmico

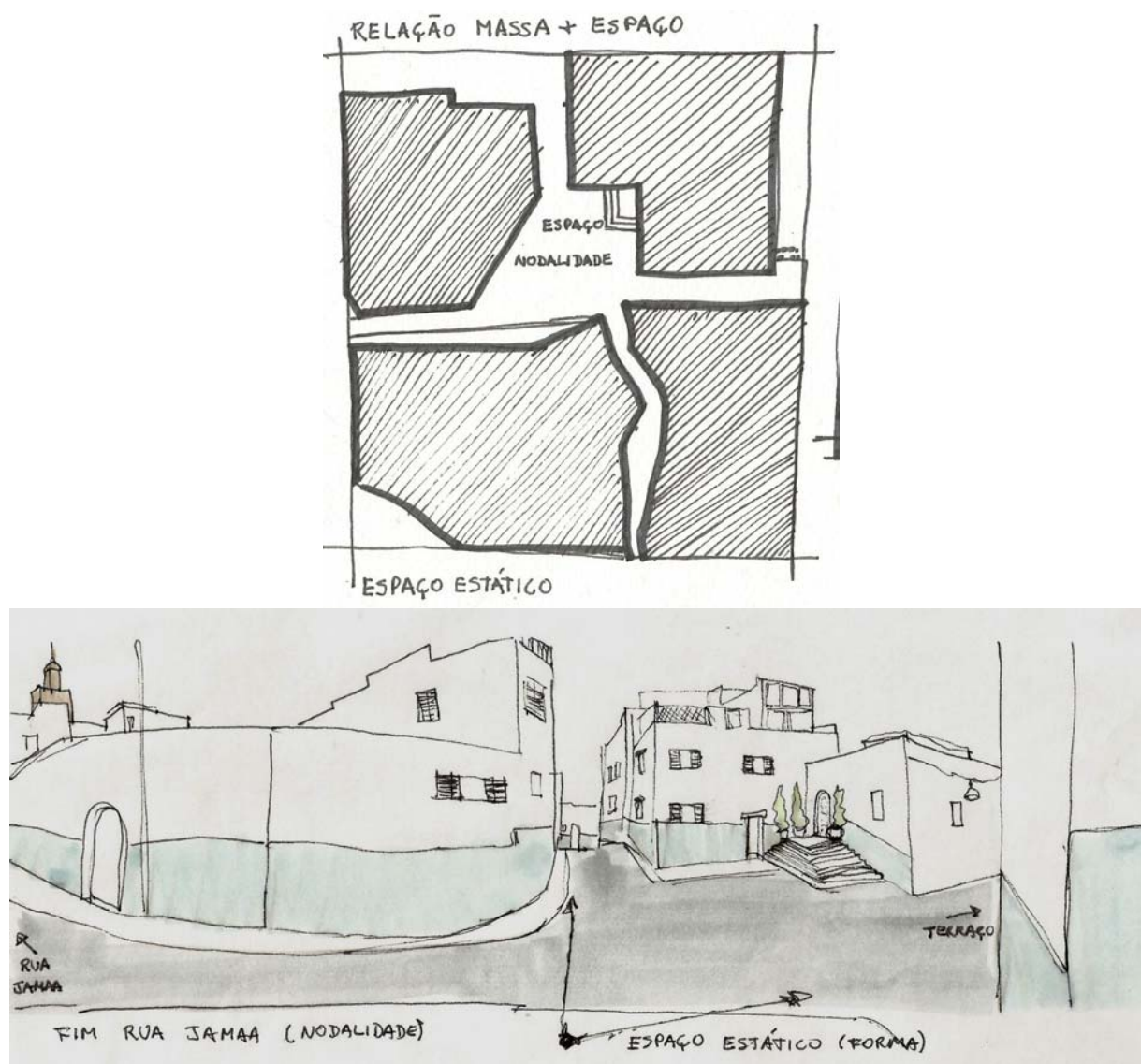


Fonte: Produzido pela autora com base em esquema conceitual (Relationships Between Mass and Space, p.208). Spatial Development. In: MOTLOCK, 2015.

Verificamos que a nodalidade detectada na kasbah dá origem a dois tipos de relação entre o espaço e massa. Em ambos, o cruzamento sofre um alargamento destacando tal interseção. Verificamos, também, um ajustamento das tipologias do entorno. Isto se dá pelo fato de ser um tecido orgânico que respeita o ambiente natural no qual se insere.

No 1º caso, o ajustamento relaciona-se ao tipo básico, além da elevação do acesso a outra residência (que se volta para o nó), de forma a promover uma separação entre o público e o privado. A relação espaço x massa promove a delimitação de um espaço estático, visivelmente “enclausurado” entre quatro edificações que delimitam a forma. O primeiro caso é apresentado no croquis da figura 93.

Figura 93 – Relação espaço e massa – espaço estático



Fonte: Produzido pela autora com base em esquema conceitual (Relationships Between Mass and Space, p.208). Spatial Development. In: MOTLOCK, 2015.

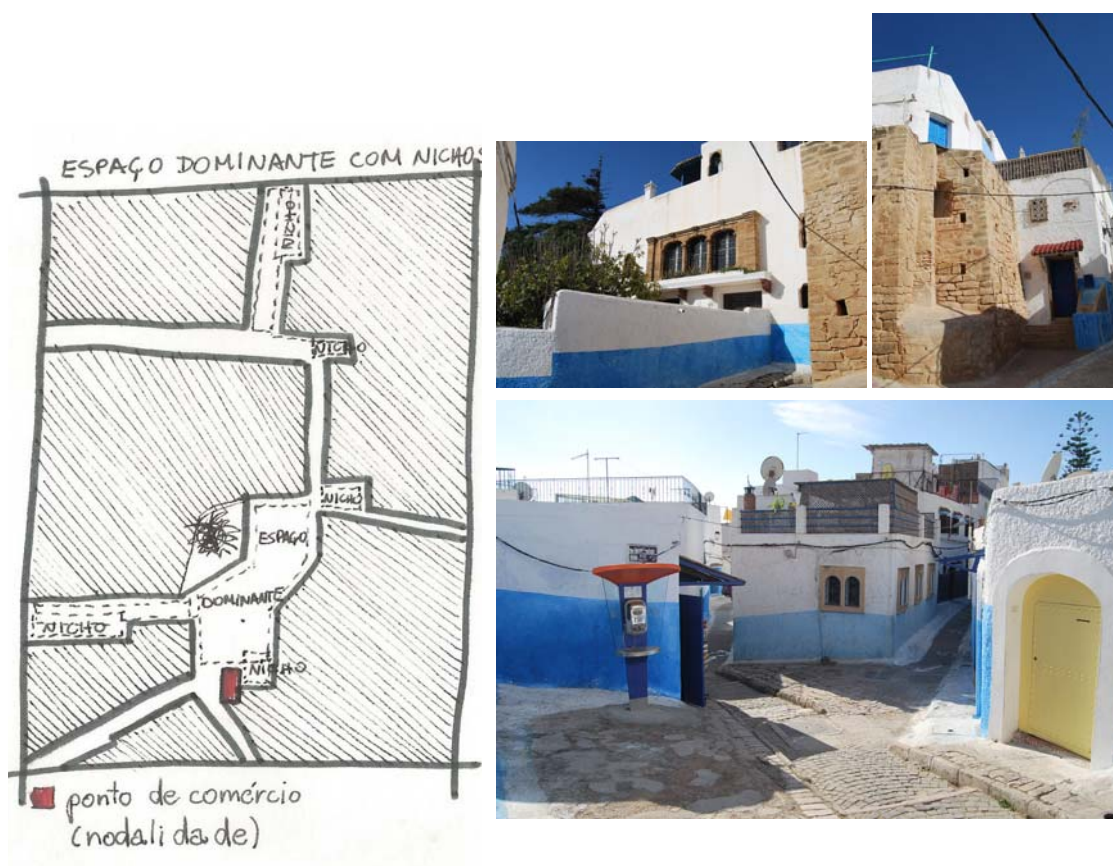
No 2º caso, o ajustamento relaciona-se à presença do tipo edifício comercial no alargamento desse cruzamento. Aqui, a implantação dos edifícios em relação à rua promove a formação de alguns nichos e a detecção do espaço dominante. Esta configuração permite uma

noção de chegada, de acolhimento, podendo promover uma percepção de satisfação, como indica Motlock (2001).

Na kasbah, este espaço situa-se na vizinhança do primeiro palácio real (única edificação com 04 pavimentos). Contíguo ao palácio e em frente ao espaço dominante deste alargamento, situam-se umas das únicas espécies vegetais que se destacam na paisagem do bairro. Este entorno particular potencializa a nodalidade desse cruzamento.

Na figura 94, o croquis e fotografias ilustram a relação espaço-massa de espaço dominante com nichos.

Figura 94 – Relação espaço e massa - espaço dominante com nichos



Fonte: Fotografia da autora realizada em levantamento de campo em dezembro de 2013. Croquis produzido pela autora com base em esquema conceitual (Relationships Between Mass and Space, p.208). Spatial Development. In: MOTLOCK, 2015.

Das observações e análises apresentadas, percebe-se que alguns elementos urbanos destacam-se e são detentores de qualidade urbana. Sugerimos que podem ser utilizados como modelos a serem reproduzidos em projetos urbanos.

Seguimos com o fechamento deste capítulo, apresentando sugestões de diretrizes para projetos urbanos propostos a partir da experiência cultural deste lugar.

5.3 Diretrizes para projetos urbanos

Pelas características analisadas, destacamos algumas qualidades que sugerimos possam embasar diretrizes de desenho para projetos urbanos, somando-se às discussões vigentes sobre a qualidade de vida nas cidades, em que o meio urbano prioriza pessoas por ser esta sua principal finalidade: a reunião para o encontro. Muitas destas diretrizes confirmarão discussões já existentes no âmbito do desenho urbano. No entanto, a novidade reside no fato de serem reconhecidas em bairros existentes há centenas de anos, nos quais verificamos a conformação de uma realidade urbana dinâmica e contínua que podem servir de referência de aprendizado.

As diretrizes se organizam segundo as diferentes escalas em que ocorrem - da inserção urbana às unidades habitacionais. As três escalas estabelecidas são:

1. Inserção urbana. Esta escala relaciona a unidade de vizinhança (bairro) à cidade, tendo em vista aspectos como acessibilidade, presença de serviços urbanos e integração à malha urbana.
2. Plano Urbano. Esta escala refere-se às qualidades do tecido urbano, como a adequação à topografia, o paisagismo e o impacto ambiental, as formas de ocupação do terreno, as áreas comuns e de lazer, a densidade e dimensão.
3. Tipos edifícios. Esta escala refere-se à unidade habitacional, tendo em vista o dimensionamento, a flexibilidade, o conforto ambiental, as técnicas e materiais a serem utilizados e sistemas construtivos.

Seguimos com a apresentação das diretrizes em cada escala.

5.3.1 Inserção Urbana

No livro⁴ *Produzir casas ou construir cidades? Desafios para um novo Brasil urbano*, os problemas ambientais ligados à urbanização são destacados pela excessiva impermeabilização do solo ao privilegiar o automóvel, a decorrente falta de áreas verdes, sombreamento exagerado por causa de gabaritos muito altos, priorização do modelo do

⁴ FERREIRA, 2012.

automóvel em detrimento ao transporte público, espraiamento da cidade para áreas mais distantes, aumento do custo e impacto da construção para infra-estrutura necessária à expansão, desigualdade social e segregação. O produto final são cidades injustas e insustentáveis.

É imprescindível a mudança na lógica desta produção urbana porque o desenvolvimento urbano sustentável promove vida digna para todos.

A partir da análise embasada pelo modelo de cidade compacta de Rogers (2008), percebemos a necessidade de criar bairros independentes, que abriguem os equipamentos necessários para seu funcionamento e projeção territorial compacta. Este aspecto foi verificado da distribuição de usos da Medina, que reflete o modelo de cidade compacta.

Também constatamos a necessidade de valorizar uma rede viária de menor escala. Caso não seja possível pela intensidade de fluxo e demanda existentes, devem ser consideradas alternativas de fluxo viário para controlar intensidade de tráfego. Destaca-se a importância de priorizar o pedestre na área residencial e/ou mista, de forma a promover o encontro, o dinamismo e o pertencimento ao espaço comunitário. As alternativas de fluxo viário podem ser voltadas à ampliação da oferta de meios de locomoção, criando flexibilidade: pedestre, bicicleta, transporte público, veículos automotores. Na kasbah, este é um dos pontos de maior qualificação.

Em Rabat, é importante ressaltar a implantação bem sucedida do tram (VLT) como forma de conectar as unidades de vizinhança existentes, possibilitando a valorização do transporte público na cidade. A conexão entre os núcleos compactos necessitam ser abordados no planejamento estratégico.

A incorporação de equipamentos e serviços básicos no planejamento das unidades de vizinhança devem atender ao número de habitantes de forma a equilibrar a equação dimensionamento, densidade construtiva e densidade demográfica. Os bairros tradicionais islâmicos são criados de forma a atender às necessidades daquela comunidade, diminuindo a necessidade de locomoção.

A prática de esportes ou atividades culturais dentre os equipamentos públicos é outra prática que pode contribuir para a qualidade urbana local e integração social. Este é um item que pouco se destacou nas análises feitas. Os equipamentos culturais são mais numerosos que os esportivos. A vantagem da kasbah está na localização privilegiada pela proximidade da praia como oferta de lazer.

Seguimos com a segunda escala.

5.3.2 A inserção do plano urbano na paisagem

O primeiro aspecto a ser considerado é a adequação às condições físicas do terreno, de forma a minimizar a necessidade de movimentação de terra, contribuindo para a redução de impacto ambiental causado pelas expansões urbanas que promovem cortes, aterros e contenções.

A análise do estudo de caso da Kasbah dos Oudayas demonstra que as declividades e elementos naturais do terreno são todos incorporados ao projeto. Isto proporcionou a criação de percursos no interior da unidade utilizando elementos da forma natural com a transição gradual entre os espaços públicos e privados.

A função social destes pontos de encontro, como os anteriormente mencionados, pode ser potencializada e reproduzida pela utilização da relação espaço e massa, conforme análises baseadas em Motlock (2001). Indo além, a adaptação ao terreno natural pode promover delimitação natural de pequenos núcleos, conformando espaços identitários que correlacionem a população local com cada núcleo, incorporando a rua local como continuação da própria moradia. Busca-se nesta proposta promover o sentido de pertencimento, a vida em comunidade e a cidadania pela responsabilidade em preservar e cuidar do espaço comum como o seu próprio.

Incentiva-se, ainda, prever uma demarcação especial para os pontos nodais (cruzamentos das principais rotas de circulação) da estrutura viária, como parte dos percursos de transição entre os espaços públicos e privados. Estes espaços são polos atrativos para usos diferenciados, potencializando adensamento nestes locais. As nodalidades podem também abrigar equipamentos de referência para a comunidade, tornando-se centralidades, a partir das quais a estrutura urbana se desenvolve.

Incentiva-se criar unidades de vizinhança com uso misto, para desempenho de diferentes funções e atividades. O comércio local de apoio dinamiza a vida da unidade de vizinhança e traz segurança. Indica-se a reunião das diversas atividades junto às principais vias de circulação. Esta setorização promove o desenvolvimento de polaridades, de forma a preservar os núcleos residenciais dos impactos advindos da aglomeração pública – pouca privacidade, elevação do ruído sonoro, dificuldades de acessibilidade. Embora não seja o caso da medina de Rabat, indica-se o acesso de uso público nos térreos das edificações, promovendo o uso misto. Verificou-se esta mescla na rua principal de acesso a Kasbah dos Oudayas.

Priorizar o pedestre em detrimento ao automóvel significa não usar a rua como estacionamento. Pode-se prever soluções para áreas centrais de estacionamento, com possibilidades do uso do subsolo ou pavimentos garagem, liberando o terreno e a rua para recreação e lazer. A alta densidade de ocupação é um aspecto que favorece este tipo de consideração, pois a decisão arquitetônica e urbanística pode ter o custo rateado entre todas as unidades habitacionais. Na Kasbah dos Oudayas, o estacionamento concentra-se na rua principal e em alguns alargamentos de pontos nodais. Por se tratar de assentamento urbano proveniente do século XII, este aspecto não atende à demanda atual e muito menos possui garagem subterrânea. Na medina, da mesma forma, o estacionamento encontra-se concentrado junto às principais portas e ao longo das avenidas que circundam o bairro. Também existe algumas "bolsas" de estacionamento próxima ao mercado central, junto à fachada voltada para o centro construído para a capital moderna. Apesar dos bairros avaliados atenderem a apenas uma parte da diretriz aqui sugerida, outras possibilidades de estacionamentos para buscar atender a realidade da vida urbana do século XXI são possíveis.

Passamos para as diretrizes relacionadas à escala da edificação.

5.3.3 Tipos Edifícios

Pela análise da Kasbah dos Oudayas, chegamos a algumas sugestões para a qualidade desejada nesta escala.

A incorporação dos princípios da arquitetura vernacular da região cultural pode contribuir para a manutenção da tradição na paisagem. Isto significa promover uma repetição do tipo edifício que contenha singularidade, promovendo a identificação do morador com sua casa, permitindo a alternância entre residências e outras atividades, comerciais ou comunitárias. Para isto, o tipo básico deve ser fruto da consciência crítica do profissional que realiza o projeto, conforme alerta Muratori. A escolha baseada no reconhecimento da consciência espontânea significa flexibilizar e adaptar o organismo edifício, criando possibilidades de alteração interna das unidades, segundo as diferentes necessidades de seus moradores.

Significa também privilegiar o desenvolvimento de técnicas construtivas locais e uso de materiais locais. Além de atentar para o desempenho e eficiência da edificação ao priorizar sistemas construtivos que possibilitem diferentes desempenhos térmicos, em função das variações regionais, diversidade climática e disponibilidade de materiais.

Os tipos edifícios com alta taxa de ocupação e pequenas parcelas, sem afastamentos laterais pode ser usado como modelo para áreas visando o adensamento, sem necessidade de verticalização, com a manutenção da escala humana no bairro.

Percebe-se, também, a necessidade de desenvolver estilos de edificações residenciais que permitam o convívio harmonioso de diferentes classes sociais, no mesmo bairro, às vezes, na mesma rua.

Há outros aspectos que podem ser incorporados no planejamento urbano, detectados nos estudos de caso a partir da constatação de alguns elementos negativos ali presentes, trazidos a seguir.

5.3.4 Estratégias para intervenção do espaço construído

Neste item, ao tratarmos as qualidades ambientais urbanas, salientamos que estas são apreendidas também pelos aspectos negativos e pela necessidade de melhoria do espaço urbano nos estudos de caso investigados. Desta maneira, ao sugerir diretrizes urbanísticas, estamos igualmente sugerindo estratégias para gestão e intervenção do espaço construído da Kasbah dos Oudayas e medina de Rabat.

Pelo entendimento sobre o processo de transformação contínuo de uma paisagem, é necessário prever acompanhamento e atualização constantes das diretrizes de planejamento, gestão e conservação para que as influências externas sejam assimiláveis.

Para isto, percebe-se a necessidade de incorporar a população de forma permanente no processo. As reconstruções das casas na kasbah por novos proprietários atraídos pela valorização do local, as intervenções ilegais e sem fiscalização, a ausência de manutenção ou melhoria de alguns tipos residenciais demonstram a importância desta estratégia. Há também a necessidade de promover a educação sobre o patrimônio, a história, as tradições, a responsabilidade individual e comunitária.

Outro aspecto que sofreu alterações no tempo prejudicando a qualidade do ambiente construído na Kasbah dos Oudayas foi a supressão das espécies arbóreas dos pátios das casas. Este elemento paisagístico deve ser incorporado nas diretrizes políticas locais.

O uso de vegetação pode melhorar o microclima, proporcionar proteção contra radiação solar direta e, também, melhorar a qualidade do ar. Áreas sombreadas propiciam condições adequadas à permanência e convívio dos moradores nas áreas públicas. O uso de vegetação e abertura dos pátios garantem conforto ambiental com acesso ao sol e ventilação.

Percebe-se a revisão destes aspectos e a necessidade de sua melhora nas diretrizes de intervenção nos tipos residenciais, para se reestabeleceram as condições propícias de conforto.

Vegetação, insolação e ventilação são aspectos que devem ser considerados e estruturados, tanto no plano urbano, quanto na unidade habitacional, e precisam ser avaliados segundo as condições de cada lugar.

Finalizamos o quinto capítulo reforçando o espaço urbano como o ambiente que proporciona a vida em sociedade, em que o partilhar torna capaz de compensar aquilo que nos falte individualmente. Precisando uns dos outros, os homens necessitam viver em sociedade e não isolados. Homem nenhum possui faculdades completas e mediante a união social é que as pessoas, umas às outras se completam, para lhe assegurarem o bem-estar e o progresso.

Para atender a função social da vida urbana, mister se torna cultivar valores que sustentem a união social. A manutenção dos valores de tradição, pertencimento e sustentabilidade, assim como sua futura aplicação no desenho e planejamento urbanos, precisam ser embasados por uma profunda ação da vontade (individual, social, política e econômica) – “é impensável a produção de novos valores e de uma nova existência sem esse ‘querer’, sem esse ‘sim’ que faz tudo retornar”. (SCHOPKE, 2004, p.116).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa, a paisagem urbana de Rabat foi reconhecida como paisagem que ilustra estágios significativos da história humana e intercâmbio de valores humanos, sobre um período de tempo e numa área cultural. Embora a valoração atribuída auxilie na construção de mecanismos de gestão e conservação da paisagem, ainda percebemos fragmentação na forma de considerá-la. Por ser um organismo urbano, a paisagem urbana funciona como um sistema, no qual os elementos que a compõem atuam de forma conjunta e qualquer atuação particular sobre qualquer um deles, provocará uma alteração no todo.

Consideramos que, numa área muito similar à enquadrada como patrimônio cultural pela UNESCO em 2012, a paisagem urbana venha a ser considerada, tratada e gerida como uma Paisagem Urbana Histórica (HUL), em seus aspectos únicos e universais.

Sugerimos tal delimitação a partir da investigação proposta pela Escola Inglesa de Morfologia Urbana, na qual o processo é o fator primordial no entendimento das qualidades do espaço construído. No estudo sobre a evolução urbana da paisagem de Rabat destacamos a permanência das formas como a qualidade que atribui riqueza a uma paisagem. O centro histórico, por ser a área de origem da forma urbana e por uma acumulação intensiva das formas nos diferentes períodos morfológicos, possui maior historicidade. A complexidade da estratificação tendeu a decrescer à medida que se afastava do centro histórico, com estratificações mais simples decorrentes apenas dos períodos históricos mais recentes. A área proposta como HUL possui estratificação histórica ao longo de vinte séculos. Dinastias, impérios e culturas diversas passaram por aquele território, deixando marcas no decorrer ao longo do processo transformador do meio urbano.

O reconhecimento da paisagem urbana de Rabat como unidade, e não fragmento, seria importante não só para a manutenção (gestão e conservação) do conjunto vivo destes valores, mas também como possibilidade de discussão sobre o conceito Paisagem Urbana Histórica. A validação internacional não só reforçaria objetivos e acompanhamento sistemáticos de planejamento e gestão, como poderia vir a contribuir na divulgação dos valores que consideramos fundamentais para a vida social.

O valor da historicidade sobre a paisagem, para reconhecimento de sua excepcionalidade, indica uma qualidade desejável e necessária num mundo que, por algum tempo, cultivou (e ainda cultiva) o hábito do descartável e substituível trazido pela era moderna e tecnológica. Assim como também o valor da unicidade do lugar, em detrimento da massificação do espaço reproduzido pela globalização reinante. O caráter único de uma paisagem ressalta a relação da obra contínua entre homem e natureza de uma civilização particular.

A análise realizada no capítulo quatro possibilitou o reconhecimento do tecido tradicional de Rabat como o tecido que abriga os valores mais significativos do meio urbano para o homem. Ao destacar o significado da Kasbah dos Oudayas como “coração” do centro histórico de Rabat, evidenciou as diversas culturas que impregnaram o espaço construído, sem, no entanto, descaracterizarem a tradição revelada na sua forma urbana. Ao longo do tempo, o bairro, assim como a medina de Rabat, revelou a permanência das formas, dinamismo e manutenção de centralidade frente ao organismo urbano da capital.

A partir destas qualidades, foi possível trabalhar no capítulo cinco com os valores investigados na forma urbana dos bairros – sustentabilidade, pertencimento e tradição. A partir da análise destes valores, propomos alguns princípios para caminhar para o futuro sem desconsiderar o passado, de viver o espaço físico-antrópico sem desconsiderar o ambiente natural, de olhar a paisagem sem desconsiderar o homem, de olhar a vida urbana sem desconsiderar o processo na qual ela se insere.

As diretrizes que surgem a partir das análises realizadas, sugerem aspectos relativos ao projeto urbano com vista às três escalas em que ocorrem: inserção urbana, plano urbano e tipos edifícios. As sugestões visam promover a qualidade do ambiente construído, tratando da acessibilidade às unidades de vizinhança, presença de serviços urbanos, a densidade dos núcleos compactos, a integração à malha urbana, a adequação à topografia, a importância do paisagismo, a minimização do impacto ambiental, as formas de ocupação do terreno, a criação de áreas comuns e de lazer, tendo em vista o dimensionamento, a flexibilidade, o conforto ambiental, as técnicas e materiais a serem utilizados e sistemas construtivos.

Detectamos a necessidade de uma legislação específica para salvaguarda do caráter único do bairro Kasbah dos Oudayas, que estabeleça, por meio de instrumentos de controle e gestão do sítio, o atendimento às necessidades deste local.

Dentre as diretrizes para projetos urbanos, salientamos a necessidade de incorporar a população no processo de planejamento. Concluímos que é essencial a conscientização por parte dos moradores sobre a qualidade e valores do lugar. Sugerimos que poderiam ser previstas verbas dedicadas a estratégias de educação patrimonial com inclusão da comunidade.

Fomos além da experiência pessoal e pontual vivida na Kasbah dos Oudayas. Chegamos à essência do que causou a inquietude e a vontade de investigar para melhor compreender. Aliou-se o intuito filosófico em aprofundar o entendimento sobre como a cidade é ao desejo em adicionar evidências de como a cidade deve ser. A interdisciplinaridade de olhares, geografia e arquitetura, presentes na metodologia de investigação das duas escolas de morfologia urbana, contribuiu para a complementaridade das análises visando atender a ambos os objetivos.

Se uma experiência real proporcionou um despertar de significados e possibilidades a partir da vivência pessoal num tecido tradicional islâmico, então esperamos proporcionar a ampliação deste despertar a partir da experiência compartilhada. Para o Brasil, desejamos que a experiência cultural deste lugar, condensada por meio de diretrizes de projetos e intervenções urbanísticas, possa servir de exemplo e referência na busca consciente de uma forma social de viver.

Para o Marrocos, acreditamos que a contribuição resida na possibilidade de revisão dos mecanismos de gestão e proteção do patrimônio cultural reconhecido na paisagem urbana de Rabat, ressaltando o caráter único da paisagem urbana histórica da capital, sem esquecer da importância de incorporar a população no processo de planejamento.

REFERÊNCIAS

- ABITOL, Michel. *Histoire du Maroc*. Paris: Perrin, 2009.
- AGENCE URBAINE. Plan d'aménagement et sauvegarde de la medina de Rabat. Mission II - leve topographique, diagnostic et analyses thematiques et spaciales. Rabat, 2012.
- AMER, Selma Laroussi. Entrevista concedida em abril, 2014.
- AOUA, Najlaa. Entrevista concedida em abril, 2014.
- BASSET, 1922 *apud* BOUDILE, Iham. Un musee a Chellah: revivre l'espace. Travail de fin d'etude pour l'obtention du diplôme d'architecte. Encadré par: Mounib, Taoufik. Rabat: ENA, 2009.
- BEKRI, Mohamed Ikkal; EL-EUCH, Monia. *La Casbah des Oudaias*: Sauvegarde et mise en valeur. Etude comparative: cas de Sidi Bou Saïd. Trabalho de fim de curso. Orientação Rima FADILI TOUTAIN. Rabat: ENA, 1999-2000.
- BELFQUIH, M'Hammed; FADLOULLAH, Abdallatef. *Mecanismes et formes de croissance urbaine au Maroc*: cas de l'agglomeration de Rabat-Sale. V. 1. De la Médina à l'agglomération millionnaire. Rabat: Librairie El Maârif, 1986.
- BOUBE, J. *Problèmes de fouilles archeologiques, Hesperisb Tamuda*. 1966 *apud* BOUDILE, Iham. *Un musee a Chellah: revivre l'espace*. Travail de fin d'etude pour l'obtention du diplôme d'architecte. Encadré par: Mounib, Taoufik. Rabat: ENA, 2009.
- BOUBE, J. Les origines phéniciennes de Sala de Maurétanie. *BCTH*, 17B, p. 155-170, 1984 *apud* BOUDILE, Iham. *Un musee a Chellah: revivre l'espace*. Travail de fin d'etude pour l'obtention du diplôme d'architecte. Encadré par: Mounib, Taoufik. Rabat: ENA, 2009.
- CAILLÉ, Jacques. *La ville de Rabat jusqu'au Protectorat Français*: histoire et archéologie. Casablanca: Editions Frontispice, 2006. V. 1.
- CAMPS, Gabriel. L'origine des Berbères. In: GELLNER, Ernest. *Islam: société et communauté*. Anthropologie du Maghreb. Paris: Les Cahiers CRESEM, CNRS, 1981 *apud* LUGAN, Bernard. *Histoire du Maroc: des origines à nous jours*. Paris: Ellipses Éition Marketing, 2011.
- CANNIGIA, Gianfranco; MAFFEI, Gian Luigi. *Architectural composition and building typology*: interpreting basic building. Firenze: Alinea Editrice srl, 2001.
- CARSALADE, Flávio L. *Disciplina Arquitetura, Cultura e Patrimônio Cultural*, do NPGAU – Núcleo de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo – e MACPS – Mestrado em Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável, 2013.
- CASTRIOTA, L. B. *Patrimônio cultural*: conceitos, políticas, instrumentos. São Paulo: Annablume; Belo Horizonte: IEDS, 2009.
- CHATELAIN, Louis. *Le Maroc des romains, étude sur les centres antiques de la Maurétanie occidentale*. Paris, 1968. p.86 *apud* BOUDILE, Iham. *Un musee a Chellah: revivre l'espace*. Travail de fin d'etude pour l'obtention du diplôme d'architecte. Encadré par: Mounib, Taoufik. Rabat: ENA, 2009.

CONZEN, MRG. As paisagens urbanas históricas na Inglaterra – um problema de geografia aplicada. Tradução Stael de Alvarenga Pereira Costa com colaboração de Luana Rodrigues Godinho e Marina Salgado. In: CASTRIOTA, L. B. *Paisagem cultural e sustentabilidade*. Belo Horizonte: EAUFMG/MACPS, 2010. p. 77-101. Publicado originalmente In: HOUSE. *Northern Geographical Essays*. Newcastle upon Tyne: J.R.W., 1966. p.56-78.

CONZEN, MRG. Morphogenesis and Structure of the Historic Townscape in Britain. In: CONZEN, M. P. *Thinking about urban form: papers on Urban Morphology, 1932-1998*. Oxford: Peter Lang, 2004.

CORREIA, Jorge. *Implantação da cidade portuguesa no Norte de África: da tomada de CEUTA a meados do século XVI*. Porto: FAUP, 2008.

CORSINI, Maria Grazia. In: PARDO, V. F. (Org.). *La Facoltà di Architettura dell'Università "La Sapienza" dalle origini al duemila – discipline, docenti, studenti*. Roma: Gangemi, 2001. p.387-407.

DELEUZE, Diferença e repetição. In: SCHOPKE, Regina. *Por uma filosofia da diferença: Gilles Deleuze, o pensador nômade*. São Paulo: Edusp, 2004. p.15.

ES-SEMMAR, Mohamed. *L'évolution de la courbe urbanistique et historique de la ville de l'estuaire de Bouregreg Sala-Ribat Al Fath durant les 25 derniers siècles*. Rabat: Royaume du Maroc, Agence pour l'Aménagement de la Vallée du Bouregreg, 2011. Documento não publicado.

FERREIRA, João Sette Whitaker (Coord.). *Produzir casas ou construir cidades? Desafios para um novo Brasil urbano. Parâmetros de qualidade para a implementação de projetos habitacionais e urbanos*. São Paulo: LABHAB; FUPAM, 2012.

KAISSI, S. Vers une revalorisation de la Qasba des Oudaïas. Rabat: ENA, Nov. 91.

HAESBAERT, Rogério. Concepções de território: entender a desterritorialização. In: SANTOS, Milton *et al. Território, territórios: ensaios sobre o ordenamento territorial*. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006. p.43 a 70.

LabHAUT. La réhabilitation culturelle de la Qasbah des Oudayas de Rabat: projet de requalification architecturale de l'habitat. [data não conhecida]

LEITE, Maria Ângela Faggin Pereira. *Destruição ou desconstrução?* São Paulo: Hucitec, 1994.

LUGAN, Bernard. *Histoire du Maroc: des origines à nos jours*. Paris: Ellipses Édition Marketing, 2011.

MACEDO, Silvio Soares. *Quadro do paisagismo no Brasil*. São Paulo: FAPESP: CNPq: Laboratório da Paisagem, 1999.

MARRAST, J.; HAUTECOEUR, Louis; LACOSTE, Henri; SIEGFRIED, Andre. *L'Oeuvre de Henri Prost: Architecture et urbanisme* [Relié]. Académie d'Architecture. data desconhecida.

MAZIZ, Naïma. La médina de Marrakech face au Phénomène-riads. Université Paris X – Nanterre. Mémoire de maîtrise. U.F.R.S.S. A Département de Géographie, Set. 2004.

MOTLOCK, John L. *Introduction to landscape design*. 2. ed. Nova York: John Wiley and Sons, 2001.

MOUDON, Anne Marie Vernez. Urban Morphology as an Emerging Interdisciplinary Field. *Journal of the International Seminar on Urban Form*, Birmingham, v. 1, p. 3-10, 1997.

PEREIRA COSTA, Stael de Alvarenga; GIMMLER NETTO, Maria Manoela. A teoria da Morfogênese e da estrutura das paisagens urbanas históricas, aplicada na cidade de Ouro Preto – MG. In: PEREIRA COSTA, Stael de Alvarenga. *Fundamentos de Morfologia Urbana*. Belo Horizonte: Conarte, 2015. (No prelo)

PEREIRA COSTA, Stael de Alvarenga; GIMMLER NETTO, Maria Manoela; LIMA, Thiago Barbosa. Bases conceituais da Escola Inglesa de Morfologia Urbana. In: VIII COLÓQUIO QUAPÁ-SEL PROJETO TEMÁTICO FAPESP: OS SISTEMAS DE ESPAÇOS LIVRES NA CONSTITUIÇÃO DA FORMA URBANA CONTEMPORÂNEA NO BRASIL, 2013, Rio de Janeiro. *Espaços Livres e Forma Urbana: interpretando características e conflitos*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2013.

PLAN D'AMENAGEMENT UNIFIE DE LA VILLE DE RABAT (PAU). Mission 2: Diagnostic Analyses thématiques et spatiales Royaume du Maroc. Ministère de l'Habitat, de l'Urbanisme et de l'Aménagement de l'Espace. Agence Urbaine de Rabat-Salé. Atelier parisien d'urbanisme, 2009.

RICOUER, Paul. *A memória, a história e o esquecimento*. Campinas: UNICAMP, 2010.

ROGERS, Richard. *Cidades para um pequeno planeta*. 3. impressão. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2008.

ROYAME DU MAROC. Rabat, Capitale moderne et ville historique : un patrimoine en partage. Proposition d'inscription sur la Liste du patrimoine mondial soumise par le Royaume du Maroc. Janeiro, 2011. 975 p.

ROYAUME DU MAROC. Ministère de l'aménagement du territoire, de léau et de environnement, direction de l'aménagement du territoire. Etude du schema d'organisation fonctionnelle et d'aménagement de láire métropolitaine centrale Casablanca-Rabat, 2005.

SÁ, L. M. Pertencimento. In: MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE (Org.). *Encontros e caminhos: formação de educadoras(es) ambientais e coletivos educadores*. Brasília: Ministério do Meio Ambiente / Secretaria Executiva / Diretoria de Educação Ambiental, 2005. p. 247-256.

SANTELLI, S. Médinas du Maghreb. *Qantara*, 1994 *apud* MAZIZ, Naïma. La médina de Marrakech face au Phénomène-riads. Université Paris X – Nanterre. Mémoire de Maîtrise. U.F.R.S.S. A Département de Géographie, Set., 2004.

SCHOPKE, Regina. *Por uma filosofia da diferença: Gilles Deleuze, o pensador nômade*. São Paulo: Edusp, 2004.

SCHEMA DIRECTEUR DE RABAT-SALE (SDAU). Rapport justificatif. Royame du Maroc, Ministère de l'Interieur, 1991.

WILLIAM, Raymond. Marxismo e literatura. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1979, p.118 *apud* CASTRIOTA, L. B. *Patrimônio cultural: conceitos, políticas, instrumentos*. São Paulo: Annablume; Belo Horizonte: IEDS, 2009.

WHITEHAND, J.W.R. British urban morphology: the Conzenian tradition. *Urban Morphology*, v. 5, n. 2, p.103-109, 2001.

ZANCHETTI, Sílvia. Exposição no 3º COLÓQUIO IBERO-AMERICANO PAISAGEM CULTURAL, PATRIMÔNIO E PROJETO – DESAFIOS E PERSPECTIVAS. Mesa Redonda sobre Paisagem Cultural e Paisagem Urbana Histórica, 2014.

UNESCO (2011). Historic Urban Landscape, including a glossary of definitions. Disponível em: <http://portal.unesco.org/en/ev.phpURL_ID=48857&URL_DO=DO_TOPIC&URL_SECTION=201.html>. Acesso em: out. 2014.

APÊNDICE A – GLOSSÁRIO

- Bab:** porta de acesso ao interior da muralha
- Borj:** torre de vigilância militar
- Califa:** representante do Profeta Maomé
- Cherif:** descendente do Profeta Maomé
- Dahirs:** legislação marroquina. Esse termo refere-se ao selo do rei acoplado aos textos das leis votadas no parlamento
- Dar:** (plural: diours) casa tradicional marroquina
- Derb:** beco sem saída, típica dos bairros islâmicos
- Emir:** título de príncipe em árabe
- Hamman:** banho público
- Hawmas:** núcleos residenciais localizados no interior da medina
- Ksar:** tipo de assentamento que abriga um aglomerado de edificações circundadas por muralhas
- Kasbah:** cidadela fortificada, parte militar do bairro islâmico tradicional, anexa ou mesmo origem da medina, situada num promontório para melhor proteger a cidade
- Medersa:** escola do alcorão
- Medina:** um bairro islâmico tradicional fortificado, que se desenvolve ao redor da mesquita principal, a partir da qual irradiam várias vias arteriais levando às diferentes portas da muralha
- Mellah:** é o nome usado em Marrocos para designar um bairro com muralhas para os judeus
- Noualla:** espécie de palhoça. Cabana feita em adobe e com cobertura em palha
- Riad:** casas tradicionais marroquinas reabilitadas/renovadas, usadas como residências principais ou secundárias, pousadas, restaurantes ou instituições culturais
- Ribat:** campo militar
- Sqala:** pequeno forte militar
- Souks:** mercado típico dos bairros árabes (fica dentro da medina)
- Sultão:** título islâmico usado por certos governantes muçulmanos que reivindicam soberania, mas que não chegavam a considerar-se Califas. Originalmente, era um substantivo abstrato árabe que significava força, autoridade, domínio